

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Uma trajetória de 30 anos



Doris Baldissera

Curso de Arquitetura e Urbanismo

Uma trajetória de 30 anos

Fundação Universidade de Caxias do Sul

Presidente:
Ubiratã Rezler

Universidade de Caxias do Sul

Reitor:
Asdrubal Falavigna

Vice-Reitora:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:
André Felipe Streck

Pró-Reitora de Graduação:
Terciane Ângela Luchese

Pró-Reitora de Inovação e Desenvolvimento Tecnológico:
Neide Pessin

Chefe de Gabinete:
Givanildo Garlet

Coordenadora da EDUCS:
Simone Côte Real Barbieri

Conselho Editorial da EDUCS

Alexandre Cortez Fernandes – Presidente do Conselho
André Felipe Streck
Clovis Eduardo Malinverni da Silveira
Flávia Brocchetto Ramos
Francisco Catelli
Guilherme Brambatti Guzzo
Janaina Macke
Márcio Miranda Alves
Marcell Bocchese
Odair Camati
Odilon Giovannini Junior
Pedro Lopes da Cruz
Simone Côte Real Barbieri – Secretária
Terciane Ângela Luchese
Vinício Cecconello

Comitê Editorial

Alberto Barausse
Università degli Studi del Molise/Itália

Alejandro González-Varas Ibáñez
Universidad de Zaragoza/Espanha

Alexandra Aragão
Universidade de Coimbra/Portugal

Joaquim Pintassilgo
Universidade de Lisboa/Portugal

Jorge Isaac Torres Manrique
*Escuela Interdisciplinar de Derechos Fundamentales
Praeeminentia Iustitia/Peru*

Juan Emmerich
Universidad Nacional de La Plata/Argentina

Ludmilson Abritta Mendes
Universidade Federal de Sergipe/Brasil

Margarita Sgró
Universidad Nacional del Centro/Argentina

Nathália Cristine Viecei
Chalmers University of Technology/Suécia

Tristan McCowan
University of London/Inglaterra



ÁREA DO CONHECIMENTO DE ARTES E ARQUITETURA



Curso de Arquitetura e Urbanismo

Uma trajetória de 30 anos

Doris Baldissera

O rigor e a exatidão dos conteúdos publicados nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos(as) seus(suas) autores(as) e organizadores(as).
© da organizadora
1ª edição: 2026
Preparação de texto: David Marques de Ramos
Projeto Gráfico: Doris Baldissera
Diagramação: Igor Rodrigues de Almeida
Fotografias da Capa: Marco Antonio de Medeiros
Capa: Nicole Rosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
UCS – BICE – Processamento Técnico

C977	Curso de Arquitetura e Urbanismo [recurso eletrônico] : uma trajetória de 30 anos / organização Doris Baldissera. – Caxias do Sul : Educs, 2026. Dados eletrônicos (1 arquivo). Vários autores. Modo de acesso: World Wide Web. DOI: 10.18226/9786558075691 ISBN 978-65-5807-569-1 1. Universidade de Caxias do Sul. Campus Universitário de Caxias do Sul. Curso de Arquitetura e Urbanismo - História. 2. Arquitetura - Estudo e ensino (Superior) I. Baldissera, Doris. CDU 2. ed.: 378.4(816.5)UCS:72(091)
------	---

Índice para o catálogo sistemático

1. Universidade de Caxias do Sul. Campus Universitário de Caxias do Sul. Curso de Arquitetura e Urbanismo - História.	378.4(816.5)UCS:72(091
2. Arquitetura - Estudo e ensino	(Superior)378:72(082)

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária
Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul
Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil
Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197
Home Page: www.ucs.br – E-mail: educs@ucs.br



Sumário

Apresentação | 12
Doris Baldissera

O palco para as vivências do curso | 14
Doris Baldissera
Nicole Rosa

Prefácio | 16
André Melati

TFG – 2003 – 2011 | 19

Casa de Cultura | 20
Everton Maurício do Prado

Os liames entre ruínas, favelas e uma casa para crianças e adolescentes | 22
Jenifer Giacomet

Centro de Mídia Visual | 26
Daniel Schüür

Reabilitação do Centro Cultural Espírita Jardelino Ramos | 28
Terezinha de Oliveira Buchebuan

Parque Salto Ventoso | 30
Pablo Cesar Uez

Parque Municipal do Complexo Dal Bó | 32

Leonardo Damiani Poletti

Mercado Público – Caxias do Sul | 36
Roberta Fanton

Sujeito coletivo: sede de uma ONG em Caxias do Sul | 38
Marcio Zanella

Requalificação do Núcleo Portinari | 40
Caroline Arsego

Complexo de inclusão social do idoso, da criança e do adolescente | 44
Karen Andriolo Basso

Sistema de transporte sobre trilhos | 46
Renata Moschen Brustolin

TCC – 2012 – 2016 | 51

Casa de Espetáculos e Escola de Música Villa Lobos | 52

Daniela Manosso Bampi

Centro de Integração Social Abramo Eberle | 56

Lucas Alencar Pissetti

Centro de Acolhimento Jardelino Ramos | 60

Vinícius Matana Pereira

Utoparque | parque urbano | 64

Crissander Deboni

Centro Islâmico de Caxias do Sul – mesquita Jumma Mubarak | 68

Dimitri Susin

Centro Cênico Moinho da Cascata | 72

Rodrigo Tedesco Guidini

TCC – 2017 – 2019 | 77

Habitação multifamiliar de interesse social | 78

Thaís Zimmermann Suzin

Revitalização do patrimônio ferroviário de Guaporé – RS | 82

Alexandre Concari

Qualificação da rota turística estrada Rio Branco | Museu do Imigrante | 86

Débora Teresa Wolf Rech

Requalificação do Euzébio Beltrão de Queiróz | 90

Luiza Signori

Complexo Cultural Enoturístico Forqueta | 94

Larissa Guerra

Costurando vazios: requalificação urbana e Centro Cultural | 98

Daniela Bortolotto

Qualificação urbana do bairro Industrial | 102

Luana Dalzochio

TCC – 2020 | 107

Requalificação do Centro Histórico de Antônio Prado/RS | 108

Manoella Restelatto Sandi

Revitalização Parque Santa Rita | 112

Tainara Bertuzzi Chiele

Fundação Paulo Sartori | 118

Elias Vicente Riva

Laboratório Industrial I Fablab Caxias | 122

Guilherme Jaskulski de Oliveira

Parque Memorial Boca do Monte: a poesia da paisagem natural e o espaço arquitetônico | 126

Henrique Zuchetto

Complexo dos Capuchinhos: urbanismo como forma de comunicação entre o bairro Rio Branco e a comunidade | 132

Thaise Zattera Marchesini

TCC – 2021 – 2025 | 137

Centro de contraturno e praça | 138

Adriel Cardoso de Oliveira

Caps – Centro de Atenção Psicossocial IV | 144

Amanda Miorelli Bonetto

Parque da Estação Férrea de Nova Sardenha | 148

Caroline Fachini

Requalificação urbana do bairro Charqueadas | 154

Juliana Dal Pont

Centro de Acolhimento para Refugiados e Imigrantes – Carim | 160

Leilana Ferreira dos Santos

Arquitetura como motor transformador da economia: Hub Criativo de Farroupilha | 164

Vitória Maggioni

Requalificação Complexo Leonardelli: ressignificando espaços | 170

Amanda Pioner

Reconexão e identidade nos espaços urbanos | 176

Bruno Guilherme Fabro

Qualificação urbana: assentamento autoproduzido Canyon | 180

João Vitor Berté Martini

Parque Linea Vicenza | 184

Luan Cecato

Requalificação urbana em espaço residual de caráter industrial | 190

Maria Vitória Guedes

Complexo de Moda e Cultura Gianella: restauro e requalificação arquitetônica do antigo Lanifício Gianella | 196

Rafaela Bohmer Talamini

Fluência Casa Hip-hop: centro cultural e socioassistencial | 202

Fábio Varela

Requalificação do entorno do antigo Lanifício Gianella | 208

Guilherme Palagi Bastos

Acolhimento em Caxias do Sul: planejamento territorial e implantação de casas lares | 214

Dayane da Silva Ocampos

Casa Aura – centro de apoio e hospedagem para crianças e adolescentes em tratamento oncológico | 220

Débora Zanchettin

Centro de inovação e impacto social: um novo uso para o Moinho Corsetti | 224

Gabriela Ferreira Conte

Parque urbano Ceasa | 228

Louise Fagundes Cerbaro

Incubadora de *startups* e *coworking* Sanvitto – ecossistema inovação | 232

Maikon Camilo Pagna

Requalificação da rua Júlio de Castilhos – Farroupilha/RS | 238

Mateus Picoli

Requalificação e integração urbana do Largo Carlos Fetter em Farroupilha/RS | 244

Patrícia Caroline da Silva

Refúgio – hospedagem e turismo | 250

Sofia Gemin Felippi

Parque linear Casa do Povo | 256

Eduarda Alves Oliveira de Almeida

Sesc Flores Da Cunha | 260

Giovani Eberle Marcon

Alma – hotelaria de experiência | 266

Kamila Tansini

Complexo usina | 270

Guilherme Neres Cerbaro

Hub de Inovação e Economia Criativa – antiga indústria caxiense de molduras | 276

Mariana Geremia Nicola

Memória cultural – raízes de Forqueta | 280

Pâmela Gayger

Qualificação de trecho urbano no acesso sul de Farroupilha/RS | 286

Daniella Tonello

Centro de Atenção Psicossocial III: luz, forma e pertencimento – o espaço como terapia | 290

Henrique Spequem Muratore

Requalificação urbana da Avenida Independência, de Garibaldi: passado e presente para um futuro com urbanismo integral | 296

Alessandro Debiasi

Amarp – Acervo Municipal de Artes Plásticas | 302

Arthur Holz

Planejamento territorial da paisagem rural a partir dos caminhos das escolas em São Francisco de Paula/RS | 308

Milena Cardos dos Reis

Trilhos do renascimento – recriando o futuro da cidade através das raízes históricas ferroviárias | 314

Nathália Townsend Cardoso

Centro cultural comunitário – Palmas/TO | 318

Camila Nunes Arendt

Parque Ibiaçá: a travessia do caminho do rio | 324

Inês Regina Vicente

Parque do aeroporto: proposta e requalificação na cidade de Vacaria/RS | 330

Laura Pawelak Duarte

Apêndice

Egressos do curso de Arquitetura e Urbanismo nos 30 anos de sua trajetória | 338

Professores do curso de Arquitetura e Urbanismo | 354

Professores de outros cursos e colaboradores do curso de Arquitetura e Urbanismo | 355

Organização

Doris Baldissera

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Especialista em Paisagismo e Meio Ambiente pela Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). Mestre em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Seleção dos trabalhos

Doris Baldissera

Nicole Rosa

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UniRitter.

Terezinha de Oliveira Buchebuan

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Letras e Cultura pela UCS. Doutora em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Projeto Gráfico

Doris Baldissera

Nicole Rosa

Orientadores:

Dra. Ana Elisia Costa

Me. André Melati

Dr. Carlos Eduardo Mesquita Pedone

Me. Daniel Eduardo Reimann

Me. Doris Baldissera

Me. Erinton Aver Moraes

Dr. Evaldo Luiz Schumacher

Dr. Luiz Merino de Freitas Xavier

Esp. Paulo Rogério De Mori

Dr. Pedro Augusto Alves de Inda

Me. Nicole Rosa

Me. Rafael Brener da Rosa

Me. Sandra Maria Favaro Barella

Dra. Terezinha de Oliveira Buchebuan



Apresentação

A trajetória dos 30 anos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul (UCS) é celebrada nesta edição e almeja apresentar a síntese dos eventos que a marcaram, por meio dos trabalhos finais de graduação (TFG) e dos trabalhos de conclusão de curso (TCC), elaborados em resposta a demandas identificadas pelos acadêmicos e visando à qualificação urbana e arquitetônica, predominantemente nas cidades da região de abrangência da UCS, bem como à democratização de projetos com a comunidade.

O trabalho de conclusão do curso da graduação em Arquitetura e Urbanismo constitui-se em um trabalho acadêmico técnico-científico com abrangência interdisciplinar que integra o processo formativo do aluno e representa um momento de sistematização dos conhecimentos e explicitação da aprendizagem necessários a integralização do curso. Assim, nesta obra, temos o resultado da discussão das heranças do passado e das perspectivas para o futuro de nossas cidades, desafios vencidos com o ensino de excelência em projetos de arquitetura e urbanismo.

O ponto de partida desta publicação é a compilação alusiva aos 25 anos do curso (disponível em: <https://www.ucs.br/educs/livro/album-da-edicao-comemorativa-25-anos-do-curso-de-arquitetura-e-urbanismo/>). A partir dos 72 trabalhos eleitos e publicados à época, foi realizada, por professoras do curso, uma reavaliação individual que buscou propostas que sintetizem os períodos definidos, resultando na compilação de 30 trabalhos. A contar do ano de 2021, foram selecionados preliminarmente todos os trabalhos que atingiram o grau máximo (nota 4). Após essa seleção inicial, os trabalhos foram reavaliados individualmente e resultaram na compilação de 37 trabalhos. A elaboração das sínteses dos TCCs foi feita pelos próprios autores, sendo as anteriores (de TFGs) elaboradas por docentes do curso.

A subdivisão em períodos para a compilação dos trabalhos seguiu as alterações sofridas no processo natural de reformulações curriculares e/ou avaliativas da disciplina. A primeira parte – 2003-2011 – é o período dos TFGs, anterior à reformulação curricular ocorrida no ano de 2009. O período 2012-2016 foi destacado em função de alterações no método de avaliação dos trabalhos, trazendo especialistas de distintas áreas, além de ser o período inicial dos TCCs do novo currículo. Em 2017, houve alterações no método de avaliação dos trabalhos, trazendo os professores orientadores para todas as etapas de avaliação processual, o que definiu o período 2017-2019. O ano de 2020 foi definido como um período especial, em função da pandemia de Covid-19, que forçou os alunos, os orientadores e a coordenação de TCC a se reinventarem na forma de produzir, orientar e formular estratégias de apresentação virtuais, ou seja, um momento ímpar na formação de nossos egressos,

que não puderam ter suas formaturas tradicionais como mereciam. O período 2021-2025 se refere ao momento atual de maturidade do curso.

O apêndice traz uma retrospectiva dos 30 anos do curso com a identificação de todos os egressos. Posteriormente, traça-se uma “linha do tempo” complementando aquela disponível na publicação dos 25 anos do curso, com a nominada dos docentes específicos que ministraram disciplinas no período 2021-2025, identificando-se sua entrada e, se foi o caso, seu momento de desligamento. Da mesma forma, foram nomeados os professores de outros cursos que contribuíram para a formação dos acadêmicos e, por fim, aqueles que, com sua dedicação, fazem as coisas acontecerem nos bastidores: nossos colaboradores. Em relação a estes, além da data de ingresso e desligamento, há alguns que foram transferidos para outros setores da UCS, que também estão identificados.

Nesta edição, temos uma compilação de ideias, propostas pertinentes à arquitetura, ao urbanismo e aos temas que cercam a profissão do arquiteto e refletem a trajetória dos 30 anos do curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS.

Doris Baldissera

O palco para as vivências do curso

A publicação do *Álbum da edição comemorativa – 25 anos do curso de Arquitetura e Urbanismo: trabalhos de conclusão*, realizada em e-book pela Editora da Universidade de Caxias do Sul (Educs), apresenta uma breve trajetória do curso, com seus principais fatos. Em função disso, neste momento, acreditamos ser importante estabelecer a relação do curso com seu lócus de origem: o Campus 8, e, para isso, buscamos pesquisas desenvolvidas por acadêmicos do curso que falam um pouco sobre a vida no lugar.

O curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS teve seu início em 1996, momento em que também inicia a história do Campus 8, situado no km 69 da Rodovia ERS-122, entre Caxias do Sul e Farroupilha.

O edifício do campus se destaca por sua implantação em uma extensa área verde. É um projeto do período modernista da década de 1950, pensado para abrigar um colégio.

A arquitetura modernista do campus, com suas linhas retas e formas geométricas, proporciona um contraste harmonioso com o entorno natural, criando um espaço que não apenas estimula a criatividade e o pensamento crítico, mas também promove um ambiente de trabalho acolhedor e de apoio. A integração entre o ambiente construído e a natureza circundante criou um clima de tranquilidade e inspiração que incentiva o bem-estar físico e emocional. Esse equilíbrio entre o espaço construído e a natureza promoveu um sentido de pertencimento e afeto, transformando o Campus 8 em um lugar de acolhimento e cooperação, onde relações interpessoais floresceram e todos se sentiam parte de uma comunidade coesa, que tinha o ambiente como parte fundamental na formação acadêmica.

O interior do edifício, para além de suas luminárias e grandes aberturas do *hall* principal, apresenta uma característica muito marcante para quem frequenta o campus: os pisos.

Logo na chegada, o *hall* de entrada marca a experiência do visitante com pisos de granilite em formas quadradas e linhas, nas cores branco e preto, trazendo elegância ao ambiente. Os corredores são guiados por pisos de lajota vermelha, distintos em cada pavimento, que delineiam os caminhos e criam uma conexão visual e funcional. Já, nas salas de aula e biblioteca, os tacos de madeira foram cuidadosamente preservados ao longo dos anos. O destaque, porém, é o piso da capela, uma verdadeira joia histórica, cuja madeira original, com seus desenhos em marchetaria, não apenas enriquece o ambiente com seu caráter único, mas também reforça a atmosfera sagrada e inestimável que define esse espaço tão especial.

O Campus 8 representa um marco significativo na história regional, refletindo mudanças estruturais e educacionais e sendo, sobretudo, um ponto focal de identidade e memória coletiva para seus usuários. Lugares como o Campus 8 são muito mais do que estruturas, mais do que um simples edifício envolto de área verde; são pontos de convergência em que vidas se cruzam, um espaço onde diferentes pessoas, histórias, experiências e emoções se encontram, interagem e criam conexões, pois os locais não carregam apenas memórias, eles compõem, cenograficamente, histórias coletivas de interação e crescimento, evidenciando o impacto positivo na formação de vínculos.

O ambiente do Campus 8, ao longo dos anos, recebeu uma diversidade de pessoas, cada uma com suas características únicas e trajetórias pessoais. Apesar das diferenças, há algo em comum que une grande parte dessas pessoas: o profundo carinho e afeto pelo local.

Ao longo de 28 anos, o Campus foi palco de vivências transformadoras, onde o ensino supera a sala de aula convencional e torna-se uma experiência que conecta pessoas, histórias e desafios. A metodologia focada no aluno e sua ascensão criou profissionais capacitados, indivíduos criativos e humanizados, capazes de pertencer a sociedade de forma sensível e sincera. Assim, permanece na memória coletiva como um ambiente único, onde a criatividade, a interdisciplinaridade e as relações crescem de forma singular.

Em dezembro de 2024, houve o encerramento das atividades do Campus 8 com um evento que mobilizou alunos, egresso e professores. Uma celebração memorável para todos que lá estiveram. A mudança dos cursos para o Campus-Sede não representa apenas um deslocamento físico, mas também uma oportunidade de novos encontros e aprendizados que estão sendo construídos. Atualmente, há um ano em nosso novo lócus, o curso está discutindo um novo currículo que objetiva consolidar os avanços e inovações do anterior e pensar no arquiteto e urbanista frente a esse cenário de constantes mudanças que obriga, mais do que nunca, a formação de profissionais com autonomia de construir seu futuro, como previsto nos PPCs desde aquele da origem do curso, em 1996, à frente do tempo.

Seguimos dispostos a continuar perseguindo a excelência acadêmica, demonstrando a capacidade de projetar e de planejar, competência que caracteriza o arquiteto e urbanista na interface com outras áreas de conhecimento e campos de atuação.

Doris Baldissera
Nicole Rosa

Prefácio

Três décadas de ensino de Arquitetura e Urbanismo na Serra Gaúcha. Se compararmos com a importância dessa profissão na história da humanidade, é quase nada, mas, ao compararmos com o tempo das cidades da região, é um tempo considerável. São 1.142 arquitetos e urbanistas aqui formados que estão transformando o mundo a partir dos espaços que a eles são confiados. Arquitetos que têm ciência da teoria e da história das artes e da arquitetura; que se comunicam a partir da linguagem gráfica; que dominam sistemas estruturais, construtivos, de conforto e instalações; que encontram problemas nos espaços e aprenderam a construir soluções a partir do método de projeto, nas mais diversas escalas, das proporções do espaço interior até a relação da função de cada cidade no planejamento urbano regional.

O convite para escrever este prefácio me faz recordar diversos episódios que vivenciei nos 15 anos de docência e nos 20 anos de convívio com esse curso de graduação. O primeiro contato foi como aluno de um curso de extensão, já arquiteto e urbanista e mestrando em planejamento urbano e regional, para capacitação dos técnicos dos municípios da região elaborarem seus respectivos planos diretores em conformidade com o Estatuto da Cidade. Era o curso de Arquitetura e Urbanismo, em conjunto com a Metroplan, fazendo o papel de universidade comunitária no desenvolvimento regional. O termo “comunitário” nunca foi somente discurso, sempre foi ação e transformação na Arquitetura e Urbanismo.

O convite para a docência foi consequência do trabalho da extensão. Trabalhei, inicialmente, no ensino da topografia, de arquiteto para futuros arquitetos. Que privilégio o meu, durante muitos anos, ser o único docente dessa disciplina e conhecer todos os alunos. Na condição de docente, ainda hoje me entristece ver alunos se formando sem ter tido a oportunidade de conhecê-los.

Vi esse curso se dividir em dois, em um momento de expansão do ensino superior no país, com a abertura da oferta de Bento Gonçalves, e mudar a conformação geográfica dos alunos da sede. Afirmando, são univitelinos. Sou apegado àqueles que não desperdiçam o que tocam, que dão valor a tudo que faz o coração bater mais forte. Fui coordenador de curso, orientador de TCC e fui banca de centenas de TCCs. Estive na condição de orientador e supervisor de estágios, atuando na extensão em diversos municípios. Estar na direção, nesses 30 anos do maior curso da Área de Conhecimento de Artes e Arquitetura, é uma grande alegria. Conviver com colegas que iniciaram esse curso e que, em algum momento, me confiaram o privilégio de estar entre eles; conviver também com tantos

outros que pude selecionar e contratar como docentes, acreditando nas suas respectivas intenções de transmitir e construir conhecimento.

A dimensão do impacto do curso de Arquitetura e Urbanismo da UCS na sua região de abrangência não conhecemos com precisão, talvez por falha nossa. Às vezes, sozinho dirigindo, penso sobre quantos espaços projetados foram atingidos por nossas falas em sala de aula. Quanto cada arquiteto e urbanista levou de nós mesmos para seu trabalho cotidiano? Quantas percepções de mundo foram atingidas pelo conhecimento compartilhado em sala de aula? E quantas pessoas, não arquitetas e urbanistas, podem ter tido percepções agradáveis do mundo a partir de espaços bem projetados por todos que por aqui passaram?

Que felicidade ver arquitetos e urbanistas aqui formados, cheios de trabalho, inseridos na sociedade, com sucesso profissional e mudando a realidade de nossas edificações e cidades. Que alegria os reencontrar, na aleatoriedade das circunstâncias, em qualquer lugar do planeta, e ser chamado de professor e, muitas vezes, ficar constrangido por não ter certeza de seus nomes.

Que consigamos ser anônimos para que o coletivo curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul seja sempre lembrado, ao menos enquanto houver necessidade humana de espaços, edifícios e cidades. Eternamente!

André Melati



O passado não volta. Importantes
são a continuidade e o perfeito
conhecimento de sua história.

Lina Bo Bardi

TFG – 2003 – 2011

Casa de Cultura

AUTOR: *Everton Maurício do Prado*
ORIENTADOR: *Evaldo Luiz Schumacher*

A proposta da Casa de Cultura para o município de Caxias do Sul busca agregar um espaço necessário na cidade, além de preservar a história da área de intervenção, valorizando a linha férrea, os edifícios da estação ferroviária e o depósito. Essas estruturas, aliadas à acessibilidade, definiram a implantação do conjunto. As conexões entre a circulação vertical e os edifícios culturais é realizada por passarelas elevadas, visando à possibilidade de retorno do trem. O eixo que demarca o ramal ferroviário foi evidenciado por vegetação e tratamento de piso em madeira e ferro, fazendo alusão aos trilhos. Essa área pavimentada também delimita o acesso ao público. A praça seca norte traz amplitude e clareza ao espaço, disponibilizando os visuais do lugar e o sentimento de segurança ao pedestre. A biblioteca tem capacidade de atendimento para 170 adultos em salas de estudos e área de acervo, pode abrigar 45 crianças em ambiente distinto e conta, também, com café e sala para internet com capacidade para 60 pessoas. O teatro, além da sala de espetáculos, conta com setor para oficinas, café com área para apresentações e um bar.

Figura 5 – Visual do teatro a partir do estacionamento

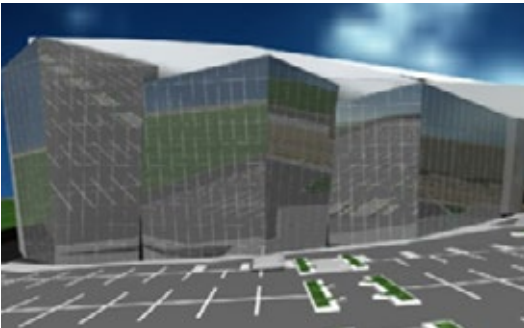


Figura 2 – Visual do conjunto



Figura 3 – Visual do conjunto



Figura 4 – Visual do conjunto



Figura 1 – Planta de implantação



Figura 6 – Visual da biblioteca



Figura 7 – Vista geral da proposta



Figura 8 – Vista geral da proposta



Os liames entre ruínas, favelas e uma casa para crianças e adolescentes

AUTORA: *Jenifer Giacomet*
ORIENTADORA: *Sandra Maria Favaro Barela*

A pesquisa foi realizada a fim de obterem-se subsídios para gerar um partido geral para a transformação da ruína de um edifício industrial abandonado, situada em uma região de favela, em uma casa que possibilite o desenvolvimento socioeducativo de crianças e adolescentes carentes de 0 a 17 anos com o intuito de afastá-los do contato com a violência e integrá-los socialmente, formando cidadãos capazes de transformar a realidade social em que vivem. O eixo ordenador do projeto que integra a favela à cidade, passando pelo centro da casa para crianças e adolescentes, foi gerado a partir de pontos nodais diagnosticados nos dois extremos: o largo central do bairro São Vicente e a casa de lanches na esquina das ruas Ernesto Alves e Venâncio Aires. Ele foi trabalhado a partir da figura conceitual do labirinto, presente no emaranhado de becos e vielas da favela, descendo o morro de maneira sinuosa. Para direcionar e conduzir as crianças da favela até a casa, o eixo é composto por moirões incrustados no piso que, ao cruzarem as ruas, transformam-se em sutis sulcos no asfalto com jacarandás acompanhando toda a sua extensão.

Figura 4 – Edificação e conexões



Figura 1 – Conexões com o entorno



Figura 2 – Planta de implantação

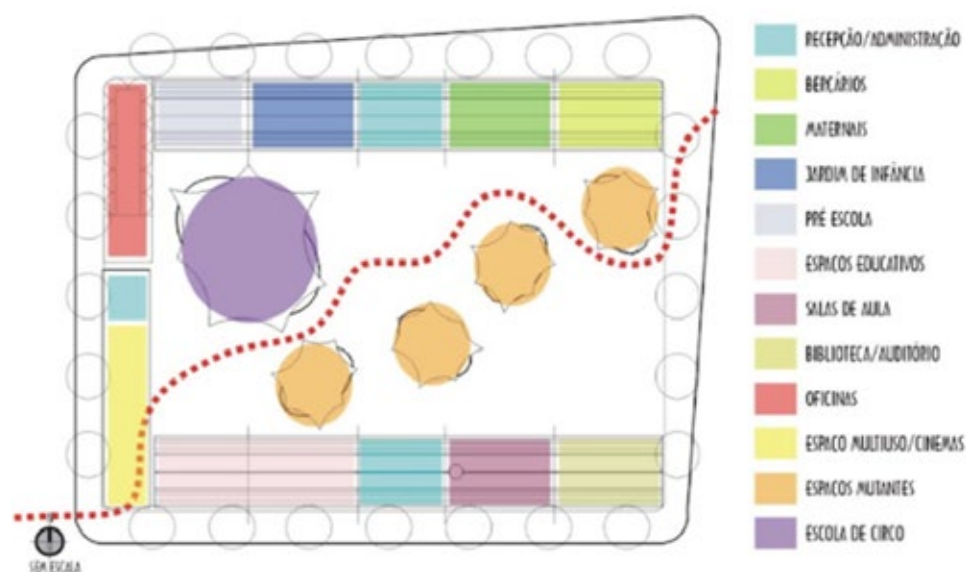


Figura 5 – Edificação e conexões

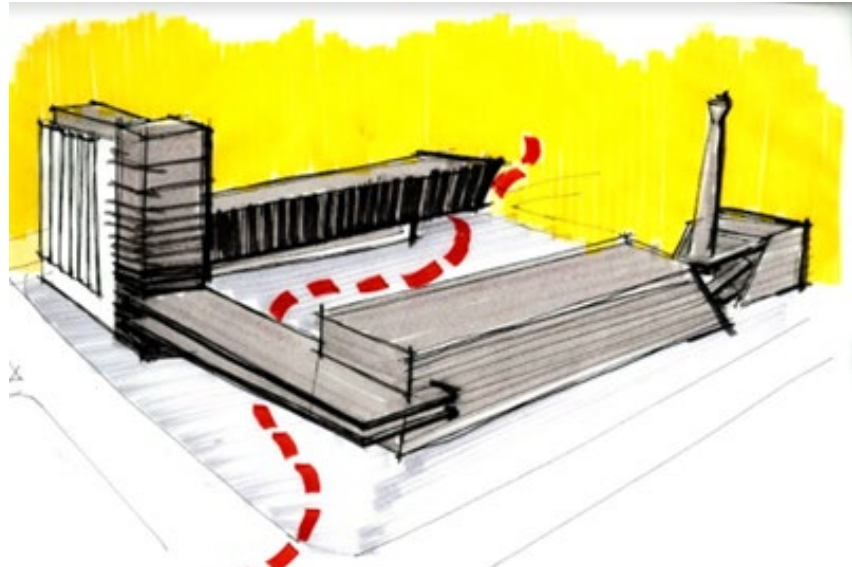


Figura 3 – Estratégias de implantação

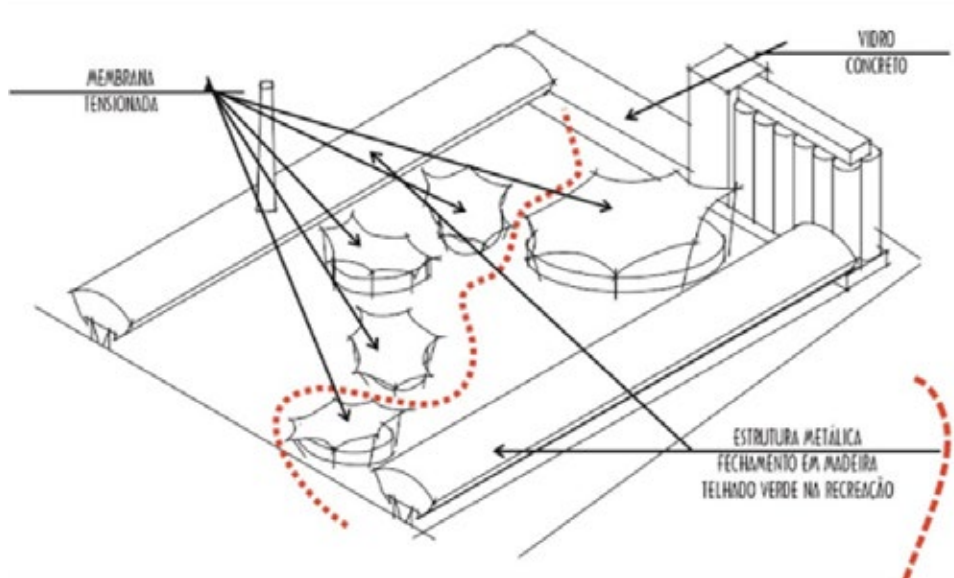


Figura 6 – Vista geral da proposta

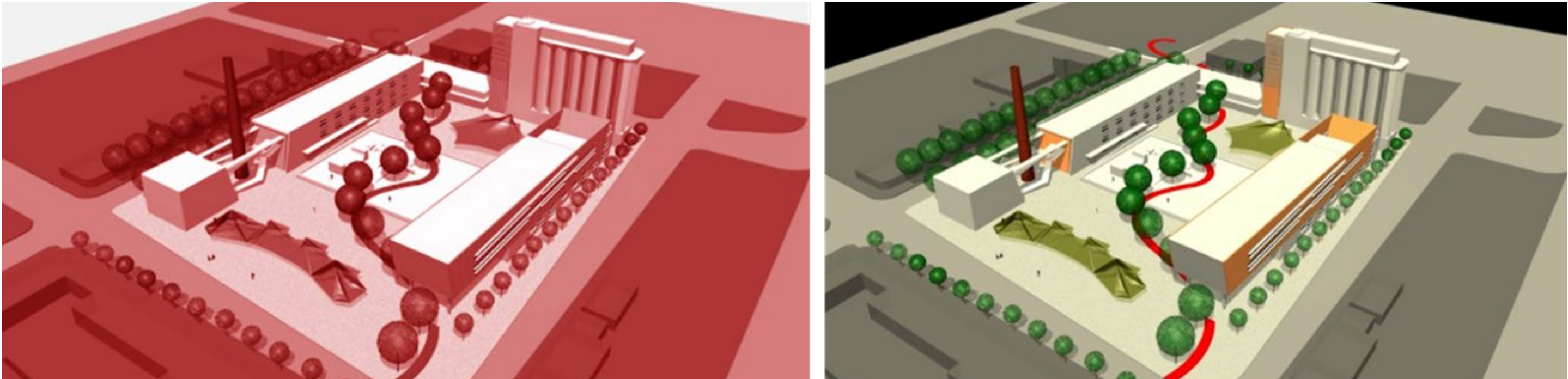


Figura 7 – Vistas da proposta do ponto de vista do observador



Centro de Mídia Visual

AUTOR: Daniel Schüür
ORIENTADOR: Evaldo Luiz Schumacher

A geração de imagens e o mundo digital são assuntos que vêm crescendo muito no Brasil, mas, em Caxias do Sul e região, verifica-se grande carência de empresas para suprir a demanda que será atendida com o projeto do Centro de Mídia Visual. A proposta projetual se embasa na mutação constante de informações, tecnologia e inovação, representando, na arquitetura, a ideia de transformação por meio do movimento compositivo geométrico da volumetria e da projeção de imagens nas fachadas. Buscou-se uma arquitetura de impacto visual que se destaque do contexto urbano e sirva de marco de acesso à cidade, com formas que saem da linha vertical e horizontal, por intermédio do movimento que a imagem transmite. Todo o processo de produção da imagem sofre alterações constantes: é mutante, não estático. A luz é usada como referência e ponto fundamental, tanto natural quanto artificial, pois sem ela não há imagem.

Figura 2 – Fachada norte

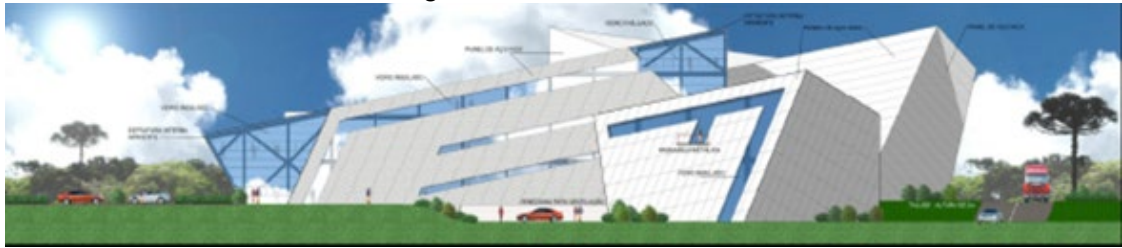


Figura 3 – Inserção no contexto



Figura 4 – Fachada oeste

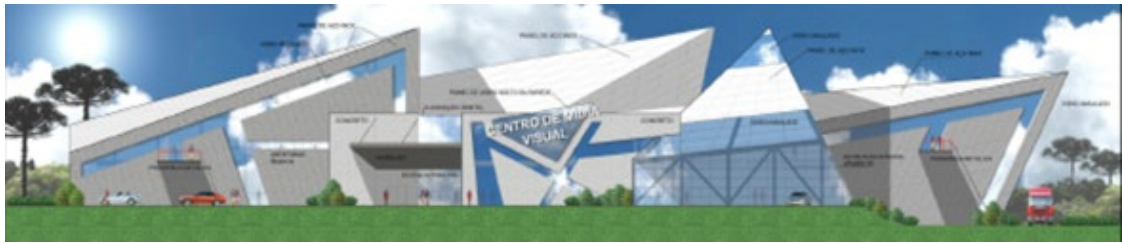


Figura 5 – Perspectivas da proposta

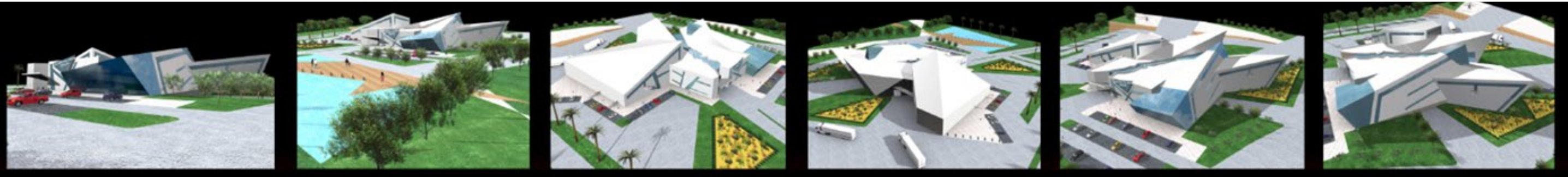
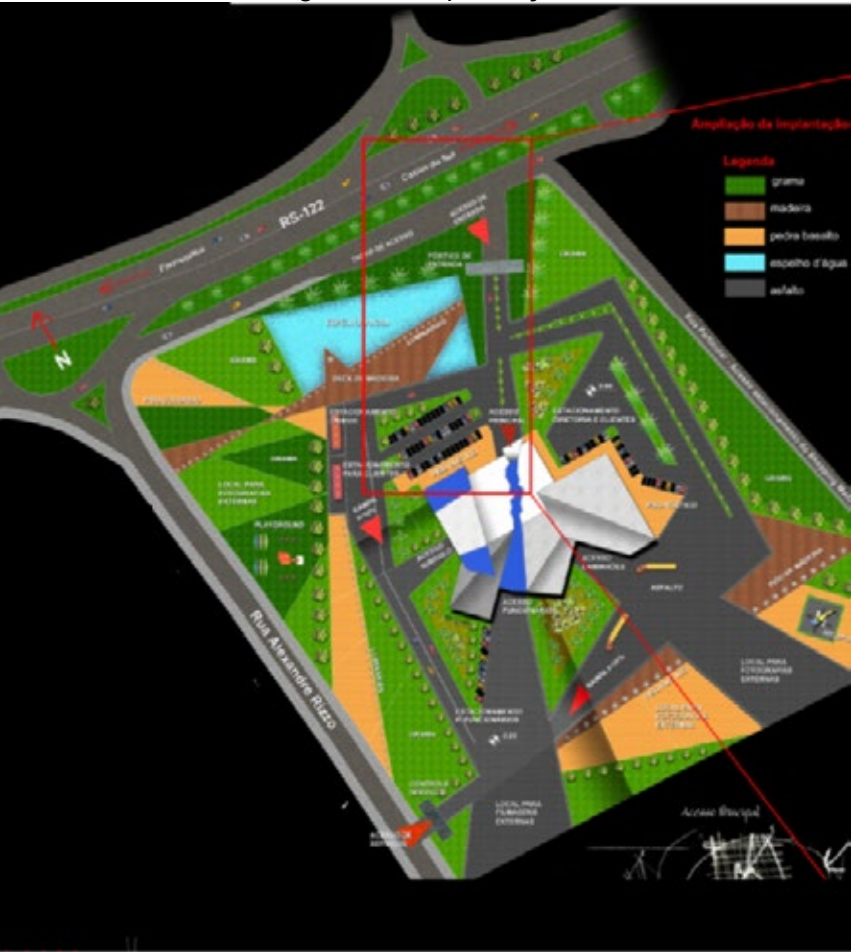


Figura 1 – Implantação



Reabilitação do Centro Cultural Espírita Jardelino Ramos

AUTOR: Terezinha de Oliveira Buchebuan
ORIENTADOR: Pedro Augusto Alves de Inda

A proposta de reabilitação visa à agregação de valor e ao fortalecimento da identidade do centro espírita junto à comunidade, buscando: a criação de interfaces para intensificar a relação comunidade-instituição; a arquitetura como definidora de espaços públicos e privados mais aprazíveis que convidem a população ao uso do lugar; a intervenção para a escola infantil, em que o lúdico esteja presente no objeto construído. A partir de caracterização imagética, concluiu-se que o centro tem boas relações com outras instituições e com moradores, bem como consolidou, ainda, sua potencialidade para se tornar marco de identidade junto à comunidade. Por isso, o processo de concepção conduziu-se à adoção de linhas de força e tensão que traduzem a estrutura fragmentária e labiríntica do entorno por meio do estabelecimento de eixos compositivos, buscando a ligação da instituição com a comunidade que atende. Dentro do espaço privado do centro espírita, como síntese conceitual, a espiral organizou os espaços abertos e edificados com a abertura de vias, a criação de mirante e a implantação de escola infantil. Também foi proposta a requalificação da casa branca e a refuncionalização do edifício das oficinas.

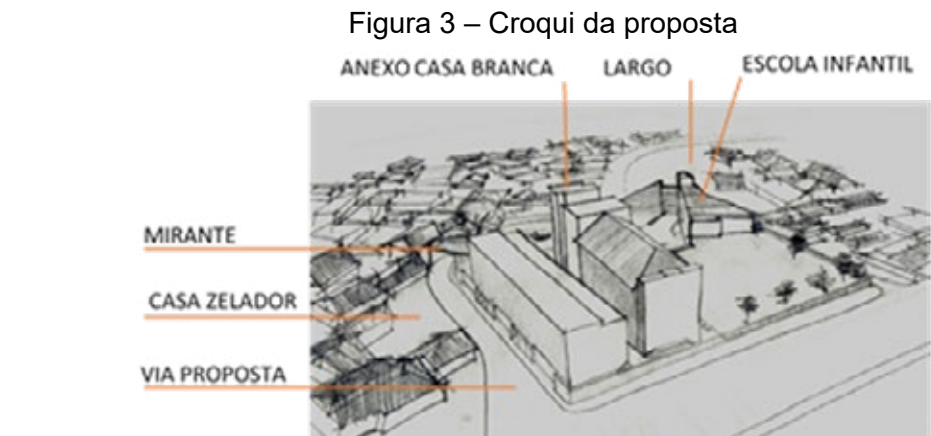


Figura 1 – Diagrama conceitual da espiral



Figura 4 – Vista do pátio aberto da escola infantil



Figura 5 – Vista geral do conjunto



Figura 2 – Planta de implantação



Figura 6 – Vista parcial com destaque para a casa branca e o espaço aberto para estacionamento/feiras



Figura 7 – Vista do pátio infantil e do mirante



Parque Salto Ventoso

AUTOR: *Pablo Cesar Uez*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

A proposta se baseia na utilização sustentável de um bem natural como forma de garantir sua conservação e despertar na população a consciência ecológica por meio de atividades ligadas ao ambiente natural. A implantação organiza as cenas da paisagem e contrapõe a racionalidade das edificações a partir do caminho existente que leva a cachoeiras e áreas de escalada, passando pela ruína. Ao longo do caminho, desenvolvem-se as estruturas de suporte ao visitante, com destaque para a Praça do Relógio, a Praça Rosa dos Ventos e o Centro de Visitantes, valorizando o ambiente e a paisagem. A Praça do Relógio é o primeiro contato do visitante com o conceito sustentável; a Praça Rosa dos Ventos é o ponto de articulação com a cachoeira, com um mirante favorecendo a compreensão da paisagem e um desenho diferenciado de piso fazendo referência a um antigo córrego ali existente; o Centro de Visitantes se apropria do desnível abrupto do terreno e da ruína em forma de arcos da antiga edificação, atribuindo a ela o papel de encaminhar os visitantes ao *foyer*.

Figura 1 – Vista geral do acesso



Figura 2 – Mirante do vale



Figura 3 – Centro de visitantes



Figura 4 – Vista geral da proposta



Figura 5 – Praça do Relógio

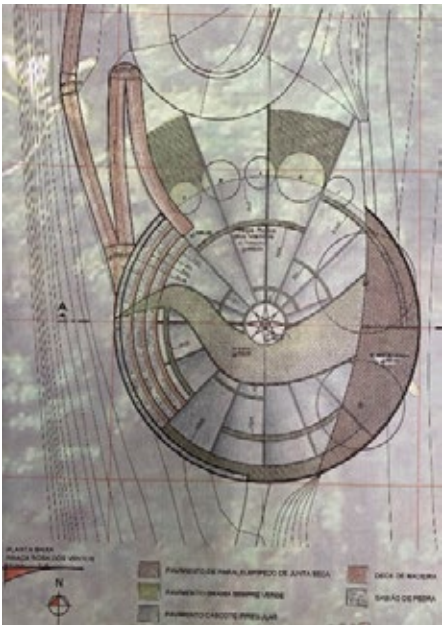


Figura 6 – Vista da Praça do Relógio



Figura 7 – Praça Rosa dos Ventos

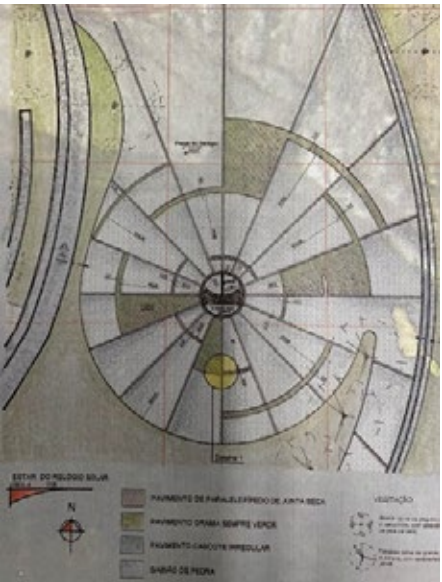


Figura 8 – Vista da Praça Rosa dos Ventos



Parque Municipal do Complexo Dal Bó

AUTOR: *Leonardo Damiani Poletti*
ORIENTADOR: *Pedro Augusto Alves de Inda*

A proposta para o parque busca integrar o desenvolvimento de esportes náuticos explorando o potencial paisagístico da área agregado ao desenvolvimento da educação ambiental. A apropriação do lugar e sua ocupação com caráter preservacionista, lúdico e esportista conduziu a definição de uma marca que representa as quatro atividades e acompanha todas as etapas do projeto. As interfaces do parque com a malha urbana foram tratadas de modo a criar espaços multifuncionais nos acessos para fruição da população local. O parque contará com centro de visitantes, restaurante, edifício para esportes náuticos, garagem para barcos, mirante, edifício educacional e áreas para esporte, lazer e recreação. Esses edifícios foram concebidos por meio de volumes geométricos puros adaptados ao relevo com escalonamento ou utilização de pilotis. A implantação dos caminhos respeita as características do terreno, interferindo minimamente sobre a vegetação e o relevo. Além disso, a valorização dos visuais, o respeito aos mananciais e a vegetação nativa pretendem promover o máximo contato do usuário com a natureza.

Figura 3 – Espaços multifuncionais na interface do parque com a área urbana



Figura 1 – Conceito do projeto



Figura 2 – Planta de implantação

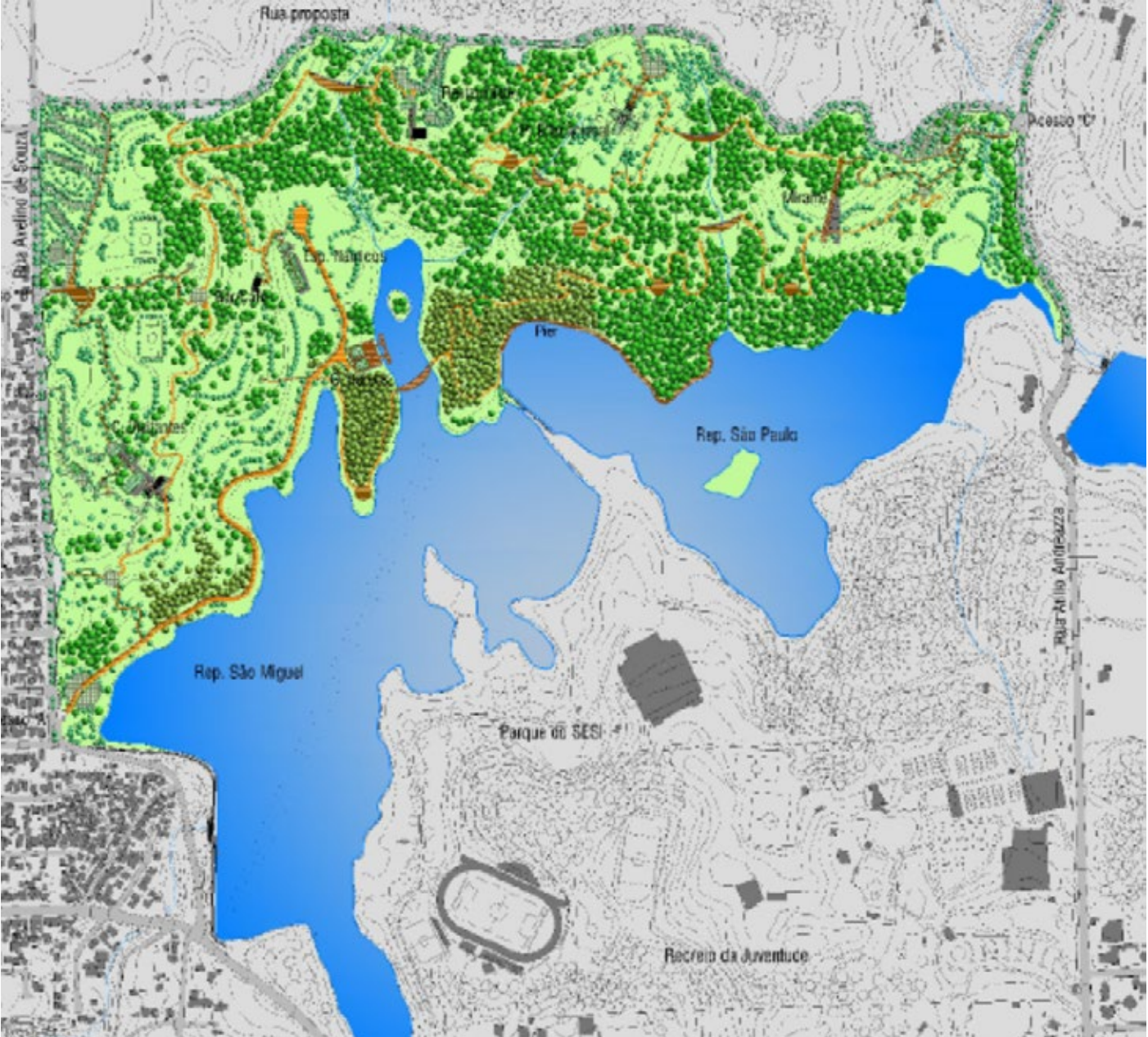


Figura 4 – Visual das trilhas



Figura 5 – Visual a partir do mirante



Figura 6 – Edifícios, implantação e materialidade



Figura 7 – Vista geral do parque



Mercado Público – Caxias do Sul

AUTORA: Roberta Fanton
ORIENTADOR: Rafael Brener da Rosa

O tema foi escolhido pela importância que esse tipo de edifício tem dentro do contexto urbano de uma cidade. Por se tratar de um espaço de comércio, o mercado gera grandes fluxos de pessoas, atendendo diversas classes sociais e difundindo a cultura local. Por fim, a força da agricultura na região torna o empreendimento viável para a localidade, podendo potencializar o setor com uma visibilidade mais inclusiva e social dentro do contexto de Caxias do Sul. O terreno para a implantação está junto a uma edificação histórica, a Cooperativa Vinícola Riograndense, que, além da importância cultural, evoca uma relação muito marcante entre a arquitetura do prédio histórico e a da edificação proposta para o mercado, enfatizando o complexo cultural da linha férrea.

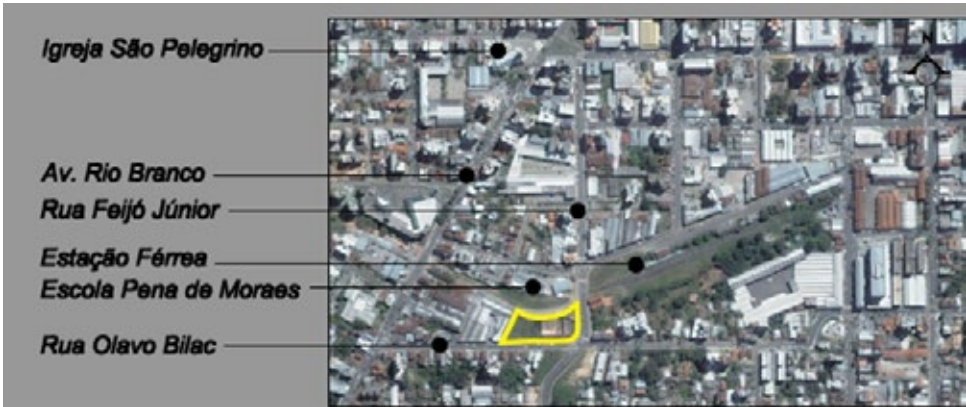


Figura 1 – Planta da localização



Figura 2 – Vista principal



Figura 3 – Relação da edificação proposta com a preexistência



Figura 4 – Vista da edificação

Sujeito coletivo: sede de uma ONG em Caxias do Sul

AUTOR: Marcio Zanella
ORIENTADOR: Ana Elisia Costa

A proposta da sede de uma ONG busca a relação com a Casa de Cultura Percy Vargas e o Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho. A relativa proximidade de tais equipamentos conectados pela rua Dr. Montaury sugere a existência de um eixo cultural, no qual o Parque Municipal Getúlio Vargas participa como principal área de lazer da cidade. O projeto buscou consolidar um novo ponto de cultura e entretenimento para a cidade, estreitando a relação entre a instituição e a comunidade por meio de usos compartilhados e uma inserção que promove o arremate urbano da esquina. Com programas voltados ao lazer e à cultura, o novo edifício, nesse contexto, consolidará um “lugar”, um nó articulador de eixos culturais, uma extensão do uso do parque. O caráter cultural da instituição permite que sejam incorporados usos ali consolidados, como o café bem, como usufruída a interface com o espaço público para difusão do seu trabalho para a cidade.

Figura 2 – Leitura do lugar

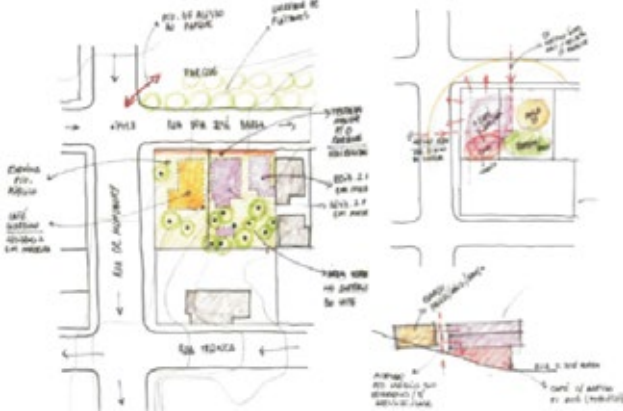


Figura 1 – Área para inserção do edifício



Figura 5 – Vista geral do café



Figura 3 – Aspectos formais

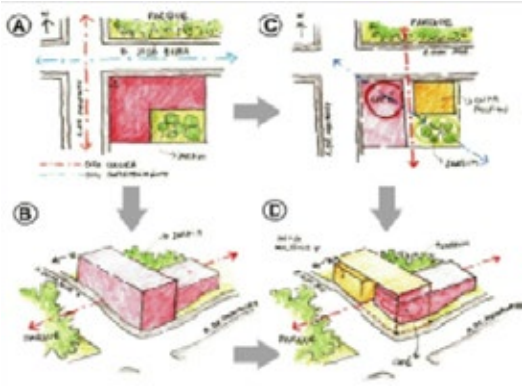


Figura 4 – Vista a partir da rua Dom José Baréa



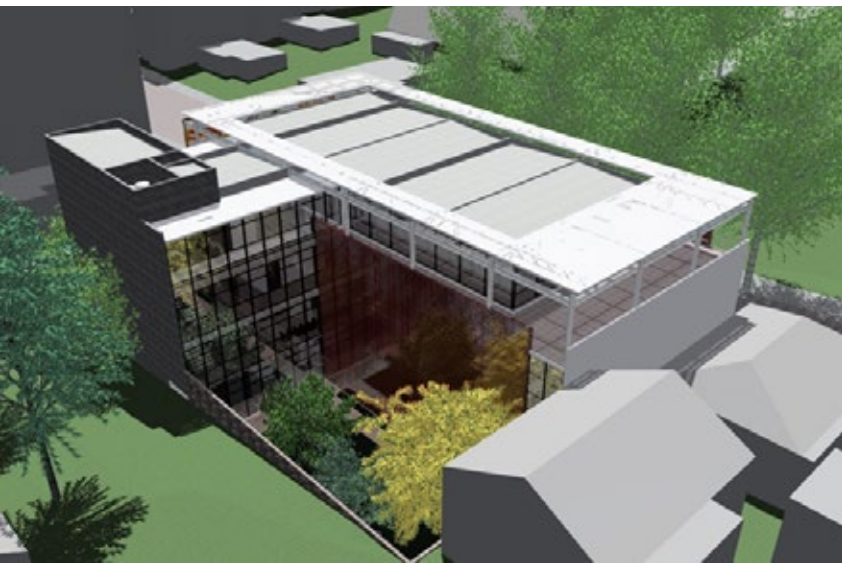
Figura 6 – Vista do jardim interno



Figura 7 – Vista a partir da esquina das ruas Dr Montaury e Dom José Baréa



Figura 8 – Vista noroeste, com destaque para o jardim interno



Requalificação do Núcleo Portinari

AUTORA: *Caroline Arsego*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

A proposta para requalificação de área do assentamento autoproduzido Portinari busca preservar sua identidade, transformando os limites existentes em forças nas quais se identificam as primeiras centralidades. Com isso, o projeto desenvolve uma costura entre o existente e o proposto, misturando elementos que remetem à qualidade espacial e sensorial do bairro. O desenvolvimento da proposta está embasado no conceito de *Pacthwork* (trabalho com retalhos). Por meio da identificação dos “panos”, passa-se às “costuras” (ruas, vias pedonais), que integram todas as partes, resultando em um único Portinari. A intervenção na área teve como objetivos: a criação e qualificação das áreas abertas, a fim de promover a integração social e o convívio; a implantação de atrações esportivas e recreativas para estimular a visita de pessoas de diferentes bairros; a instalação de uma creche para crianças; a criação de oportunidades de trabalho por meio de cooperativa de reciclagem do lixo bem como horta e padaria comunitária; além da melhoria na infraestrutura urbana.

Figura 5 – Chegada à praça conectora



Figura 6 – Vista do mirante



Figura 2 – Chegada à creche e à cooperativa



Figura 3 – Edificações no setor da pedra



Figura 4 – Via pedonal



Figura 1 – Planta de implantação



Figura 7 – Vista geral da proposta



Complexo de inclusão social do idoso, da criança e do adolescente

AUTORA: Karen Andriolo Basso
ORIENTADOR: Paulo Rogério De Mori

O complexo consiste na criação de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) com três atividades: uma Instituição de Longa Permanência de Idosos (ILPI), uma Casa Lar e um Centro Educativo. Para ancorar o projeto, surge o conceito de espiral, que organiza o conjunto com a Praça Central como núcleo e organiza as duas novas edificações e as preexistentes. A espiral também simboliza a abrangência pretendida com o complexo, que oferecerá oficinas em que jovens e idosos interagirão. O complexo terá comunicação com a Capela Nossa Senhora do Rosário por meio de um acesso direto, partindo da Praça Central. A área externa recebeu tratamento de paisagismo que busca, por meio da pavimentação, estabelecer conexões entre os volumes e gerar unidade. Outro elemento conector do paisagismo é o *deck* que cruza o complexo, passando pela Praça Central, num caminho que comunica o Centro Educativo com a ILPI. A cobertura do Centro Educativo simula a continuidade da linha orgânica da ILPI, já os círculos do piso da Praça Central avançam sobre o do Centro Educativo e, na Casa Lar, fazem-se presentes por meio do pavimento nos fundos.

Figura 1 – Espiral como conceito

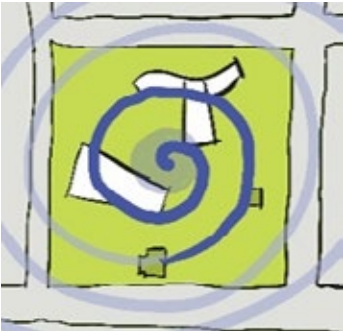


Figura 2 – Estudo da identidade dos usuários

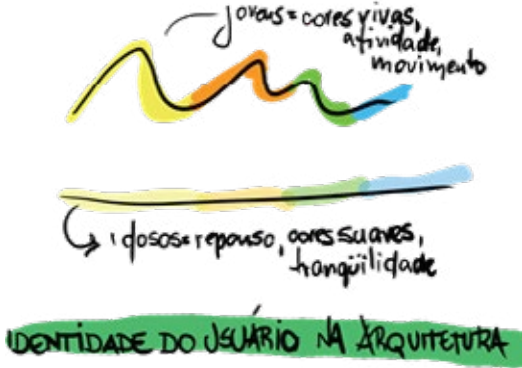


Figura 3 – Setorização



Figura 4 – Diagrama da implantação



Figura 5 – Croqui do conjunto



Figura 6 – Planta de implantação



Figura 7 – Vista geral da proposta



Figura 8 – Pátio dos idosos



Figura 9 – Pátio coberto centro educativo

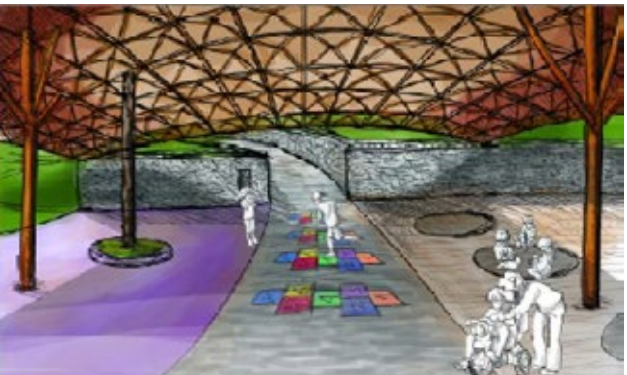


Figura 10 – Vista da praça



Sistema de transporte sobre trilhos

AUTORA: Renata Moschen Brustolin
ORIENTADORA: Sandra Maria Favaro Barella

A proposta tem a pretensão de tratar o problema da mobilidade na cidade de Caxias do Sul por meio de uma reestruturação do transporte coletivo, que apresenta problemas sociais, urbanos e arquitetônicos. O caráter social do transporte público traz consigo a ideia ética de justiça e igualdade social que se pretende aplicar. A melhoria da mobilidade urbana remete à sustentabilidade da cidade na busca por redução de emissão de poluentes, qualificação das áreas degradadas, potencialização do uso do transporte público e melhoria na qualidade de vida do cidadão. A implantação do transporte sobre trilhos pretende inovar e, ao mesmo tempo, complementar o sistema atual a partir de tecnologia de ponta e intermodalidade, criando novos espaços de qualidade arquitetônica preparados para receber seus usuários. A revitalização da área central a partir da qualificação do sistema de transporte permitirá a coexistência da modernidade das intervenções de atualização do tecido urbano e da permanência de construções antigas que representam a história da cidade.

Figura 4 – Estação Visconde de Pelotas

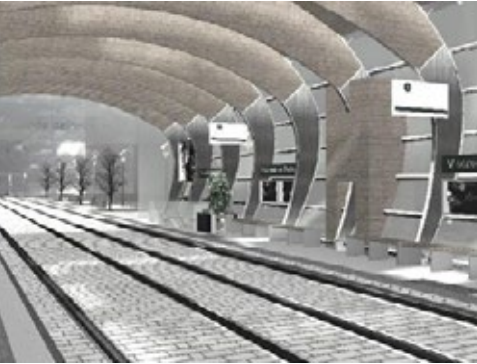


Figura 5 – Estação Visconde de Pelotas e praças secas



Figura 1 – Estrutura viária e definição da área de intervenção



Figura 2 – Localização do trecho e proposta de intervenção

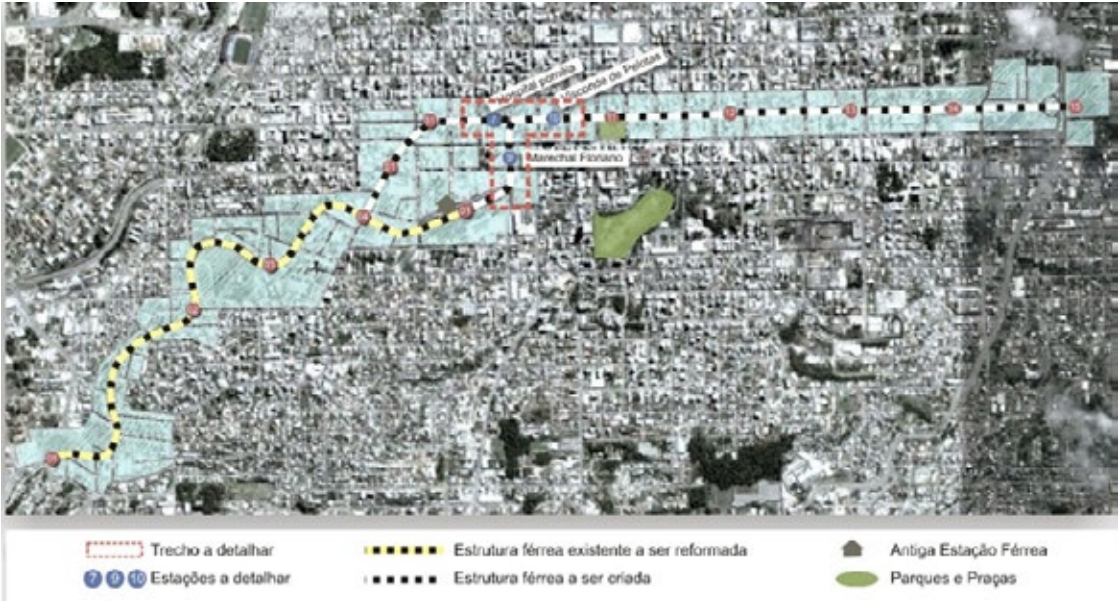


Figura 3 – Área detalhada



Figura 6 – Praça seca na Av Júlio de Castilhos



Figura 7 – Praça Largo do Pompéia



Figura 8 – Localização do trecho da estação Marechal Floriano



Figura 9 – Planta baixa geral da estação Marechal Floriano

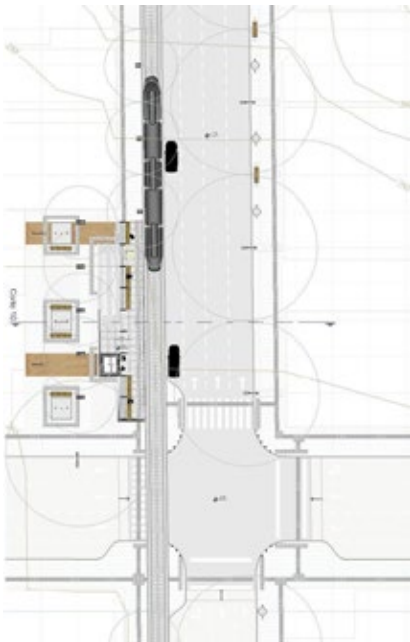


Figura 10 – Proposta de arquitetura da estação Marechal Floriano

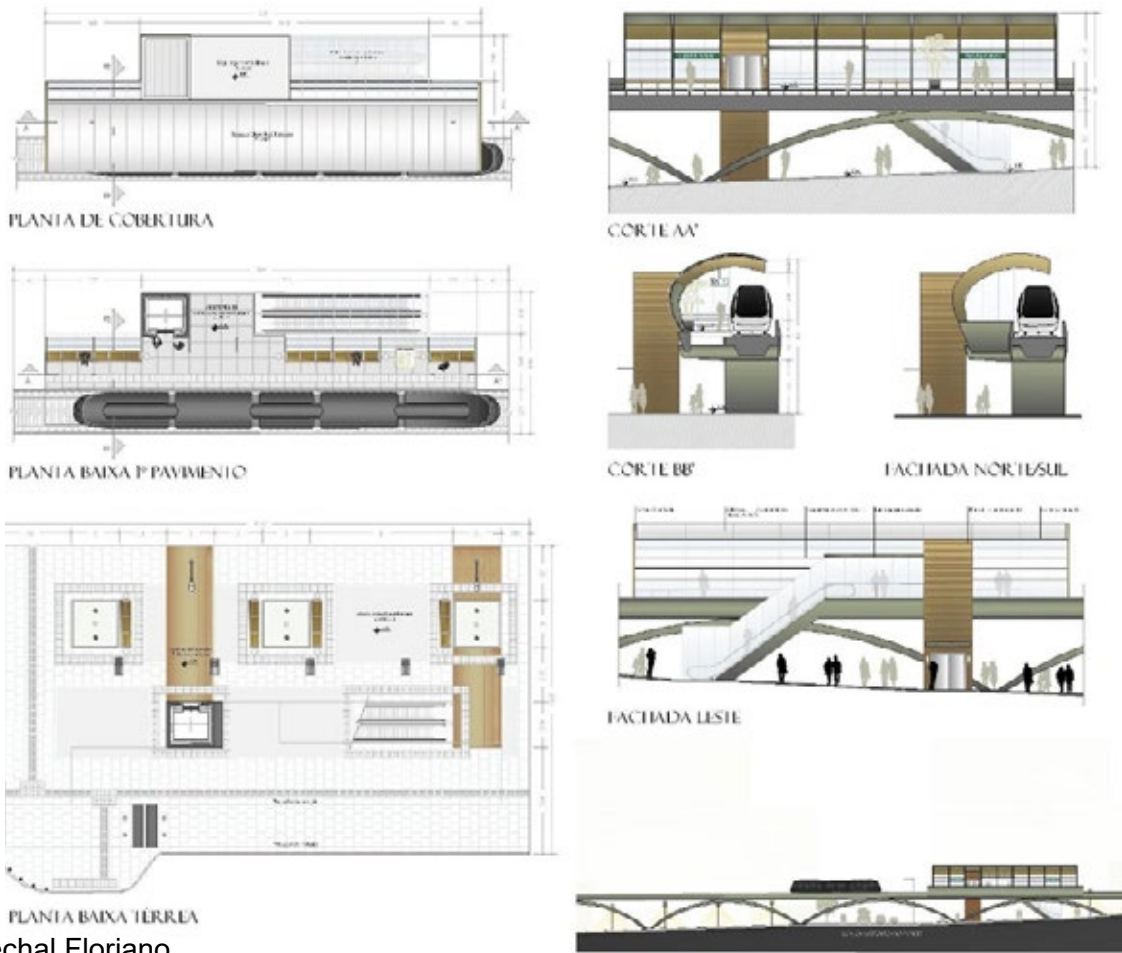


Figura 11 – Cortes transversais na estação Marechal Floriano



Figura 12 – Imagem geral da estação Marechal Floriano



Figura 13 – Imagem da estação Marechal Floriano





Arquitetura deve falar de seu tempo e lugar, porém, anseia por intemporalidade.

Frank Gehry

TCC – 2012 – 2016

Casa de Espetáculos e Escola de Música Villa Lobos

AUTORA: *Daniela Manosso Bampi*
ORIENTADOR: *Carlos Eduardo Mesquita Pedone*

A proposta é a concepção de um equipamento cultural que preencha a necessidade de um local adequado para espetáculos musicais na cidade de Caxias do Sul e na Aglomeração Urbana do Nordeste (AUNe) como um todo (Figura 1). Somado a isso, também é proposto um edifício que sediará uma escola de música, a qual buscará ser um local de formação e integração artística. A edificação de maior forma programática, a casa de espetáculos, está disposta junto à interface da via de maior visibilidade e relativamente inclinada a esta, privilegiando a topografia do terreno e não a via. Rotacionada em relação a esse maior edifício está a edificação da escola de música, com menor dimensão, e fechando o programa de necessidades está o espaço aberto para espetáculos ao vivo. O tratamento das áreas abertas teve fortes influências da topografia original do terreno e o desenho final teve como inspiração o conceito da Fita de Moebius, que tem como referência a ideia de um sistema de conexões, traduzindo, assim, um ambiente em que o visitante segue um percurso e, ao longo dele, encontra espaços de convivência e atividades específicas, interligadas em um vínculo espacial muito forte, o que completa com sucesso a ideia inicial de trazer para a cidade um espaço capaz de comportar atividades culturais de diversas frentes em um mesmo local, com conforto e qualidade.

Figura 1 – Casa de Espetáculos e Escola de Música Villa Lobos: implantação geral

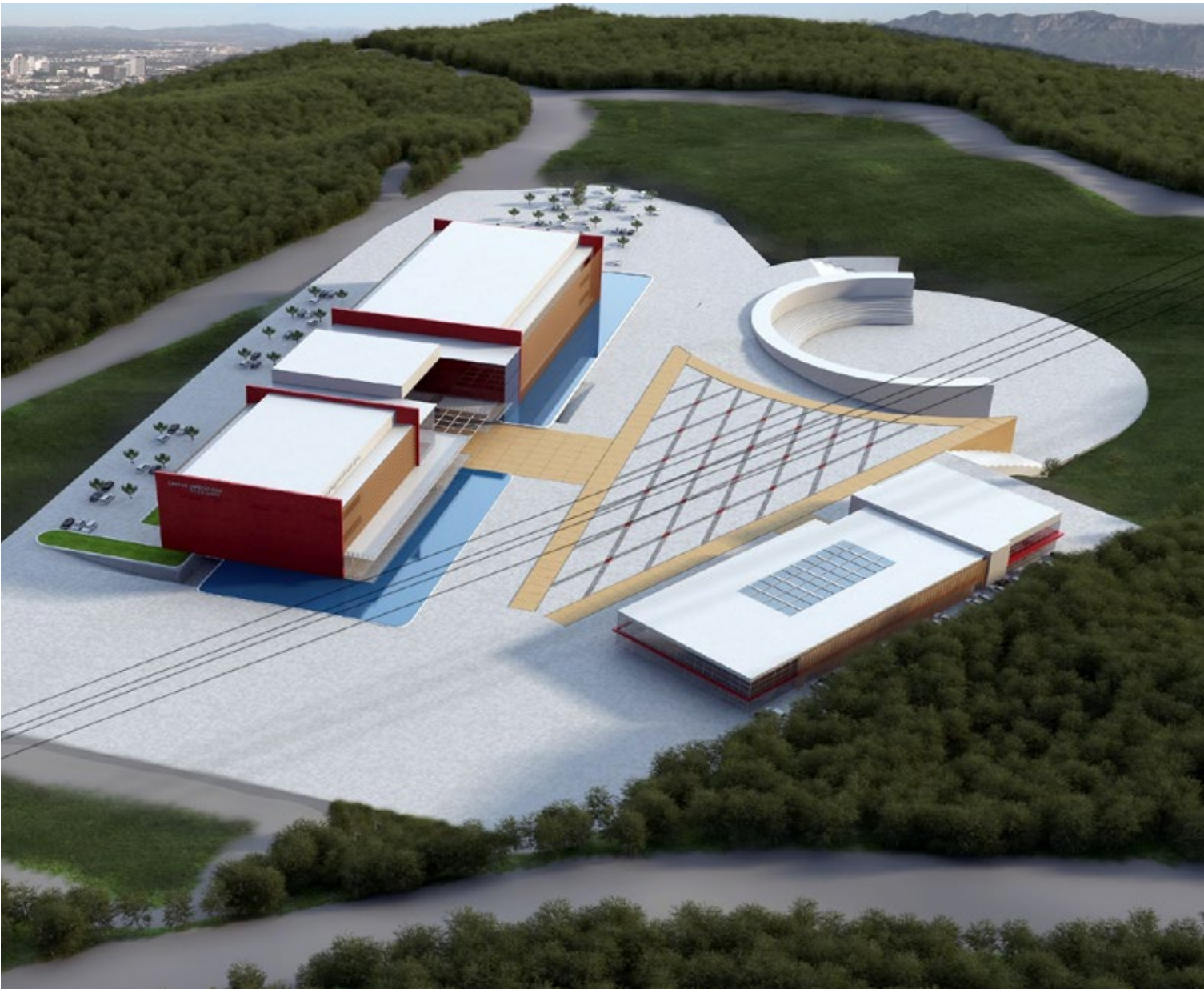
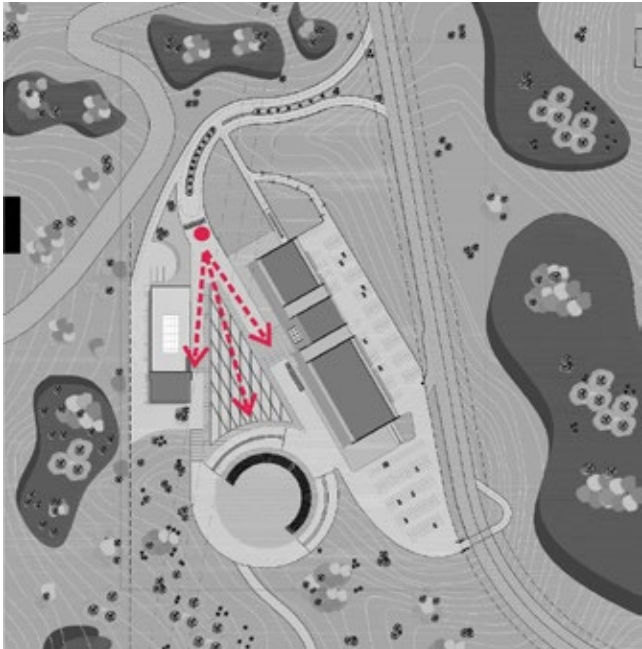


Figura 2 – Fachada da edificação da Casa de Espetáculos



Figura 3 – Implantação geral

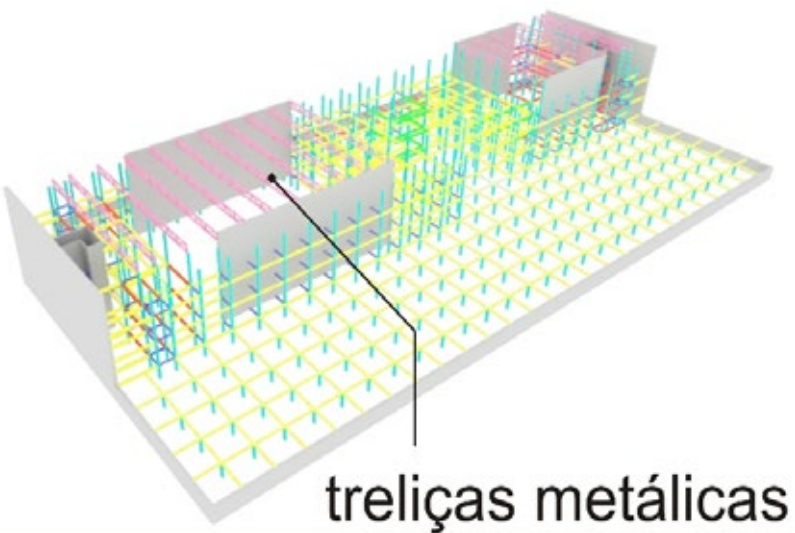


Por se tratar de uma área de intervenção com grande extensão territorial, a implantação surge com a proposta de três volumes que abrigariam, cada um, programas específicos: escola de música, casa de espetáculos e área de shows aberta. Essa configuração também definiu alguns parâmetros básicos:

- implantação dos edifícios e entrada do complexo ao norte do terreno associada às condições climáticas e geomorfológicas;
- implantação de edifícios não compactos que pudessem ao máximo explicar as relações com o espaço aberto;
- determinação de um espaço “urbano” comum entre as edificações.

Com condicionantes fortes, como a presença da linha de alta tensão e a própria topografia do terreno, a composição dos edifícios determina que as pessoas, quando dentro do complexo, possam uma visualização global de todos os elementos desde a sua chegada, permitindo rápida identificação das ações no entorno (Figuras 2 e 3).

Figura 4 – Lançamento estrutural



treliças metálicas

As duas edificações propostas possuem sistema construtivo metálico, com a particularidade de o edifício da casa de espetáculos necessitar de grandes vãos sem pilares para as áreas de espetáculos e plateia. Sendo assim, a solução foi a criação de grandes empenas cegas nas paredes periféricas desse ambiente, tendo a característica de uma parede viga (Figura 4). As questões de conforto ambiental e térmico foram cuidadosamente resolvidas considerando-se a insolação e a ventilação dos ambientes. Na edificação da casa de espetáculos foram realizados testes relativos à qualidade do conforto acústico das salas de apresentações musicais com o *Software Catt Acoustics* (Figura 5). A partir dos resultados desse teste foram identificados os melhores materiais em conjunto com a geometria da sala.

Figura 5 – Testes acústicos (Catt Acoustics)

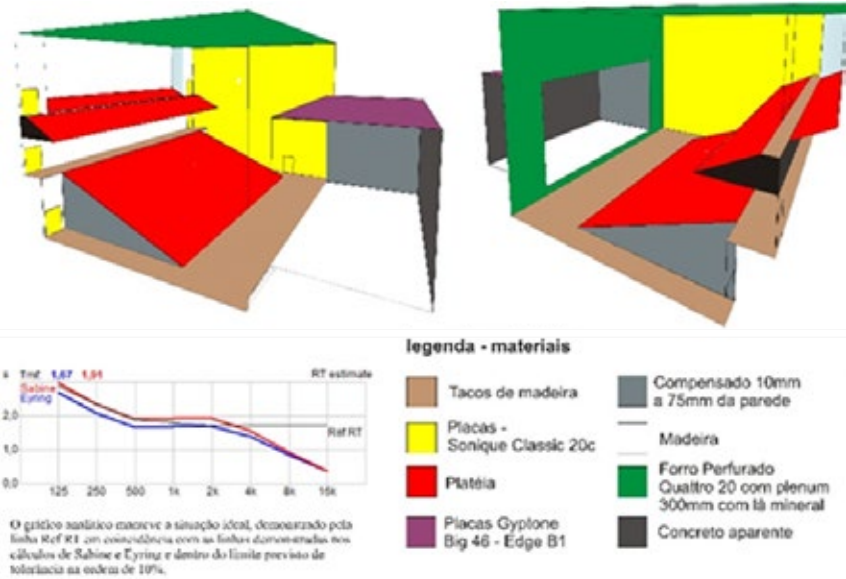


Figura 6 – Implantação geral



Figura 7 – Fachada da edificação da escola de música



Centro de Integração Social Abramo Eberle

AUTOR: *Lucas Alencar Pissetti*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

A cidade de Caxias do Sul cresce sem contar com um planejamento digno para o bem-estar de seus habitantes. A rápida densificação da cidade, graças, principalmente, ao seu rico mercado de trabalho, aumentou drasticamente o potencial imobiliário, sendo esquecida a importância de locais públicos para o convívio da sociedade. Após estudo histórico e amplo diagnóstico da área, o programa foi definido. Além da praça e do Centro de Atenção Psicossocial (Caps), uma biblioteca pública seria incorporada no local, graças também às demandas da região. O Colégio Estadual Henrique Emílio Meyer, vizinho da área projetada, teve ampla influência nessa escolha, e assim foi definida uma integração entre a escola e o projeto. O projeto visou atender às diversas diretrizes do extenso programa, não esquecendo de dialogar com o entorno imediato do local. A rica memória desse lugar foi de suma importância para a concepção do projeto e a verticalização iminente do *skyline* também foi considerada diretriz projetual. O Centro de Integração Abramo Eberle foi projetado para ser um local para todas as pessoas, indiferentemente de qualquer natureza, reunirem-se e interagirem com um amplo espaço destinado à educação e à cultura, a fim de melhorar a qualidade de vida da nossa cidade.

Figura 1 – Vista desde a praça



Figura 2 – Vista aérea do conjunto



A importância histórica do lugar e seu estado de parcial abandono impulsionaram a escolha da área de projeto. O programa retoma usos do passado, reativando a memória, sem deixar de ser atual, ao mesmo tempo em que mantém e unifica alguns itens. A implantação, em partido aditivo que explicita os diferentes usos do conjunto, procura a melhor orientação para o edifício e a praça ao mesmo tempo em que potencializa as conexões entre as diversas partes do conjunto.

A composição parte de uma malha regular, cuja grelha deriva da modulação da fachada e do edifício histórico situado na quadra lindeira. Para a organização do edifício, a regularidade e a ortogonalidade são mantidas, enquanto, na praça, os eixos perdem seu paralelismo, resultando em espaços fluídos. Os materiais e a tecnologia construtiva imprimem ao conjunto uma linguagem contemporânea que prioriza a luz e a transparência sem deixar de dar a devida atenção aos aspectos de conforto.

Figura 3 – Vista aérea com fotomontagem



Figura 4 – Fachada teste

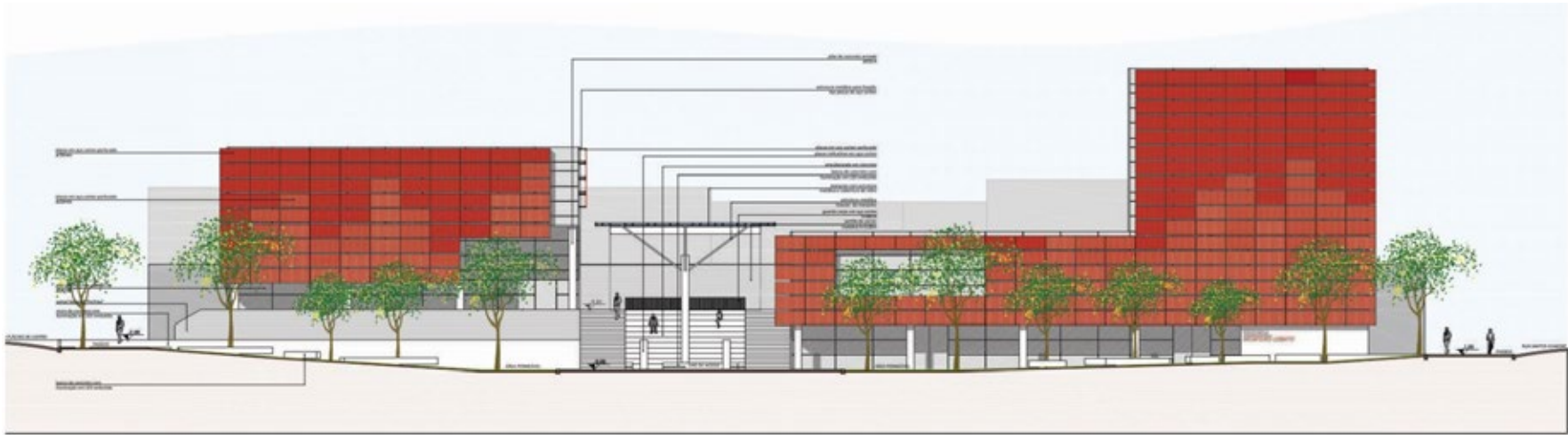


Figura 5 – Implantação

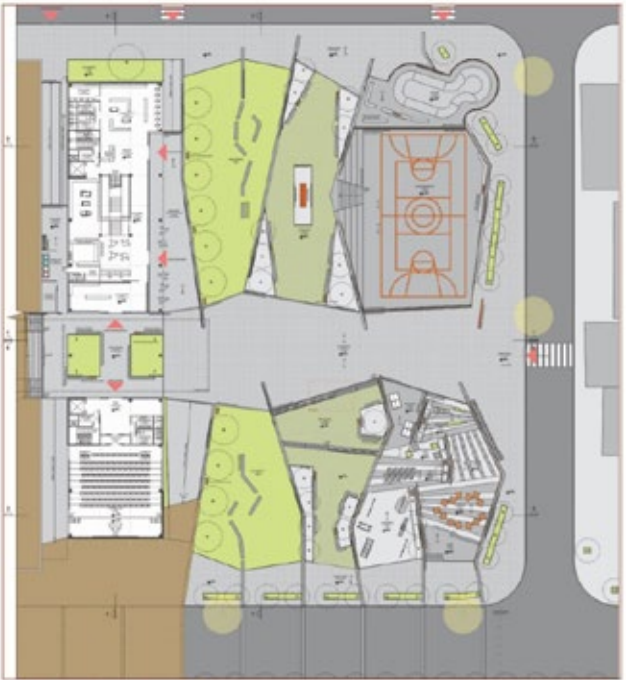


Figura 6 – Vista interna do café e da livraria



Centro de Acolhimento Jardelino Ramos

AUTOR: Vinícius Matana Pereira
ORIENTADOR: Erinton Aver Moraes

Os primeiros anos da década de 2000 assistiram a um fluxo migratório de estrangeiros em vulnerabilidade social ao Sul do Brasil. Em Caxias do Sul, apenas no ano de 2013, cerca de mil desses indivíduos chegaram em busca de condições dignas de sobrevivência e cidadania após um longo percurso desde os seus países de origem. A escolha do tema desse projeto surge a partir da percepção de que a cidade não dispõe de estrutura física satisfatória para o acolhimento dessas pessoas a despeito dos esforços de alguns setores da sociedade em recebê-los adequadamente. O programa, assim, é concebido de modo a suprir a demanda de espaço físico para a acomodação temporária desses imigrantes, configurando-se, dessa forma, como um equipamento de hospedagem transitória (Figura 1). Com o objetivo de garantir longevidade a esse equipamento, é proposto um programa que permite sua reversibilidade, sem necessidade de alteração dos arranjos espaciais do edifício. Ao fim do fluxo migratório, o edifício pode ser convertido facilmente em albergue público, equipamento igualmente carente na cidade. Além do setor de hospedagem, com seus apoios, o programa contempla um setor de atividades de formação e integração do público-alvo à comunidade local, como oficinas diversas e salas de aulas para o ensino de idiomas.

Figura 1 – Acesso principal do Centro de Acolhimento



Figura 2 – Implantação centro/bairro



A escolha do terreno partiu do pressuposto da acessibilidade, portanto, localiza-se na área central da cidade, próximo à rodoviária. Após o abrangente diagnóstico do entorno imediato, identificou-se que o lote faz a interface entre a cidade formal (centro) e informal (bairro Jardimino Ramos). A partir disso, o projeto passa a assumir um caráter de conexão entre essas duas diferentes realidades. A implantação (Figuras 2 e 3) em níveis considera os três diferentes setores do programa de necessidades bem como o lote (topografia e geometria), relacionando a altura do edifício com as edificações do sítio. Assim, o conjunto edificado, formado por duas partes distintas, converge para a esquina em ângulo agudo, formando um pórtico de passagem *de e para* a praça (Figura 4) e desta para o bairro ou para o centro.

Figura 4 – Praça



Figura 3 – Implantação bairro/centro



O centro, não só para migrantes e imigrantes, surge como opção de profissionalização (Figura 4) e lazer para pessoas residentes no bairro, buscando a integração dos usuários. O programa, além de atendimento e moradia temporária para as pessoas oriundas de outros locais, contempla, também, oficinas técnicas de arte, gastronomia, educação básica e línguas. A linguagem formal (Figuras 6 e 7) busca acolher os usuários e se inserir de modo respeitoso no entorno. Essa intenção se reflete, também, nos materiais empregados, que valorizam a cultura local dos frequentadores por analogia aos países de origem ou contextualização das construções vizinhas. Além disso, exploram a mão de obra local disponível.

Figura 5 – Oficinas



Figura 6 – Visual externa do conjunto



Figura 7 – Visual interna do conjunto



Utoparque | parque urbano

AUTOR: *Crissander Deboni*
ORIENTADOR: *Pedro Augusto Alves de Inda*

A proposta do Utoparque busca trazer consciência e um novo olhar para o desenvolvimento urbano e a ocupação territorial em Caxias do Sul. Unindo a demanda social por áreas verdes, a descaracterização do território natural, o Plano de Despoluição dos Arroios e uma área propícia para a reintegração do elemento hídrico no contexto urbano surge a proposta de um parque com intenção de romper as barreiras criadas pela sociedade atual e reestabelecer o contato, o equilíbrio e o respeito entre o meio urbano e o natural bem como, por consequência, entre o homem e a natureza. Compreendendo que o desenvolvimento do ambiente construído deve estar em harmonia com o aproveitamento dos recursos naturais e que isso está conectado com um movimento global que incentiva a criação de sociedades cada vez mais ambientalmente conscientes e autossustentáveis. O projeto contempla uma parceria entre Poder Público, comunidade local e iniciativa privada como base para o desenvolvimento e a manutenção dos diferentes espaços. Implantado em uma área de 23 hectares e subdividido em sete setores, conforme características físico-ambientais, mescla áreas construídas com ambiente natural interligadas por uma trama de caminhos com trilhas, passarelas, ciclovias, áreas de descanso e contemplação que estimulam a interação e a apropriação dos espaços destinados a atividades culturais, recreativas, esportivas, institucionais, ambientais, educativas, administrativas e de serviços, sendo que cada setor possui um órgão responsável por efetivar a segurança e a manutenção do espaço (Figura 1).

Figura 1 – Perspectiva geral de implantação da proposta com entorno imediato



Figura 2 – Praça seca unindo centro comunitário e administração, horta urbana, auditório e concha acústica



O parque interliga dois bairros com características socioeconômicas distintas. Com a implantação de um núcleo com centro comunitário, horta urbana, área administrativa e cultural junto ao bairro menos favorecido, estimula seu uso e apropriação por meio da população local, propiciando área para encontros e atividades que estimulem o desenvolvimento da comunidade local (Figura 2). No outro polo, devido às características topográficas geradas por uma antiga pedreira, são criados diversos mirantes para contemplação do parque, junto a áreas de lazer (Figura 4) e áreas destinadas a práticas esportivas, com parede de escalada com piscina natural e área de alimentação (Figura 3). Ao longo de todo o parque, estão dispostos jardins biodiversos que propiciam caminhadas interativas ao mesmo tempo em que dão identidade ao traçado do projeto (Figuras 2, 3 e 4).

Figura 4 – Vista a partir de mirante sobre pedreira



Figura 3 – Parede de escalada com piscina natural, restaurante e mirantes



A acidentada topografia do terreno permitiu que fossem criados locais que exploram diferentes perspectivas visuais do projeto, facilitando que o usuário perceba e interaja com o ambiente construído com elementos naturais, como telhados vivos e jardins verticais, buscando-se amenizar a poluição e os ruídos de ruas e construções lindas bem como estimular a sensação de equilíbrio e bem-estar proporcionada pela natureza (Figura 5). No setor principal da proposta, no qual se encontra o Arroio Prévê e a mata nativa, são implantados elementos que buscam propiciar uma interação diferenciada com a natureza local. Uma grande passarela interliga os setores do parque, permeando a copa das árvores, enquanto blocos de pedras fazem a interface com o meio natural junto ao curso d'água. Lindeira ao arroio está implantada a sede do Samae, órgão que ancora a proposta como o gerenciador principal do projeto (Figuras 6 e 7).

Figura 5 – Vista do mirante



Figura 6 – Passarela em meio à mata nativa sobre Arroio Prévê e sede do Samae



Figura 7 – Sob a passarela, blocos de pedra nas margens do Arroio Prévê e sede do Samae ao fundo



Centro Islâmico de Caxias do Sul – mesquita *Jumma Mubarak*

AUTOR: *Dimitri Susin*
ORIENTADOR: *Rafael Brener da Rosa*

Caxias do Sul contava até o ano de 2009 com uma pequena população de muçulmanos, que teve um aumento exponencial com a chegada de migrantes provenientes de países do continente africano. A crescente comunidade reunia-se em um espaço inapropriado, insuficiente e não condizente com o número de praticantes e com a importância da prática diária para os adeptos ou mesmo a dimensão nacional e global do islamismo.

Partindo-se dessa premissa, foi proposta a criação de um Centro Islâmico e Mesquita (Figura 1), promovendo um espaço de culto, convívio e confraternização, que promove a interação entre a comunidade muçulmana, legitimando-a e fazendo com que ela se solidifique e permeie a sociedade como um todo. Foram encontrados múltiplos desafios ao projetar um tema tão complexo em contexto local. Adequar a riqueza de elementos tradicionais e seculares da arquitetura árabe com técnicas, materiais, programa, forma e legislação local resultou em uma releitura arquitetônica contemporânea e harmoniosa, elevando a arquitetura ao plano poético do espaço por meio de alusões que indiretamente nos remetem à rica espacialidade da arquitetura árabe, além de conferir à população muçulmana de Caxias do Sul uma construção símbolo de sua religião.

Figura 1 – Vista externa do Centro Islâmico e Mesquita



Figura 2 – Esquema compositivo do partido

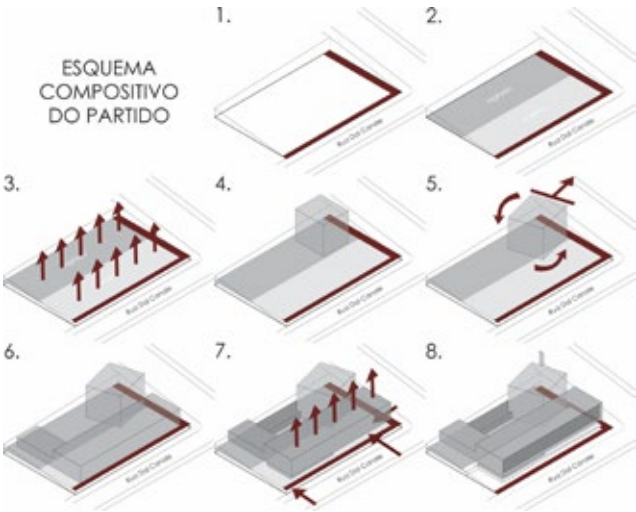


Figura 3 – Implantação térreo/corte



O esquema compositivo (Figura 2) é iniciado com: (1) aplicação dos condicionantes legais; (2) divisão do lote entre público/sagrado; (3) elevação do patamar do terreno, evidenciando caráter religioso; (4) adição do volume da mesquita; (5) rotação em direção à Meca; (6) adição dos volumes do Centro Islâmico e residência do *Imã*; (7) elevação desses volumes, criando acessos e liberando os visuais do pátio; e (8) adição de minarete e elementos tradicionais por analogia. As barras e o cubo perfazem o fechamento e conferem unidade ao conjunto arquitetônico. A implantação (Figura 3) tem o pátio como espaço ordenador do Centro Islâmico e Mesquita. A sala de orações é acessada no sentido oposto ao pátio, de acordo com a configuração tradicional das mesquitas. Os espaços criados pela rotação da mesquita foram utilizados como vestíbulos e abluções. O pátio (Figura 4), além de espaço ordenador, tem importância vital na tradição árabe por se tratar de um local particular que abriga os jardins do paraíso, com elementos como água, sinônimo de vida e purificação, sombra e vegetação, transmitindo ideias de revigoração espiritual e físico. A residência do *Imã* (Figura 5) utiliza brises em madeira, releitura dos muxarabis, que conferem privacidade e conforto.

A sala de orações (Figura 6) possui elementos fundamentais para as mesquitas, como a *Qibla*, parede da mesquita orientada

Figura 4 – Vista do pátio; vista da residência e do pátio; sala de orações, respectivamente



à cidade de Meca, o *Mihrab*, nicho localizado nessa parede, uma porta simbólica para a qual convergem as orações, e o *Mimbar*, púlpito no qual os sermões são dados pelo *Imã*. O centro cultural (Figura 7) abriga funções administrativas, auditório, salas de aula e multiuso, além de uma biblioteca. Nas suas fachadas, foi utilizado um padrão geométrico árabe na forma de brise que confere jogos de luz e sombra ao conjunto. A parede após o *Mihrab* foi fracionada para permitir a entrada de luz natural na mesquita (Figura 8). Uma dessas frações de parede representa simbolicamente o Minarete, elemento utilizado inicialmente para convocar os fiéis para a oração. Percebe-se a hierarquia do volume da mesquita em relação ao centro cultural, evidenciando a importância da função. Optou-se por formas simples para caracterizar o centro islâmico, pois a própria *Caaba* – relíquia sagrada do Islamismo – possui tal forma. O conjunto em concreto armado aparente ressalta o desenho impresso pelas formas de madeira, buscando a maior expressividade dos volumes e a percepção dos detalhes presentes no projeto.

Figura 5 – Centro cultural



Figura 6 – Vista externa leste



Centro Cênico Moinho da Cascata

AUTOR: *Rodrigo Tedesco Guidini*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O Centro Cênico Moinho da Cascata (Figura 1) foi idealizado para servir de sede para um grupo de teatro consolidado na cidade, o Grupo Ueba Produtos Notáveis, hoje com mais de 15 anos de história. O projeto estaria inserido no contexto histórico do Moinho da Cascata, prédio que está inscrito no Livro Tombo do município de Caxias do Sul desde 2002. A história do Moinho da Cascata começou com a chegada do cav. Aristides Germani no então Campo dos Bugres, atual Caxias do Sul, em 1885. Italiano, Germani aprendeu o ofício de tricultor ainda em sua terra natal e trouxe o conhecimento para o Brasil. Em 1891, adquiriu a cascata do então Arroio Marquês do Herval (atual Arroio Tega). No terreno, Aristides construiu um barracão de madeira, substituído posteriormente, no ano de 1905, pela atual edificação em pedra basalto e tijolos de barro que, segundo relatos, foi edificada em três etapas, sendo a primeira delas a porção central do moinho. O moinho foi incluído no Livro Tombo do município em 2001 e, uma década depois, o Grupo Ueba chegou para utilizar o antigo moinho como sua sede oficial. A preservação dos bens tombados só é garantida quando a edificação permanece viva e relevante para o contexto social no qual está inserida, mesmo que readequada a novos usos. O Centro Cênico Moinho da Cascata não só atualizaria o uso da preexistência como também garantiria sua preservação e relevância social.

Figura 1 – Centro Cênico Moinho da Cascata



Figura 2 – Acesso veicular e enquadramento do moinho



Figura 3 – Enquadramento do moinho



O projeto se organizou com um percurso cênico que inicia no acesso (seja ele por meio de modal ativo ou não) e finaliza na chegada ao Moinho da Cascata. Uma nova edificação prismática retangular que se encerra em um cubo perfeito (Figura 2) se fez necessária para acomodar o programa. Para garantir que a nova volumetria não ofuscasse o protagonismo da preexistência, optou-se por uma estética brutalista contida que buscou fazer reverência ao patrimônio histórico com a mimética das esquadrias, do paralelismo entre os volumes e do enquadramento do Moinho da Cascata entre os novos volumes (Figura 2). O programa dividiu-se em três momentos: a nova edificação, as áreas abertas e o Moinho da Cascata. O moinho dá abrigo aos usos públicos, como a um museu da triticultura no RS, uma escola de teatro e um restaurante (Figura 7).

Figura 4 – Foyer e café



Figura 5 – Black box

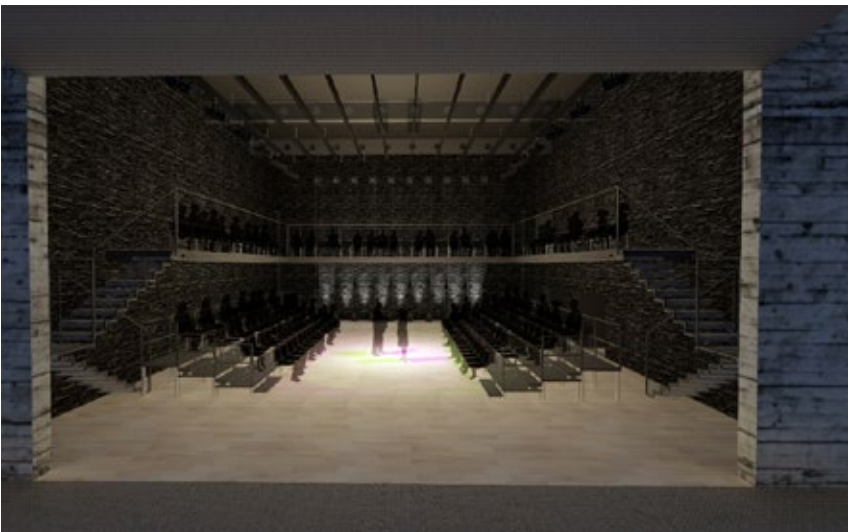


Figura 7 – Taberna



A nova edificação dá espaço para a sede oficial do Grupo Ueba. Nela, seriam executadas todas as tarefas diárias do grupo, como produção e armazenamento de figurinos e materiais de cena, camarins, vestiários, *foyer* com um café (Figura 4), e se encerraria em um teatro tipo *black box* completo (Figura 5) que se abriria ao espaço público. A escolha da caixa cênica se deu devido à característica experimental e subversiva da trupe. As áreas abertas (Figura 6) são parte fundamental do projeto, não só por garantirem o uso como palco pela trupe, mas por fazerem, também, relação com o Arroio Tega (hoje em processo de despoluição) e garantirem um espaço democrático, de convívio e contemplação para a comunidade dos bairros vizinhos. Dessa forma, o Centro Cênico Moinho da Cascata busca garantir a longa vida tanto da trupe quanto da preexistência.

Figura 6 – Relação com os espaços abertos e com o Arroio Tega





O presente é a sombra que se move
separando o ontem do amanhã. Nela
repousa a esperança.

Frank Lloyd Wright

Habitação multifamiliar de interesse social

AUTORA: *Thais Zimmermann Suzin*
ORIENTADOR: *Luiz Merino de Freitas Xavier*

A carência de moradias e a contínua deterioração dos assentamentos humanos são problemas mundiais e recorrentes, afetando principalmente as populações urbanas nos países em desenvolvimento, como o Brasil. A função social da arquitetura e do urbanismo demanda de seus profissionais posicionamento crítico e engajamento nas soluções dos problemas que a eles competem. Portanto, o tema “Habitação de Interesse Social” foi escolhido com o intuito de recusar a ideia de “habitação popular” como habitações pequenas, repetitivas, distantes de equipamentos urbanos, sem identidade, sem preocupação com o contexto espacial e cultural e sem legibilidade, tratadas meramente como a remediação de um problema nunca evitado. O projeto em questão foi desenvolvido a partir de extensa pesquisa bibliográfica e estudo de referenciais, buscando uma forma de prevenir invasões e posterior necessidade de realocação das famílias de baixa renda, incapazes de adquirir moradia no mercado formal, por meio da oferta de moradias de qualidade a baixo custo. O conjunto habitacional multifamiliar foi projetado para a cidade de Caxias do Sul, no bairro Santa Catarina, e complementado por áreas comuns de convivência, lazer, comércio e serviços com o intuito de promover relações com o contexto de inserção e reais possibilidades de convívio urbano, exercendo os princípios da boa arquitetura e do bom urbanismo de forma concisa.

Figura 1 – Perspectiva aérea do conjunto



Figura 2 – Eixo comercial a partir do passeio da Jacob Luchesi



Figura 3 – Bloco E a partir da circulação do Bloco L



Figura 4 – Estar a partir do eixo de circulação



Como conceito do projeto, definiram-se nove pontos-âncora, sendo eles: (a) uso misto – residencial, comercial e de serviços (Figura 2); (b) sustentabilidade – aproveitamento da água da chuva, estratégias passivas de economia de energia, captação e aquecimento solar, bicicletários, ciclovias, separação de lixo, hortas coletivas etc.; (c) conforto térmico-acústico – boa insolação, boa ventilação natural e vedação térmico-acústica; (d) *layout* flexível – flexibilidade dos apartamentos, garantindo configurações adequadas às diversas organizações familiares (Figuras 7 e 8); (e) fachadas dinâmicas – fachadas econômicas, mas ainda assim dinâmicas (Figura 3); (f) baixa manutenção – materiais e técnicas construtivas de baixa e fácil manutenção, gerando menos gastos futuros; (g) tipologias variadas – faixas de renda e grupos familiares diferentes, incentivando uma comunidade balanceada e não segregada; (h) baixo custo – materiais e técnicas construtivas de baixo custo, boa qualidade e durabilidade; (i) densidade – densidade sem exceder altura e evitando a superlotação, a qual desestimula o convívio (Figura 9).

Figura 5 – Pátio de recreação da creche



O programa de necessidades foi elaborado com base nos projetos referenciais analisados e nas demandas presentes no local de implantação, com o intuito de produzir um ambiente completo para os moradores, desde a esfera pública até a privada. Assim, o programa é composto por áreas coletivas internas (Figuras 7 e 8) e externas (Figuras 3, 4 e 6), comércio e serviços (Figura 2), creche (Figura 5) e moradias. Partindo do princípio de que a habitação deve ser bem localizada, principalmente tratando-se de interesse social e considerando que o valor de terreno é um limitador de projeto, identificaram-se lotes bem localizados, mas com preços por m² mais baixos em relação ao restante da cidade. Dessa forma, chegou-se a um terreno localizado no bairro Santa Catarina: um vazio urbano, ou seja, um terreno subutilizado inserido em uma malha urbana consolidada. Por fim, o módulo habitacional foi desenvolvido buscando uma única tipologia de dois dormitórios de *layout* flexível e passível de adaptação para portadores de necessidades especiais (PNE). A segunda tipologia possui a adição de um quarto, sendo três dormitórios, também adaptável.

Figura 6 – Praça principal a partir da rua Pierina Matte Bordin



Figura 7 – Planta baixa do nível +7,00

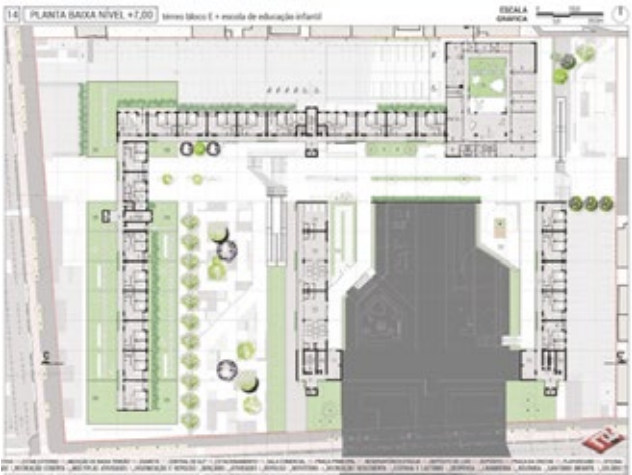


Figura 8 – Planta baixa do nível +10,00



Figura 9 – Corte CC'



Revitalização do patrimônio ferroviário de Guaporé – RS

AUTOR: *Alexandre Concari*
ORIENTADOR: *André Melati*

Localizada entre as cidades de Passo Fundo e Roca Sales, a Ferrovia do Trigo foi um importante vetor para escoamento da produção do Norte do estado ao Vale do Taquari. Construída na década de 1960, suas estações ferroviárias compreendem um rico acervo arquitetônico de estilo moderno, o que ressalta sua singularidade das demais existentes nessa tipologia. O trabalho teve o intuito de reconhecer e valorizar o patrimônio ferroviário junto à estação de Guaporé, seu entorno e contexto. Com a implantação do Trem Turístico dos Vales, sendo este a estação final, e por estar localizado no acesso principal à malha urbana, o projeto abrangeu demandas pertinentes além da edificação, sendo proposto, assim, um parque urbano entre a cidade que contempla atividades de lazer, esportes, descanso e contemplação, não só da estação ferroviária, como também do morro do Cristo, importante ponto turístico do município. Além disso, em relação às preexistências relacionadas à ferrovia, foi proposta uma pousada que alia o resgate da memória e da paisagem à demanda gerada pelo turismo, utilizando as casas dos operários ainda existentes, como bangalôs, e criando as demais edificações de apoio para viabilizar a atividade hoteleira.

Figura 1 – Perspectiva aérea geral do projeto



Figura 2 – Restauro da Estação Ferroviária



Figura 3 – Largo da estação e eixo pedonal



O projeto prevê o restauro da Estação Ferroviária (Figura 2) – junto ao térreo, foram previstos memorial e restaurante, enquanto, no segundo pavimento, a Secretaria de Turismo (bem como a adaptação técnica ao Trem dos Vales). A Estação Ferroviária como a principal edificação do complexo foi o ponto central para o lançamento da proposta, gerando, a partir dela, um eixo principal que conecta desde o mirante de acesso (Figura 4) até o setor de hospedagem ao sul, na porção mais elevada do terreno. Para o largo da estação (Figura 3), foram projetados estares de contemplação, com vista para a ferrovia e para o parque e a cidade; ao longo do eixo pedonal, vão sendo conectadas passarelas que permeiam todos os estares do parque urbano, desde o acesso pelo lado da cidade, passando pelas áreas de esporte e contemplação como o anfiteatro (Figura 5). A partir dele, é possível avistar a estação ferroviária e, ao fundo, o Morro do Cristo.

As estratégias utilizadas em atividades não somente relacionadas ao Trem Turístico garantem viabilidade à proposta, assim

Figura 4 – Mirante com vista do complexo



como segurança e vivacidade ao local, por meio de diferentes usos cotidianamente. Uma delas foi a estratégia na concepção da hospedagem (Figura 7), cuja implantação possibilita o resgate das residências existentes, com privacidade ao uso e estabelece, ao mesmo tempo, conexão entre as instalações comuns (como o restaurante) e o parque, possibilitando o acesso de não hóspedes. Os novos bangalôs (Figura 6) remetem formalmente às antigas residências, mas contemporâneas na sua tecnologia, com o uso de materiais análogos à ferrovia, como o aço, a madeira, o concreto e a pedra. Dessa forma, a proposta da revitalização do patrimônio ferroviário garante a compreensão e a valorização junto à cidade de Guaporé, aos moradores e aos visitantes.

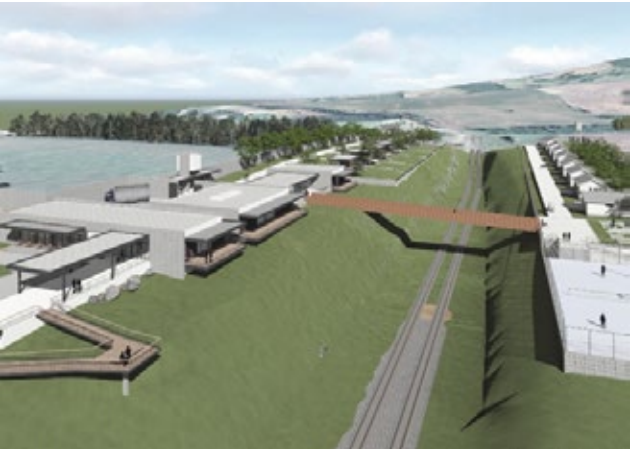
Figura 5 – Anfiteatro no Parque Urbano



Figura 6 – Bangalôs novos e residências existentes



Figura 7 – Vista aérea do setor de hospedagem



Qualificação da rota turística estrada Rio Branco | Museu do Imigrante

AUTORA: Débora Teresa Wolf Rech
ORIENTADORA: Doris Baldissera

Com o início da imigração italiana no Rio Grande do Sul, em 1875, o único caminho que os imigrantes tinham para chegar ao “Campo dos Bugres” era pela via fluvial de Porto Alegre até o Porto Guimarães, em São Sebastião do Caí. E lá permaneciam até que ficassem prontos os baracões e as casas provisórias e fossem feitas as medições de terras. Depois, partiam a pé ou em carroças até a Serra. Este trabalho tem como objetivo desenvolver um projeto de qualificação para a Rota Turística Estrada Rio Branco e do antigo Porto Guimarães, juntamente com a implantação do Museu Tecnológico do Imigrante em São Sebastião do Caí, no Vale do Caí/RS (Figura 1). Com a requalificação das ruas que formam a Rota Turística, o centro histórico passa a ser mais atrativo, reafirmando-se como ponto turístico, comercial e de encontro, trazendo de volta o caráter de espaço público de convivência bem como potencializando seu uso e sua história. Sendo assim, a proposta de qualificação para a Rota Estrada Rio Branco e suas âncoras buscará qualificar o espaço aberto, valorizando sua importância histórica e sua função como ponto de encontro social no contexto da cidade.

Figura 1 – Vistas do Parque e Museu do Imigrante



Figura 2 – Mapa síntese do diagnóstico



Figura 3 – Ancora 1 com Praça Cônego Edvino Puhl



Figura 4 – Qualificação da rota turística Estrada Rio Branco



Após diagnóstico da área de intervenção, como mostra o mapa síntese (Figura 2), foram criadas duas âncoras principais, a primeira em torno da Praça Cônego Edvino Puhl (Figura 3) e a segunda na área do antigo Porto Guimarães (Figura 4), sendo esta o enfoque principal deste trabalho. O museu atual não possui infraestrutura suficiente para receber os visitantes da Rota Turística. Dessa forma, propõe-se uma nova edificação para o Museu Tecnológico do Imigrante junto ao parque na âncora 2. A proposta do Museu do Imigrante é proporcionar cultura e conhecimento aos usuários com a história da imigração e do porto por meio da exposição de artefatos e objetos e da busca pela genealogia dos milhares de descendentes italianos da região. No antigo casarão do Comércio Oderich, será implantado um café que funcionará integrado ao museu.

Figura 5 – Âncora 2 com Parque e Museu do Imigrante



Já o museu ao ar livre será uma fusão de elementos históricos e contemporâneos (Figura 5). O projeto visa: manter a paisagem existente, não alterando bruscamente a topografia para que não se perca a identidade do lugar; respeitar seus elementos históricos e arquitetônicos, incorporando-os aos novos; criar conexões entre os espaços, com novos caminhos (Figura 6); estender o eixo visual da rua Tiradentes, por meio de um mirante elevado que levará o usuário para dentro rio, contendo uma janela didática para ver a escadaria histórica, que estará embaixo (Figura 7). Para os praticantes de *stand up*, será proposta uma plataforma de concreto em forma de escadaria/banco que auxilie na prática do esporte (Figura 8). A Praça de Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 9) possui caráter de uma praça mais seca e, além de ser um espaço de reflexão, contemplação e bem-estar, é um espaço multiuso para a comunidade, podendo sediar diversas atividades cívicas, educacionais, de dança, de teatro, entre outras.

Figura 6 – Âncora 2 com Parque



Figura 7 – Âncora 2 com mirante para o rio



Figura 8 – Âncora 2 com Parque e Museu do Imigrante



Figura 9 – Praça de Nossa Senhora dos Navegantes



Requalificação do Euzébio Beltrão de Queiróz

AUTORA: *Luiza Signori*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

O Euzébio Beltrão de Queiróz é um assentamento autoproduzido da cidade de Caxias do Sul/RS. Sua ocupação teve início por volta de 1920, principalmente por pessoas oriundas de outras cidades em busca de emprego e melhores condições de vida. Trata-se de um núcleo bastante consolidado, marcado pela autoconstrução e pelo trabalho comunitário. São 295 habitações e 772 habitantes no núcleo, que é extremamente denso e segregado em relação ao seu entorno. Diversos são os estigmas que marcam esse território, principalmente o da criminalidade e da violência. Para a elaboração da proposta, utilizaram-se como base as vivências experienciadas no Beltrão por meio de atividades de extensão do TaliesEM – Escritório Modelo da Universidade de Caxias do Sul, principalmente o diagnóstico participativo feito com moradores do núcleo. A partir disso, entenderam-se como principais questões a serem enfrentadas na construção da proposta as relativas à melhoria de conectividade, garantia de salubridade mínima às edificações e criação de espaços abertos. Buscou-se assegurar a preservação da identidade do lugar com intervenções pontuais, enredadas com o tecido existente, que, unidas, pudessem qualificar o todo. O que se propõe é, na verdade, abrir espaços para vozes e narrativas que foram caladas e invisibilizadas: espaços de vida, espaços de liberdade, espaços de esperança.

Figura 1 – Perspectivas gerais da proposta

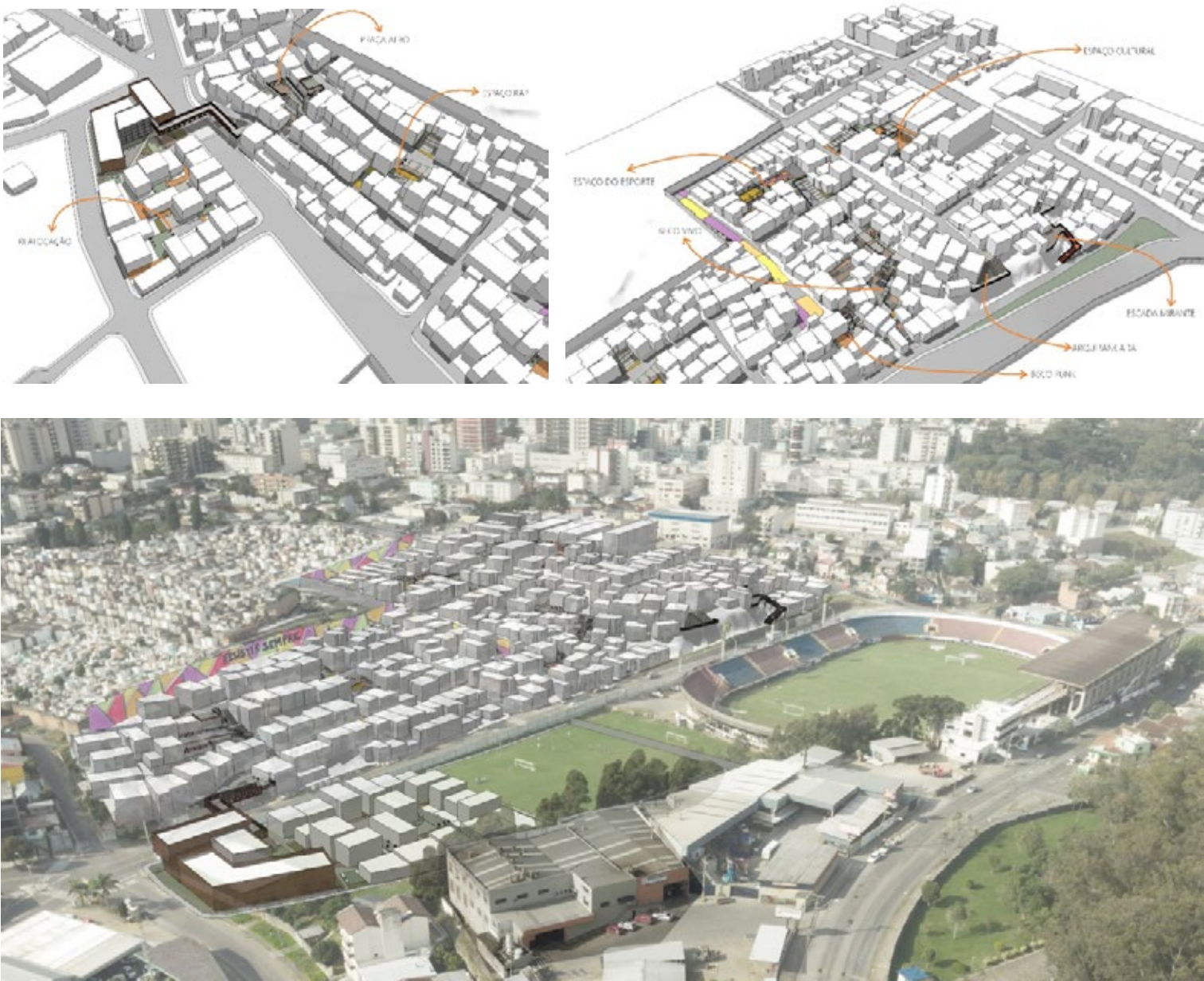


Figura 2 – Realocação, recicladora, escola de samba e passarela do beco



Figura 3 – Espaço Afro e Espaço Rap



A proposta consiste na criação de espaços abertos bem como de um loteamento para realocação, que conta também com uma edificação para abrigar uma escola de samba e uma recicladora, duas demandas existentes na comunidade. As residências realocadas encontravam-se em situação de risco e optou-se pela realocação no terreno mais próximo possível com o intuito de manter ao máximo as relações sociais já estabelecidas. Além disso, a morfologia do loteamento parte da edificação, elemento-chave na paisagem do Beltrão, não no lote. A fim de estreitar as relações entre o bairro existente e o novo loteamento, foi proposta uma passarela, facilitando a travessia. Os espaços abertos foram pensados a partir das existências e resistências do Beltrão. A Praça Afro, além de dinamizar percursos dentro do bairro, abre-se para a manifestação da cultura negra, assim como o Espaço Rap, que garante a possibilidade material de *rappers*, *MCs*, *skatistas* e grafiteiros se expressarem.

Figura 4 – Perspectiva geral dos becos



Os becos são lugares que dinamizam e encurtam os percursos pedonais. A intervenção nesses lugares buscou alargar os caminhos muito estreitos, criar pequenos espaços com patamares, inserir escorregadores ao longo do percurso e trabalhar com escadas arquibancadas. Dessa maneira, eles se tornam espaços de passagem e permanência. Uma arquibancada foi pensada como espaço de encontro e observação de jogos de futebol, prática que hoje ocorre nas lajes das residências. A nova escadaria proposta, que possui um mirante, busca garantir uma outra possibilidade de acesso ao bairro. O Espaço do Esporte conta com uma pequena quadra e uma área aberta livre para a prática de diversos esportes. Já o Espaço Cultural liga o interior do bairro ao Centro Cultural existente, potencializando sua relação com o bairro e permitindo apresentações, feiras e demais eventos.

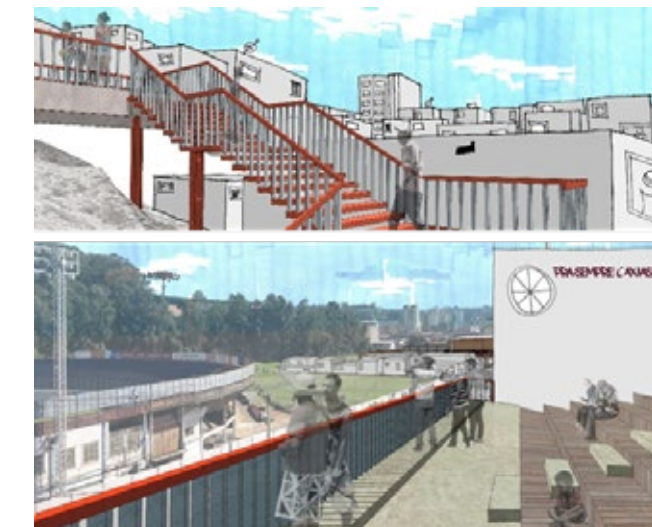
Figura 5 – Beco Funk



Figura 6 – Espaço Cultural e Espaço do Esporte



Figura 7 – Arquibancada e Escadaria Mirante



Complexo Cultural Enoturístico Forqueta

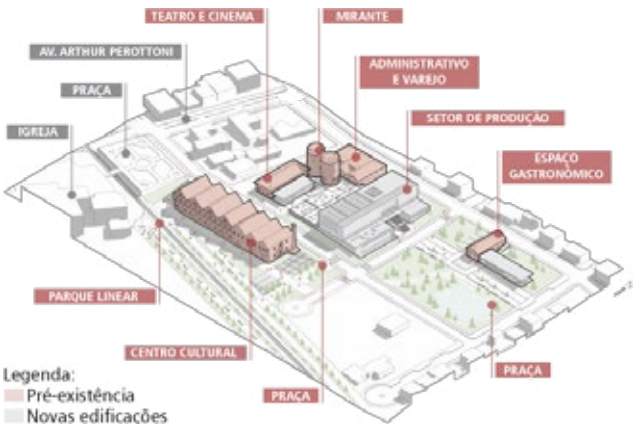
AUTORA: Larissa Guerra
ORIENTADORES: Erinton Aver Moraes e Luiz Merino Xavier

A Serra Gaúcha, onde o projeto está localizado, foi colonizada pelos imigrantes italianos por volta de 1875. Com a sua força de trabalho, a região se consolidou pela produção de uva e vinho, tornando-se uma referência nacional em pouco tempo. O bairro Forqueta apresenta um importante conjunto de patrimônio arquitetônico. O projeto inicia pela percepção de um importante equipamento sociocultural deixado como legado dos imigrantes: a Cooperativa Vitivinícola Forqueta, a primeira do seu segmento na América Latina. A cooperativa foi fundada em 1929 pela comunidade forquetense como uma forma de combater a crise econômica que afetava os pequenos produtores da região. Ela serviu como modelo para a formação de outras importantes cooperativas na Serra Gaúcha. O objetivo principal do trabalho foi a requalificação do patrimônio arquitetônico da cooperativa, restabelecendo o seu conjunto edificado original. Além disso, foi proposto um novo espaço de vinificação, fazendo o contraponto com esse contexto histórico e promovendo novas tecnologias e capacidade produtiva adequada às demandas atuais (Figura 1). Tendo consciência de que esse equipamento é parte de um todo, o trabalho contou com um *masterplan* estratégico para a área denominada “centro histórico” do bairro, a fim de revitalizar espaços que atualmente são inóspitos, resgatar as edificações patrimoniais abandonadas e valorizar ainda mais a região e o turismo local.

Figura 1 – Setor de produção e visitação da nova Cooperativa Forqueta



Figura 2 – Proposta geral do conjunto



Inicialmente, foram definidas diretrizes de intervenção para as edificações existentes: primeiramente, identificaram-se os edifícios de valor arquitetônico a serem preservados; em seguida, foi proposta a remoção de partes não favoráveis ao programa arquitetônico e sem valor patrimonial, gerando espaços para as novas edificações. A composição volumétrica respeitou alinhamentos e alturas delimitados pelos edifícios preservados, gerando um conjunto harmônico e criando eixos visuais que facilitam a legibilidade do espaço pelo usuário (Figuras 2 e 3). O projeto está dividido em três setores: cultural, de produção e gastronômico. Cultural (1): localizado no edifício tombado, busca enaltecer as atividades que hoje já ocorrem nas dependências da cooperativa, como oficinas de música, teatro, dança e o Museu da Uva e do Vinho Primo Slomp (Figura 4).

Figura 3 – Acesso principal ao conjunto



Figura 4 – Centro Cultural, edifício tombado



Figura 5 – Setor de produção e praça de conexão



Figura 6 – Eixo de conexão, visibilidade dos processos



Figura 7 – Setor gastronômico e eixo de conexão



Costurando vazios: requalificação urbana e Centro Cultural

AUTORA: *Daniela Bortolotto*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

As cidades de economia industrial passaram por importantes transformações e, em muitos casos, a desativação de complexos fabris ou mesmo pequenas indústrias, principalmente aquelas localizadas em áreas centrais, acarretaram na formação de vazios urbanos. Áreas com uma dinâmica ativa passam a terrenos ou edificações subutilizadas, em áreas privilegiadas da cidade, ficando atreladas aos interesses do mercado imobiliário. Evidencia-se a necessidade de ocupação desses espaços ociosos, afim de exercerem funções sociais na cidade. Dessa forma, a proposta de intervenção busca resgatar a memória coletiva de lugares e edificações fabris, atribuindo novos usos e qualificando seus entornos.

O presente trabalho tem o propósito de requalificar uma área com vazios urbanos, resultantes do processo de desindustrialização em área central do tecido urbano de Caxias do Sul. O projeto se desenvolve em duas escalas, a concepção de um *masterplan* estratégico e a elaboração de um projeto arquitetônico para um centro cultural e gastronômico, configurando uma nova centralidade no entorno.

Figura 1 – Requalificação e novos usos de edificações industriais em centralidade urbana de Caxias do Sul: perspectiva da Praça Cultural do Complexo



Figura 2 – Masterplan estratégico

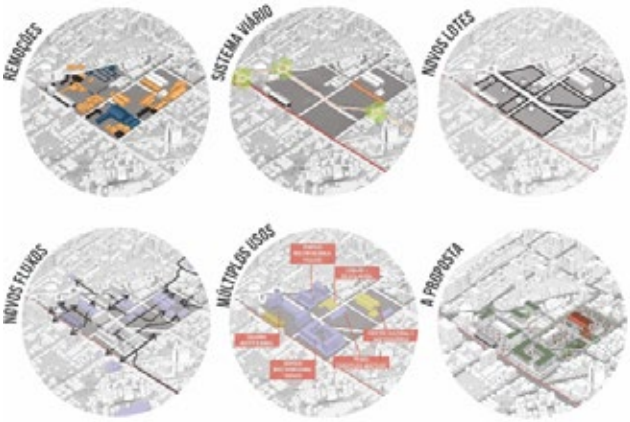


Figura 3 – Implantação da nova centralidade: praça pública e complexo cultural gastronômico



A proposta do *masterplan* tem por objetivo desenvolver um plano urbanístico e arquitetônico sustentável que considere as preexistências, a memória do local, os agentes e as demandas da área, visando à requalificação urbana e promovendo espaços com funções múltiplas – habitação, comércio, serviço, lazer. A partir da concepção do *masterplan*, foi possível delimitar uma nova centralidade para o entorno, configurada pela praça e pelo centro cultural, com a ocupação de terrenos e edificações existentes e subutilizadas, ligadas à memória e ao desenvolvimento industrial do lugar: conjunto da antiga Fábrica de Correntes Sul Riograndense, datado do início da década de 1950. A concepção parte da implantação das edificações industriais preexistentes, criando, a partir desses eixos de acesso, setores e novas edificações.

A antiga fábrica e o escritório receberam os dois principais setores do programa: cultural e gastronômico. As atividades desses

Figura 4 – Relação entre o novo e o existente: galeria e praça cultural



setores propõem usos comunitários e profissionalizantes, atendendo à demanda dos moradores do bairro e da grande quantidade de usuários que transitam pelos equipamentos públicos e privados do entorno. As atividades artísticas da galeria multiuso ocorrem em um único pavimento térreo junto à nova edificação do complexo. A cobertura multiuso junto à praça cria um espaço de encontro e feiras ao ar livre. As intervenções junto às edificações existentes levaram em conta a máxima conservação dos originais, por meio da reparação das patologias e das intervenções reversíveis e com legibilidade, criando novas espacialidades e devolvendo o potencial dos edifícios.

Figura 5 – Novas especialidades no interior da preexistência: setor cultural



Figura 6 – Centro cultural: setor gastronômico



Figura 7 – Espaços públicos abertos e edificados: praça e centro cultural



Qualificação urbana do bairro Industrial

AUTORA: Luana Dalzochio
ORIENTADORA: Doris Baldissera

O primeiro Distrito Industrial do Rio Grande do Sul foi criado em Farroupilha, na década de 1970 – período em que o Brasil vivia o “milagre econômico” –, em local de fácil acesso por rodovias estaduais (ERS-122 e RSC-453) e próximo à ferrovia. A implantação de loteamentos populares para suprir a demanda de pessoas atraídas pela oportunidade de novos empregos deu origem ao bairro Industrial. Este trabalho trata da qualificação urbana desse espaço, aqui compreendido pelo bairro Industrial propriamente dito e os bairros lindeiros a ele, América, Alvorada e Monte Pasqual. A posição geográfica afastada da área central da cidade e a existência de loteamentos populares e muitos edifícios do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), somadas à deficiência de infraestrutura dos bairros e ao crescimento intensificado de assentamentos irregulares, refletem a falta de planejamento urbano e de qualidade espacial para toda a comunidade, o que reforça a segregação espacial e social. As propostas desenvolvidas (Figura 1) nasceram a partir do diagnóstico e, portanto, são pertinentes ao lugar. Buscou-se, sobretudo, unidade e conexão – conectar pessoas, lugares, bairros e cidade; conectar-se entre si e com o todo; unir fragmentos e formar um inteiro; valorizar a comunidade e melhorar a qualidade de vida dos moradores.

Figura 1 – Síntese de *masterplan* proposto para a área de intervenção

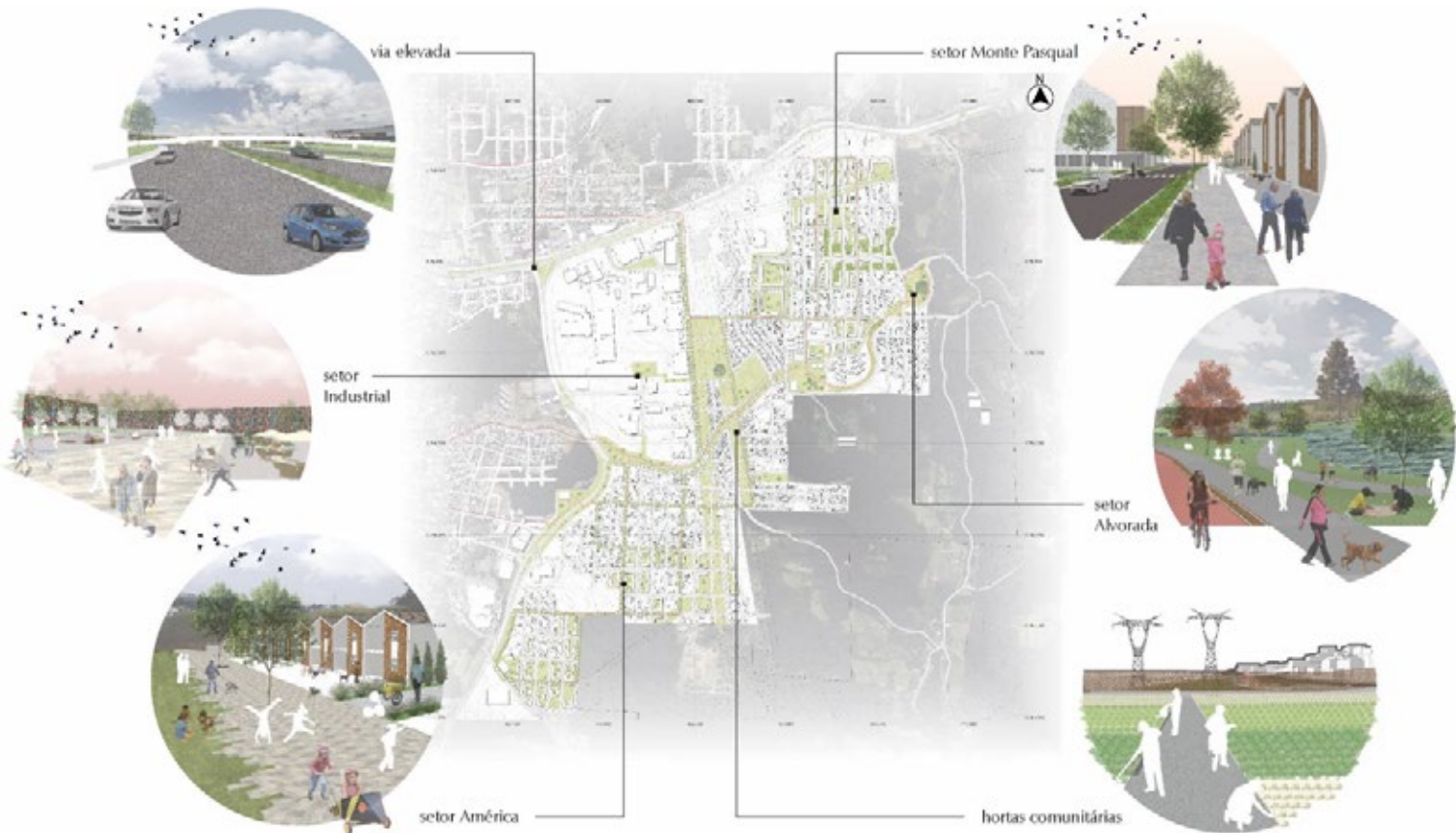
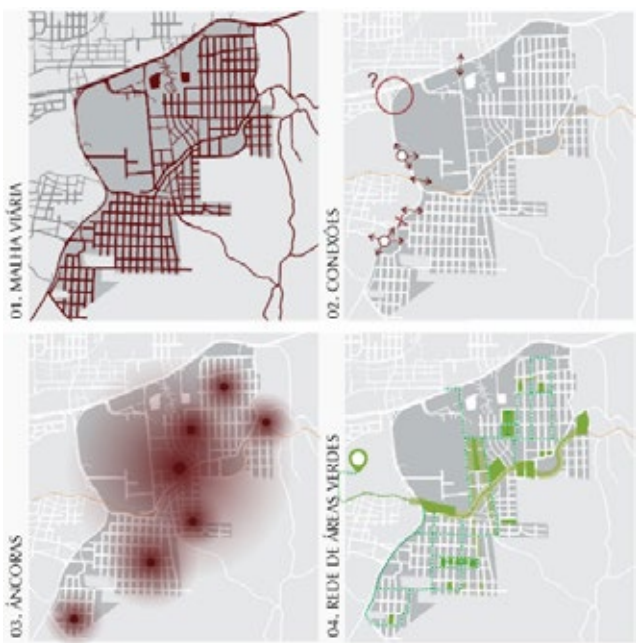


Figura 2 – Espaço aberto com ginásio – setor central



Figura 3 – Princípios norteadores da proposta



O *masterplan* foi norteado pela identificação de diferentes setores dentro dos bairros e estruturado em quatro eixos (Figura 3). Centralidades: âncoras para auxiliar na legibilidade e formação de identidade, reconhecendo e reforçando a centralidade existente e dando condições para a criação de centralidades secundárias e centros de vizinhança (Figuras 2 e 4). Mobilidade: maior legibilidade do traçado e enfrentamento da fragmentação do tecido, estabelecendo novas conexões entre os bairros e novas costuras urbanas com o restante da cidade, além do incentivo ao uso de modais alternativos, como caminhadas e bicicletas (Figuras 5, 6 e 7). Habitação: supressão da demanda habitacional, realocando-se as famílias em assentamentos irregulares para sítios bem localizados dentro da área (não segregados), além de parâmetros para ocupação dos vazios urbanos a fim de atingir o caráter que se pretende para o lugar (Figura 5).

Figura 4 – Espaço aberto âncora – setor central



Estrutura verde urbana: criação de rede de espaços abertos dispersos na área em diferentes escalas (Figuras 2 e 4), com implantação de parque linear ao longo da ferrovia desativada e atividades variadas acontecendo no percurso, atuando como elemento de costura do lugar (Figura 7). Além disso, foram propostas técnicas compensatórias de drenagem visando à sustentabilidade do local, como biovaletas, jardins de chuva e corredores verdes que, juntamente com o parque linear, conectam todos os espaços abertos – elementos integradores (Figuras 5 e 6). As propostas buscaram, essencialmente, potencializar laços e relações, proporcionar espaços que transformem a paisagem do lugar, qualificando-a e, ao mesmo tempo, respeitando o existente, criar conexões para aproximar – eliminando barreiras – e espaços com qualidade para reforçar o conceito de comunidade bem como construir sentido de lugar e identidade.

Figura 5 – Corredores verdes e habitação (HIS)



Figura 6 – Corredor verde com biovaletas e ciclovias



Figura 7 – Parque linear ao longo da ferrovia desativada





Arquitetura não é para ser vista, é
para ser vivida.

Paulo Mendes da Rocha

Requalificação do Centro Histórico de Antônio Prado/RS

AUTORA: Manoella Restelatto Sandi
ORIENTADORA: Doris Baldissera

O trabalho apresenta a proposta de requalificação do Centro Histórico da cidade de Antônio Prado/RS. A área contempla 48 edificações tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) que se encontram, em sua maioria, em mau estado de conservação. O Centro Histórico também é o maior polo atrator de pessoas, por possuir comércio, serviços, residências e espaços de lazer, porém, não proporciona a estrutura necessária para atender toda a população. O principal objetivo do estudo é propor qualidade de vida urbana para os moradores e visitantes com a criação de novos espaços abertos, sem esquecer de valorizar e preservar o patrimônio existente. O trabalho contou com um estudo de teorias e conceitos sobre os temas de preservação histórica, vitalidade urbana e quadras abertas, seguido de um levantamento de dados já existentes sobre o local, novos levantamentos necessários para posterior análise conclusiva destes e lançamento de diretrizes para intervenção no local.

Figura 1 – Criação de espaços abertos nos miolos das quadras do Centro Histórico



Figura 2 – Mapa síntese do diagnóstico



Figura 3 – Diretrizes de projeto



Após o diagnóstico detalhado da área foi possível chegar a uma síntese que revelou as potencialidades e fragilidades do lugar. A partir disso, traçaram-se diretrizes de intervenção:

- revisão do perímetro e diretrizes do IPHAN;
- qualificação dos usos para as casas tombadas que estão subutilizadas ou sem uso;
- valorização das edificações tombadas e dos pedestres;
- preservação da paisagem;
- criação de espaços abertos de uso público;
- padronização das calçadas e mobiliário urbano;
- criação de novas conexões;
- revitalização das escadarias;
- criação de espaços de passagem, lazer e contemplação.

Figura 4 – Proposta de uma quadra aberta



Durante os estudos, percebeu-se uma quadra com maior relevância em função da sua complexidade, dentro da qual se encontram diversos equipamentos urbanos importantes não somente para o Centro Histórico, mas para a cidade como um todo. Além disso, ela abriga uma grande quantidade de edificações tombadas. Esse quarteirão passou por uma análise mais profunda, em que foram propostas algumas remoções para permitir a abertura do seu centro e a criação de novas conexões dentro dele. O grande norteador do projeto foi a sensibilidade de trabalhar em meio a um sítio tombado, respeitando e exaltando o que já é existente no local. Todas as intervenções propostas foram sutis, procurando integrar e valorizar o lugar.

Figura 5 – Qualificação de escadaria existente



Figura 6 – Criação de novas conexões dentro do Centro Histórico



Figura 7 – Abertura dos miolos das quadras para uso público



Revitalização Parque Santa Rita

AUTORA: Tainara Bertuzzi Chiele
ORIENTADORA: Doris Baldissera



Busca-se recuperar os valores paisagístico, estético e turístico por meio de uma releitura de suas origens. Soma-se a essa revitalização a recuperação ambiental da Pedreira Municipal, aliada a um espaço de lazer e entretenimento cultural para os turistas. Para tanto, buscou-se atender, no parque, às atividades de maior carência em nível regional, municipal e urbano, as quais são voltadas a demandas sociais e de lazer. As diretrizes e estratégias adotadas possuem temáticas ligadas à memória do local; à preservação da cultura indígena, uma vez que dentro do parque existe uma aldeia de etnia Kaingang; à recuperação ambiental do parque; e à preservação da função ecológica da área. A intervenção começa de fora para dentro, ou seja, a partir da via de conexão do parque, melhorando sua qualidade ambiental e proporcionando identidade, legibilidade e orientação aos usuários, além da previsão de prolongamento da rede cicloviária que garante um modal sustentável de acesso. Adotou-se o centro do parque como coração do complexo, atuando como uma força que atrai os usos e as atividades propostas, logo todas as atividades se desenvolvem no entorno desse “coração” (Figura 1). Além disso, utilizou-se como premissa para o lançamento do partido o respeito ao existente, de maneira a alterar a menor quantidade de curvas possível, elevando os caminhos do solo; contrastar com o existente por meio de uma geometria regular; conectar as partes proporcionando acessibilidade a todos os usos; e garantir a permeabilidade do solo.

Figura 1 – Croqui da proposta

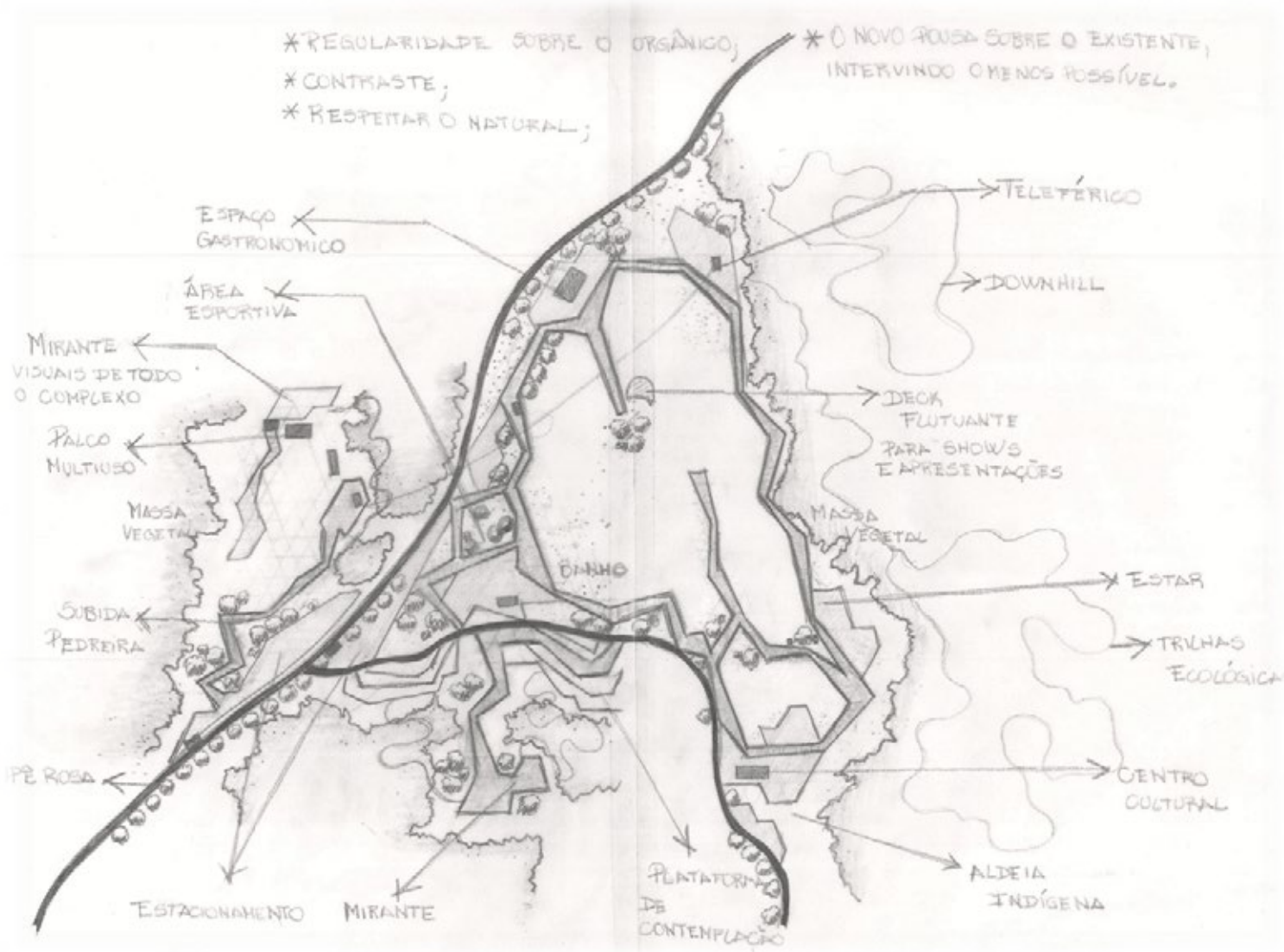


Figura 2 – Planta de implantação



A área do parque possui muitas restrições ambientais, que se tornaram grandes condicionantes projetuais, dentre elas a topografia, com desníveis de até 100 metros (Figura 6), áreas de preservação permanente, preservação da mata nativa e paisagens do entorno. Dessa forma, elevar os caminhos do solo por meio de estruturas metálicas, proporcionando a sensação de que a intervenção pousou sobre o terreno e adotando material drenante e geometria regular, foi a alternativa utilizada para atender essas restrições, respeitando-as. Foram distribuídas, dentro do complexo, 50 diferentes tipos de atividades, incluindo um teleférico e um funicular. Destaca-se que a aldeia Kaingang também se tornará um espaço atrativo do parque, onde foi desenvolvido um centro cultural indígena e uma nova tipologia residencial, melhorando a qualidade de vida da aldeia. A Figura 2 ilustra a planta baixa técnica do complexo, com toda a extensão do parque e suas atividades.

Figura 3 – Perspectiva aérea do complexo



Figura 4 – Perspectiva aérea do setor gastronômico



Figura 5 – Perspectiva aérea do setor esportivo



Figura 6 – Cortes do complexo e detalhe do wetland

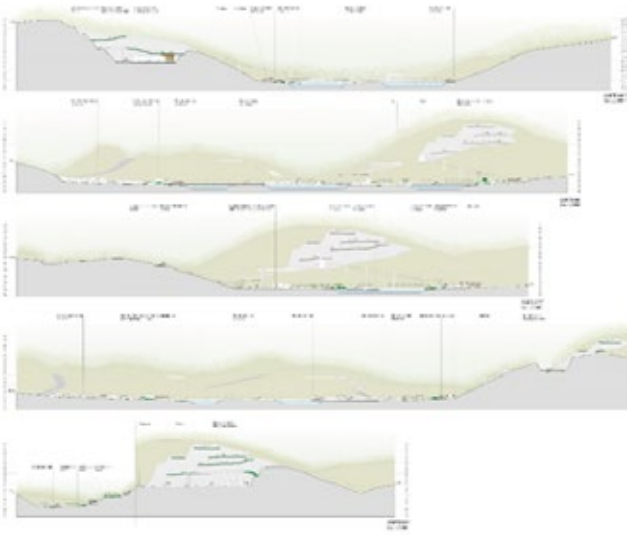


Figura 7 – Perspectiva aérea do museu a céu aberto



Figura 8 – Vista do observador a partir do mirante



Figura 9 – Vista do observador: anfiteatro; espaço gastronômico; perspectiva aérea da aldeia indígena e aldeia indígena, respectivamente



Fundação Paulo Sartori

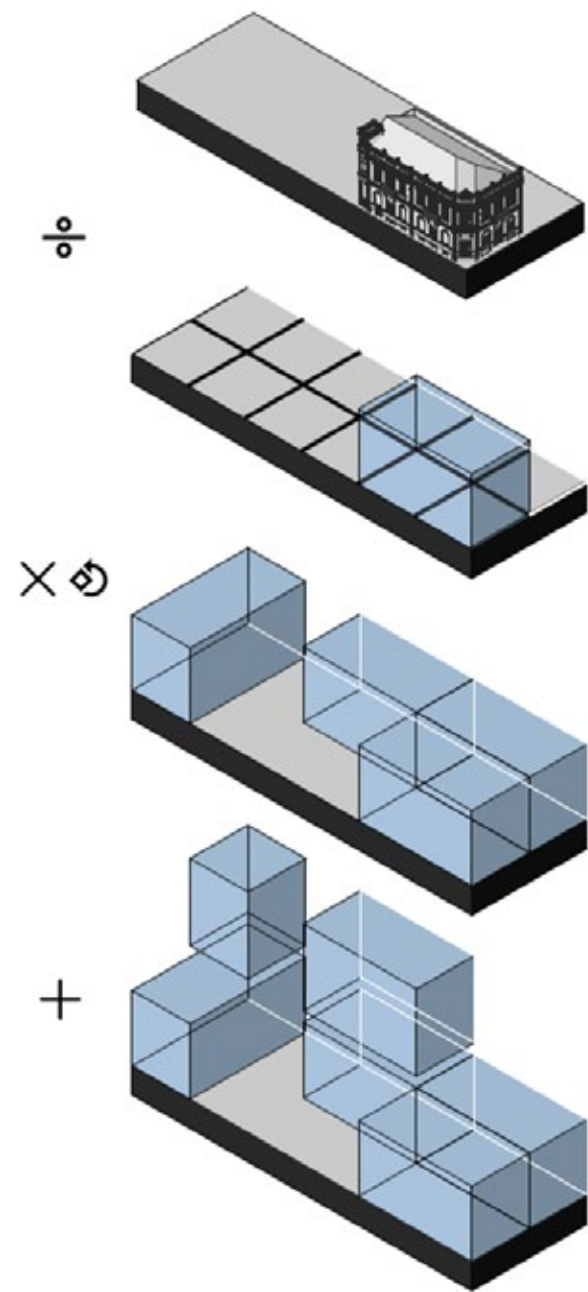
AUTOR: *Elias Vicente Riva*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O colecionador Paulo Sartori possui um acervo de arte de valor inestimável com mais de 150 obras, as quais permitem uma reflexão ampla sobre a produção brasileira contemporânea em algumas de suas vertentes mais significativas. Propõe-se uma fundação com o objetivo de expor o valioso acervo e promover a educação de arte de forma democrática e acessível à população. A Praça Dante Alighieri é um equipamento de grande importância para a cidade de Caxias do Sul, visto que ela e seus arredores configuram a região que primeiro foi urbanizada no município, tratando-se de um local de elevado valor histórico-patrimonial que pode ser considerado o núcleo vital da urbe, mas que atualmente passa por um processo de degradação. A implantação do equipamento cultural ocorre em lotes subutilizados do centro histórico, ao lado da Casa Sassi, construção tombada pelo patrimônio histórico, que é integrada ao complexo. Busca-se sempre respeitar as históricas edificações do entorno, ao mesmo tempo que a nova arquitetura cria contraste por meio da linguagem e das tecnologias propostas.

Figura 1 – Vista geral da proposta



Figura 2 – Diagrama do conceito



A proposta busca criar um espaço democrático e acessível a todos, nesse sentido, são contemplados no programa espaços de lazer e gastronomia. O térreo do edifício é configurado de forma a conectar as duas testadas do lote, abrindo, assim, uma parte da quadra e criando uma área de passagem de livre acesso ao pedestre. As proporções da preexistência são tidas como ponto de partida para a concepção do projeto. Com a adoção desse sistema de proporções, busca-se reforçar o entendimento do complexo como uma unidade. Desse modo, o conceito faz uso das dimensões da casa histórica para estabelecer a volumetria do conjunto, que se dá por modo decomposto e aditivo.

A leitura do lugar tem grande impacto na decisão quanto à implantação do novo equipamento, e os principais pontos considerados são os seguintes: o alinhamento das alturas nas testadas com a preexistência visa estabelecer uma relação harmônica entre os volumes; o escalonamento dos prismas no interior da quadra busca dialogar com os edifícios em altura existentes na região; o pátio da Casa Sassi é preservado para que a antiga residência possa permanecer próxima à sua concepção original.

Figura 3 – Vista isométrica da implantação

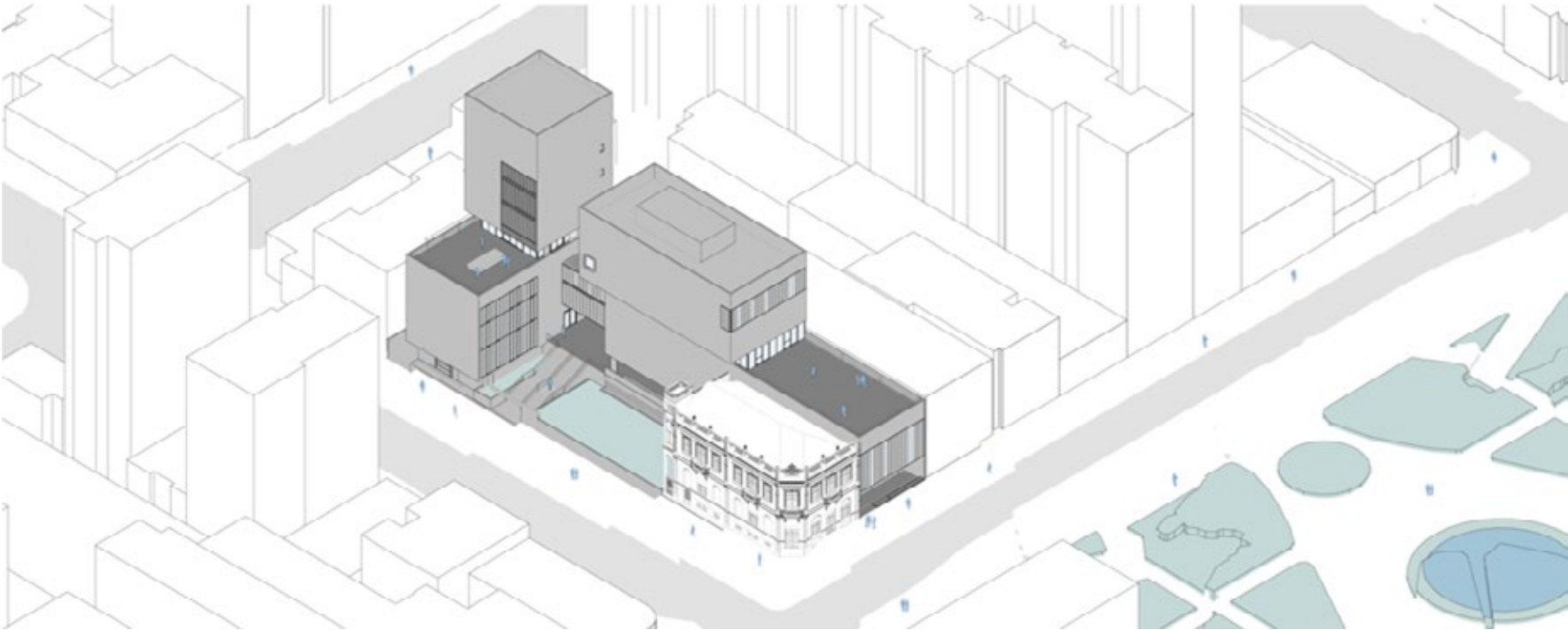


Figura 4 – Fachada sul



Figura 5 – Recepção e conexão entre vias



Figura 6 – Espaço de exposição permanente



Laboratório Industrial I Fablab Caxias

AUTOR: *Guilherme Jaskulski de Oliveira*
ORIENTADOR: *Luiz Merino de Freitas Xavier*

O Laboratório Industrial/Fablab Caxias buscou (Figura 1), com o seu desenvolvimento, favorecer uma inovação ascendente, democratizando a fabricação pessoal e possibilitando o acesso da comunidade a um equipamento que faça a integração econômica e social com todas as esferas interessadas – instituições de ensino, empresas, acadêmicos, recém-formados e comunidade – promovendo, assim, a interação e a socialização para que o processo seja sustentado por várias visões e conhecimentos distintos, sempre buscando avanço tecnológico criativo para soluções de problemas da comunidade, produtos e processos para empresas parceiras, além da realização de pesquisas aplicadas na prática do ambiente acadêmico. A escolha da implantação do equipamento no município de Caxias do Sul parte da associação de um dos maiores polos metalmeccânicos da América Latina, com uma cultura de criação e inovação presente em seus moradores desde a sua colonização em 1875. Com o mercado da cidade desenvolvido e famigerado em âmbito regional e nacional, os enfoques das áreas de atuação do programa do projeto visam trabalhar para desenvolver inovação nessas áreas e capacitar a comunidade para o mercado que a cidade oferta, assim, o projeto proposto terá enfoque no aprimoramento da produção criativa tecnológica para as indústrias metalmeccânicas e de soluções nas áreas da construção civil e design.

Figura 1 – Perspectiva de acesso via rua Dom José Barea, bairro Exposição, Caxias do Sul/RS



Figura 2 – Perspectiva da rua Vereador Mário Pezzi



O projeto do Fablab Caxias consistiu-se em um local com grande relevância histórica para Caxias do Sul, estando presente no entorno imediato do antigo polo industrial da Metalúrgica Abramo Eberle (Maesa). O tema proposto para o equipamento e a história da cidade se misturam na busca por um ressignificado para o conceito de indústria nos moldes atuais. Permanece existente, no local, a antiga construção que abrigava o gerador elétrico do polo industrial da Maesa, o qual é preservado (Figura 2) e passa a abrigar o setor público do novo equipamento proposto, conectando os usuários com as novas possibilidades de criação e capacitação a partir da fabricação pessoal digital que é amplamente difundida nos Fablabs.

Como projeto arquitetônico para o complexo do Laboratório Industrial, foram propostas edificações em madeira laminada colada (MLC) e laminado de madeira cruzada (CLT) (Figura 5), na busca por uma construção totalmente racionalizada e alinhada com diversos aspectos ecológicos que foram amplamente buscados no projeto. O complexo passou a abrigar, nas novas edificações (Figura 6), setores de capacitação profissional e incubadoras para diversos públicos, além de um grande novo espaço público semi-coberto que conecta as edificações (Figura 4).

Figura 4 – Perspectiva do acesso à praça coberta via rua Vereador Mário Pezzi



Figura 3 – Perspectiva a partir da rua Tronca



Figura 5 – Isométrica de estruturas

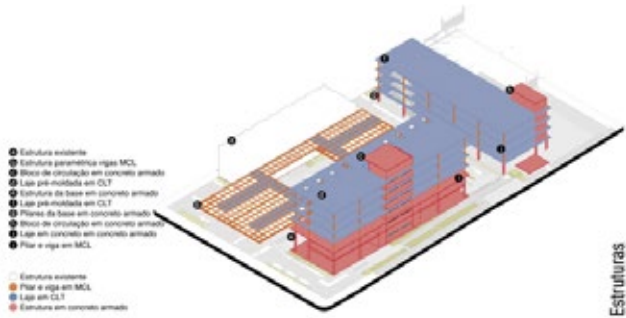


Figura 6 – Isométrica de zoneamento

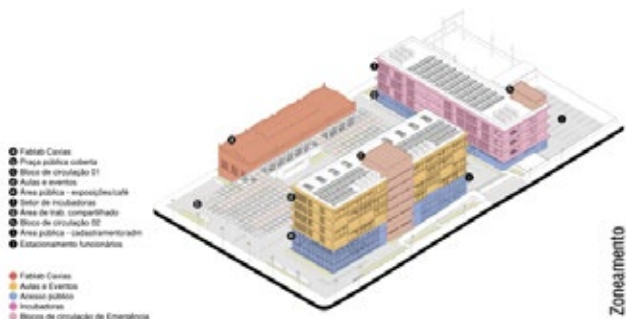
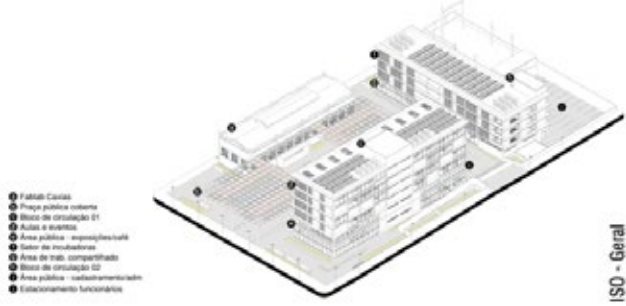


Figura 7 – Isométrica geral



Parque Memorial Boca do Monte: a poesia da paisagem natural e o espaço arquitetônico

AUTOR: *Henrique Zuchetto*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

O Parque Memorial Boca do Monte é um cemitério ecológico e parque natural situado na cidade de Santa Maria/RS, que tem como objetivo principal ressignificar o uso do equipamento cemiterial na cidade contemporânea por meio da tipologia dos cemitérios naturais (*natural burials*) e das relações visuais com a paisagem. Este projeto (Figura 1) traz alguns apontamentos pertinentes quanto à intervenção paisagística – no sentido puro da palavra –, buscando um método de diálogo formal entre o espaço natural e o arquitetônico, agregando valor sensorial ao usuário. Outro diferencial do projeto é a releitura das tipologias cemiteriais historicamente consolidadas na região, identificando-se, com um estudo tipológico e evolutivo do equipamento, padrões de apropriação do lugar vinculados às relações visuais com o entorno. É por meio disso que o projeto propõe certas alternativas formais sobre arquétipos tradicionais, como, por exemplo, o núcleo capela-cemitério-campanário, numa nova leitura desse “tipo”, relacionando-o às Forças do Lugar e ao contexto natural na busca por pertinência e harmonia arquitetônica.

Figura 1 – Visual do mirante do acesso leste da capela mortuária



Figura 2 – Vista da fachada oeste da capela mortuária



Figura 3 – Visuais gerais da capela e do pátio ecumênico



Um dos principais desafios do projeto é trazer o simbolismo necessário para esse uso, vinculado a uma premissa de isenção de símbolos que condicionam a uma religião específica – não se utilizando de uma cruz, por exemplo. A solução encontrada foi um trabalho de manipulação sensível do espaço e da forma por meio de conceitos primitivos de composição: contraste, hierarquia e harmonia. Isso fica evidente no edifício da capela mortuária (Figuras 2 e 3), em que a estrutura monolítica contrasta com a paisagem de entorno, porém cria um “equilíbrio” estético de imponência frente a um contexto de peso equivalente. Isso vale também para o próprio desenho do parque (Figuras 4 e 5), em que essa dualidade fica explícita na intersecção da reta com a curva, com o traçado retilíneo carregando uma imposição virtual de ordem na implantação dos edifícios, enquanto o traçado curvilíneo busca uma harmonia formal e funcional com o relevo – bem característico e íngreme. De forma sutil, o diálogo formal proposto se desenvolve em conceitos de dominância e ritmo, atrelados a uma intenção inicial

Figura 4 – Vista aérea do conjunto e da planta geral



(um motivo ou tema), que, nesse caso, é um ambiente reflexivo, colocando o usuário sempre no limiar paradigmático do construído *versus* natural e, a partir dele, criando situações de exposição e resguarda frente ao tema. Isso ocorre tanto na ideia de percursos arquitetônicos (*promenade architecturale*) quanto nas diferentes interfaces dos edifícios. O edifício-sede (Figura 6), por exemplo, em oposição à capela mortuária, apresenta uma interface de fachada mais permeável, “expondo” o usuário, numa relação mais franca com o entorno imediato. Já na ermida oriental (Figura 7), esse diálogo formal é ainda mais presente e conceitualmente aplicado. A elevação do monolito, juntamente com a materialidade proposta, evidencia uma manipulação racional do objeto arquitetônico frente a um natural intocado.

Figura 5 – Trecho de intersecção dos percursos



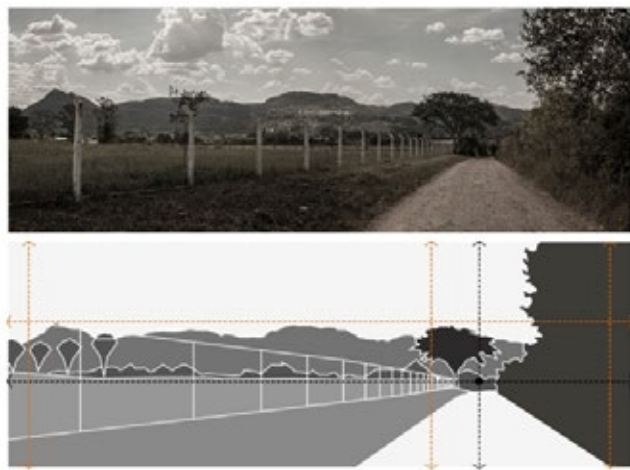
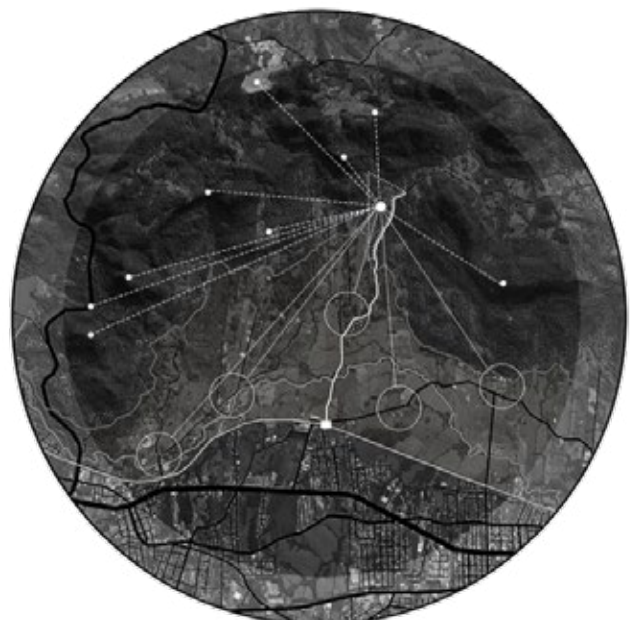
Figura 6 – Visuais gerais da sede social e administrativa



Figura 7 – Vista de uma das ermidas do parque (oriental)



Figura 8 – Estudos de paisagem na macroescala



Um ponto que merece destaque neste trabalho é a paisagem, a qual foi entendida como geratriz, seja na escala de planejamento setorial (Figura 8 e 9), em que se nortearam diretrizes de desenvolvimento para a bacia como um todo a partir do equipamento âncora, ou ainda na escala de espaço aberto (Figuras 10 e 11), em que, sob o viés da manipulação sensível dos percursos, criaram-se “atmosferas”, espaços que, dentro de uma progressão compositiva, fazem com que o lugar participe do projeto, passando ao usuário diferentes sensações e significados. Esse nível de sensibilidade espacial só foi possível graças a uma metodologia de análise visual do espaço em 1ª pessoa, empregada desde os primeiros estudos. Precisamos entender que tudo parte do observador, e é no diálogo com o ambiente que o mundo é construído. O ambiente tem muito a nos dizer!

Figura 9 – Aspectos perceptivos: forças do lugar

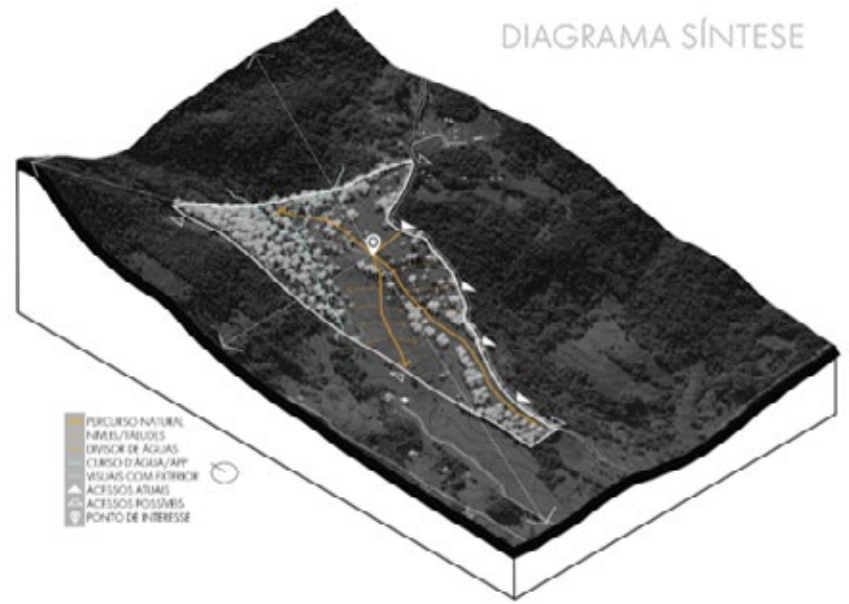


Figura 10 – Diagramas de composição do espaço

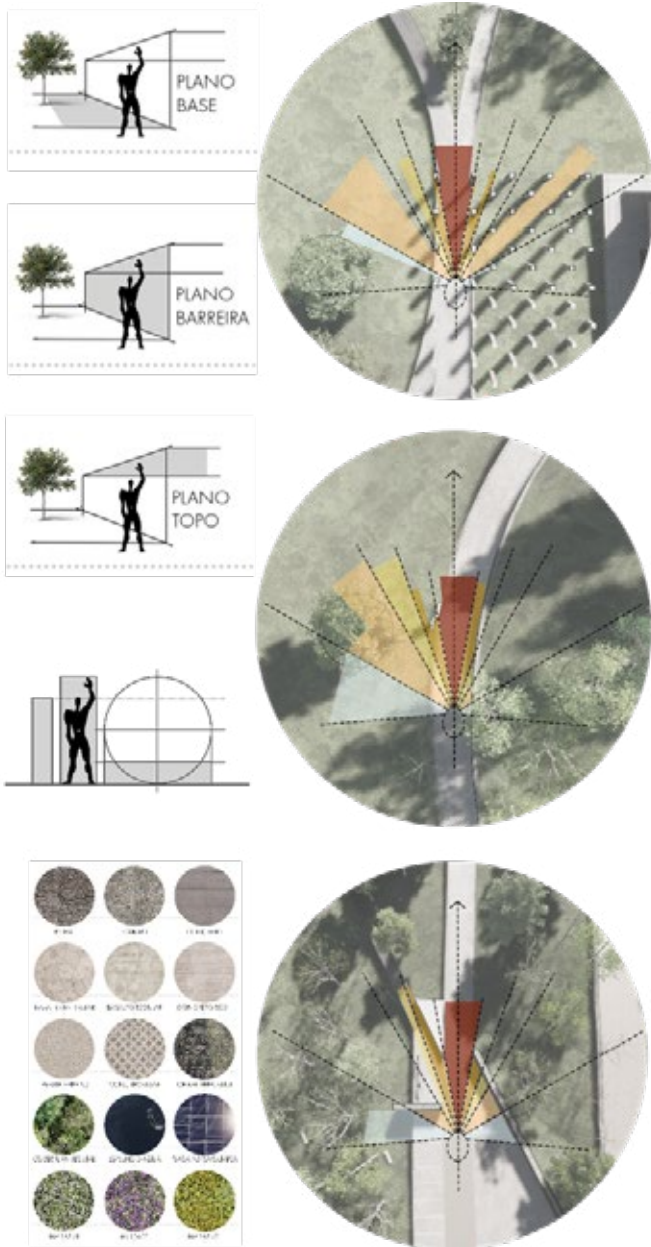


Figura 11 – Resultado final das estratégias compositivas



Complexo dos Capuchinhos: urbanismo como forma de comunicação entre o bairro Rio Branco e a comunidade

AUTORA: *Thaise Zattera Marchesini*
ORIENTADORA: *Nicole Rosa*

Ao visitar o bairro Rio Branco, pode-se observar seu símbolo principal em destaque: a Igreja Imaculada Conceição. É por meio dela e do seu entorno que o morador encontra possibilidades de convívio urbano. A área do bairro, carente de espaços públicos, tem como principal demanda o desenvolvimento de locais para manifestações sociais que viabilizem o vínculo dos moradores e usuários a partir do resgate de memórias afetivas e diretrizes morfológicas de macro a microescala urbana. Assim, propõe-se um *masterplan* para a região (Figura 1), assegurando a permeabilidade e a continuidade do espaço público. Dá-se, nessa perspectiva, um amortecedor entre a vida da comunidade e as atividades dos frades capuchinhos, estimulando a vitalidade urbana e revisitando o patrimônio por meio do trespassar do presente, fornecendo, assim, subsídios para novas perspectivas de espaços de uso coletivo.

Figura 1 – Representação da proposta na Avenida Rio Branco em perspectiva tridimensional



Figura 2 – Estudos de área de abrangência e público-alvo

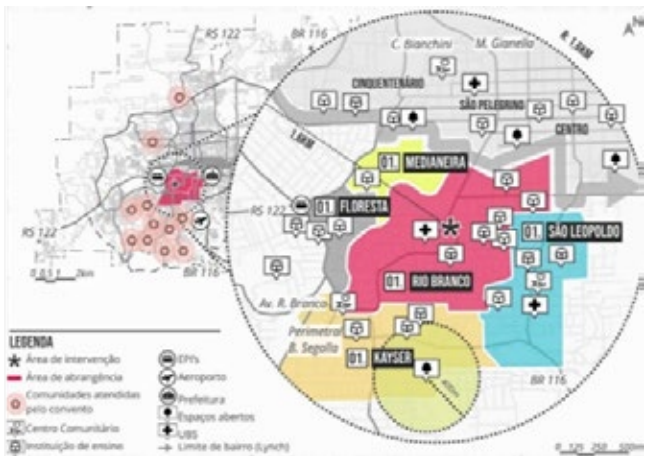


Figura 3 – Representação em planta baixa da proposta em microescala



O presente trabalho se desenvolve em duas escalas: a concepção de um *masterplan* estratégico com o propósito de requalificação e implantação de espaços abertos no bairro Rio Branco em Caxias do Sul; e, em seguida, um projeto ao nível de partido para o quarteirão do Complexo dos Capuchinhos. Evidencia-se a necessidade de espaços abertos no bairro e no setor sul da cidade (Figura 2) a fim de exercerem-se funções sociais na região. Dessa forma, a intervenção busca criar novas dinâmicas projetuais e de vitalidade urbana alinhadas com a concepção de espaços que respeitem a identidade e as preexistências e sejam inclusivos e multifuncionais, considerando a memória, os agentes e as demandas do local. O estudo realizado adotou procedimentos de pesquisa exploratória, levantamentos bibliográficos e documentais, além de pesquisa de campo.

Figura 4 – Representação da proposta



A proposta resultante é apresentada por meio de desenhos gráficos, sendo ilustrados aspectos formais, funcionais e tecnológicos (Figura 3). Adotou-se, como estratégia: reconhecer e acentuar os pontos de acesso do quarteirão, reconhecer as conexões com o entorno, trazer novos percursos e modais, criar conexões internas entre edifícios e espaços abertos – eixos de circulação –, definir diferentes escalas, privacidade e ambientação para conexões e acessos (Figuras 4, 5, 6, 7 e 8). Pensar arquitetura olhando para a evolução urbana a partir da compreensão do espaço como fenômeno cultural é uma importante ferramenta de projeto que possibilitou a requalificação de áreas subutilizadas, inserindo novos usos de acordo com as demandas do bairro e estimulando antigas centralidades.

Figura 5 – Representação da proposta do setor educacional em perspectiva tridimensional



Figura 6 – Representação dos espaços abertos da quadra em perspectiva tridimensional



Figura 7 – Representação do setor de feiras/ eventos em perspectiva tridimensional



Figura 8 – Relação da interação de área externa com a área interna dos espaços em perspectiva tridimensional





A arquitetura é a vontade de uma
época traduzida em espaço.

Mies Van Der Rohe

Centro de contraturno e praça

AUTOR: *Adriel Cardoso de Oliveira*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

Localizado na cidade de Caxias do Sul/RS, o projeto desenvolvido consiste em um conjunto de centro de contraturno e praça. O terreno está localizado no Pio X, um bairro predominantemente residencial com diversos edifícios industriais em desuso, herança de um período em que a atividade industrial era muito forte na área. Uma dessas empresas foi a Metalúrgica Roca, que funcionou dos anos 1950 até os anos 1980, trabalhando com a lapidação de pedra preciosas e semipreciosas. A revitalização de edifícios industriais em desuso pode ser uma ferramenta poderosa para a arquitetura da cidade, valorizando espaços abandonados ou subutilizados, por meio da implantação de programas pertinentes ao local, ressignificando espaços e trazendo qualidade de vida aos moradores.

- O projeto proposto busca atender a três objetivos principais:
1. revitalizar e preservar o conjunto de edifícios da antiga metalúrgica, atualmente ocioso, que faz parte da paisagem urbana e da história de desenvolvimento da área;
 2. oferecer educação integral, funcionando como um equipamento de apoio às escolas da rede pública que atendem principalmente pessoas em situação de vulnerabilidade social;
 3. criar um espaço público de qualidade para a população, contribuindo para a melhoria do entorno e fortalecendo a vitalidade urbana na região.

Figura 1 – Visual da via de acesso principal ao centro de contraturno e à praça



Figura 2 – Equipamentos existentes

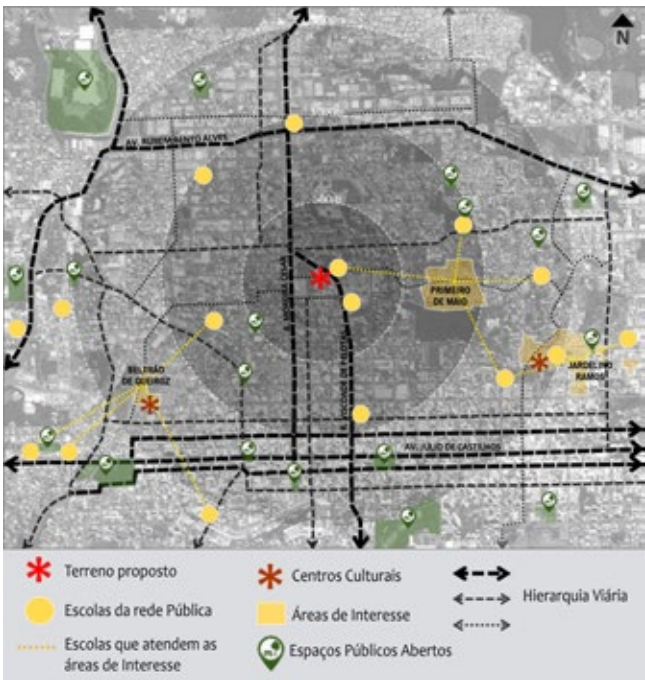


Figura 3 – Terreno proposto e preexistências



O objetivo do centro de contraturno é oferecer um espaço seguro que sirva de apoio às escolas da rede pública, principalmente às que atendem comunidades em situação de vulnerabilidade social, enquanto a praça, que compõe o projeto, supre a carência de um espaço aberto público de qualidade na região (Figura 2). O conjunto proposto faz uso de duas quadras, compostas por quatro terrenos subutilizados. As edificações são, em sua maioria, pavilhões industriais em desuso ou alugados (Figura 3).

Um dos desafios do projeto foi identificar e, de forma criteriosa, justificar a remoção ou permanência das preexistências do local (Figura 4). Para isso, foi realizada uma análise de conservação, estética e formal de todas as edificações. Além disso, foi feita uma avaliação dos valores arquitetônicos, segundo Curtir (2013), que estabelece 11 itens como critérios de avaliação para identificar se objetos arquitetônicos têm ou não valor histórico (Figura 5). O centro de contraturno foi proposto nos terrenos do lado direito, ocupando os edifícios preservados da antiga Metalúrgica Roca. Para atender ao novo programa, foram necessárias algumas intervenções estratégicas, como abertura de janelas na extensão

da fachada oeste, seguindo o padrão do lado oposto do prédio e abertura de portas para possibilitar a circulação e acesso a todos os espaços. O pavilhão principal terá o forro trocado, as telhas (não originais) serão substituídas para melhorar o conforto térmico e acústico, mantendo as claraboias existentes. Buscando a preservação da estrutura original e reversibilidade da intervenção, a estrutura interna terá um afastamento das paredes originais, por meio de solários (Figura 6).

O Manual Operacional de Educação Integral, do Ministério da Educação, serviu como norte para elaborar o programa de necessidades do centro de contraturno, que poderá atender até 400 alunos. Entre os novos elementos arquitetônicos propostos (Figura 7), estão ginásio poliesportivo, fechamento e passarelas de conexão no ambiente escolar. Já, para a praça, foram propostos pórticos para fortalecer a marcação do acesso principal e um

Figura 4 – Edificações a serem removidas

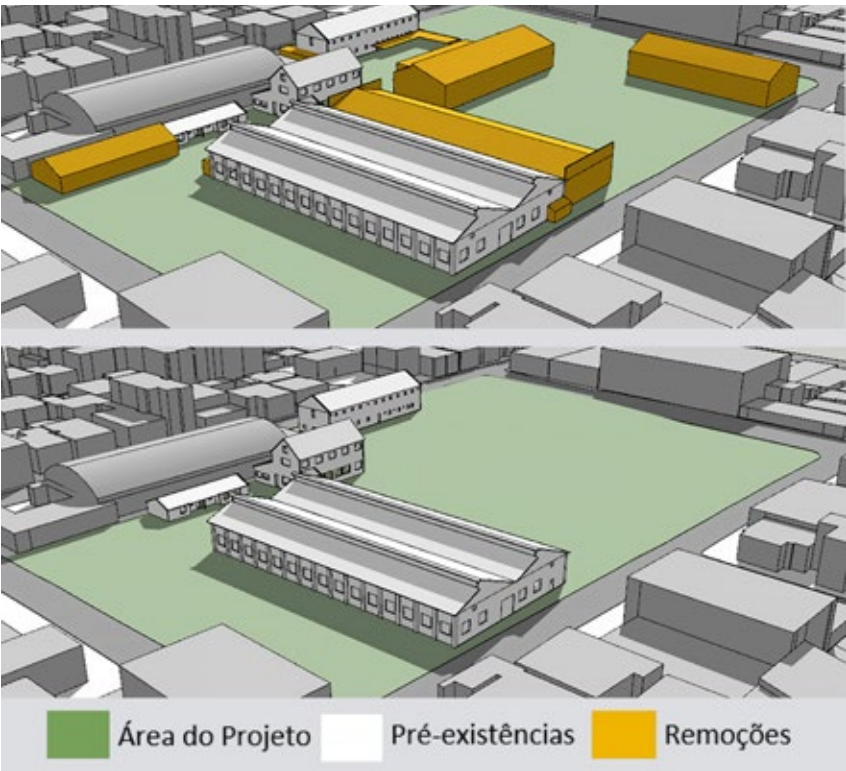


Figura 5 – Exemplo de análise de conservação, estética, formal e valores arquitetônicos de edifícios preexistentes



Figura 6 – Manutenção de edifícios preservados



Figura 7 – Novos elementos arquitetônicos

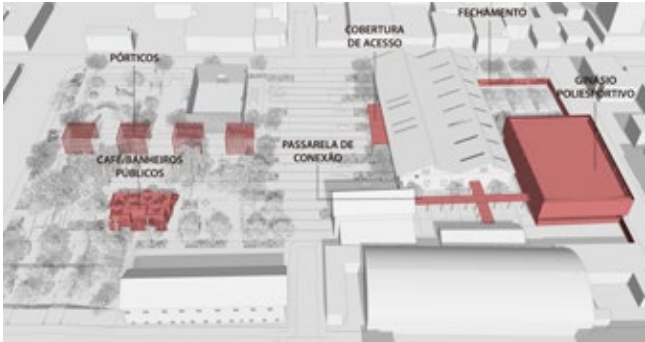


Figura 8 – Visual do café e banheiros públicos ao fundo



Figura 9 – Zoneamento (praça)



conjunto de café e banheiros públicos (Figura 8), para trazer maior uso e vitalidade urbana para o espaço.

O zoneamento do espaço público (Figura 9) mantém as atividades de maior ruído afastadas da área de estudo, enquanto, no espaço escolar, o teatro tem conexão direta com a praça (Figura 10). Para todo o projeto, foi utilizado um sistema de grelha para organizar os espaços. Os eixos de passagem e acesso foram fundamentais na concepção do projeto da praça (Figuras 12 e 13).

Figura 10 – Zoneamento (centro de contraturno)



Figura 11 – Visual geral do projeto



Figura 12 – Princípio de organização (praça)

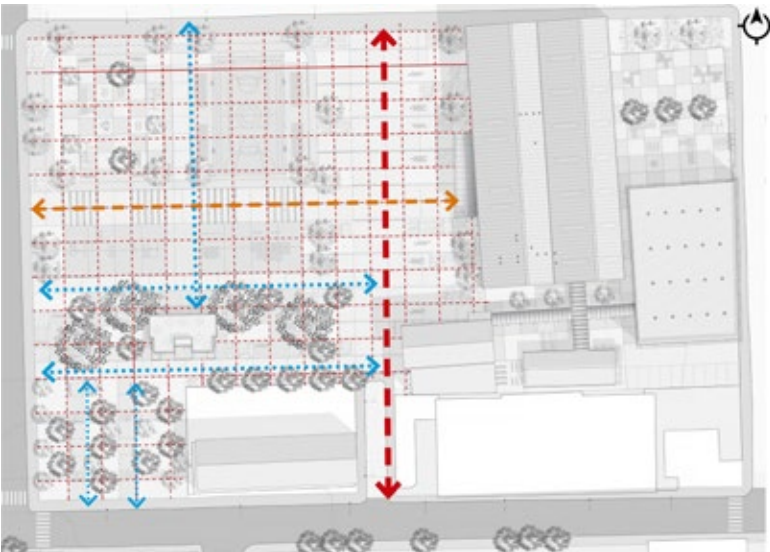
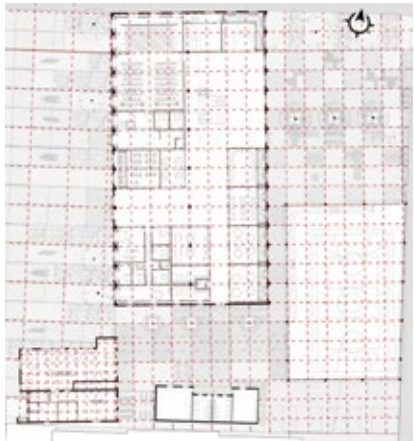


Figura 13 – Princípio de organização (centro de contraturno)



Caps – Centro de Atenção Psicossocial IV

AUTORA: *Amanda Miorelli Bonetto*
ORIENTADOR: *Carlos Eduardo Pedone*

O Centro de Atenção Psicossocial (Caps) da modalidade IV se institui na sociedade como um centro de caráter aberto e comunitário, com tratamento terapêutico para promoção de reabilitação social a indivíduos com necessidade de assistência psiquiátrica e/ou dependência química. A garantia dos direitos humanos é a maior premissa do serviço, por meio de tratamentos humanizados e alternativos, com internação voluntária. O espaço reflete a necessidade do ser humano em estabelecer raízes vitais e dotar significado ao ambiente, sendo o espaço arquitetônico uma compreensão ativa e permanente. A exploração dos recursos naturais nas áreas construídas – tais como integração visual de áreas verdes, conforto visual por meio de grandes aberturas e alta incidência luminosa para aumento da serotonina – resultam em inúmeros benefícios para a saúde emocional e mental.

A forma bruta flutuando pelo terreno por intermédio de pilotis gera a sensação de rigidez espacial, mas de forma leve e permeável. Tal qual o acesso principal concebido por uma grande rampa orgânica, como elemento convidativo para que todos possam acessar e ter a oportunidade de tratamento humanizado e especializado que o centro promove (Figura 1).

No projeto, os espaços abertos foram idealizados para o convívio social dos pacientes – com atividades coletivas e recreativas e contemplação da natureza em todos os visuais. O bem-estar é garantido pelas salas de terapia ocupacional e exercícios, com alimentação e acompanhamento médico, além de espaços determinados para atividades como leitura, música e aprendizado.

A edificação com pátio central (Figura 2) permite a conexão de espaços internos mantendo integração visual, porém, com controle de acessos e limitação de usos. O mesmo integra o blo-

Figura 1 – Fachada: acesso principal com rampa



Figura 2 – Pátio central



Figura 3 – Hall e espaço de espera



Figura 4 – Espelho d’água e pátio central



co administrativo; o social – com receptivo (Figura 3) e salas de atendimento – e a área de convivência com salas terapêuticas e espaços para atividades complementares.

O uso da vegetação como barreira visual e auditiva no exterior da edificação se faz presente em fachadas que tinham a premissa de fazer conexão visual externa. Além do uso abundante de verde nos espaços internos, outro elemento natural se faz presente: o espelho da água (Figura 4). O mesmo agrega fluidez ao espaço, que apesar de uma edificação com linhas retas, flui de forma leve através dos mobiliários e canteiros orgânicos. O contraste em questão é o que caracteriza a solidez da edificação, amenizada pelos espaços abertos e pilotis que sustentam a estrutura.

Além da insolação, o grande condicionante para a implantação do bloco dos dormitórios, é a presença de uma densa mata nativa, resguardada por estar em uma área de preservação. Aproveitou-se desta condição para voltar todos dormitórios com

Figura 5 – Dormitório com varanda externa



suas respectivas varandas para esse visual permanente (Figura 5). Para garantir a segurança dos usuários neste espaço aberto, sem perder a visual externa, e ainda garantir insolação adequada, desenhou-se um brise metálico ritmado transversal, originando o desenho do edifício. A topografia acentuada também permitiu que este grande bloco em questão descolasse sua base, que se sustenta por pilotis de concreto aparente. Abaixo dele se origina um jardim externo permeando de forma orgânica pelo espaço (Figura 6). Os canteiros dão origem aos bancos, que ao se dissipar pelo verde, enfatiza a cada passo a importância de tal conexão com o exterior (Figura 7).

Figura 6 – Bloco dos dormitórios sob pilotis com jardim orgânico inferior



Figura 7 – Pátio externo com traçado orgânico



Parque da Estação Férrea de Nova Sardenha

AUTORA: *Caroline Fachini*
ORIENTADOR: *Luiz Merino de Freitas Xavier*

O projeto do Parque da Estação Férrea de Nova Sardenha propõe a requalificação da antiga estação férrea de Nova Sardenha, em Farroupilha, RS. O objetivo principal é preservar a paisagem histórica e cultural existente e estimular o turismo por intermédio da reativação de um trecho ferroviário para passeios de Maria Fumaça, juntamente com um parque e um espaço gastronômico. A requalificação da estação férrea, a preservação de seu entorno e a volta do trem buscam retomar sua relevância para o desenvolvimento econômico da região. Além disso, resgata a individualidade do local que é feito por meio da compreensão e conservação da sua história, surgindo, então, novas oportunidades relacionadas ao turismo e lazer. Nova Sardenha fica próximo ao Desvio Blauth, localidade que está se tornando um polo turístico e gastronômico, o entorno da antiga estação férrea é um local com forte potencial para se tornar uma área direcionada ao lazer, à gastronomia e à cultura, tudo isso para garantir que sua história não seja esquecida. O projeto é abordado em diferentes escalas, desde a regional até a local, com estratégias e análises específicas em cada âmbito, a fim de garantir infraestrutura e segurança adequadas.

Figura 1 – Parque com a Estação Férrea de Nova Sardenha ao fundo



Figura 2 – Mapa de situação e localização

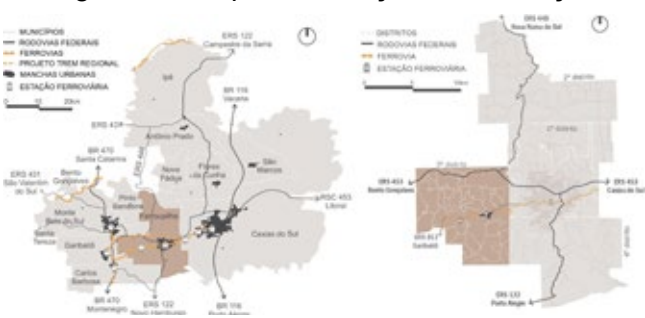


Figura 3 – Mapa de forças, segundo Lynch



Figura 4 – Visual do espaço gastronômico



Estratégias na macroescala se basearam em estabelecer conexões intermunicipais na região metropolitana da Serra Gaúcha por meio de um atrativo turístico regional. Foram propostas intervenções nas estações e nas intersecções com as rodovias, a fim de garantir infraestrutura e segurança adequadas (Figura 2). Na escala municipal, o objetivo foi fortalecer o roteiro “Farroupilha, histórias e memórias” por intermédio do retorno do trem turístico, da reativação da estação férrea, da implantação do parque e da preservação das massas vegetais e corpo d’água. A área em questão foi importante para o desenvolvimento do município, portanto, está presente na memória dos moradores, com valor histórico e cultural, possui significado, imageabilidade, conexões com localidades próximas e seu entorno é rico em paisagens naturais. Por outro lado, ficou esquecida no tempo, com ausência de legibilidade, estrutura e identidade, de acordo com o autor Lynch (Figura 3).

Figura 5 – Vista aérea do Parque da Estação Férrea de Nova Sardenha



A implantação do parque foi definida com base na localização da estação férrea e, a partir disso, os caminhos foram traçados conectando os principais pontos, como escola, igreja, clube de mães e principais vias de acesso (Figura 5). É um desejo muito forte da comunidade e há diversas estratégias e incentivos presente no plano diretor para que isso aconteça. O programa do setor gastronômico abrange cafeteria e restaurante, servindo de apoio ao parque (Figura 4). O setor de serviços conta com oficina de reparos e parte administrativa. A antiga estação férrea retoma seu uso original, juntamente com apoio ao turista e espaço museográfico. Na extensa área verde no entorno da antiga estação, é proposto o parque voltado ao lazer e à preservação, em que os espaços se adequam à topografia, com estares, *deck* com pergolado, *playground*, lago com passarela e áreas verdes (Figuras 6, 7 e 8).

Figura 6 – Visual do parque



Figura 7 – Visual do parque



Figura 8 – Visual do parque



Figura 9 – Situação atual da estação férrea

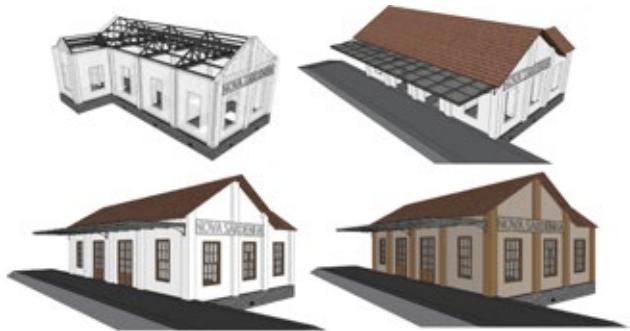


A estação férrea ficou esquecida no tempo e encontra-se degradada (Figura 9). Foram realizados levantamento expedito, análise histórica e evolutiva, tipológica, técnico construtiva e mapeamento das degradações do edifício e, a partir disso, foram estabelecidos critérios de intervenção de conservação e restauração da edificação (Figura 10). Foi concluído que ela ainda não é considerada ruína. Em uma ruína, a grande quantidade de lacunas não possibilita identificar a edificação original. Ela está em processo de arruinamento, porém, não totalmente configurado, ainda não se encontra nesse caso, pois dá para verificar a forma, os espaços, a volumetria, há documentação, fotografias e plantas. É possível reconhecer o todo, portanto, há autorização teórica para intervenção no edifício sob princípios do restauro crítico, o qual permite adições e supressões com estratégias mistas e critérios de legibilidade e reversibilidade.

Figura 10 – Levantamento da estação férrea



Figura 11 – Esquema de intervenções



Dentre eles, a estabilização estrutural por meio da amarração superior das paredes com vigas metálicas (material leve); nova marquise e cobertura em estrutura metálica e fechamento em placas de policarbonato translúcido e, na cobertura, telhas portuguesas; reconstituição por anastilose do piso e forro com madeira de lei de alta densidade e resistência; fechamento dos espaços para recomposição dos vãos e refazer os ritmos a partir da reconstituição por réplica das esquadrias com madeira Cumaru; reparos das fissuras com reaplicação de revestimento argamassado visto que elas apresentam sujidades, deslocamentos e degradações atrópicas; pintura externa e interna com cores originais por intermédio de prospecção (Figura 11). Assim, a estação retoma seu uso e sua importância para a localidade, compondo o Parque da Estação Férrea de Nova Sardenha (Figuras 12 a 15).

Figura 12 – Visual da estação férrea



Figura 13 – Visual da estação férrea



Figura 14 – Visual da estação férrea



Figura 15 – Espaço museográfico da estação férrea



Requalificação urbana do bairro Charqueadas

AUTORA: *Juliana Dal Pont*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

A proposta de requalificação urbana do bairro Charqueadas, localizado na região sudoeste de Caxias do Sul/RS, próximo à ERS-122, visa solucionar problemas sociais e estruturais da área, como a desvalorização da ferrovia, a presença de ocupações irregulares, a escassez de espaços públicos abertos voltados ao lazer, à baixa conectividade viária, à falta de identidade urbana e à segregação espacial em relação à cidade.

O projeto desenvolvido em escala urbana nasce de um diagnóstico de suas potencialidades e fragilidades, identificadas na macro e mesoescala (cidade e bairro), nas quais define as diretrizes de intervenção. O objetivo central é promover uma transformação integrada do bairro, aplicando um conjunto de melhorias, sendo elas: aprimorar a conectividade e infraestrutura viária; promover ruas focando na escala do pedestre, aumentando a segurança; realocar e qualificar as moradias dos residentes das áreas de ocupação irregular; implantar um sistema conectado de espaços públicos abertos; incentivar fachadas ativas e usos mistos nas edificações; e, por fim, fortalecer a identidade e legibilidade local, resultando em melhorias na mobilidade, na qualidade habitacional e nas áreas de lazer, ao mesmo tempo, reforçando a relação dos moradores com o bairro.

Na mesoescala, o *masterplan* se estrutura em três eixos, abrangendo mobilidade, habitação e espaços públicos. O primeiro trata da mobilidade e infraestrutura viária, propondo novas conexões, respeitando a topografia para melhorar a integração espacial e encurtar quadras, incentivando a ca-

Figura 1 – Visual da praça do centro comunitário



Figura 2 – Visual dos corredores verdes



Figura 3 – Planta baixa/masterplan/mesoescala



minhabilidade. Também engloba o redesenho das ruas na escala do pedestre, tornando-as mais seguras, multimodais e favorecendo práticas saudáveis. Para isso, foram definidos novos gabaritos para as vias principais (corredores verdes) que incorporam ciclovias, arborização, mobiliário urbano e pavimentação específica, reforçando a identidade e a legibilidade do bairro.

O segundo eixo corresponde ao sistema de áreas verdes, responsável por organizar e qualificar os espaços de lazer e passagem (Figura 3). Ele compreende o parque linear ao longo da ferrovia (Figura 4), as miniflorestas urbanas (Figura 13), a floresta urbana configurada como parque ecológico e os miolos de quadra transformados em pequenas praças (Figura 5). Esses espaços

Figura 4 – Parque linear



são conectados pelos corredores verdes e pelos respiros urbanos (caminhos peatonais que encurtam percursos dentro das quadras) (Figuras 6 e 7). Em conjunto, essas estratégias ampliam a oferta de lazer e fortalecem a integração do bairro.

O terceiro eixo aborda as edificações. No *masterplan*, o setor é estruturado em unidades de vizinhança, que reúnem três tipologias – casas geminadas, residências unifamiliares e edifícios em barra de uso misto (Figura 8). A realocação das famílias das áreas irregulares segue critérios que orientam a escolha das áreas de remoção, a implantação das novas edificações e a permanência dos moradores próximos ao local de origem (Figura 8). Os edifí-

Figura 5 – Visuais da praça (setor norte)



Figura 6 – Diagrama – respiros urbanos

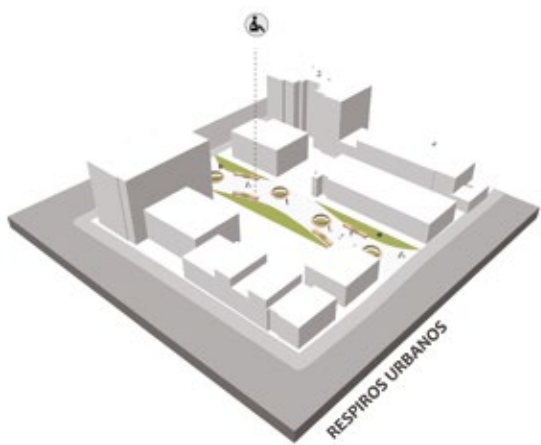


Figura 7 – Visual – respiros urbanos



Figura 8 – Visual das casas geminadas



Figura 9 – Diagrama – praça e edificação do centro



cios em barra ocupam as áreas de menor declividade, enquanto casas geminadas e unifamiliares se acomodam em terrenos mais íngremes, com implantação escalonada (Figura 12). O projeto também inclui novos equipamentos públicos deficitários do bairro (Figuras 9 e 10).

Por fim, o projeto propõe uma reestruturação urbana integrada, qualificando a mobilidade, valorizando as áreas naturais existentes e fortalecendo o vínculo dos moradores com o território por meio de espaços públicos bem estruturados e infraestrutura adequada (Figura 11). Assim, o bairro Charqueadas é requalificado para se tornar um ambiente mais conectado, sustentável e acolhedor, ele-

Figura 10 – Visual – Praça do centro comunitário



vando a qualidade de vida da população e consolidando novas centralidades. A proposta transforma fragilidades em potencialidades, reafirmando o papel do urbanismo como instrumento de inclusão, identidade e melhoria de vida cotidiana.

Figura 11 – Diagrama e visual da praça do setor norte e edifícios em barra



Figura 12 – Diagrama mostrando a implantação das tipologias habitacionais



Figura 13 – Diagrama do setor contendo minifloresta urbana



Centro de Acolhimento para Refugiados e Imigrantes – Carim

AUTORA: *Leilana Ferreira dos Santos*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O Centro de Acolhimento para Refugiados e Imigrantes (Carim) foi desenvolvido para suprir uma lacuna existente em Caxias do Sul, onde não havia um espaço capaz de oferecer acolhimento integral, orientação e integração social aos imigrantes e refugiados que chegam ao município. A partir da análise dos cenários migratórios global, nacional e local, identificou-se que, apesar de ser um polo de atração de migrantes, a cidade dispõe de estruturas insuficientes para recebê-los. Diante disso, o Carim é projetado com o intuito de promover atendimento completo por meio de três frentes principais: acolhimento – oferecendo alojamentos temporários e espaços de convivência; acompanhamento – com suporte social, jurídico, psicológico e orientação profissional e integração –, reunindo ambientes educacionais, culturais e uma praça pública ativa voltada tanto aos imigrantes quanto à comunidade local, estimulando trocas culturais e inclusão.

Além disso, o projeto busca fortalecer a relação entre o edifício e a cidade, utilizando o espaço público como ferramenta de inclusão e promovendo um equipamento humanizado, acessível e capaz de estimular vínculos sociais. Dessa forma, o Carim se consolida como uma resposta arquitetônica e social à demanda crescente por acolhimento.

Figura 1 – Perspectiva geral do acesso principal do edifício



Figura 2 – Diagrama da forma e implantação

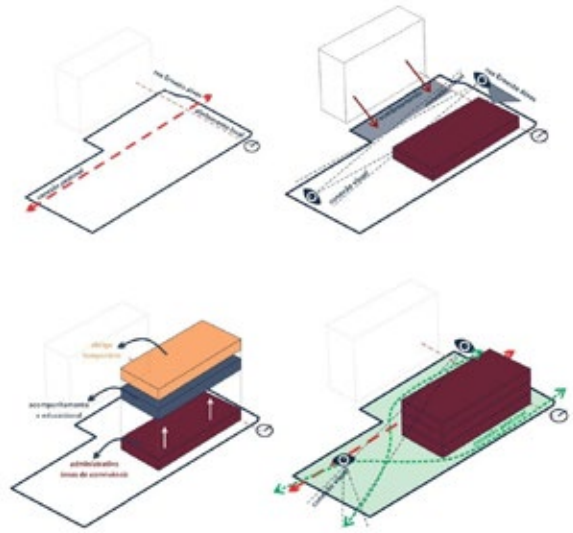


Figura 3 – Visuais gerais da praça



O partido arquitetônico organiza o conjunto de forma a valorizar as características do lote e do bairro. A edificação é posicionada na porção mais baixa do terreno, permitindo melhor aproveitamento dos visuais, da ventilação e da insolação, enquanto a praça atua como elemento articulador entre as vias e como espaço de encontro social (Figura 2). As diretrizes projetuais priorizam caminhabilidade, segurança, permeabilidade visual, conforto ambiental e integração com o entorno. O conjunto busca respeitar a escala urbana e dialogar com as edificações vizinhas, mantendo afastamentos semelhantes, alturas adequadas e volumetria coerente. Complementando o edifício, a praça pública (Figura 3) – que ocupa grande parte do lote – funciona como área de lazer, convivência e circulação, aproximando imigrantes e comunidade local. Além disso, o edifício foi projetado para apresentar grande permeabilidade visual voltada para a praça (Figura 4), reforçando a relação entre o espaço construído e o espaço aberto.

A escolha do terreno e do entorno é parte fundamental da proposta. Localizado próximo à rodoviária – principal porta de entrada

Figura 5 – Perspectiva da recepção



dos imigrantes – o lote oferece fácil acesso e boa conectividade, reforçando a intenção de integrar migrantes e comunidade local. Além disso, o acesso principal do edifício foi orientado para a rua da rodoviária (Figura 5), reforçando essa conexão imediata. O Carim foi concebido não apenas como um centro de acolhimento, mas como um catalisador urbano capaz de revitalizar o entorno e fortalecer a vida comunitária. Dessa forma, além da intervenção no lote, a proposta contempla também a requalificação viária das ruas adjacentes (Figuras 6 e 7), ampliando a acessibilidade, a segurança e a qualidade do espaço público. Assim, o Carim se consolida como um equipamento arquitetônico socialmente necessário, convidativo e urbanisticamente sensível. Seu propósito ultrapassa a simples função de abrigar: trata-se de promover dignidade, pertencimento, oportunidades e trocas culturais.

Figura 4 – Relação de permeabilidade visual



Figura 6 – Diagrama de requalificação viária do entorno

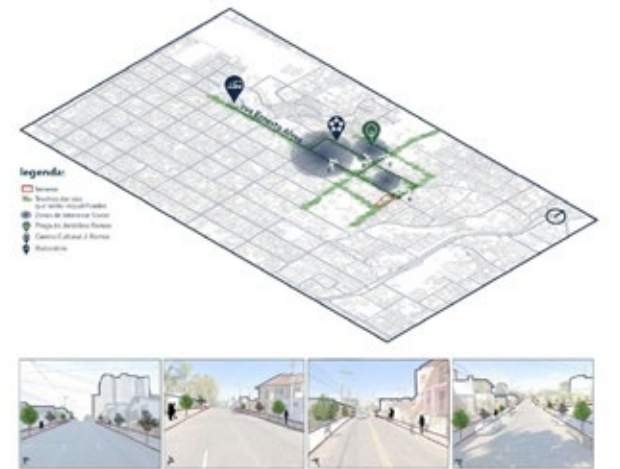


Figura 7 – Visual geral do acesso principal



Arquitetura como motor transformador da economia: Hub Criativo de Farroupilha

AUTORA: *Vitória Maggioni*
ORIENTADOR: *Daniel Reimann*

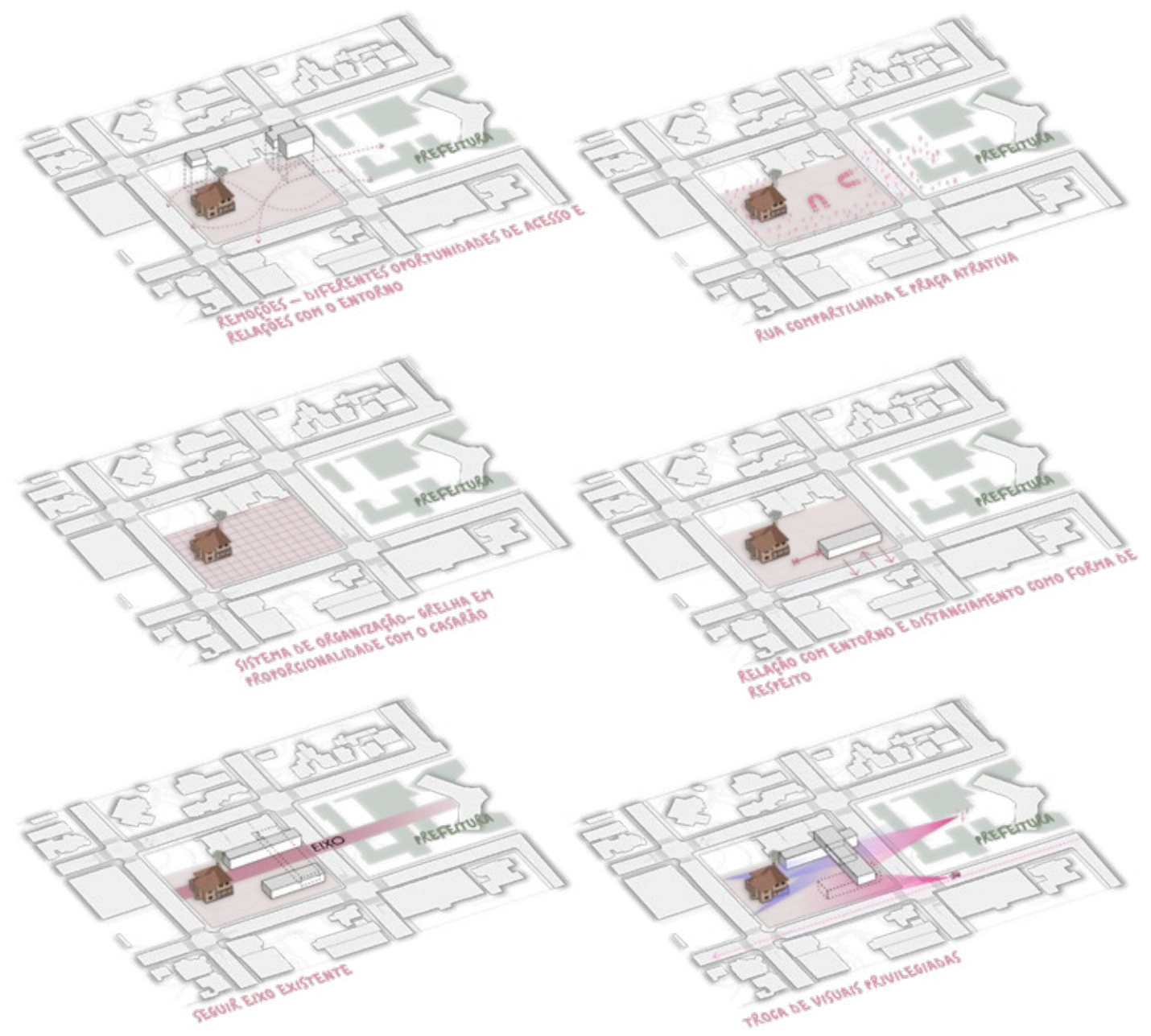
“Criatividade é a inteligência se divertindo” – Albert Einstein.

A economia criativa vem se sobressaindo nos últimos anos pelo seu rápido crescimento. Isso vem em resposta ao que se projeta como futuro para a economia, tornando necessário o surgimento de um espaço que promova o coletivo de profissionais criativos, a fim de que haja o fortalecimento da área e seja possível qualificar os profissionais, principalmente em localidades onde a economia é baseada na indústria e, dessa forma, os desafios econômicos também surgem de maneira severa, como no caso da cidade de Farroupilha/RS, cuja a economia é baseada na indústria de transformação.

Figura 1 – Cruzamento entre a rua Tiradentes e a rua 14 de Julho



Figura 2 – Intenções projetuais



Para a escolha da área de intervenção, foram considerados os seguintes critérios: proximidade com a prefeitura da cidade e das instituições de ensino, espaços culturais, bem como possuir fácil acesso ao transporte público. Outro fator importante foi a busca de conexão com a história local, para que a área de intervenção possua significado e valor aos usuários. Por isso, foi escolhida uma área onde há um casarão, construído em 1946, por um visionário que instalou diversos comércios, no então povoado de Nova Vicenza, apoiando a expansão da nova centralidade que viria a se tornar Farroupilha. Assim, o projeto busca, além de fortalecer a economia da cidade, contar a sua história, unindo os dois símbolos dos paradigmas econômicos que existiram/existem/existirão.

Em um mundo onde as fronteiras físicas se tornam menos relevantes, buscou-se criar um projeto em que o espaço não fosse rigidamente delimitado, permitindo que o visitante fosse convidado

Figura 3 – Cruzamento entre a rua Tiradentes e rua 13 de Maio



Figura 4 – Vista da prefeitura para o casarão



Figura 5 – Vista da varanda do casarão para o hub



Figura 9 – Esquema/fechamentos

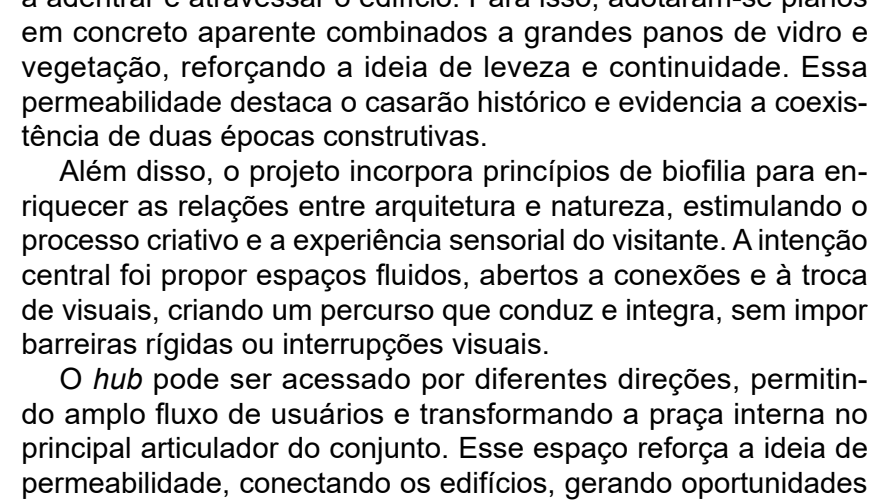
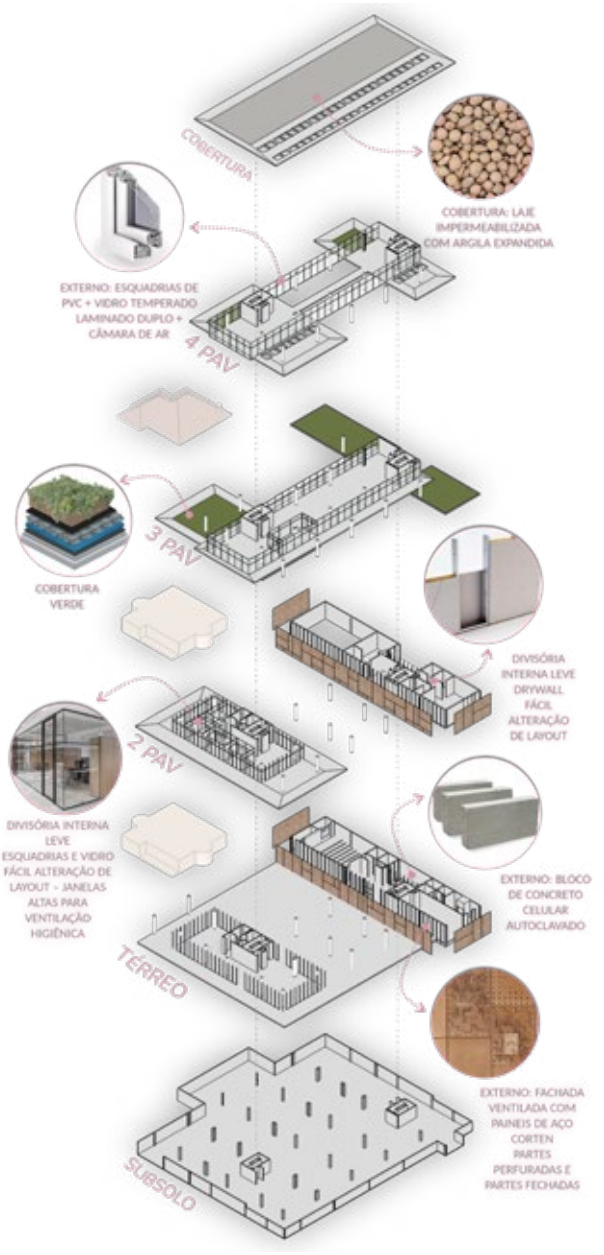


Figura 8 – Coworking



Requalificação Complexo Leonardelli: ressignificando espaços

AUTORA: *Amanda Pioner*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O Complexo Leonardelli constitui uma área industrial subutilizada no centro de Caxias do Sul/RS, configurando-se como um vazio urbano decorrente do processo de desindustrialização. Trata-se de um espaço que marcou o desenvolvimento econômico local e permanece vivo na memória dos moradores, mas que hoje se apresenta abandonado e em avançado estado de degradação. Diante desse cenário, evidencia-se a urgência de reocupar e ressignificar esses espaços, devolvendo-lhes função social e reinserindo-os no tecido da cidade. A intervenção proposta busca transformar o complexo por meio da introdução de novas dinâmicas e vitalidades urbanas, alinhadas aos princípios de cidades inclusivas, multifuncionais e sensíveis às preexistências. O projeto considera a memória, os agentes e as demandas do local, promovendo a integração entre usuários e comunidade a partir de um equipamento que atua como ponte entre passado e futuro.

O resultado é um “organismo único”: um conjunto de espaços públicos que reforçam as conexões urbanas, áreas semipúblicas que estabelecem diálogo entre o privado e o coletivo, e ambientes privativos configurados como espaços compartilhados, respondendo às necessidades contemporâneas de convivência, colaboração e pertencimento. Ao requalificar esse vazio, o projeto devolve vida ao que estava silenciado – lembrando que a qualidade de vida de uma pessoa se mede, sobretudo, pela qualidade do entorno que a acolhe.

Figura 1 – Visual da fachada principal



Figura 2 – Síntese das diretrizes projetuais

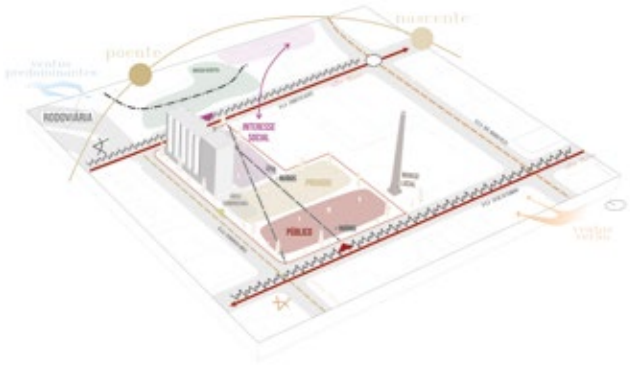
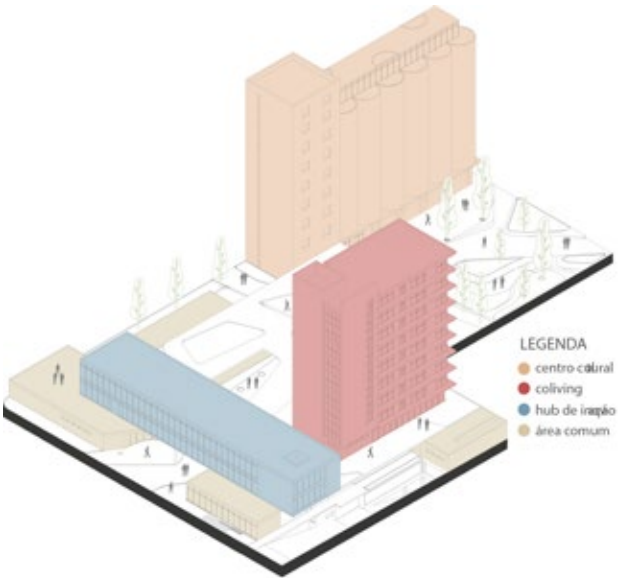


Figura 3 e 4 – Diagrama de zoneamento



Um dos principais desafios da intervenção foi identificar as demandas do local, de modo a gerar vitalidade urbana e qualidade de vida para seus usuários. A identidade única da área também foi considerada, sobretudo por sua localização na cidade: inserida entre importantes conexões viárias, próxima a um equipamento de grande fluxo – a rodoviária – e situada em um território de interesse social marcado pela carência de espaços públicos de estar qualificados. A partir da leitura e interpretação do diagnóstico do local, elaborou-se uma síntese (Figura 2), que reúne as características do entorno, seus condicionantes e demais fatores incidentes sobre o local, que influenciam diretamente nas decisões projetuais. Com base nessa análise, foi estruturado um programa de necessidades que considera tanto as demandas contemporâneas quanto as preexistências do complexo (Figura 3): Espaço Cultural: composto por áreas multiuso para exposições, oficinas, aulas e eventos; Espaço de Inovação: formado por *coworking* e incubadoras de *startups*, incentivando a economia local; Espaço de Moradia: por meio da implantação de um *coliving*, reforçando a lógica da economia compartilhada e garantindo movimento contínuo ao conjunto; Áreas Comuns: destinadas a conectar todos os setores, incluindo restaurantes, auditório, palco aberto e espaços de apoio e serviços; Praça Pública: criada para suprir a carência de espaços de convivência, oferecendo áreas verdes de permanência, passagem e múltiplos usos, consolidando-se como um espaço ativo e catalisador da vida urbana.

A concepção formal (Figura 5) nasce da implantação de um volume robusto, que respeita as diretrizes do Plano Diretor e otimiza o uso do lote. Inspirado na “lógica da quadra aberta”, esse volume

se desdobra em blocos permeáveis, permitindo fluxo, visuais e movimento. Os silos (preexistência), por sua importância simbólica e histórica, são preservados e ressignificados como Centro Cultural. Já os volumes de inovação e moradia alinham-se ao traçado urbano existente, estabelecendo um diálogo com o passado industrial. Para unificar todo o conjunto, uma laje elevada costura o novo e o antigo, formando uma praça coberta que conecta todas as zonas do complexo e consolida o projeto como um *organismo único*.

Localizada de forma estratégica – próxima às áreas de interesse social e à rodoviária –, a praça envolve os silos e se abre para a cidade, convidando especialmente os usuários mais carentes a ocupar e vivenciar esse novo espaço urbano (Figura 4).

A preexistência destaca-se por sua relevância social e cultural, constituindo um elemento ativo na identidade do lugar. As intervenções foram cuidadosamente pensadas para resgatar e reafirmar sua importância histórica.

Figura 5 – Perspectiva aérea do complexo



Figura 6 – Diagramas da concepção formal

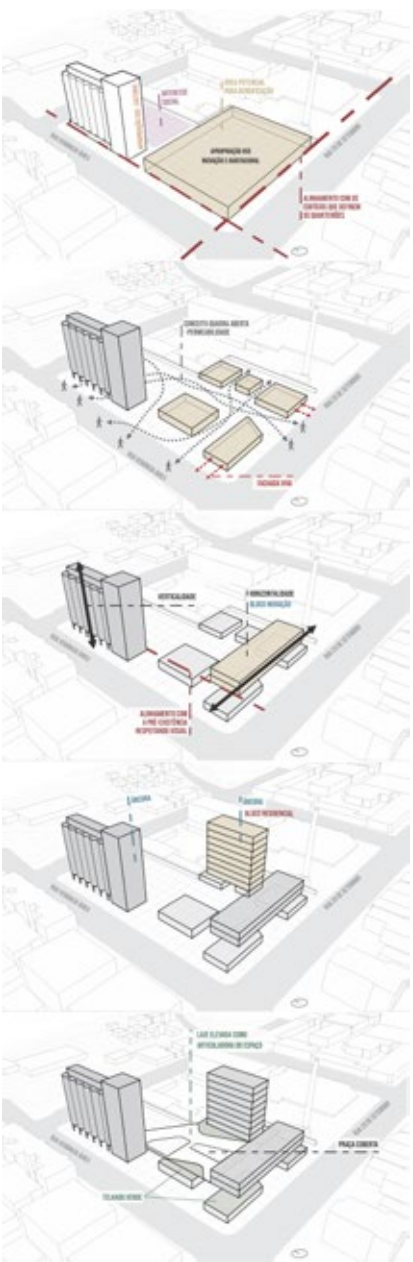


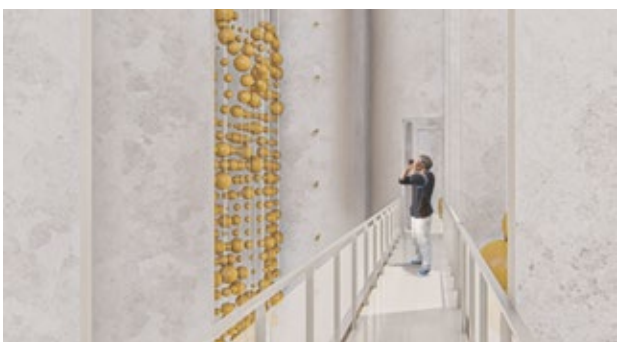
Figura 7 – Visuais gerais dos silos



Figura 8 – Visuais gerais dos silos



Figura 9 – Visuais gerais dos silos



Embora não desempenhem mais a função original de armazenar grãos, os silos passam a acolher memórias. Seu interior, antes inacessível, transforma-se em espaço de experiência: trechos da estrutura foram cuidadosamente removidos e passarelas incorporadas, convidando o visitante a transitar entre passado e presente. Rasgos e aberturas foram inseridos permitindo permeabilidade e visuais únicos que revelam a potência dessa tipologia única (Figura 6).

O térreo, finalmente aberto ao público, fortalece a vida pedonal e reconecta o edifício à cidade (Figura 7), enquanto a cobertura, agora acessível, converte-se em mirante – um ponto de contemplação onde o horizonte se integra à experiência arquitetônica.

Os visuais também foram um ponto de destaque neste projeto. Cada espaço nasce da perspectiva de quem o vivencia: o olhar do usuário é o eixo que orienta formas, percursos e atmosferas. As curvas e formas orgânicas, assim como a presença de áreas

Figura 10 – Visual do térreo dos silos



verdes e o uso de materiais naturais (Figuras 8 e 9), não foram escolhidas apenas pela estética, mas pela forma como dialogam com corpo e mente. Esses elementos evocam serenidade, criam vínculos afetivos e ampliam a sensação de pertencimento – condição essencial para que um lugar seja vivido de forma plena e contínua. Quando as pessoas se reconhecem no espaço que habitam, sua qualidade de vida aumenta. Por isso, compreender que o bem-estar cotidiano está intrinsecamente ligado à qualidade dos espaços urbanos não é apenas uma diretriz projetual, mas um compromisso social. Este projeto busca fortalecer a vida que pulsa ao seu redor, qualificando o cotidiano dos moradores do entorno e oferecendo à cidade espaços públicos dignos da memória coletiva.

Figura 11 – Visual geral do complexo



Figura 12 – Visual geral do complexo



Figura 13 – Visual geral do complexo



Figura 14 – Visual interno do complexo



Reconexão e identidade nos espaços urbanos

AUTOR: Bruno Guilherme Fabro
ORIENTADORA: Nicole Rosa

A proposta de requalificação da área central de Farroupilha/RS busca estabelecer uma malha de pontos de interesse cultural, visando reforçar o vínculo intra e interterritorial e a imageabilidade da região. Para tanto, preconiza-se o impulso das matrizes ocupacionais do território por meio da concepção de espaços âncoras que, atuando como marcos e nós, estimulem as conexões com outros pontos de interesse e edificações, aumentando, assim, a legibilidade e a vitalidade urbanas. O foco está na escala humana e na qualidade do espaço público, intercedendo entre os diversos públicos ou interesses dos ambientes já consolidados, como um ato de inclusão e apropriação social, atraindo o prazer pelo viver urbano e ativando a vitalidade e a segurança da área, com uma paisagem urbana que seja legível e arquitetada em história.

Figura 1 – Fachada norte da âncora principal (Moinho Covolan)



Figura 2 – Vista aérea isométrica da área de intervenção



Figura 3 – Playground e Espaço Pet



O projeto fundamenta-se na transformação da área central, buscando atuar sobre a estrutura existente e a experiência urbana. Inicialmente, estabelecem-se conexões externas, onde a âncora (Figura 1) atua como um elo espacial, conectando-se aos demais equipamentos culturais da cidade como um todo. Já olhando para dentro do recorte da intervenção propriamente dita, a estratégia de fluxos e conexões internas complementa essa visão ao tecer uma rede de caminhos clara e compreensível, priorizando o movimento de pedestres para ligar os principais pontos de atração da área. Assim, o desenho urbano é guiado pelo princípio ordenador, o qual irradia a partir da edificação histórica do moinho (Figura 2) e assegura que as intervenções se insiram de forma harmônica a partir disso. Para viabilizar essa permeabilidade, o projeto prevê remoções estratégicas de edificações que comprometem a fluidez e a visão espacial, liberando, assim, vazios urbanos. Esses e outros vazios já existentes são imediatamente capitalizados por intermédio da sua ocupação qualificada, dando origem a novos espaços públicos (Figuras 3), praças e áreas verdes (Figuras 4 e

Figura 4 – Praça para apresentações junto à fachada sul do moinho



5), o que contribui diretamente para a melhoria do microclima e da qualidade ambiental. A inclusão de novas edificações (Figura 6 e 7) também é feita em pontos específicos, reforçando os usos e o zoneamento misto (residencial, comercial, institucional) para garantir o dinamismo 24 horas e a segurança, sempre mantendo a escala local, bem como o respeito ao patrimônio histórico. Por fim, a materialidade, a vegetação e a forma reforçam a identidade local, com o uso de materiais vernaculares, de espécies nativas, e também conferindo ao projeto uma expressão acolhedora, adaptada à topografia e focada no conforto e na experiência sensorial do usuário.

O urbanismo deve ser feito por pessoas e para pessoas, é por meio dele que defendemos nossas ideias e valorizamos o bem-estar da social, olhando para o futuro e respeitando nosso passado!

Figura 5 – Complexo gastronômico



Figura 6 – Enoteca, restaurante e auditório



Figura 7 – Centros comerciais



Qualificação urbana: assentamento autoproduzido Canyon

AUTOR: João Vitor Berté Martini
ORIENTADORA: Terezinha de Oliveira Buchebuan

Este trabalho aprofunda a qualificação de espaços abertos residuais como estratégia para fortalecer a participação comunitária e promover melhorias urbanas por meio de soluções construídas a partir das potencialidades locais.

O estudo tem como objeto o projeto desenvolvido no Núcleo Habitacional Canyon, comunidade localizada em Caxias do Sul, na Serra Gaúcha, que abriga aproximadamente 1.300 moradores distribuídos em 400 domicílios, ao longo de uma área de 13 hectares. Trata-se de um território marcado pela presença de áreas de preservação permanente (APP) e zonas de risco, características que agravam sua vulnerabilidade socioambiental.

Situado nas margens do perímetro urbano de Caxias do Sul, o Canyon apresenta áreas de risco suscetíveis a desastres e famílias em situação de extrema pobreza. Nesse contexto, o objetivo principal deste trabalho consiste em qualificar o lugar, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e para a redução da exposição aos riscos que afetam diretamente os moradores. Para isso, foram elaboradas estratégias de desenho urbano articuladas ao diagnóstico participativo, resultando em uma intervenção que abrange todo a área estudada e prioriza a qualificação de espaços abertos residuais, pensados para que os moradores atuem como protagonistas na execução das melhorias, utilizando soluções desenvolvidas no próprio local. Essas pequenas melhorias são capazes de fortalecer o sentimento de pertencimento, valorizar o lugar e potencializar toda a trajetória de mais de 35 anos de luta da comunidade pelo acesso a direitos humanos básicos e por condições melhores de vida.

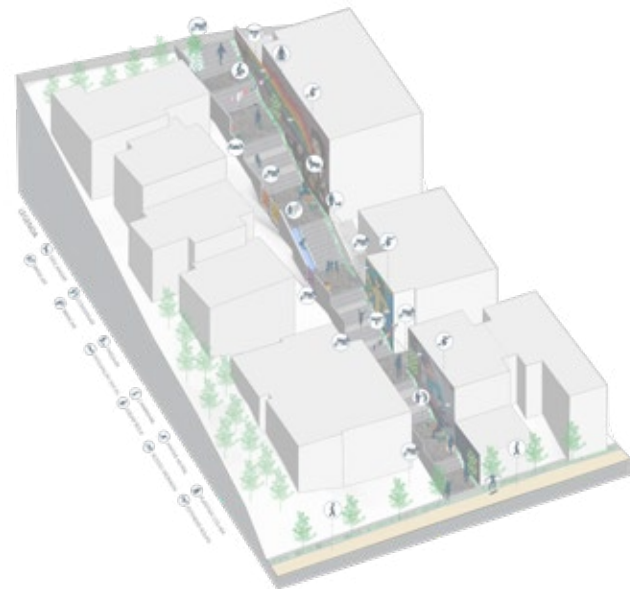
Figura 1 – Implantação geral Canyon



Figura 2 – Visual nível ato – Beco do Conforto



Figura 3 – Proposta – Beco do Conforto



Entre os cinco espaços selecionados para aprofundamento do TCC, foram destacados aqui dois que melhor evidenciam a escala e a complexidade do projeto. O Beco do Conforto configura-se como um percurso peatonal em chão batido, marcado por um declive acentuado que dificulta o acesso às moradias e é agravado pela baixa qualidade da iluminação pública. Apesar das limitações, o espaço apresenta soluções criadas pelos próprios moradores, como arte urbana, varais para estender roupas e blocos de concreto posicionados para facilitar a circulação. A proposta de qualificação para esse trecho, demonstrada nas figuras 2 e 3, inclui a implantação de escadas que melhorem o acesso, a incorporação de soluções baseadas na natureza para o manejo da drenagem e a valorização das práticas locais existentes, incluindo o jardim vertical em canos PVC, bancos produzidos com blocos de concreto e madeira, além das soluções já mencionadas, conforme a Figura 4.

Figura 4 – Corte esquemático – Beco do Conforto



A Escadaria e o Mirante Gabião estão localizados ao sul da área de estudo, vencendo uma altura de 34 metros, com cerca de 176 degraus, conectando o Canyon ao bairro Vila Ipê.

Além de estabelecer essa ligação entre bairros, a escadaria também dá acesso a moradias situadas ao longo do percurso e constitui uma das intervenções mais recentes da prefeitura no local. Apesar disso, o trecho apresentava acúmulo de lixo em área de preservação e ausência de iluminação pública, embora abrigasse uma horta comunitária mantida pelos moradores. A proposta de qualificação, apresentada na Figura 7, inclui uma intervenção artística na escadaria e em sua interface público-privada, a manutenção e melhoria da horta comunitária e a criação de um espaço de lazer em área residual, com soluções locais, servindo como mirante para a contemplação da paisagem da comunidade, conforme mostram as Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Ampliação – Mirante Gabião



Figura 6 – Visual – Mirante Gabião



Figura 7 – Proposta – Escadaria e Mirante Gabião



Parque Linea Vicenza

AUTOR: *Luan Cecato*
ORIENTADORA: *Nicole Rosa*

O parque linear Linea Vicenza representa a requalificação de um antigo equipamento essencial para o desenvolvimento da cidade de Farroupilha/RS. A antiga linha férrea que passa pelo centro da cidade, com seu imponente traçado orgânico, destaca-se em meio à malha ortogonal das quadras, possuindo importante valor histórico ao impulsionar o progresso local, concentrando os primeiros comércios em seu entorno. Para a implementação do parque linear e para possibilitar a costura da linha férrea à malha urbana, foram adotadas principalmente estratégias de mobilidade voltadas à integração dos usuários ao parque, fundamentadas na premissa de “ruas para todos”. Essa abordagem resultou na definição de dez diretrizes que permitiram a delimitação dos três setores do parque: setor I – desenvolvimento e história; setor II – proteção e valorização; e setor III – conexão e mobilidade. Cada um dos setores foi qualificado urbanisticamente para sua adequada inserção na malha urbana. Por sua relevância histórica e localização, bem como por abrigar a edificação da estação Nova Vicenza, o setor I teve sua área detalhada com maior profundidade, apresentando as principais decisões para qualificação e revitalização. O conjunto forma um sistema de espaços integrados ao parque, contribuindo para a melhoria da qualidade urbana da cidade e oferecendo ambientes tratados e convidativos para o uso da população.

Figura 1 – Parque Linea Vicenza



Figura 2 – Estação férrea e praça



Figura 3 – Tratamento de pisos



O projeto busca requalificar a morfologia urbana, promover mobilidade acessível e criar uma sequência contínua de espaços públicos, conectando setores da cidade de forma integrada. O projeto propõe um corredor verde contínuo, capaz de conectar bairros, valorizar o patrimônio local, promover bem-estar e incentivar uma mobilidade sustentável e multifuncional (Figura 4). Por se tratar de um parque de grande extensão, ao longo de seu percurso são incorporados equipamentos essenciais para assegurar sua vitalidade. No setor I, localiza-se uma das praças, que se configura um importante elemento de articulação urbana entre o parque e a cidade, pela sua escala e seus usos, integrando-se diretamente à estação férrea Nova Vicenza, a qual possui significativa relevância cultural e histórica no conjunto do parque (Figura 2). Ao longo do trajeto, o piso do parque se mescla aos antigos trilhos existentes no local, orientando o deslocamento do pedestre e reforçando a identidade do espaço (Figura 3). Com o objetivo de assegurar condições qualificadas de mobilidade interna e externa

Figura 4 – Implantação do parque



ao parque, propõe-se a integração multimodal dos sistemas de transporte. A diretriz inclui a implantação de ciclovias contínuas, articuladas à malha existente, favorecendo deslocamentos sustentáveis e ampliando a acessibilidade. De forma complementar, prevê-se a implementação de um sistema de transporte leve sobre trilhos (VLT), que percorre toda a extensão do parque e conecta os acessos leste e oeste, promovendo uma mobilidade eficiente e ambientalmente responsável (Figura 5). Para evitar descontinuidades no percurso, tornou-se necessária a implantação de uma passarela dentro do parque. Com desenho simples e baixo impacto visual, sua forma orgânica emerge do próprio piso, elevando o pedestre e proporcionando uma visão ampla do conjunto paisagístico (Figura 6).

A concepção do projeto se iniciou com uma análise urbana, desde mapas de síntese, fundo figura, mobilidade, ciclovias, áreas verdes e equipamentos, que embasam uma leitura completa do território (Figura 7). A partir disso, define-se uma estratégia de vias e espaços públicos, priorizando pedestres, ciclistas e acessi-

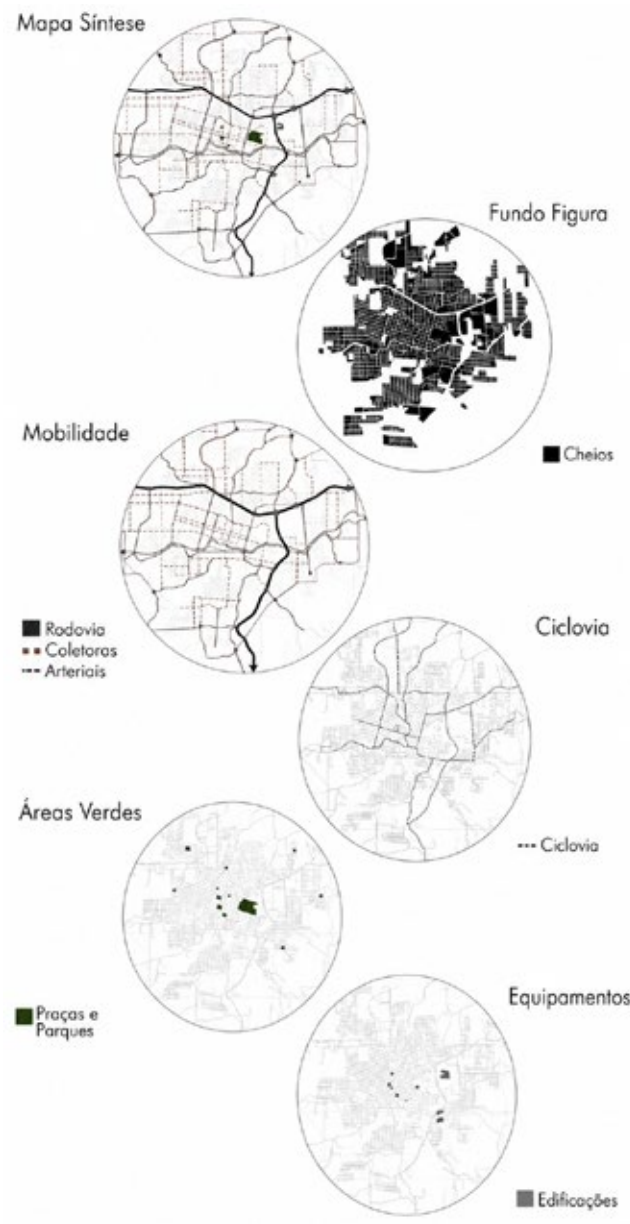
Figura 5 – Mobilidade integrada ao parque



Figura 6 – Estrutura da passarela



Figura 7 – Análise urbana



bilidade universal. Elementos como infraestrutura verde, manejo das águas, mobiliário urbano, fachadas ativas e escala humana demonstram como cada via pode receber soluções paisagísticas e de mobilidade, com vegetação, calçadas ampliadas e áreas de convivência (Figura 10). As estratégias tomadas com base na análise urbana geraram diretrizes relacionadas à mobilidade, às áreas verdes e à topografia presentes no local, as quais foram fundamentais para a definição dos princípios de organização do parque, resultando em dois níveis principais de ordenamento: o primeiro, relativo aos pisos tratados, e o segundo, aos espaços verdes (Figuras 8 e 9).

Figura 8 – Diretrizes de entorno



Figura 9 – Diagrama de implantação

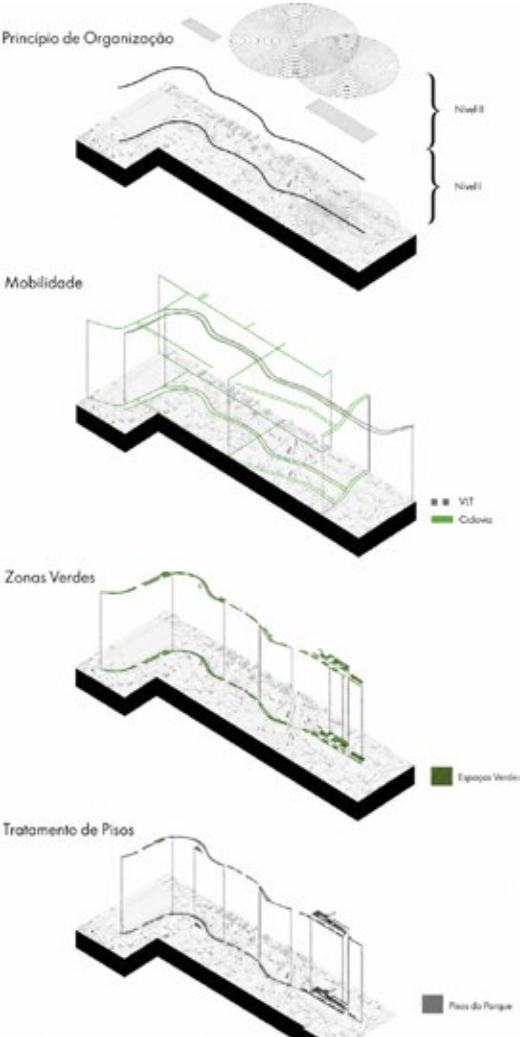
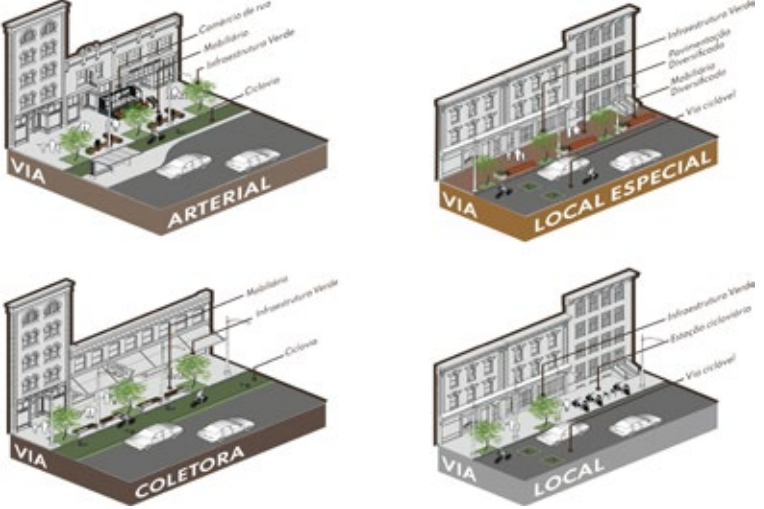


Figura 10 – Estratégias de vias



Figura 11 – Estratégias de vias



Requalificação urbana em espaço residual de caráter industrial

AUTORA: *Maria Vitória Guedes*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

O município de Caxias do Sul apresenta um grande número de complexos industriais que apresentam características como desativação e abandono, localizados em áreas consolidadas e situadas dentro de centralidades em desenvolvimento ou região central, onde uma intervenção beneficiaria não apenas o complexo, mas também o espaço público no geral e a comunidade como um todo. O lugar, diagnóstico macro, meso e microescala, *masterplan*, diagnósticos do microentorno, objeto de intervenção e o resultado final se dão por intermédio de possível intervenção em espaço contruído. Por meio de um diagnóstico bem embasado, chegou-se à definição de que três quadras receberiam intervenção no partido arquitetônico: quadra da antiga Cervejaria Leonardelli, quadra da empresa Veronese e um vazio urbano, oportunamente localizado nas proximidades das quadras citadas, gerando, assim, um partido inicial, destacando o programa que fez grande integração com a comunidade do local. E, por fim, como anteprojeto, a requalificação integral da quadra da Cervejaria Leonardelli.

Figura 1 – Visual do complexo



Figura 6 – Visual norte do complexo



Figura 7 – Visual do *hostel* e chaminé original, a partir da Rua Vinte de Setembro



o antigo com o novo, nesse caso, um hostel e uma microcervejaria (Figura 8), deu-se por meio da problemática inicial, em que temos uma cidade com grandes lacunas no tempo e espaço em que grandes indústrias, hoje desativadas, geram vazios e grandes possibilidades de intervenção, assim como a necessidade e ânsia de Caxias do Sul de espaços urbanos de qualidade, tanto para população local, quanto do entorno e de municípios vizinhos. A proximidade com a rodoviária municipal gera uma oportunidade de também ingressar um hostel nas proximidades, que possui térreo misto com salas multiusos e cafeteria.

A popularidade das microcervejarias entre o povo caxiense foi apenas um fator secundário na proposta de utilizar um equipamento desse porte no local. A intenção principal é, além de homenagear o programa original do espaço, agregar valor ao território e possibilitar que parte de sua infraestrutura

existente seja preservada e ressignificada, como os poços históricos presentes no terreno. Assim, o projeto reforça a continuidade simbólica e material da memória do lugar. Trata-se, sobretudo, de um projeto de apropriação. Mais do que um investimento urbano ou um exercício de planejamento, ele representa uma oportunidade para que a população se envolva ativamente com o espaço, ocupando-o e reinterpretando-o.

As praças integradas, pensadas com usos distintos e complementares, fazem parte desse processo ao convidar diferentes perfis de usuários a vivenciar o local de maneiras variadas. Os espaços afetivos desempenham um papel fundamental na formação e na manutenção de comunidades fortes. Para que o sentimento de pertencimento se mantenha vivo entre os usuários, é indispensável promover a integração entre os processos de criação e os microdiagnósticos que compõem o desenvolvimento do projeto. Essa articula-

Figura 8 – Visual norte da microcervejaria, espaços multiusos e silos originais



ção garante que as decisões projetuais dialoguem com as percepções, necessidades e expectativas da população, fortalecendo a identidade coletiva e a relação afetiva com o espaço.

Foi um imenso prazer fazer parte dessa história, dos 30 anos de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Caxias do Sul.

Figura 9 – Visual leste da microcervejaria, espaços multiusos e silos originais



Complexo de Moda e Cultura Gianella: restauro e requalificação arquitetônica do antigo Lanifício Gianella

AUTORA: *Rafaela Bohmer Talamini*
ORIENTADOR: *Luiz Merino de Freitas Xavier*

O Complexo de Moda e Cultura Gianella, situado na cidade de Caxias do Sul/RS, tem como objetivo principal o reconhecimento histórico em uma área que apresenta importante patrimônio arquitetônico e marca o início da indústria têxtil da cidade. A importância de um conjunto histórico está em sua capacidade de revelar antigas relações sociais e ambientais, além de refletir fatores econômicos e históricos de uma determinada época. Enquanto a edificação permanece existente, mantém vivo o poder de preservação da memória não apenas do lugar, mas da cidade como um todo. O projeto promove atividades culturais, tecnológicas, econômicas e turísticas, integrando a moda, que remete à indústria ali representada, o lazer proveniente do terreno e seu entorno, e um espaço dedicado à inovação e ao desenvolvimento de novas oportunidades de trabalho. Além disso, valoriza a ampla área verde do terreno por meio de um projeto de paisagismo que beneficia o bairro, contribui com a cidade e fortalece a atração de turistas, ampliando a relação entre o Complexo Gianella e o Museu Ambiente Casa de Pedra.

Figura 1 – Vista geral do Complexo de Moda e Cultura Gianella



Figura 2 – Vistas das praças 1, 2 e 3 respectivamente



O Lanifício Gianella foi fundado em 1915 por Matteo Carlo Gianella, após sua chegada ao Brasil e a experiência adquirida na primeira indústria têxtil da cidade, o Lanifício São Pedro, atual Cootegal. Instalado próximo ao Arroio Tega, o empreendimento contou com o apoio familiar e evoluiu de uma tecelagem rudimentar movida por rodas para uma cooperativa que prosperou na então 9ª Léguas de Caxias. Em 2003, o lanifício e a residência da família foram tombados como patrimônio municipal, sendo reconhecidos como um conjunto arquitetônico histórico (Figura 1).

A análise do entorno evidenciou o potencial de revitalização de uma área hoje esquecida, onde edificações deterioradas podem receber novos usos integrados ao complexo (Figuras 2-5). A proposta busca valorizar as áreas verdes, aproveitar os visuais do terreno e estabelecer conexões por meio de percursos peatonais em uma quadra superdimensionada.

Figura 3 – Vista do acesso pela esquina da Casa de Pedra



A segunda etapa foi composta pelo estudo da topografia, da forma irregular do terreno e na disposição dos prédios existentes, em que se criam linhas orientadoras a partir de um sistema de conexões externas, internas e do eixo das vias do entorno (Figura 6). Com o resultado da sobreposição das linhas, sugere-se a forma inicial do novo anexo, praças, pontes, passarela e espaços abertos. Outra questão abordada diz respeito aos aspectos legais relacionados às APPs em áreas de vegetação nativa, ao arroio Tega e às leis de preservação de edificações históricas por decreto e legislação específica. Essas normas garantem preservação, recuperação e acesso público, além de possibilitar a captação de recursos para infraestrutura e parcerias, sem demolições ou alterações das fachadas originais.

As edificações pavilhão, residência e escritório foram analisadas quanto às manifestações patológicas para identificar alterações decorrentes do uso industrial e do posterior abandono.

Figura 4 – Vista da ponte sobre o arroio Tega



Figura 5 – Vista aérea da praça 2 (central)



Figura 6 – Linhas orientadoras que deram origem às praças e aos percursos



Figura 7 – Imagem do Lanifício Gianella



Figura 8 – Vista do lanifício restaurado – centro cultural e museu



A ação do tempo agravou a deterioração do conjunto, hoje em estado de abandono. O antigo pavilhão da tecelagem (Figuras 7, 8 e 9) foi adaptado para o setor cultural. No térreo, abriga o Memorial Matteo Gianella e um café de apoio; no pavimento superior, uma galeria para exposições e eventos, com sala de curadoria, sanitários e elevador, aproveitando o espaço livre e a iluminação natural existente. A antiga residência da família (Figura 10) abriga a área administrativa do complexo com áreas de reunião, acervo e depósitos. O espaço também inclui atendimento ao visitante e ao turista, posicionado estrategicamente junto à praça e aos principais acessos. O antigo escritório (Figura 11) foi requalificado para abrigar um bistrô, com acesso principal voltado à Rua Matteo Gianella.

O projeto inclui um anexo (Figura 12) integrado às três edificações históricas, voltado à profissionalização tecnológica nas áreas cultural e educacional, com foco em pesquisa, treinamento e inovação. O objetivo é fortalecer o setor do vestuário e acessórios,

Figura 9 – Vista geral do pavilhão cultural



Figura 10 – Vista da residência



Figura 11 – Vista do antigo escritório



incentivar marcas locais, gerar empregos e valorizar a produção regional. O edifício possui quatro pavimentos interligados por escadas e elevadores, além de estacionamento. O segundo pavimento, com acesso principal pela praça, abriga o café, a área de exposições e um auditório. No terceiro pavimento, o acesso se dá lateralmente por meio de uma passarela que conduz à recepção do *coworking*, composto por salas individuais, coletivas, de reunião, copa e *lounge*. Por fim, o último pavimento concentra as salas destinadas a cursos e palestras, ateliê de corte e costura, laboratório e espaço *lounge*.

Figura 12 – Vistas da incubadora – novo anexo



Fluência Casa Hip-hop: centro cultural e socioassistencial

AUTOR: *Fábio Varela*
ORIENTADOR: *Merino Luiz de Freitas Xavier*

A Fluência Casa Hip-hop se configura como um centro cultural e socioassistencial dedicado ao movimento *hip-hop*, implantado no bairro Santa Fé, em Caxias do Sul. Tem como objetivo principal fortalecer as práticas culturais urbanas, promovendo representatividade, inclusão social e apropriação comunitária do espaço por meio das atividades associadas ao movimento *hip-hop*.

O projeto propõe um equipamento acessível e convidativo, considerando os elementos principais da cultura – o rap, o *break* e o grafite –, estabelecendo um diálogo formal entre arquitetura, territórios e entorno. A justificativa fundamenta-se na escassez de centros culturais em áreas de vulnerabilidade social, ressaltando a relevância da Fluência como iniciativa consolidada e em expansão, com potencial para ampliar seu impacto sociocultural. Além disso, o estudo reforça a origem do *hip-hop* enquanto movimento de resistência e construção coletiva, relacionando sua essência à proposta de transformação social da Fluência. A nova sede, implantada próximo ao equipamento existente, busca consolidar a atuação já desenvolvida na zona norte, oferecendo espaços adequados às práticas culturais e ao desenvolvimento de crianças e adolescentes da comunidade.

Figura 1 – Vista da fachada sul do acesso à praça e à edificação



Figura 2 – Esquema: espaços abertos e edificação

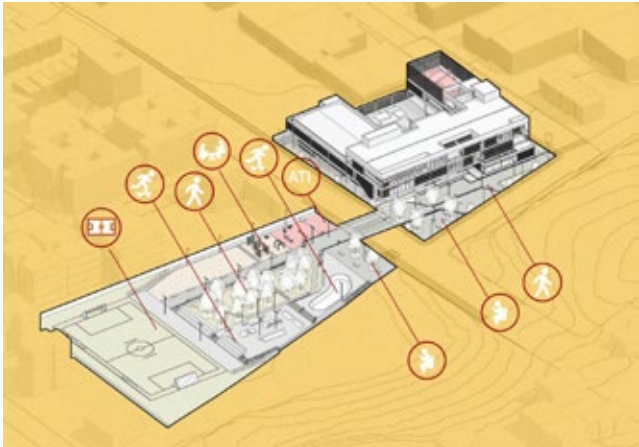


Figura 3 – Praça de acesso à edificação



Sendo diretriz do partido e concepção central do projeto atender às demandas dos diferentes grupos de usuários que ocuparão o espaço, busca-se também, por meio do equipamento, promover a integração entre todos – professores, alunos, artistas, familiares e demais pessoas do entorno que necessitem do acolhimento proporcionado pelo movimento *hip-hop*. Com isso, o terreno, anteriormente subutilizado e sem benfeitorias, revelou-se uma oportunidade estratégica para a implantação de um equipamento cultural de forte impacto comunitário. Além disso, a incorporação do lote adjacente, com alguns usos pouco aproveitados, amplia a vocação do conjunto para práticas esportivas e culturais ao ar livre (Figura 2). Essa decisão reforça um aspecto essencial da cultura *hip-hop*, que, historicamente, se manifesta em espaços abertos, como ruas, praças e campos comunitários. Por isso, uma praça de acesso à edificação e praça proposta tornam-se elemento fundamental do projeto (Figuras 3 e 4).

Nesse contexto, estabelece-se um diálogo formal entre arquitetura, paisagem e território, articulando o edifício principal às áreas

Figura 4 – Praça/lote adjacente



externas de convivência, prática cultural e atividades esportivas, com destaque para o campo de futebol revitalizado (Figura 5), que também atua como importante potencializador social. A conexão entre interior e exterior constitui um ponto central da proposta, permitindo que o espaço aberto funcione como uma extensão natural do equipamento. Assim, o conjunto favorece rodas de rima, batalhas de dança, oficinas de grafite e práticas de *skate* (Figura 6), atividades vinculadas ao movimento *hip-hop* e tradicionalmente presentes no espaço público.

O entorno da edificação (Figura 7), marcado por uma fachada mais ativa, estabelece um jogo entre volumes e vazios que, aliado à permeabilidade visual entre interior e exterior, qualifica as áreas de passagem e de serviço, tornando-as mais atrativas e seguras para quem acessa as praças do conjunto. As diretrizes de implantação também orientam a relação do edifício com o território. Buscou-se respeitar os alinhamentos das fachadas existentes, garantindo continuidade com as indústrias vizinhas e maior in-

Figura 5 – Campo e arquibancada/prança adjacente

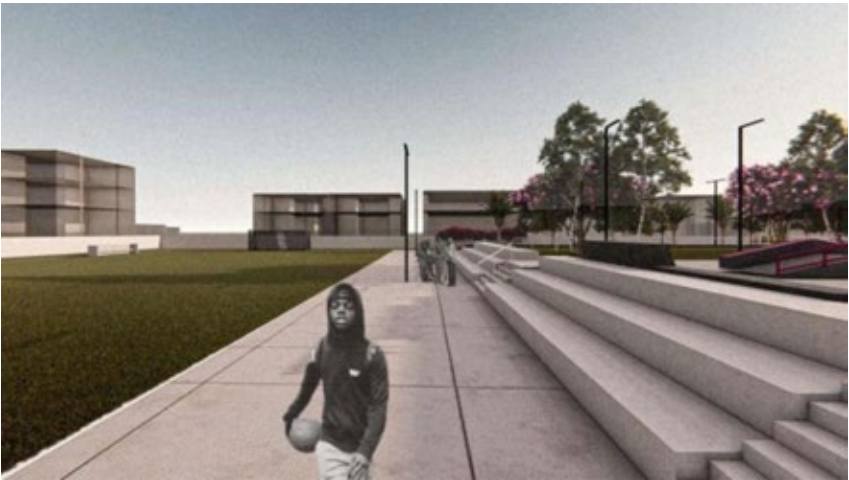


Figura 6 – Zona de skate/prança adjacente



Figura 7 – Fachada leste e oeste da edificação



tegração com o entorno. A grelha modular de 6×9 metros, adequada ao dimensionamento das salas, organiza os blocos nos setores de estacionamento, área técnica, auditório, acesso aos espaços comuns, esportivo, áreas abertas, educativo, administrativo e ensino cultural (Figura 8). Essa organização espacial gera um pátio interno e uma praça voltada ao sul, reforçando a conexão visual e física entre interior e exterior. *Halls* amplos conduzem naturalmente ao pátio, que garante ventilação, iluminação e um espaço central de convivência, abrigando atividades esportivas, educativas e sociais (Figura 9).

Os acessos de carga e descarga foram posicionados nos fundos, juntamente com a entrada

para as vagas do subsolo, garantindo que o fluxo de pedestres na praça e no acesso principal permaneça livre e seguro. Os volumes implantados nas margens do lote, conectados pelas circulações internas, conformam um espaço contínuo de convivência, no qual a permeabilidade visual – de dentro para fora e de fora para dentro – reforça a integração (Figura 10). Assim, o projeto buscou articular o equipamento cultural ao contexto urbano e ao próprio terreno, assegurando que o espaço seja efetivamente utilizado, apropriado e reconhecido pela comunidade como parte de sua identidade.

Figura 8 – Esquema de usos da edificação

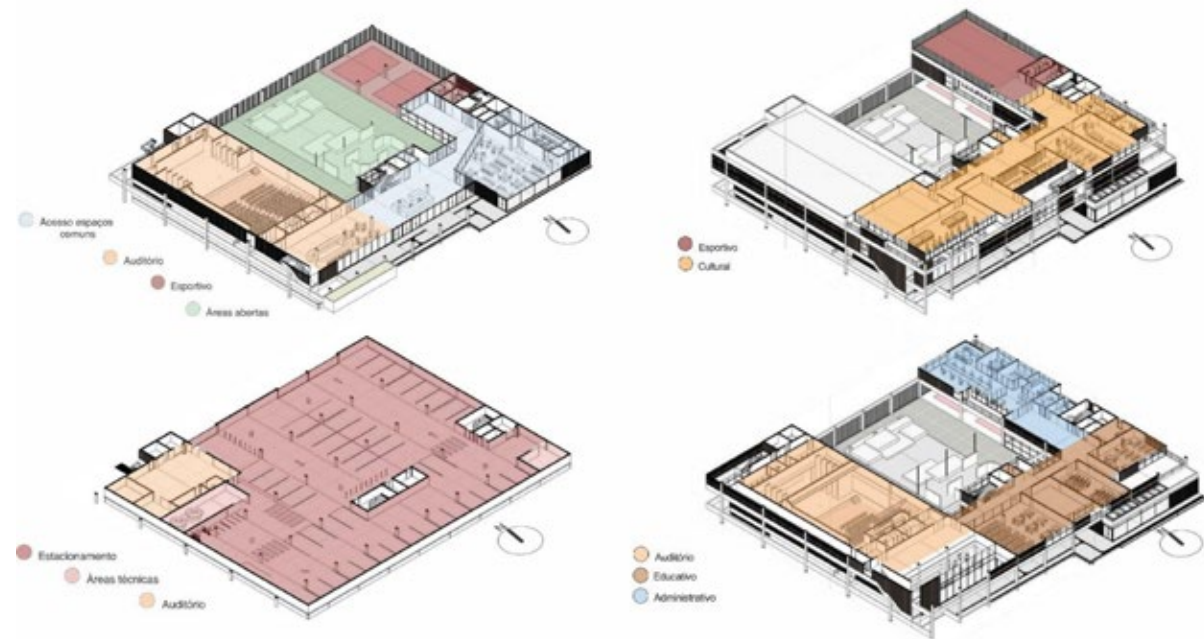


Figura 9 – Pátio interno



Figura 10 – Vista do administrativo para o pátio

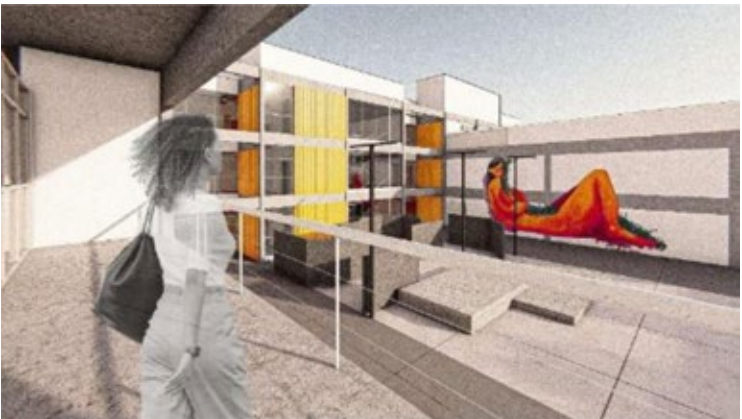


Figura 11 – Quadra de basquete na cobertura



Figura 12 – Sala de dança *break* e sala de artes



Requalificação do entorno do antigo Lanifício Gianella

AUTOR: *Guilherme Palagi Bastos*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

Localizado na cidade de Caxias do Sul, o Lanifício Gianella é um dos edifícios históricos de extrema relevância para o desenvolvimento da capital da região metropolitana da Serra Gaúcha. Composto por um entorno cheio de histórias, que abriga o arroio Tega, um dos principais arroios da cidade, também é formado por diversos edifícios históricos, tais como a Casa de Pedra, a Cantina Pão e Vinho, o Moinho da Cascata, o próprio Lanifício Gianella, entre outros edifícios históricos que marcaram o desenvolvimento da região, os quais representam o trabalho desenvolvido pelos imigrantes italianos no processo de formação da cidade. Tudo isso em um embaralhado de conexões que se conflitam, gerando falhas na infraestrutura de circulação das pessoas entre partes do entorno, junto a áreas degradadas com carência de infraestrutura de qualidade e soluções urbanísticas que sejam convidativas e valorizem seu desenho na paisagem urbana.

Figura 1 – Vista aérea noroeste do Complexo Gianella, mostrando o Centro Gastronômico e Cultural Gianella e o Centro Esportivo Enxutão



Figura 2 – Vista do Centro Gastronômico e Cultural Gianella, acesso sobre Espaço Foods



Figura 3 – Vista do Centro Gastronômico e Cultural Gianella à noite, acesso norte



Figura 4 – Vista do Lanifício Gianella, espaço de apresentação ao ar livre



A requalificação do entorno do Lanifício Gianella propõe a elaboração de um *masterplan* estratégico para essa região da cidade. Iniciando pela revitalização das águas do arroio Tega, por meio da instalação de ecobarreiras e *wetland* com plantas aquáticas e a recuperação de suas margens, dando, assim, maior valor para os recursos naturais presentes no local, os quais são de extrema importância para o desenvolvimento urbano da região. Junto a isso, são propostos a preservação e o restauro qualitativo dos edifícios históricos presentes no setor, trazendo mais visibilidade e valor para a história do lugar e tornando os edifícios abertos à interação com a população e com o meio urbano existente, por intermédio de um novo conceito de integrar a história do passado com usos modernos e contemporâneos, acessíveis a todos, ressignificando o local. Tudo isso interligando uma grande rede de áreas de lazer

e cultura, que se espalha por todos os bairros lindeiros, conectando-se com a proposta de trajeto turístico composto por edifícios históricos, que geram diversidade de rotas entre os locais de lazer e espaços de encontro e convivência, os quais melhoram a qualidade de vida da população, possuindo, na proposta, espaços como o Centro Gastronômico e Cultural Gianella (Figuras 2, 3 e 4) – voltado para a gastronomia local e para as práticas educacionais de arte e cultura e que, por meio de espaços históricos integrados à contemplação da natureza e da paisagem urbana, conecta-se (Figuras 5 e 7) ao Centro Esportivo Enxutão (Figura 8). Este traz espaços para a práticas de atividades físicas e esportivas de diferentes modalidades para a população.

Entre esses espaços, encontra-se o Centro Comercial Gianella (Figura 6), que fomenta a vitalidade e a economia local, contemplando umas das principais conexões com o entorno, a passarela

Figura 5 – Esquema que demonstra todas as edificações e conexões do Complexo Gianella

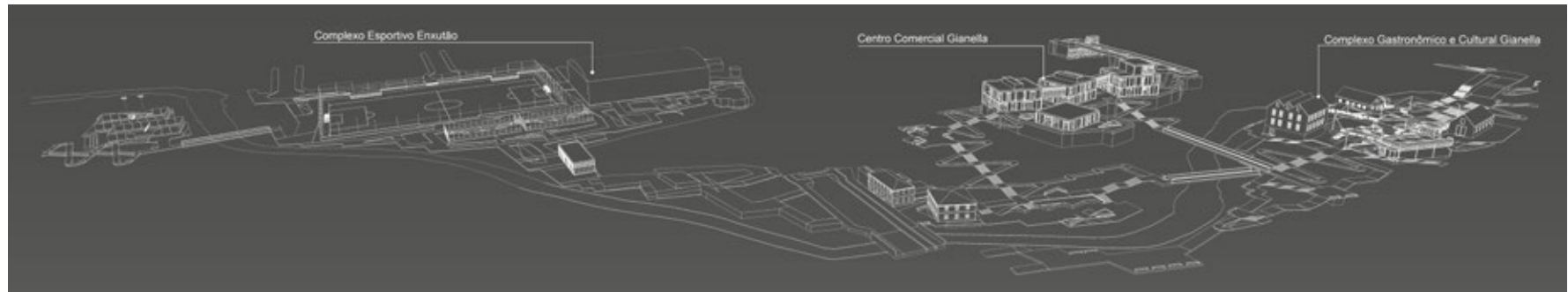


Figura 6 – Vista do Lanifício Gianella a partir de passarela metálica sobre o arroio Tega



Figura 7 – Vista do acesso do Centro Comercial Gianella



Figura 8 – Vista da segunda passarela metálica sobre o arroio Tega



Figura 9 – Vista aérea sul do Centro Esportivo Enxutão



Figura 10 – Vista do Centro Gastronômico e Cultural Gianella, sobre o fim da passarela da Perimetral Norte, que dá acesso ao Centro Comercial Gianella



Figura 11 – Planta de implantação de todo o Complexo Gianella



sobre a Avenida Rubem Bento Alves – Perimetral Norte (Figura 7). A interligação desses ambientes forma o Complexo Gianella (Figuras 1, 11, 12, 13 e 14), localizado no centro de todo o *masterplan*. Todos esses espaços e suas conexões são acessíveis e sustentáveis, com intuito de fortalecer a vitalidade e a segurança local, proporcionando valorização histórica, cultural e ambiental para todo o entorno, qualificando essa porção da cidade que se encontra esquecida.

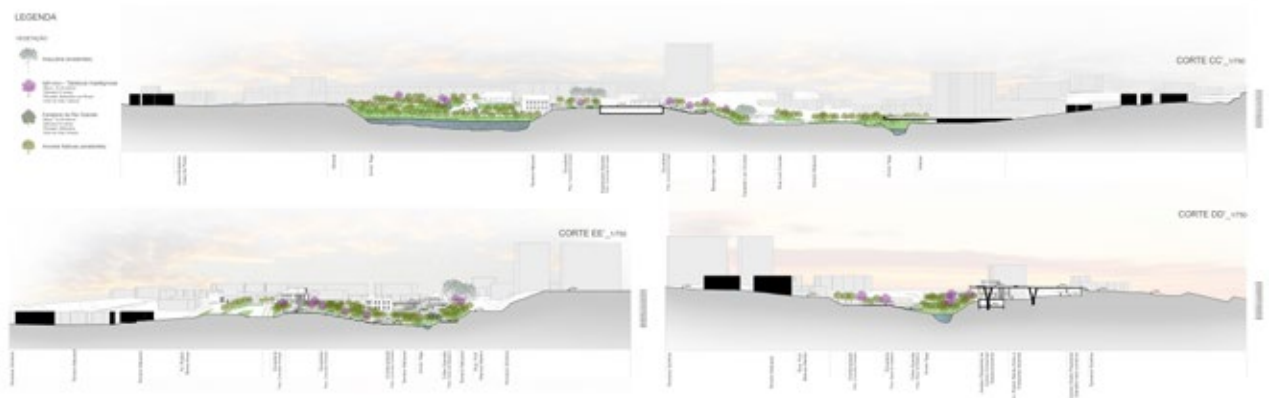
Figura 12 – Vista aérea do acesso norte do Complexo Gianella



Figura 13 – Vista aérea sudeste do Complexo Gianella, mostrando o Centro Esportivo Enxutão, o Centro Gastronômico e Cultural Gianella, o Centro Comercial Gianella, seus acessos e suas conexões



Figura 14 – Cortes amplos do projeto do Complexo Gianella, demonstrando passagens e desníveis presentes no local



Acolhimento em Caxias do Sul: planejamento territorial e implantação de casas lares

AUTORA: Dayane da Silva Ocampos
ORIENTADORA: Terezinha de Oliveira Buchebuan

O planejamento territorial teve como objetivo a distribuição e a implantação de casas lares para acolhimento infantojuvenil na cidade de Caxias do Sul/RS. O público-alvo do projeto são crianças e adolescentes entre 0 e 18 anos, em estado de vulnerabilidade social. Os dados no país e no estado indicam que o maior número de acolhidos tem entre 15 e 18 anos, seguido por 13 a 14 anos e 11 a 12 anos. Visto que a maior procura é por crianças de 0 a 6 anos, esses adolescentes necessitarão do serviço de acolhimento até alcançarem a maioridade. As principais legislações consideradas para este projeto foram o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda).

Em vez de abrigos, foram escolhidas as casas lares, por terem aspectos mais familiares, o que estimula e desenvolve as relações entre os acolhidos e proporciona a integração com a comunidade no seu entorno. Os estudos e os diagnósticos foram divididos em três escalas diferentes: macro-escala (Figura 1), mesoescala e microescala, identificando os condicionantes e as diretrizes para a implantação dos conjuntos.

Os estudos em macroescala resultaram em dois mapas síntese, o primeiro (Figura 1) mostra as necessidades básicas levantadas referentes à educação, saúde, lazer, transporte e serviços de

Figura 1 – Macroescala/mapa síntese

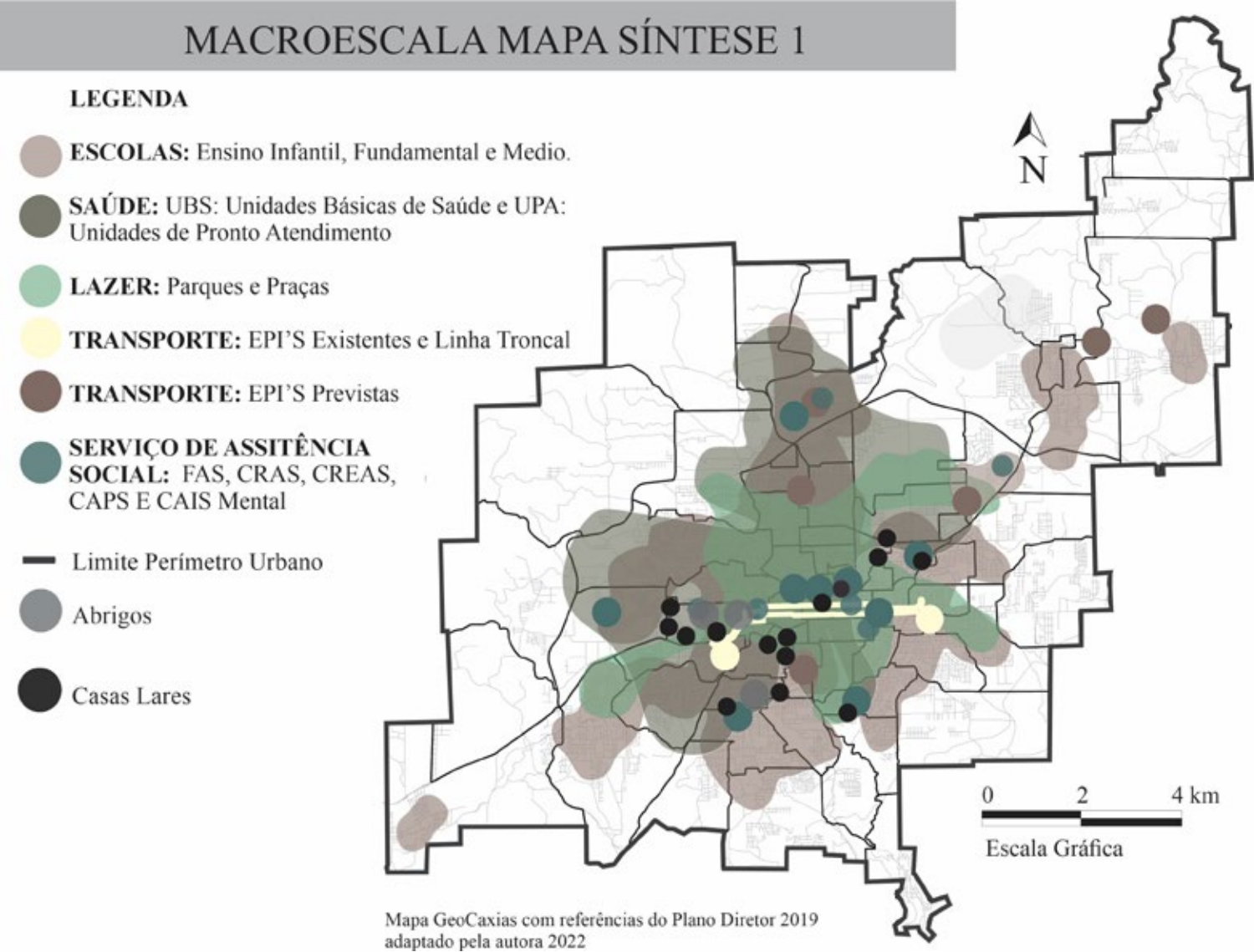


Figura 2 – Macroescala/mapa síntese

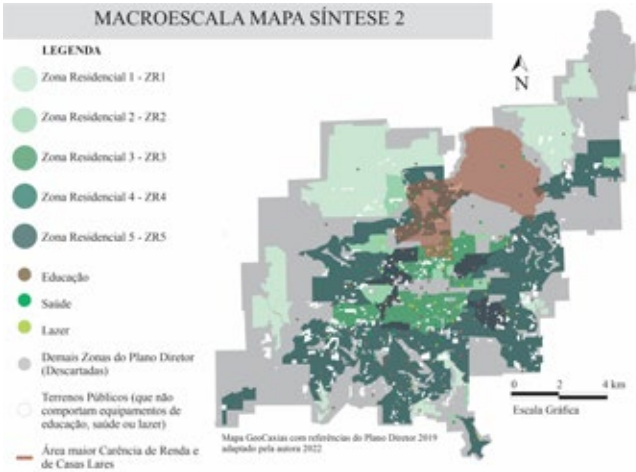
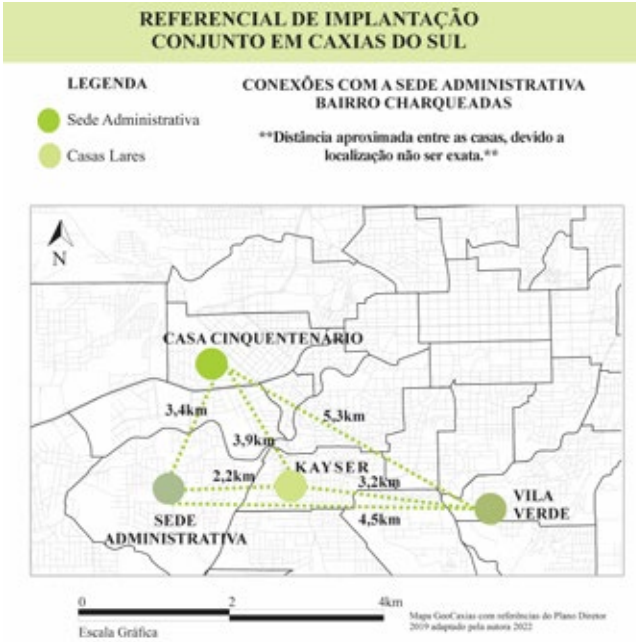


Figura 3 – Referencial de implantação/Caxias

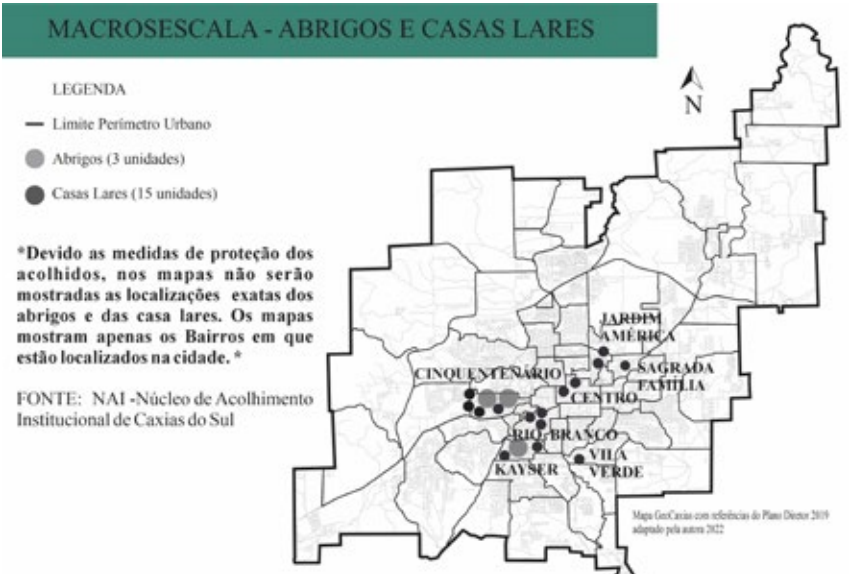


assistência social. No segundo mapa (Figura 2), foram levantados as zonas residenciais, os terrenos públicos e a área com maior carência de renda e de casas lares.

O referencial de implantação do conjunto foi o existente na cidade (Figura 3), devido às medidas de proteção dos acolhidos, nos mapas, não foram mostradas as localizações exatas dos abrigos e casas lares. Todas as unidades de acolhimento foram levantadas (Figura 4) para que as novas casas atendessem às áreas sem acolhimento.

No mapa de zonas de centro (Figura 5), foi identificada a área com maior potencial de implantação, que alia as zonas de centro existentes que fomentam o desenvolvimento da região. O levantamento de equipamentos de lazer, mobilidade e assistência social

Figura 4 – Abrigos e casas lares em Caxias do Sul



(Figura 6) reúne equipamentos existentes e propostos, ampliando as potencialidades da área de implantação.

Em um segundo momento, os estudos foram feitos em mesoescala (Figura 7) para elencar os terrenos para a implantação do conjunto. O conjunto de acolhimento é composto por três casas lares e uma sede administrativa, respeitando a legislação vigente. Com os terrenos definidos, foram feitos os diagnósticos completos de cada um, sendo três deles para casas lares e um para a sua respectiva sede administrativa.

Os desafios enfrentados foram a falta de projetos referenciais, devido às medidas de segurança, e conceber um projeto modular capaz de se adaptar a terrenos com características diferentes, garantindo acessibilidade a todos os usuários acolhidos e equipe técnica. Atualmente, em Caxias do Sul, as casas lares são alugadas e adaptadas, não há projetos elaborados exclusivamente para esse uso e com o cuidado necessário para que atendam crianças e adolescentes. Esse tipo de projeto demanda sensibilidade e, principalmente, atenção e cuidado com as necessidades dos aco-

Figura 5 – Macroescala/zonas de centro



Figura 6 – Lazer, mobilidade e assistência social

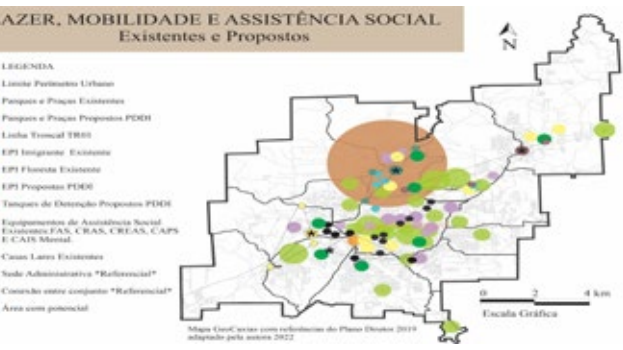


Figura 7 – Mesoescala/necessidades básicas

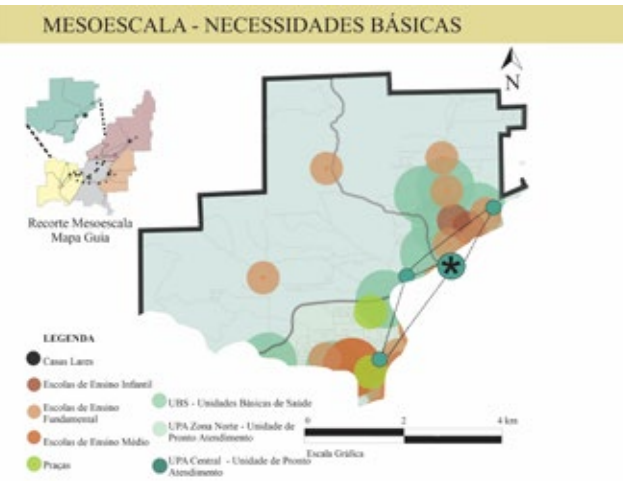


Figura 8 – Modulação com *layout* dos setores

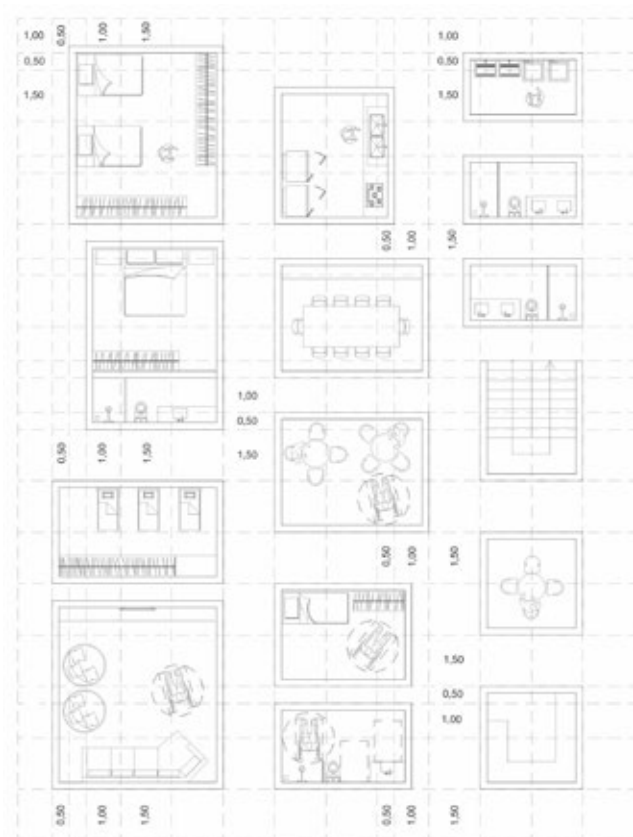
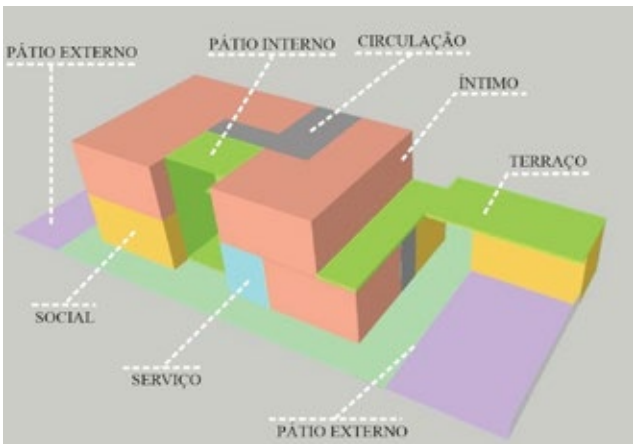


Figura 9 – Volumetria/casa lar 1 – protótipo



lhidos, pois, para além das questões construtivas, as humanas são o principal foco, dada a condição de vulnerabilidade.

O pré-dimensionamento foi elaborado de acordo com as orientações técnicas do Serviço de Acolhimento para Crianças e Adolescentes, aliado ao Edital 002/2020 Casa Lares, da Prefeitura de Caxias do Sul e da Fundação de Assistência Social (FAS). Foi criado um módulo (Figura 8) de 1,50 m x 1,50 m, com submódulos de 1,00 m e 0,50 m, que podem se adaptar com pequenos ajustes aos condicionantes de cada terreno, além do estudo de volumetria (Figura 9) para analisar as conexões entre os diferentes usos.

O principal conceito do projeto é a acessibilidade, por essa razão, foi usado 1,50 m na modulação, por ser o diâmetro para manobra com cadeira de roda com rotação de 360°. A casa 1 – protótipo (Figura 10) serviu para estudo e análise da distribuição e das conexões entre os setores, resultando no volume final para as edificações a serem reproduzidas. Para dificultar a identificação

Figura 10 – Casa lar 1 – protótipo/Nossa Senhora da Saúde – norte/oeste



das casas a serem replicadas, como medida de proteção para os acolhidos, foram utilizados materiais diferentes nas fachadas das casas 1, 2 e 3 (Figuras 11, 12 e 13).

Os espaços de lazer são de extrema importância, por esse motivo, foram projetados pátios internos e externos com equipamentos que atendam a todas as idades. O projeto da sede administrativa foi detalhado na mesma proporção das casas lares, com implantação, volumetria, materialidade e, principalmente, acessibilidade.

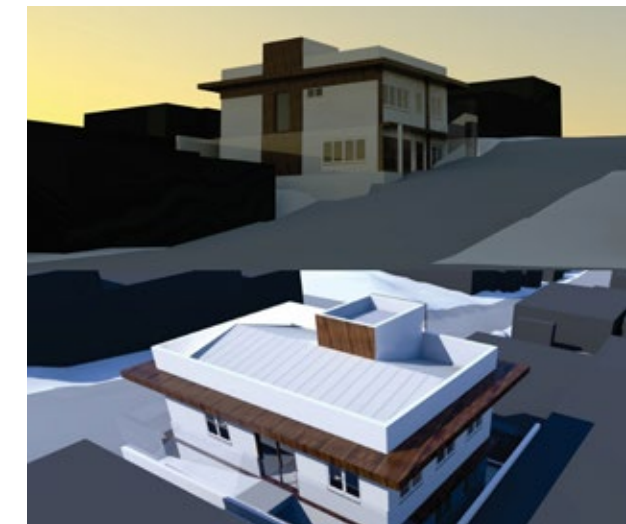
Figura 11 – Casa lar 2/Santa Fé – leste



Figura 12 – Casa lar 3/Santa Lúcia – sul



Figura 13 – Sede administrativa - leste



Casa Aura – centro de apoio e hospedagem para crianças e adolescentes em tratamento oncológico

AUTORA: Débora Zanchettin
ORIENTADOR: Erinton Aver Moraes

A Casa Aura é um centro de apoio e hospedagem para crianças e adolescentes em tratamento oncológico situado na cidade de Caxias do Sul/RS. O município é responsável pelo tratamento oncológico pediátrico de 49 cidades vizinhas, o que gerou a necessidade de um espaço que atuasse como complemento ao tratamento realizado no centro de saúde e oferecesse hospedagem para os pacientes e familiares provenientes de outros municípios. O centro está localizado em uma área próxima ao hospital de referência e garante fácil acesso a quem chega de fora da cidade. A concepção de ambientes humanizados e acolhedores é uma das premissas do projeto, buscando proporcionar conforto aos pacientes e familiares. A volumetria da edificação surge a partir da definição do programa, sendo ele dividido entre a casa de apoio e a casa de hospedagem, estabelecendo uma conexão entre ambas pois se tratam de programas complementares. Na casa de apoio, o programa inclui ambientes e consultórios destinados a atendimentos que funcionam como extensão do tratamento realizado no centro de saúde. A arquitetura, nesse contexto, torna-se uma aliada no processo terapêutico, contribuindo para o bem-estar e auxiliando na jornada de cura.

Figura 1 – Fachada leste, acesso à casa de apoio



Figura 2 – Conceito do projeto

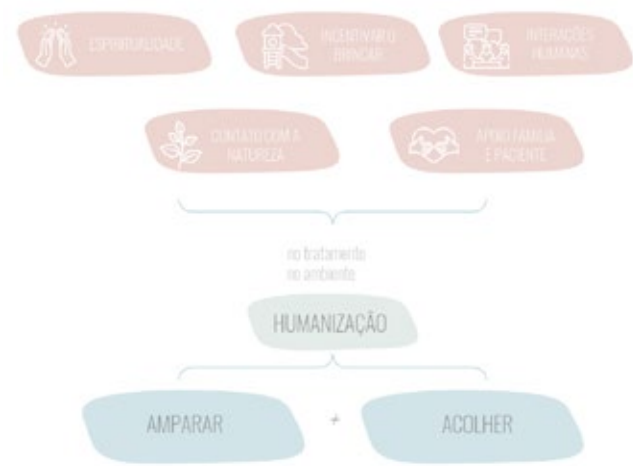
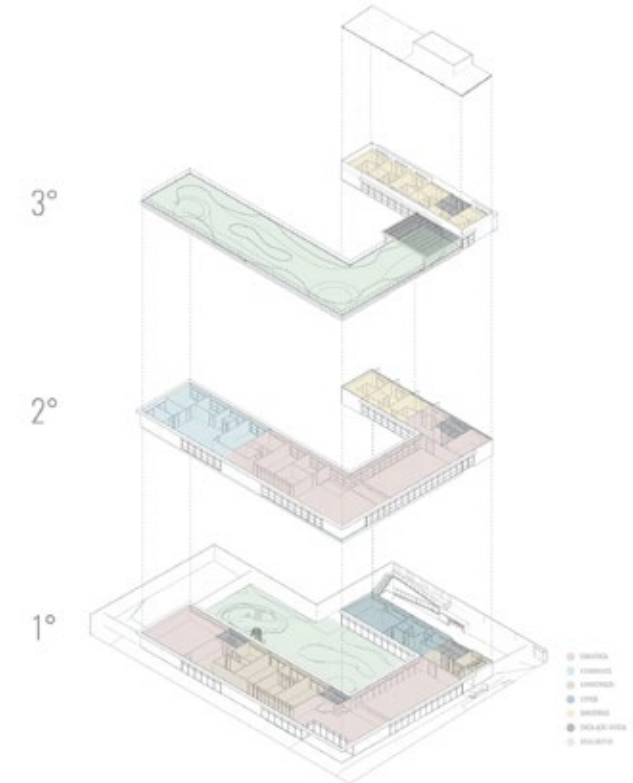


Figura 3 – Diagrama: relação do programa com a volumetria



O edifício, enquanto objeto arquitetônico, é concebido a partir do conceito central que orienta a proposta: acolher e amparar pacientes e famílias por meio de ambientes humanizados (Figura 2). Tais ambientes são espaços projetados para oferecer atividades que apoiem o tratamento, promovendo o bem-estar psicológico de crianças, adolescentes e seus familiares. Áreas voltadas à espiritualidade, ao brincar, à interação humana e ao contato com a natureza são exemplos desses espaços incorporados ao projeto.

A volumetria da edificação é composta por um bloco maior voltado para a esquina do terreno, onde está localizado o programa mais público – casa de apoio – e outro, mais aos fundos, contendo a parte mais privada – casa de hospedagem –, esses sendo ligados por outro volume que comporta ambientes de convivência, fazendo a ligação dos dois programas (Figura 3). A partir dessa composição volumétrica, foram criados espaços abertos destinados ao uso comum.

No centro do terreno e envolta pelos volumes edificados, localiza-se a área dedicada ao brincar (Figura 7). Já os espaços voltados à espiritualidade, à contemplação e ao convívio estão

Figura 4 – Recepção da casa de apoio



situados na cobertura do bloco maior, aproveitando a diferença de altura em relação à casa de hospedagem. O uso de formas curvas e orgânicas nesses ambientes busca gerar maior aconchego, contribuindo de maneira positiva para o bem-estar dos usuários (Figura 5). Para a materialidade das fachadas, optou-se pelo uso da madeira, que traz sensação de conforto, e da pele de vidro, que cria uma conexão visual com o exterior (Figura 6). Esses planos envidraçados são protegidos por chapas metálicas perfuradas com abertura do tipo camarão, garantindo privacidade sem perder a relação com o ambiente externo. Assim, a Casa Aura se estabelece como um espaço de cuidado integral, onde arquitetura e sensibilidade se unem para proporcionar acolhimento e dignidade a quem enfrenta um momento tão delicado da vida.

Figura 5 – Visual superior, áreas abertas



Figura 6 – Visual da esquina



Figura 7 – Vista do pátio interno



Figura 8 – Fachada norte e acesso à casa de hospedagem



Centro de inovação e impacto social: um novo uso para o Moinho Corsetti

AUTORA: Gabriela Ferreira Conte
ORIENTADOR: Luiz Merino de Freitas Xavier

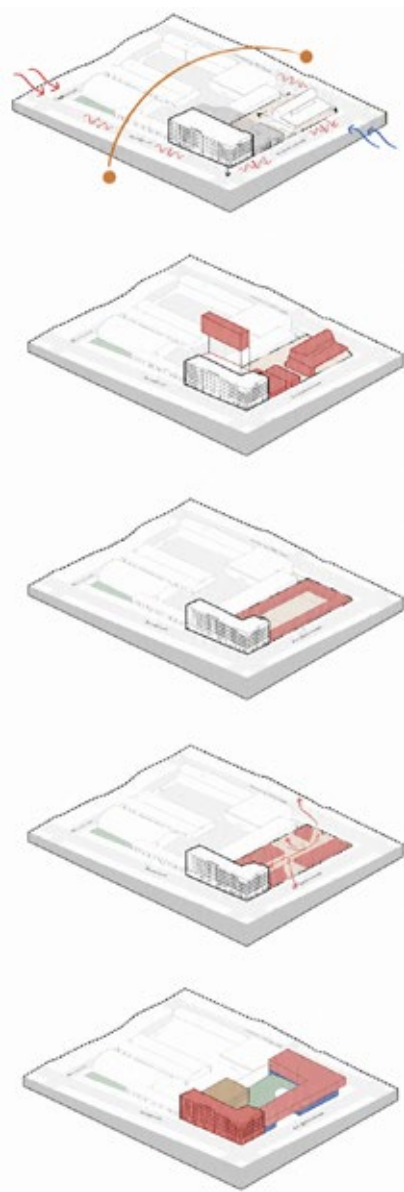
O Centro de Inovação e Impacto Social é uma proposta de requalificação patrimonial e expansão arquitetônica, concebida como alternativa ao crescente esvaziamento e abandono de edificações históricas nos centros urbanos. Por meio da requalificação de um importante exemplar da arquitetura industrial caxiense – o Moinho Corsetti –, este trabalho explora o diálogo entre a preexistência e seu entorno imediato, estendendo a intervenção ao nível do quarteirão, em que o miolo de quadra é reinterpretado como lugar de encontro, tornando-se um elemento protagonista de costura das interfaces entre o novo e o existente. Nesse sentido, a intervenção busca afirmar o conjunto como marco cultural e histórico, ao mesmo tempo em que reforça seu papel como equipamento urbano catalisador, por meio da implementação de novos usos contemporâneos voltados à arte, à educação e à cultura – ressignificando o local e ampliando sua relevância no tecido urbano.

Tendo a valorização e a (re)integração do conjunto existente como premissa, o projeto pautou-se por uma leitura abrangente de seu local de inserção – considerando não apenas as características do terreno, mas também as dinâmicas existentes do bairro. Essa análise multifatorial permitiu identificar

Figura 1 – Perspectiva geral do conjunto ao nível de quadra



Figura 2 – Diagramas de concepção e evolução de projeto



condicionantes, fluxos, conflitos e oportunidades que orientaram as diretrizes de implantação e de ocupação do complexo (Figura 2).

Aliado ao *retrofit* da edificação histórica, propõe-se um novo volume arquitetônico que se articula à preexistência por meio do diálogo ritmado das fachadas e do respeito às alturas que conformam o conjunto. A solução busca enfatizar a singularidade de cada programa por meio do contraste intencional de materialidades – alvenaria tradicional, chapas metálicas e concreto –, reforçando a leitura temporal entre o antigo e o novo (Figura 3).

O pátio central assume papel de elemento articulador dos diferentes usos e blocos do conjunto, organizando as dinâmicas internas do complexo. Sua configuração de espaço semipúblico integra-se à malha urbana por meio da permeabilidade visual do térreo e dos diferentes níveis de acessos, ampliando as possibi-

Figura 3 – Fachada principal do conjunto: Moinho Corsetti (à esquerda) e ampliação arquitetônica proposta



dades de circulação e fruição para os pedestres (Figura 4). A praça resultante funciona simultaneamente como área de permanência, de passagem e de apoio a atividades comerciais e expositivas, extrapolando os limites do programa construído ao servir, também, como palco para diferentes manifestações artísticas (Figuras 5 e 6). O caráter multifuncional da proposta objetiva a preservação do valor patrimonial enquanto estrutura um equipamento urbano capaz de responder às demandas atuais, ativando um ponto estratégico da cidade e promovendo impacto social e econômico positivo.

Figura 4 – Perspectiva do pátio interno – nível térreo



Figura 5 – Perspectiva do pátio interno: níveis intermediários e relação com a rua



Figura 6 – Perspectiva do pátio interno: níveis intermediários e relação com a rua



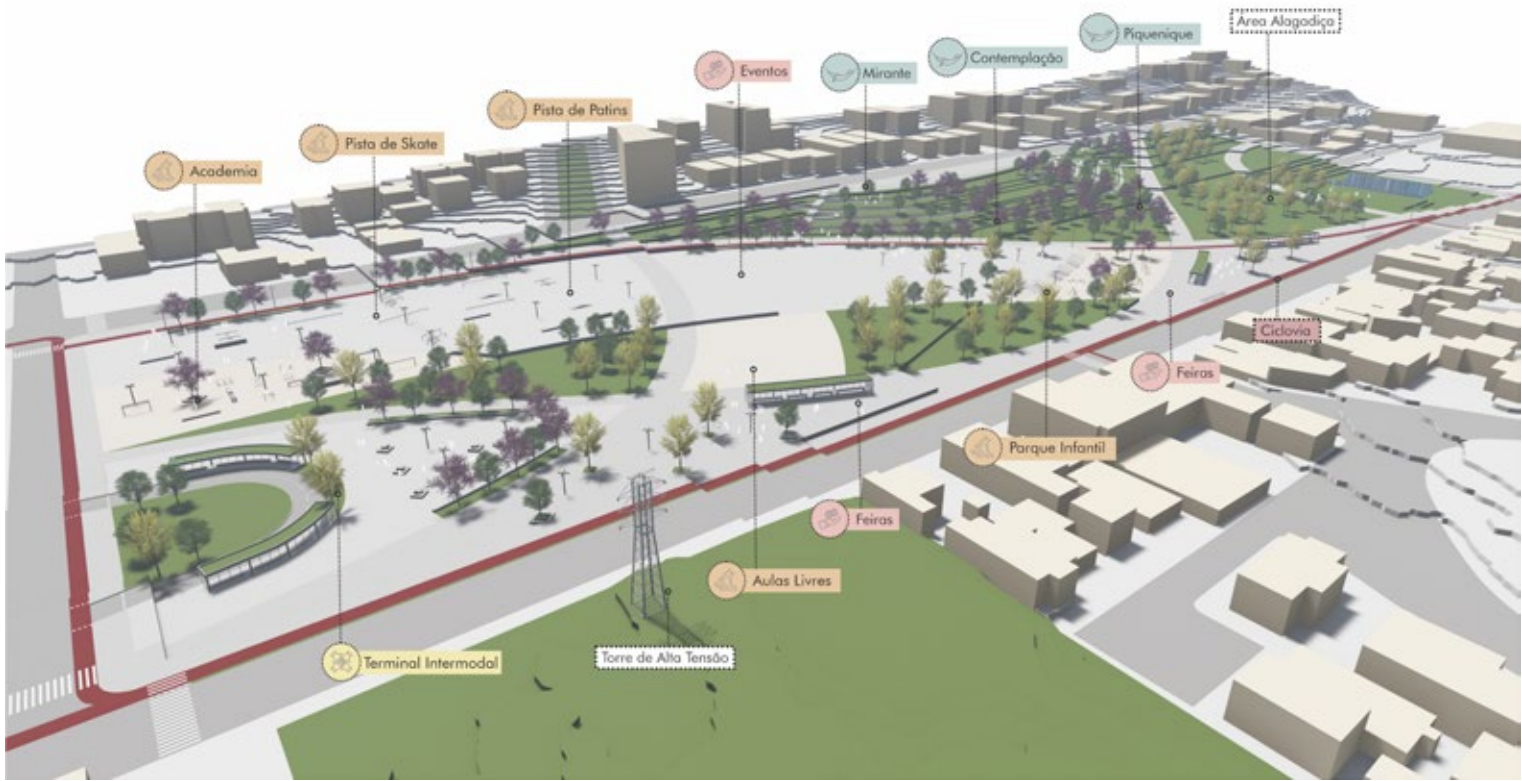
Parque urbano Ceasa

AUTORA: Louise Fagundes Cerbaro
ORIENTADORA: Doris Baldissera

O projeto apresenta a implantação de um parque urbano no bairro Santa Catarina, visando qualificar as áreas de lazer, oferecer um espaço adequado para feiras e eventos e fortalecer a conscientização ambiental por meio da reconexão da comunidade com a natureza. A proposta busca preservar o caráter existente da área, valorizando sua identidade e potencial paisagístico enquanto responde às necessidades do entorno.

A justificativa do projeto apoia-se na utilização frequente do local para práticas esportivas e de lazer, evidenciando a demanda espontânea por espaços públicos de qualidade. O bairro apresenta ainda um contexto de crescimento econômico e potencial de centralidade, mas carece de áreas verdes tratadas e enfrenta um intenso fluxo de veículos pesados sem infraestrutura adequada. Esses aspectos reforçam a pertinência de um parque que organize, qualifique e potencialize o espaço. Nesse contexto, surge a problemática central do projeto, expressa na pergunta de Jane Jacobs: “Por que é tão frequente não haver ninguém onde há parques e nenhum parque onde há gente?”¹.

Figura 1 – Perspectiva geral



¹ JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo, SP: Martins Fontes. 2011. p. 103.

Figura 2 – Academia



As diretrizes que orientam o parque urbano Ceasa partem da necessidade de qualificar o espaço público e atender às demandas sociais, ambientais e culturais do bairro Santa Catarina. A primeira diretriz consiste em criar um espaço qualificado de lazer, estimulando a prática de atividades físicas para a promoção da saúde e garantindo a inclusão de diferentes faixas etárias, de modo que o parque seja apropriado tanto para crianças quanto para adultos e idosos. A segunda diretriz busca incentivar a conscientização ambiental por meio da conexão com a natureza, contemplando a preservação, a qualificação e a implantação de novas áreas verdes. Essa orientação também reforça a importância de integrar o parque ao sistema de mobilidade urbana da cidade, oferecendo acessos mais eficientes e diversos modais de transporte que favoreçam seu uso cotidiano. Em complemento, o projeto pretende proporcionar um local adequado para a realização de feiras e

eventos, fortalecendo o comércio e os serviços locais. A criação de espaços apropriados para encontros, circulação e permanência contribui para ampliar o convívio social e promover o senso de comunidade, possibilitando que o parque seja utilizado por diferentes públicos ao longo do dia. Por fim, a proposta enfatiza a necessidade de preservar o caráter e a imagem existente do lugar, mantendo os usos já consolidados, como as práticas esportivas, as atividades comerciais e a tradição hortifrutigranjeira da área. Essa diretriz reconhece o valor cultural e simbólico do local, assegurando que o novo parque respeite sua identidade e fortaleça os vínculos já estabelecidos com a comunidade.

Figura 6 – Feiras e eventos



Figura 3 – Terminal intermodal



Figura 4 – Parque infantil



Figura 5 – Contemplação



Figura 7 – Mirante



Incubadora de *startups* e *coworking* Sanvitto – ecossistema inovação

AUTOR: *Maikon Camilo Pagna*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O projeto trata-se de um edifício (Figura 1) de arquitetura comercial com a função de incubação de *startups* e *coworking*. Situado no bairro Sanvitto, na cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, é uma região em expansão. Desde os anos 2000, vem se consolidando como uma importante rota comercial na cidade e é diretamente ligada à ERS-122, uma rota comercial importante para a malha viária do estado, da Serra Gaúcha e da cidade, onde é possível acessar diversos pontos do município, de norte a sul, por meio dos anéis viários. Essas conexões viárias conectam o edifício às principais instituições de ensino superior, técnico, EPIs e diversos equipamentos urbanos.

A incubadora de empresas (IE) é comumente conhecida pela sua característica de promover espaços disponibilizados por uma instituição, que podem ser de ensino ou corporação, para a evolução de uma pequena empresa com uma ideia original ou inovadora, por um pequeno período de tempo estipulado pelo programa de que dispõe. Um de seus principais atributos é que, por ser muito curto o tempo de permanência da empresa no local, em média 4 anos, é de se esperar que o espaço físico também mude com a eventual necessidade das empresas. Partindo desse pressuposto, o objetivo principal deste trabalho é apresentar os benefícios de uma arquitetura de projetos, principalmente no que diz respeito a *startups* e *coworkings* na cidade de Caxias de Sul.

Figura 1 – Vista do conjunto e acesso ao terraço



Figura 2 – Vista da fachada norte e do acesso intermediário



Figura 3 – Vista da fachada leste e do acesso superior



Figura 4 – Vista da incubadora e do coworking



A topografia foi um dos principais desafios do projeto, sendo um terreno de esquina em declive com uma diferença de 12 metros nas extremidades (Figura 2); aos fundos, há um parque, logo, foi adotada uma abordagem de conectar o ponto mais alto com o mais baixo do terreno e das condições de acesso à incubadora, seus pátios públicos, privados e parques. Criou-se um grande terraço verde e permeável (Figura 3) com espaços de descompressão, estar, lazer e contemplação, como uma extensão do parque. Essa mesma lógica foi acionada em todo o programa do edifício, onde foram criados pátios privados e públicos que trazem mais conforto aos momentos de trabalho (Figura 4). Os espaços internos compartilhados (Figura 5) possuem acesso direto aos pátios, que podem ser usados para descompressão, reuniões etc. As salas aéreas mais privativas possuem pequenos terraços verdes com o mesmo objetivo.

Figura 5 – Pátio central privado



Buscou-se eficiência energética e segurança, não só por meio dos materiais utilizados, mas também por meio da tecnologia, como energia fotovoltaica, sistema de controle com sensores de temperatura, energia, água e iluminação automatizados (Figura 6). Adotou-se um volume central (Figura 7), além de ser um elemento visual de acesso pela parte mais alta do terreno, conectando os três pavimentos, organiza e direciona os fluxos e as conexões pelo edifício.. Esse elemento pode ser iluminado à noite, destacando-se como acesso em dias de evento. A volumetria prismática, onde as *startups* incubadas têm suas salas, é sustentada sobre pilotis, criando uma proteção aos usuários contra as intempéries naturais (Figura 8) para acesso ao edifício, uma grande permeabilidade visual e de mobilidade. Era crucial a integração local, fornecendo espaços para eventos, restaurante e espaço verde para descanso (Figura 9).

Figura 6 – Tecnologias e automação

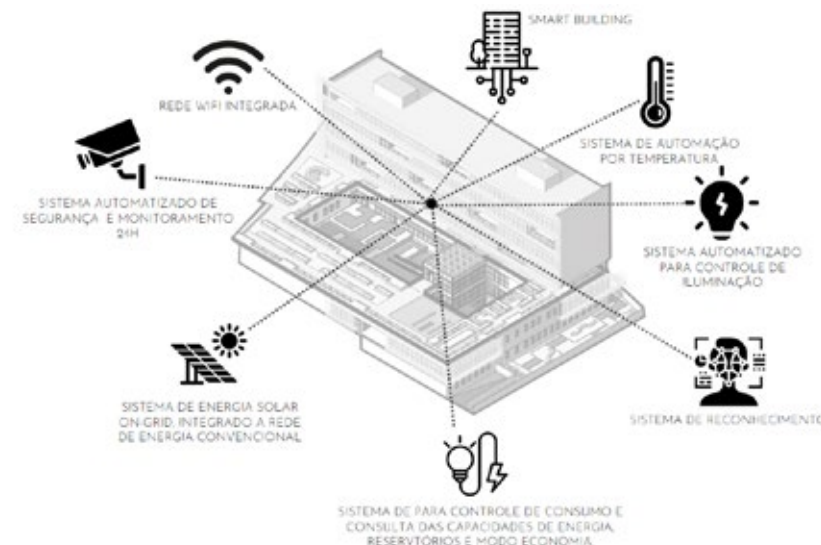


Figura 7 – Vista do pátio central e do volume articulador



Figura 8 – Acesso protegido e contemplação



Figura 9 – Área de lazer pública do terraço



Figura 10 – Localização – Implantação

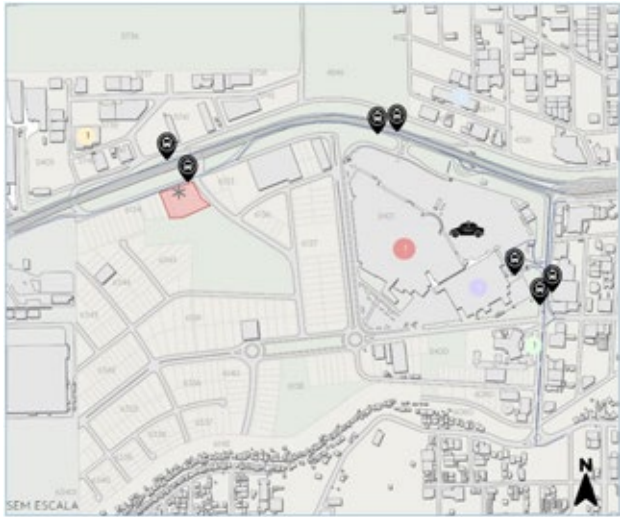
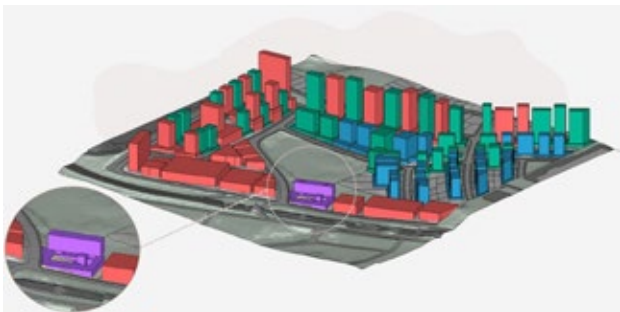


Figura 11 – Estudo do plano de massas



Após os estudos aprofundados do local e da concepção formal, foi definida a implantação do edifício (Figura 10) às margens da ERS-122. A área possui muitos vazios urbanos, devido à sua recente expansão, foi necessário um estudo de plano de massas, simulando as futuras edificações e o impacto no projeto (Figura 11). Dessa forma, foi possível atender os condicionantes físicos do lugar e as relações com o entorno.

A materialidade (Figura 12) foi definida priorizando eficiência da captação e escoamento pluvial, redução de ruídos, sustentação do alto tráfego, materiais que suportam e controlam a absorção de luz e temperatura. A proposta de partido da volumetria (Figura 13) resultou em um partido decomposto de forma aditiva de dois elementos. Os volumes adicionados possuem funções diferentes (Figuras 14, 15 e 16) e foram implantados para não competirem entre si, tornando cada passo uma experiência, com novas possibilidades ao permear o projeto.

Figura 12 – Materialidade

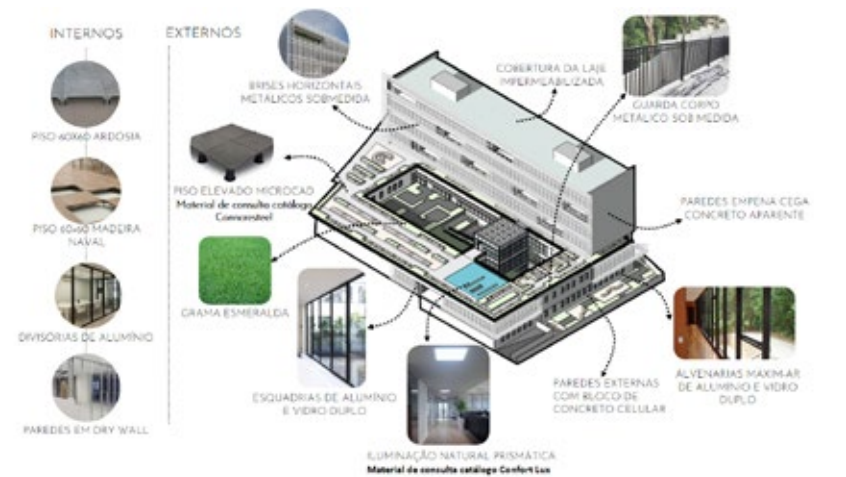


Figura 13 – Composição formal explodida

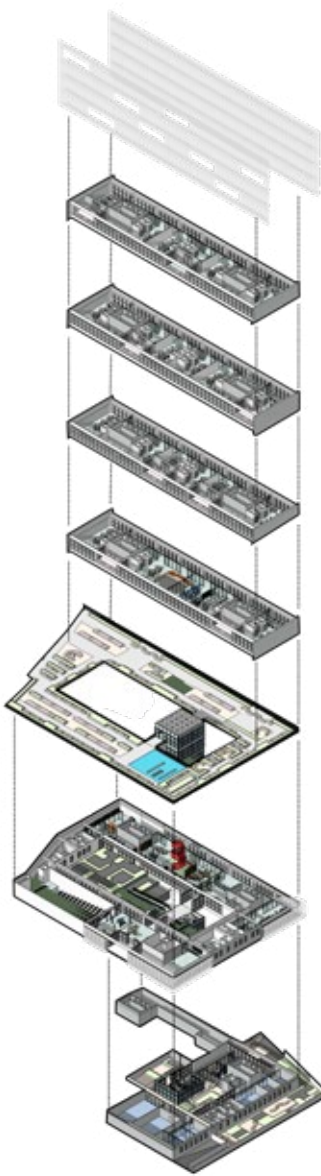


Figura 14 – Vista do terraço



Figura 15 – Vista da lâmina d'água



Figura 16 – Vista da fachada sul e do acesso inferior



Requalificação da rua Júlio de Castilhos – Farroupilha/RS

AUTOR: Mateus Picoli
ORIENTADORA: Doris Baldissera

A requalificação da rua Júlio de Castilhos parte da compreensão de que os espaços públicos são organismos vivos, moldados pelo tempo, pelas camadas de memória e pelos fluxos cotidianos das pessoas que os atravessam. Mais do que uma intervenção física, o projeto busca restituir à rua e às praças a vitalidade que historicamente lhes pertenceu, revelando aquilo que já existe, mas que há muito se encontra encoberto pelos excessos, pelos vazios e pela falta de permanência. A vitalidade urbana é tratada como presença, como múltiplos ritmos convivendo no mesmo espaço e produzindo vida: quem caminha, quem descansa, quem apenas passa.

Inserida no coração de Farroupilha, a Júlio de Castilhos é a principal via histórica e econômica da cidade, onde se estruturaram os primeiros comércios, serviços e espaços de encontro. A rua carrega, portanto, a memória coletiva da formação urbana, ao mesmo tempo em que revela a necessidade contemporânea de reaproximação entre pessoas, patrimônio e cotidiano. O trabalho desenvolve um estudo aprofundado de vitalidade urbana, investigando padrões de uso, permanência, mobilidade e percepção do espaço público, como base para as diretrizes projetuais.

Ao abranger a rua e três praças diretamente vinculadas a ela, a proposta amplia sua capacidade de impacto e cria um sistema contínuo de convívio. O patrimônio cultural surge como guia e guardião, não como peça isolada, mas como parte viva da paisagem, reenquadrado pela luz, pela vegetação e pela abertura dos espaços. Cada gesto procura reforçar a relação entre memória e vida contemporânea, criando percursos que acolhem, pausas que respiram e lugares que convidam a cidade a reencontrar seu próprio centro.

A rua Júlio de Castilhos concentra parte significativa da história urbana de Farroupilha. É nela que os primeiros comércios se estabeleceram, que as relações sociais se moldaram e que a cidade

Figura 1 – Proposta para a rua Júlio de Castilhos



Figura 2 – Praça da Bandeira



aprendeu a reconhecer seu próprio centro. O diagnóstico revelou uma via rica em memória, porém fragilizada pela falta de permanência, pela fragmentação dos espaços e pela predominância do automóvel sobre a escala humana. A leitura da vitalidade urbana evidenciou que, apesar dos desafios, a rua mantém potencial para recuperar seu papel de eixo vivo, onde a caminhada, o encontro e o uso cotidiano possam coexistir. A Praça da Bandeira, apresentada na Figura 2, surge como ponto de partida dessa transformação. Ao ampliar seus limites e reenquadrar a antiga biblioteca, o espaço readquire protagonismo e estabelece a conexão simbólica entre memória e cotidiano. A sucessão de espaços públicos ilustrada nas Figuras 3 e 4 reforça essa continuidade e evidencia o potencial do percurso ao longo da rua.

A leitura da rua como percurso revelou que sua vitalidade não depende apenas do movimento, mas da possibilidade de permanecer. O diagnóstico mostrou que muitos trechos perderam essa condição ao longo do tempo, seja pelo estreitamento das calçadas, pela ausência de vegetação ou pelo domínio dos fluxos

veiculares que tornaram a experiência pedonal rápida e pouco acolhedora.

A proposta busca justamente inverter essa lógica, ampliando o passeio público e criando situações em que o caminhar se torna mais lento, atento e convidativo. A diversidade de áreas de estar, mostrada na Figura 4, demonstra essa intenção de ampliar o uso cotidiano. Os *parklets* e módulos de estar surgem como pequenos convites ao descanso, produzindo momentos de respiro e aproximando o pedestre da paisagem urbana. Dessa forma, a Júlio de Castilhos se transforma em um percurso mais sensível, onde cada detalhe reforça o caráter humano da rua e favorece a permanência.

Ao longo da rua, as mudanças de largura, de vegetação e de uso revelam uma sequência de situações que moldam a percepção do espaço. A proposta reconhece essas transições e as transforma em oportunidades para qualificar a experiência urbana. Pequenos alargamentos permitem a criação de áreas de estar; o reposicionamento da arborização oferece sombra e conforto; a reorganização das travessias amplia a segurança e aproxima os dois lados da via.

Essas operações simples constroem um percurso mais coerente e humano. A partir dessa reestruturação, as praças se tornam extensões naturais da rua, conectando memória, cotidiano e permanência. A Praça da Bandeira inaugura esse sistema e, a partir dela, o caminho passa a ser conduzido por uma paisagem mais aberta, sensível e alinhada às necessidades contemporâneas da vida urbana. A nova edificação de uso misto reforça essa lógica ao aproximar térreo ativo e espaço público, consolidando a continuidade do percurso. Assim, a rua e a praça deixam de ser elementos separados e passam a formar um único tecido urbano, capaz de receber diferentes usos ao longo do dia. O resultado é uma paisagem mais viva, marcada pelo tempo, pelas pessoas e pelas diversas formas de ocupar a cidade.

A Praça da Máquina revela a face mais dinâmica do percurso, em que o movimento e a

Figura 3 – Espaços públicos propostos



Figura 4 – Trecho da rua compartilhada



permanência se sobrepõem ao longo do dia. A proposta reforça essa vocação ao organizar quadra, *playground* e áreas de descanso em um conjunto coerente, ampliando a capacidade do espaço de receber diferentes ritmos de uso. As arquibancadas, integradas ao desnível existente, criam novos pontos de convivência e tornam a praça um lugar vivo, acessível e convidativo, como ilustrado na Figura 5. Já a Praça do Monumento assume um papel mais contemplativo dentro do sistema.

O diagnóstico apontou que o monumento estava visualmente abafado, e a intervenção resgata sua presença ao reorganizar canteiros, substituir vegetação alta por espécies mais baixas e abrir os percursos que estruturam o espaço, como mostrado na Figura 6. Dessa forma, o patrimônio volta a dialogar com a rua, revelado pela luz, pelos enquadramentos e pelo desenho mais claro e permeável da praça.

Juntas, as duas praças formam uma transição entre o movimento intenso e a pausa silenciosa, compondo diferentes atmosferas ao longo da Júlio de Castilhos. Ao combiná-las em um único sistema, a intervenção reforça a diversidade de experiências que a rua é capaz de oferecer e amplia o potencial de convivência ao longo do percurso.

Os mobiliários e quiosques propostos atuam como pequenas arquiteturas capazes de costurar o percurso entre as praças e a rua. Implantados nos alargamentos de passeio, eles criam microambientes de sombra, descanso e encontro,

enriquecendo o cotidiano com situações que estimulam a permanência. A materialidade leve, combinada à vegetação que marca ritmos e cria diferentes atmosferas, aproxima o desenho urbano da escala humana e reforça a presença do pedestre.

A valorização patrimonial aparece tanto na abertura de vistas quanto no cuidado com o entorno, permitindo que edificações históricas sejam novamente percebidas como parte essencial da paisagem. Assim, toda a intervenção se organiza como um sistema contínuo, em que rua, praças e mobiliários trabalham juntos para reconstruir a vitalidade urbana.

Os mobiliários e a vegetação reforçam essa continuidade, aproximando o percurso da escala humana e ampliando as possibilidades de permanência, como ilustrado na Figura 7. Assim, rua e praças se articulam como um único sistema, capaz de acolher diferentes modos de viver a cidade e resgatar a vitalidade do centro. Com isso, a proposta reafirma a ideia principal do trabalho: reconstruir a vida urbana a partir dos espaços que compõem a Júlio de Castilhos.

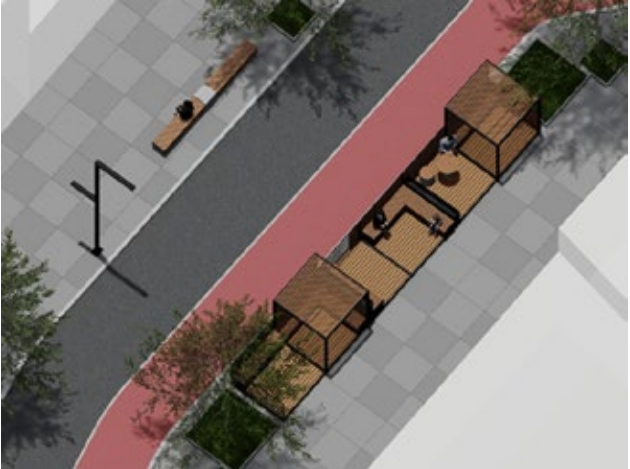
Figura 5 – Praça da Máquina



Figura 6 – Praça do Monumento



Figura 7 – Parklets e mobiliários



Requalificação e integração urbana do Largo Carlos Fetter em Farroupilha/RS

AUTORA: *Patrícia Caroline da Silva*
ORIENTADORA: *Nicole Rosa*

A requalificação e integração urbana do Largo Carlos Fetter parte da premissa de que o local de estudo se configura como um vazio urbano, caracterizado por ser uma área ociosa e subutilizada dentro do contexto central da cidade de Farroupilha. Essa condição evidencia a necessidade de repensar a função e o significado do lugar na dinâmica urbana, de modo a transformá-lo em um espaço público qualificado, capaz de promover convivência, lazer e identidade coletiva.

O projeto adota uma abordagem que reconhece e valoriza as potencialidades do terreno e as condicionantes do entorno, incorporando esses elementos como base conceitual e formal para o desenvolvimento da proposta. Mais do que requalificar o espaço físico, busca-se reinserir o Largo no cotidiano da cidade, convertendo-o em um novo eixo de vida, encontro, circulação e integração, em que história e contemporaneidade dialogam de forma sensível e equilibrada.

A concepção desenvolve-se a partir de estratégias formais e espaciais que reinterpretem, sob uma ótica atual, os elementos tradicionais dos espaços cívicos, resgatando sua dimensão simbólica e adaptando-os às dinâmicas urbanas contemporâneas. O resultado é uma proposta que reconecta o espaço público à experiência cotidiana, reafirmando o Largo Carlos Fetter como um lugar de encontro, permanência e expressão coletiva, promovendo fluidez, acessibilidade e vitalidade no coração de Farroupilha.

Figura 1 – Imagem aérea da proposta completa – Largo Carlos Fetter em Farroupilha/RS



Figura 2 – Princípios básicos do projeto



Figura 3 – Aplicação dos princípios básicos do projeto na área de intervenção



A proposta estrutura-se a partir de seis princípios que orientam o processo projetual: ativar, conectar, desenvolver, integrar, requalificar e ressignificar (Figura 2). “Ativar” significa devolver vitalidade a um espaço antes ocioso (Figura 4), transformando-o em um ambiente dinâmico e convidativo à permanência e ao convívio. “Conectar” é restabelecer vínculos físicos com o entorno, articulando fluxos, visuais e criando relações com a malha urbana da cidade. “Desenvolver” remete às transformações sociais e culturais da cidade. “Integrar” propõe a harmonização com o consolidado. “Requalificar”, por sua vez, significa renovar o espaço existente e devolver-lhe relevância no cotidiano urbano. Por fim, “ressignificar” representa dar novo sentido ao lugar, transformando o Largo Carlos Fetter em um marco de encontro e identidade. Juntos, esses princípios fazem com que o projeto se una à dinâmica urbana, melhorando questões como qualidade de vida, convivência, pertencimento e evolução da cidade.

Figura 4 – Imagem aérea (drone) demonstrando ociosidade do local de estudo (2022)



Após uma longa análise sobre o público e as personas, além de condicionantes e entorno, dividiu-se o local de estudo em cinco setores principais, sendo eles: lazer, estar, contemplação, gastronômico e cultural (Figuras 5 a 15). Como principal diretriz projetual, buscou-se, inicialmente, a conexão desses setores com o que já estava consolidado. Isto é, além de criar novos usos para o espaço, a proposta fala principalmente sobre integrá-lo ao restante da malha urbana de Farroupilha. O Largo Carlos Fetter participa, de forma eficiente, de uma grande rede cultural, social e de lazer da cidade, servindo como uma espécie de novo núcleo de relações, ou até mesmo uma própria extensão dos equipamentos saturados já existentes. A proposta de requalificação e integração urbana dessa área, atualmente esquecida e degenerada (Figura 4), supre a falta de vitalidade efetiva do local e cessa, de uma vez por todas, a recorrente degradação, além da grande insegurança gerada por esse vazio urbano.

A análise do Largo Carlos Fetter e de seu entorno imediato, especialmente a área adjacente à antiga estação Nova Vicenza e

Figura 5 – Imagem aérea da ala noroeste (Setor 1 – Gastronômico)



Figura 6 – Imagem aérea da ala nordeste (Setor 2 – Lazer Passivo)



Figura 7 – Imagem aérea da ala norte (Setor 2 – Contemplação)



Figura 8 – Imagem aérea da ala leste (Setor 3 – Lazer Passivo e Cultural)



Figura 9 – Imagem aérea da ala centro-leste (Setor 4 – Estar, Lazer e Esportes)



Figura 10 – Imagem aérea da ala leste (Setor 4 – Estar, Lazer e Esportes)



Figura 11 – Imagem aérea da ala sudeste (Setor 4 – Estar, Lazer e Esportes)



ao traçado da linha férrea (Figura 8), evidenciou um conjunto de fragilidades urbanas que comprometem a percepção ambiental e o desempenho geral da área no centro de Farroupilha. O cenário de abandono e degradação e a ausência de usos qualificados dão lugar a um novo Largo, atuando como um elo estruturador que abriga atividades recreativas (Figuras 9, 10 e 11) e culturais (Figuras 13 e 14). Além disso, reintroduzir elementos paisagísticos e estruturais qualificados contribui diretamente no aumento da legibilidade, da se-

gurança e da vitalidade urbana, conforme figura 12. A adoção de estratégias de requalificação para áreas subutilizadas demonstra a importância desse tipo de intervenção como instrumento eficaz de promoção da qualidade de vida. Espaços públicos bem planejados desempenham um papel fundamental na construção de cidades mais integradas e eficientes.

Figura 12 – Imagem da proposta central com a reativação da estação férrea Nova Vicenza – Largo Carlos Fetter em Farroupilha/RS



Figura 13 – Imagem aérea da ala sudoeste (Setor 5 – Lazer Passivo e Cultural)



Figura 14 – Imagem aérea da ala sudoeste (Setor 5 – Cultural)



Figura 15 – Imagem da conexão e integração dos bairros



Refúgio – hospedagem e turismo

AUTORA: *Sofia Gemin Felippi*
ORIENTADOR: *Carlos Eduardo Mesquita Pedone*

O Refúgio trata-se de uma proposta para unidades de hospedagem e infraestrutura de lazer, associadas ao turismo rural, buscando valorizar o patrimônio natural e cultural da região do interior de Caxias do Sul. A área de interesse está localizada no bairro Galópolis, na área rural da cidade.

Constatou-se, no diagnóstico inicial, a carência de locais para hospedagem no bairro, que, apesar de possuir roteiros contemplando visitas aos principais pontos de interesse histórico, belas paisagens naturais e comércio local, ainda é visto apenas como um local de passagem, sem infraestrutura necessária para maior permanência dos turistas. A escolha do tema baseou-se no contexto de ascensão do turismo de bem-estar, bastante associado ao turismo rural, aliado à vocação e ao grande potencial turísticos existentes no bairro Galópolis, proporcionando o cenário ideal para a proposta de um equipamento com objetivo de impulsionar e apoiar o turismo na região.

Figura 1 – Vista superior geral da proposta



Figura 5 – Implantação geral



A partir da área útil resultante da análise dos condicionantes legais e naturais, o terreno foi inicialmente dividido em duas zonas principais, uma de **hospedagem** (mais privada) e uma de **gastronomia** (mais pública), resultando assim no zoneamento proposto (Figura 3). As diretrizes principais do projeto foram a **sustentabilidade**, propondo o correto gerenciamento de resíduos e efluentes com o sistema de jardins filtrantes, soluções passivas de conforto ambiental e uso de fontes de energia alternativa, além do sistema construtivo escolhido, as estruturas pré-fabricadas em madeira; a **mínima intervenção no terreno e na paisagem**, prevendo a permanência da cobertura vegetal original do terreno, as edificações elevadas do solo, bem como o acesso a elas, por meio de passarelas elevadas, e uma arquitetura que se integra à paisagem; e a **valorização do patrimônio e da história**, com a restauração e conservação da casa histórica existente no terreno e a escolha de uma tipologia para as novas construções que converse e valorize as preexistências.

A casa antiga existente no terreno foi um dos pontos de grande atenção na proposta, buscando a valorização e manutenção

Figura 4 – Imagens do terreno



Figura 7 – Acesso à área gastronômica



das suas características originais, com a intenção de colocá-la como protagonista, ponto principal e norteador do projeto. Assim, foi proposta a supressão de alguns elementos construídos posteriormente que promoviam a descaracterização do bem, assim como as adições necessárias foram pensadas a partir dos princípios da legibilidade, criando um contraste claro e legível entre a casa antiga e as novas intervenções.

O sistema estrutural adotado para as novas construções propostas foi a **estrutura pré-fabricada em madeira**. A escolha foi feita a partir das premissas de projeto, visando gerar o mínimo possível

Figura 8 – Casa antiga



Figura 9 – Proposta de intervenção para a casa antiga



Figura 10 – Imagens da intervenção proposta



de impacto no local, já que esse sistema permite que até 90% da construção ocorra fora do canteiro, minimizando também os resíduos sólidos da construção. Além disso, o sistema garante ótimo isolamento termoacústico, melhorando a eficiência energética dos espaços e promovendo maior economia na utilização de energia para a climatização.

Figura 11 – Sistema estrutural



Figura 12 – Acesso ao restaurante



Figura 13 – Acesso à recepção da hospedagem



Figura 14 – Acesso às cabanas



Parque linear Casa do Povo

AUTORA: *Eduarda Alves Oliveira de Almeida*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

Os espaços urbanos são fundamentais para uma cidade, pois promovem a integração e socialização entre as pessoas, sendo, portanto, responsáveis pela definição da forma urbana. Espaços em que há circulação e convívio de pessoas tornam-se locais seguros e com vitalidade urbana. Além disso, edificações de importância patrimonial ganham maior destaque em ambientes onde há presença de pessoas e atividades com usos diferentes. A cidade de Vacaria/RS possui uma importante edificação que integra a lista de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul (IPHAE) desde 2008 – a Casa do Povo. Esta, por sua vez, encontra-se mal inserida no contexto da cidade, situando-se ao lado do presídio municipal e próximo a espaços abertos sem usos diferenciados e em mau estado de conservação. O projeto do parque linear Casa do Povo busca qualificar o espaço público aberto na cidade, tendo a edificação como elemento norteador e se utilizando da região de abrangência da linha férrea da cidade como extensão, com o objetivo de promover a vitalidade urbana e valorizar a área.

Figura 1 – Vista da Casa do Povo



Figura 2 – Espaço de descanso



Figura 3 – Visuais da área de playground



Figura 4 – Espaço de lazer ativo – quadras e skate



Para que o projeto pudesse ser elaborado, inicialmente, foram traçadas diretrizes fundamentais para promover a qualidade do espaço público e garantir boa mobilidade e vitalidade urbana. Algumas delas foram a melhoria e ampliação de ciclovias, a realocação do presídio municipal para uma área adequada e criação de espaços com usos diversos.

O parque conta com áreas de lazer ativo, como pistas para caminhadas, quadras de esportes, pistas de *skate*, *playgrounds* e espaços multiusos, bem como espaços de respiro e descanso, além de pontos de apoio e comércio (Figuras 2 a 4). As atividades presentes foram definidas após o levantamento das atividades e qualidades dos espaços abertos presentes na cidade, para que o novo parque atenda de forma satisfatória as necessidades dos moradores e estimule a população a fazer uso dessas áreas.

O parque linear conecta-se com a cidade por meio da sua organização em grelha, com módulos baseados nos quarteirões do

Figura 5- Espaço de lazer ativo – quadras esportivas e skate



seu entorno, e traz consigo o traçado orgânico presente na Casa do Povo, buscando gerar identidade e conexão com a edificação (Figura 5). O projeto abrange a escala macro, visando criar continuidade e unidade no espaço público aberto, estendendo-se paralelamente às ruas Presidente Kennedy e Júlio de Castilhos (Figuras 6 e 7), e possui um enfoque maior na região próxima à Casa do Povo. Devido à sua grande extensão, cerca de 3 km, o parque atende diversos bairros e se conecta indiretamente com a região central da cidade. Os espaços de lazer localizados no terreno da edificação tombada foram pensados para serem utilizados de apoio aos eventos realizados na Casa.

Figura 6 – Traçado sinuoso – parque linear



Figura 7 – Relação do parque linear com a rua Júlio de Castilhos



Sesc Flores Da Cunha

AUTOR: *Giovani Eberle Marcon*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O objetivo fundamental do Serviço Social do Comércio (Sesc), enquanto instituição, é promover, por meio de uma arquitetura integradora e social, atividades em prol da melhoria da qualidade de vida e das condições sociais da população. Nesse sentido, a proposta para o Sesc Flores da Cunha (Figura 1) busca potencializar o poder transformador da cidadania a partir da cultura, tendo em vista que, em cidades pequenas, onde não é possível oferecer aos cidadãos um equipamento público capaz de entregar atividades e serviços voltados à assistência, à saúde, à cultura e aos esportes, o Sesc seja capaz de permear toda esfera da vida do indivíduo, conduzindo o cidadão para além da educação formal. Dessa forma, a proposta arquitetônica para a unidade de Flores da Cunha busca suprir as demandas do lugar e oferecer tal melhoria na qualidade de vida por meio dos espaços e dos programas propostos pelo projeto, o qual atua como uma vitrine de oportunidades ao fazer o indivíduo percorrer diversas possibilidades em um único complexo.

Figura 1 – Acesso leste – praça coberta



Figura 2 – Praça de encontro do acesso principal ao Sesc Flores da Cunha

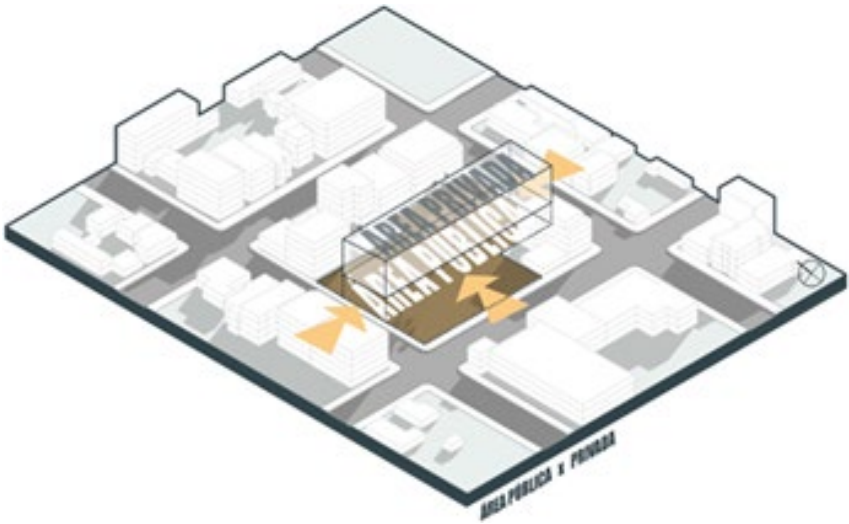


Figura 3 – Acessos oeste e leste – praça coberta



O grande desafio do projeto é conciliar as inúmeras possibilidades de permeabilidade do edifício sem comprometer a hierarquia do acesso principal (Figura 2). As três testadas voltadas para vias públicas distintas fazem com que o projeto precise convergir para um ponto único de controle. Visando aproveitar as diversas possibilidades de acesso proporcionadas pelas testadas (Figura 3) e, simultaneamente, gerar vitalidade urbana, propõe-se destinar o nível do pedestre ao uso público e elevar o bloco edificado, onde se concentram as áreas privadas (Figura 4). Assim, o conceito de edifício-passagem é aplicado ao projeto: o térreo funciona como uma grande praça – ora coberta, ora descoberta –, que não apenas convida o cidadão a adentrar o espaço e a participar dele, mas também organiza, controla e distribui os fluxos de todos os usuários que circulam pelo edifício. A possibilidade de essa área pública abrigar exposições e eventos diversos reforça sua função articuladora, transformando o térreo em um amplo espaço itinerante e dinâmico.

Figura 4 – Relação das áreas públicas com as áreas privadas



Outro fator determinante para a forma do conjunto foi a araucária localizada no centro do terreno. Sua presença orientou o desenvolvimento do projeto de tal maneira que, além de ser preservada, permitiu que o edifício elevado incorporasse um grande átrio, naturalmente iluminado e ventilado. Esse espaço central favorece a interação entre os pavimentos, graças aos vazios criados pelas circulações (Figura 5). Os espaços privados do projeto – aqueles que demandavam infraestrutura física específica – foram organizados em blocos distintos desde a concepção (Figura 6). As atividades de concentração e aprendizado foram suspensas do solo, enquanto as atividades de lazer e cultura, mais ruidosas, foram semienterradas, liberando o térreo para uso público. As áreas dedicadas aos esportes (Figura 7) exigiam maior área de ocupação; por isso, o bloco correspondente também foi semienterrado. Essa solução evitou que, ao nível do pedestre, o edifício se apresentasse como um paredão, possibilitando a abertura de grandes vãos que funcionam como “janelas arquibancadas” e garantem a manutenção da vitalidade urbana.

Figura 5 – Visual do átrio central



Figura 6 – Concepção formal do projeto

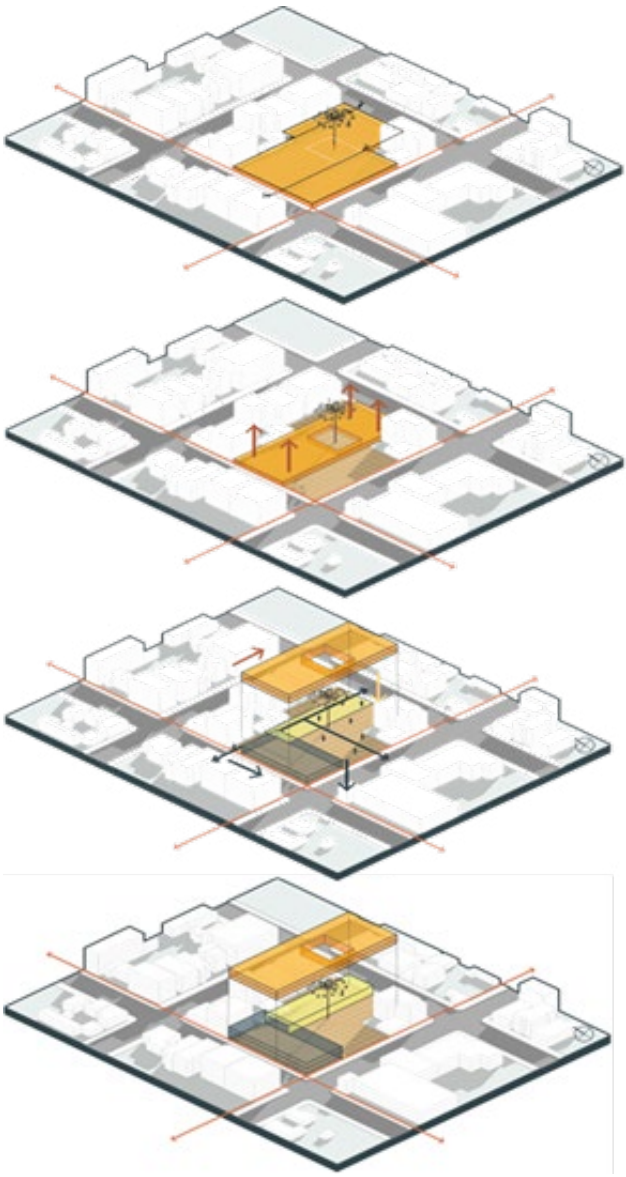


Figura 7 – Quadra poliesportiva – janelas arquibancadas



Figura 8 – Teatro e foyer semienterrados



A outra parte do programa, que exigia grandes áreas – porém mais reservadas –, também foi semienterrada. Diferentemente do primeiro volume, esse setor foi implantado aproveitando a topografia natural do terreno, de modo a evitar que sua altura interferisse na relação entre o espaço público e o privado ao nível do térreo. Assim, o setor cultural (Figura 8) utiliza o desnível existente para conformar uma área de teatro efêmera, capaz de se adaptar conforme as necessidades do uso. As áreas destinadas à educação, ao ensino e à saúde foram organizadas no primeiro pavimento, separadas pelo átrio central. Embora integradas ao conjunto, permanecem mais resguardadas, já que demandam ambientes menos ruidosos para garantir o pleno funcionamento de suas atividades (Figura 9). No último nível, localizam-se o restaurante e a academia do complexo (Figuras 10 e 11). Por serem espaços que incentivam a permanência prolongada dos usuários, sua posição elevada é estratégica, permitindo vistas privilegiadas para o centro do projeto por meio dos vazios que se conectam ao longo dos átrios centrais. Dessa forma, os diferentes níveis dialogam visualmente entre si, reforçando a integração espacial e a coerência do conjunto arquitetônico.

Figura 9 – Acesso às áreas de ensino e educação



A materialidade do conjunto e as tecnologias adotadas atuam tanto no fortalecimento da proposta arquitetônica quanto na criação de um microclima favorável ao conforto ambiental. Além de contribuírem para uma arquitetura de clareza formal e linguagem limpa, essas escolhas permitem a adoção de medidas passivas que respondem às condições locais, reduzindo a necessidade de sistemas externos. Os blocos transparentes – não apenas em sua essência formal, mas também em sua aparência –, conectados pelos vazios, evidenciam a intenção de revelar o que acontece em todos os setores desde o início do percurso (Figura 12). As relações estabelecidas entre espaço público e privado são fundamentais, conferindo ao projeto um caráter de socialização intensa e diversificação de usos. A possibilidade de transitar pelo conjunto sem necessariamente adentrar seus ambientes, mas ainda assim ser convidado a fazer parte dele, torna o projeto mais eficiente na oferta de atividades e serviços. Um espaço compartilhado para que a vida em toda sua extensão aconteça.

Figura 10 – Academia do complexo



Figura 11 – Restaurante do complexo



Figura 12 – Conexões entre pavimentos – transparência



Alma – hotelaria de experiência

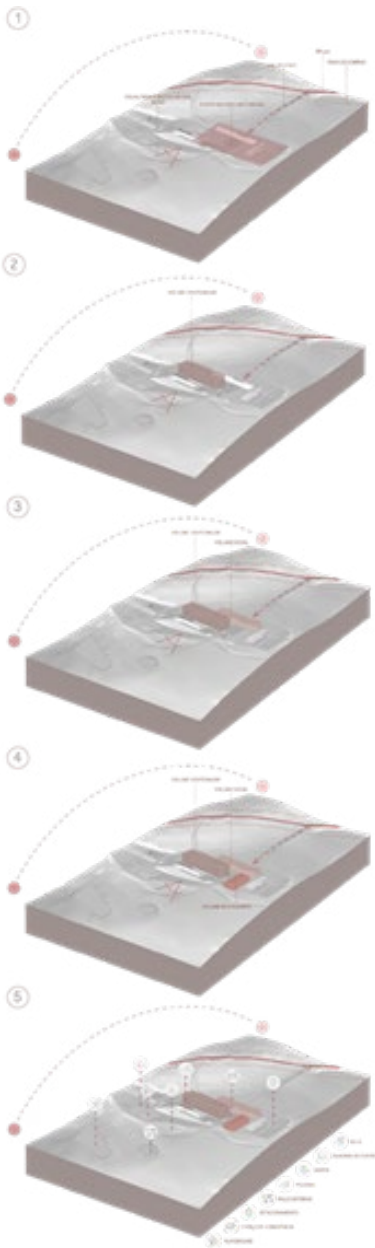
AUTORA: *Kamila Tansini*
ORIENTADOR: *Carlos Eduardo Mesquita Pedone*

O empreendimento hoteleiro Alma, localizado no distrito de Tuiuty e inserido na rota do Vale do Rio das Antas, em Bento Gonçalves, tem como intuito incentivar o crescimento econômico, turístico e cultural da região, bem como valorizar os aspectos naturais da área de intervenção. Amparado por linhas de incentivo federal, estadual e municipal, a proposta de projeto se torna viável, de acordo com a legislação do município. O objetivo fundamental do empreendimento é proporcionar uma imersão sensorial ao hóspede/visitante na cultura, nos hábitos, na gastronomia e na paisagem presentes no local. A proposta prioriza suprir necessidades identificadas em Tuiuty e disponibilizar um empreendimento hoteleiro de maior porte, com um programa completo e focado na experiência do usuário, fortalecendo o turismo e a economia local.

Figura 1 – Acesso social ao empreendimento



Figura 2 – Estudo de concepção



A partir de uma análise criteriosa das condicionantes locais e do Estudo de Impacto de Vizinhança – necessário devido à proximidade com a área de proteção ao Patrimônio Histórico, Cultural e Turístico Addolorata e à localização adjacente a uma via arterial de alto fluxo –, o estudo de concepção e implantação foi estruturado a partir de quatro diretrizes principais:

1. via arterial (BR-470): observância da faixa de domínio de 40 m a partir do eixo da rodovia e da faixa não edificável de 15 m, conforme diretrizes do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT);
2. visual para o Vale do Rio das Antas: a valorização da paisagem natural, alinhada ao conceito de experiência do empreendimento, orientou o posicionamento dos volumes para potencializar a identidade do projeto;
3. topografia: para reduzir impactos no solo, priorizou-se a implantação no platô existente no lote, minimizando cortes e aterros;
4. insolação: considerando o clima da região, os setores sociais e de hospedagem foram orientados para evitar a face sul, garantindo condições adequadas de iluminação natural.

O uso do platô foi determinante para a concepção, pois possibilitou utilizar o acesso existente, separando fluxos sociais e de serviços e evitando interferências operacionais.

Para a distribuição das áreas abertas, consideraram-se insolação, visual e proximidade ao edifício de hospedagem. As áreas de lazer passivo e ativo foram posicionadas a oeste e norte, beneficiando-se da insolação e visuais. O lazer ativo, localizado ao norte, recebeu maior distanciamento do bloco de hospedagem para mitigar ruídos, enquanto o estacionamento externo foi alocado no sul, região menos privilegiada em termos de orientação solar e visual.

O estudo volumétrico adotou um partido de composição aditiva, iniciando pela implantação de uma barra linear destinada aos setores de hospedagem e *spa*, priorizando vistas e iluminação natural. Em seguida, duas novas barras – uma no sentido norte-sul e outra leste-oeste – foram incorporadas para abrigar os setores social e operacional e o estacionamento.

Entre os volumes, foram criados espaços de transição, que garantem a conexão entre as barras, permitindo integração funcional e possibilitando que o setor operacional dê suporte aos demais, sem gerar conflitos de fluxos. O afastamento entre as barras favorece ventilação e insolação adequadas, além de configurar áreas de acesso às zonas externas, ao setor de hóspedes e ao restaurante.

Figura 3 – Acessos de serviços e social distintos



Figura 4 – Espaço externo de transição



Figura 5 – Áreas de lazer



Complexo usina

AUTOR: *Guilherme Neres Cerbaro*
ORIENTADOR: *Erinton Aver de Moraes*

Caxias do Sul, assim como outras cidades centradas na economia industrial, experimentou significativas transformações territoriais, destacando-se a desativação frequente ou realocação de complexos fabris, independentemente de seu porte, especialmente aqueles situados em áreas centrais. Tal fenômeno resultou na formação de vazios urbanos, anteriormente dinâmicos devido à localização, à função ou ao contexto, que agora se tornaram terrenos ou edificações subutilizados, sujeitos às demandas do mercado imobiliário. Urgente intervenção e ocupação desses espaços ociosos são necessárias para que desempenhem funções sociais na cidade, redefinindo sua existência. No processo de revitalização desses locais negligenciados, é crucial compreender seu entorno e adotar ações que promovam a apropriação cultural, residencial e comercial, visando estabelecer uma nova sociabilidade baseada no reconhecimento da diversidade urbana. Isso implica a criação de uma rede de núcleos urbanos compactos, densos e multifuncionais, em que os indivíduos possam realizar atividades cotidianas como moradia, trabalho e interação social, enriquecendo esses espaços com experiências culturais e de lazer. Além disso, a adaptação à evolução constante da sociedade contemporânea, marcada pela emergência da economia compartilhada, é essencial. Esse novo modelo econômico influencia a vida na cidade e o espaço urbano, proporcionando potencial para gerar novas formas de organização, competição e aprimoramento de modelos preexistentes.

Figura 1 – Complexo Usina – corporativo, residencial e gastronomia



Figura 2 – Localização da área de intervenção



Figura 3 – Praça da Usina e acesso pela rua Tronca



O lugar

A região de Caxias do Sul, conhecida como uma região industrial, como podemos ver em sua evolução urbana, tem uma grande ligação com a indústria em seu tecido urbano. Isso se deve ao aumento da população que ocorre por intermédio da lógica estabelecida por moradia em função do trabalho. Por meio da análise dos lugares estudados e tendo em vista os critérios de escolha da área, define-se como área de intervenção a antiga usina Eberle. Há necessidade de ocupação desses espaços ociosos, a fim de exercerem suas funções sociais na cidade. Dessa forma, a intervenção visa despertar uma nova dinâmica, promovendo espaços com usos múltiplos, qualificando a área e se beneficiando do programa para o complexo da Maesa (projeto de Vasquez Arquitetos), integrando a proposta para o complexo fabril, uma vez que a usina Eberle faz parte do conjunto da Maesa, não doado ao município, portanto, não está contemplada no plano da cidade para uso e ocupação. A preexistência em que se encontra, na área de intervenção, refere-se à usina da antiga fábrica II da Maesa,

Figura 4 – Evolução ao longo do tempo



sendo considerado um patrimônio tombado e de importância para a memória do lugar.

Na figura a seguir (Figura 4), podemos observar a vista aérea da Maesa – fábrica II no bairro Exposição, em primeiro plano, defronte à fundição Usina e Depósito da Metalúrgica. Caxias do Sul, c. 1957.

Figura 5 – Intervenção na usina Eberle – Maesa



Figura 6 – Concepção formal

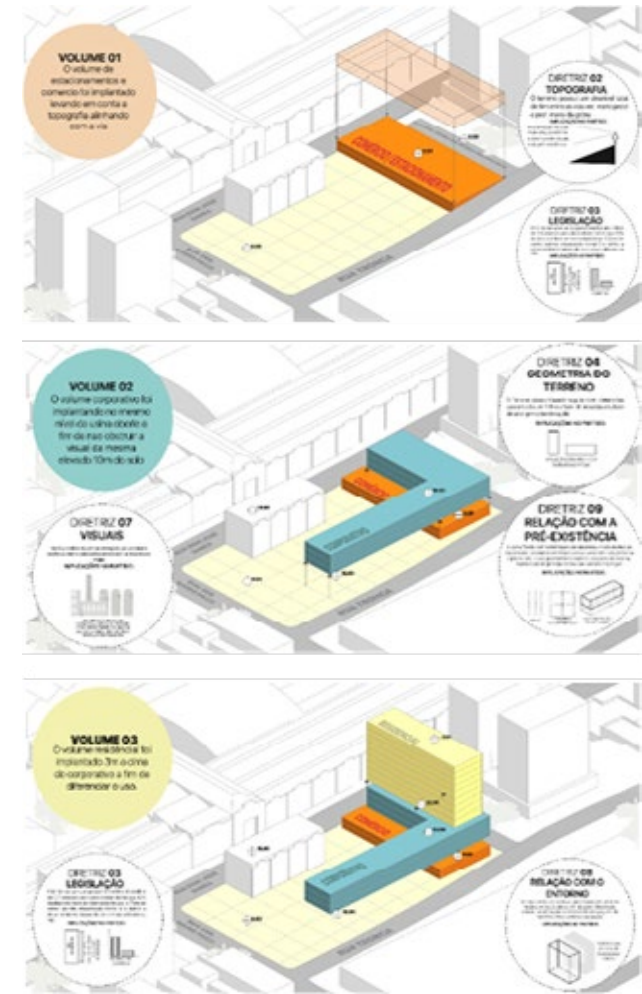


Figura 7 – Pátio interno da usina gastronômica



Figura 8 – Praça da Usina como evento noturno



O projeto

Somado à memória que o usuário tem da área (industrial), foi abordada, de uma maneira atual, o mesmo programa, de forma corporativa, em que empresas podem alocar seus escritórios de pesquisa e desenvolvimento no futuro equipamento, remetendo ao uso antigamente associado, porém, de uma ótica futura do setor da cidade, como *startups* e tecnologia. Finalizando com os estudos feitos por meio do diagnóstico, percebe-se uma alta demanda por moradia na área e grande potencial construtivo, juntando-se ao programa a necessidade de um setor residencial para o projeto, e todo o conjunto somado e conectado pelas áreas abertas, comércio e gastronomia; assim, a vitalidade urbana é garantidora do sucesso do projeto.

Figura 9 – Apartamento de 160 m² – Residencial



O projeto se baseia no conceito de integração e conectividade, sendo conceitos fundamentais na ocupação desses espaços, tendo em vista sua função como elemento estruturador e gerador de vitalidade urbana. Dessa forma, foi possível elaborar uma proposta de intervenção no entorno próximo, permitindo a conexão do equipamento proposto com o público da área. As tecnologias construtivas adotadas atendem as premissas do projeto nos quesitos de conforto ambiental, viabilidade construtiva e desempenho técnico, com uma estética contemporânea que, acima de tudo, alinha função e forma. A edificação possui, externamente, dois grupos de vedação (o vidro e as membranas microtêxteis), além da linguagem de tijolo aparente na preexistência.

Figura 10 – Dormitório – Residencial Usina



Figura 11 – Materialidades do Complexo Usina



Figura 12 – Usina – corporativo: escritórios



Hub de Inovação e Economia Criativa – antiga indústria caxiense de molduras

AUTORA: Mariana Geremia Nicola
ORIENTADOR: Luiz Merino de Freitas Xavier

O Hub de Inovação e Economia Criativa propõe a reutilização dos edifícios da antiga Indústria Caxiense de Molduras, localizada no bairro Rio Branco, em Caxias do Sul, e a implantação de um novo volume, a fim de criar um complexo de criatividade, inovação, empreendedorismo e cultura. O projeto pretende fomentar a economia criativa na cidade, atraindo novos negócios e conectando *startups*, pequenas empresas e universidades a grandes empresas e investidores, possibilitando a geração de um ecossistema que potencialize a atuação e o desenvolvimento de empresas, oportunizando novos negócios. A proposta representa um resgate da memória da produção artística e criativa da antiga indústria, transformando-a em um instrumento de crescimento para a sociedade e para as gerações futuras, além de requalificar partes deterioradas do quarteirão e trazer dinamismo e conectividade à área de intervenção.

Figura 1 – Perspectiva geral do conjunto



Figura 2 – Vista aérea do conjunto



Figura 3 – Vista aérea do conjunto



Figura 4 – Acesso pela Praça das Feiras



Após análise, decidiu-se manter e requalificar dois edifícios originais da antiga indústria de molduras em estilo *art déco*. Dessa forma, o novo edifício foi concebido em formato de U e manipulado em três barras, de forma a delimitar os limites do lote, dar continuidade aos edifícios mantidos e garantir unidade e legibilidade, além de manter a escala do entorno (Figura 2). No intuito de garantir livre circulação entre os edifícios, foram desenvolvidos diferentes espaços abertos que permeiam o complexo. Os acessos se dão pela avenida Rio Branco, em dois níveis (Figuras 5 e 7), e pela Praça das Feiras (Figura 4). Essa transição de níveis ocorre com a sobreposição de duas praças, sendo a inferior de caráter comercial e a superior formada por uma laje orgânica que atua como marquise para as lojas (Figura 6). O desenho das áreas abertas seguiu os alinhamentos das preexistências, ganhando complexidade com ângulos e formas orgânicas (Figura 5).

Quanto ao zoneamento, distribuiu-se o programa de forma que o setor de convivência ficasse imediato e os comércios tivessem

Figura 5 – Praça inferior vista da Av Rio Branco



uma boa interface com os espaços abertos. Na sequência, foi posicionado o setor educacional, enquanto o setor de criar – ou de trabalho propriamente dito – foi posicionado nos pavimentos superiores por ser mais privativo. O estacionamento foi pensado nos subsolos.

As intervenções feitas nas preexistências tiveram o intuito de manter ao máximo os elementos originais, adaptando os edifícios aos novos usos (Figuras 7 e 8). Assim, foram propostos reforços metálicos que permitem a reversibilidade das modificações e dialogam com a estrutura em *steel frame* aparente do novo edifício. A fim de aumentar a conexão entre o interior e o exterior do edifício com as praças adjacentes, optou-se por fechamentos com amplas aberturas, garantindo conforto térmico e transparência com brises de chapa metálica perfurada.

Figura 6 – Áreas abertas



Figura 7 – Edifícios originais na Av Rio Branco



Figura 8 – Coworking/Edifício original requalificado



Figura 9 – Acesso aos edifícios pela praça inferior



Memória cultural – raízes de Forqueta

AUTORA: *Pâmela Gayger*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

O trabalho apresenta uma proposta de requalificação urbana e refuncionalização do patrimônio histórico do núcleo central do bairro Forqueta, destacando a importância dos espaços urbanos no bairro e ressaltando seu papel na integração social e na preservação da identidade local. Também enfatiza o potencial desses espaços para resgatar e valorizar o patrimônio histórico, promovendo a conexão entre passado e presente, para manter viva sua história, valorizar a cultura local e fortalecer o senso de pertencimento da comunidade. A proposta aborda e resolve questões de carência, em que o bairro se encontra atualmente, e baseia-se no cunho cultural como conceito de projeto.

Figura 1 – Perspectiva das propostas



Figura 2 – Mapa da paróquia de Forqueta



O bairro Forqueta sempre foi atrativo e considerado um “parque temático a céu aberto”, justamente pelas suas origens estarem mantidas de pé até os dias de hoje². A relevância cultural e social é parte significativa do bairro, que sempre teve esse cunho enraizado. Por meio da colonização da região pelos imigrantes italianos, muitas foram as heranças culturais deixadas, bem como o cultivo da uva e produção do vinho, a culinária, as tradições e o patrimônio histórico de valor arquitetônico – como o complexo da Cooperativa Vitivinícola Forqueta, que foi a primeira da América Latina nesse segmento, as edificações de suporte à cooperativa, a linha férrea e sua estação, os casarões antigos e as capelas centenárias.

Figura 4



O *masterplan* baseia-se na apropriação do patrimônio e do vazio urbano na área ociosa em torno da linha férrea desabilitada (Figura 4); na requalificação e integração das vias do centro histórico, tratando os passeios com medidas adequadas conforme normatização, bem como também suas pavimentações, sua iluminação pública, seu mobiliário urbano e sua vegetação – com arborização sistemática dos espaços livres públicos por meio de espécies nativas; e na acessibilidade e mobilidade urbana, alterando o modal ciclovitário, aumentando seu percurso e remodelando parte da malha viária urbana do centro histórico do bairro, conformando uma conexão fluida e legível entre os principais equipamentos e espaços públicos. O piso translúcido proposto é o destaque da proposta, tanto para preservar os trilhos existentes quanto para fornecer acessibilidade ao complexo.

Para a preexistência estação férrea de Forqueta (Figura 6), nomeada Estação 1908, foram propostas uma cafeteria e, para

Figura 3 – Centro histórico

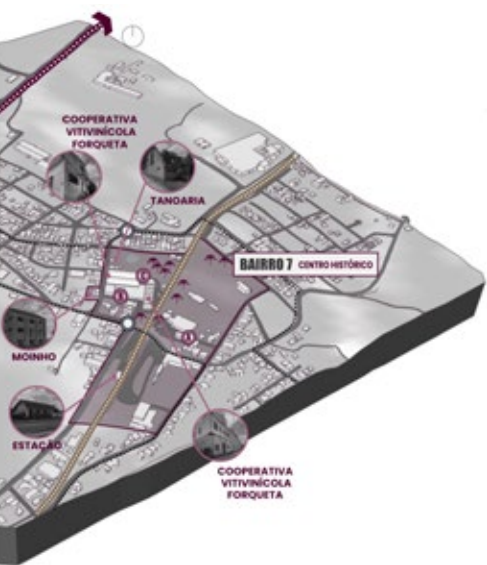


Figura 6 – Interfaces

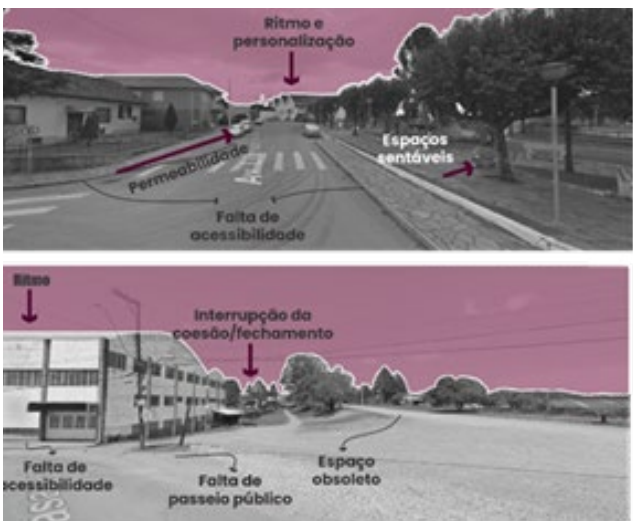


Figura 5 – Interfaces

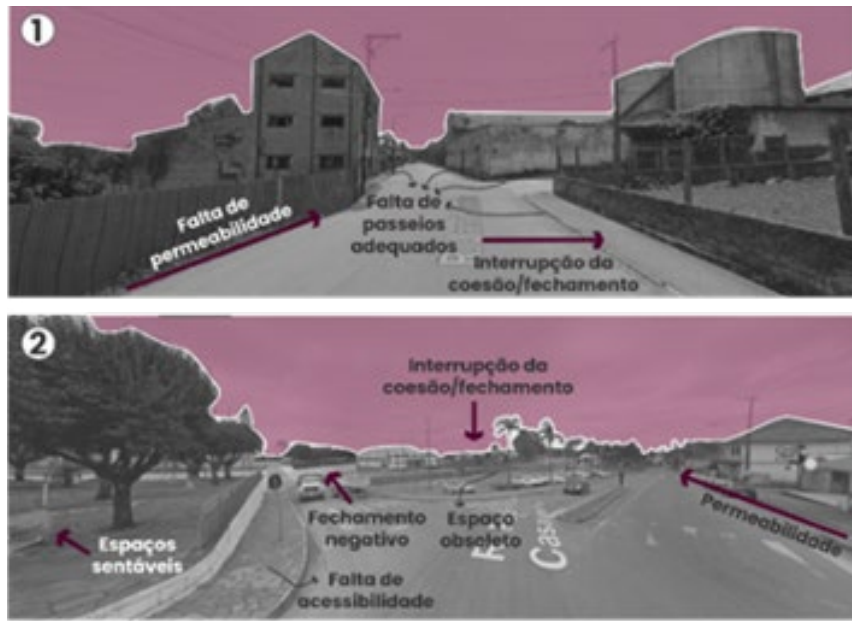
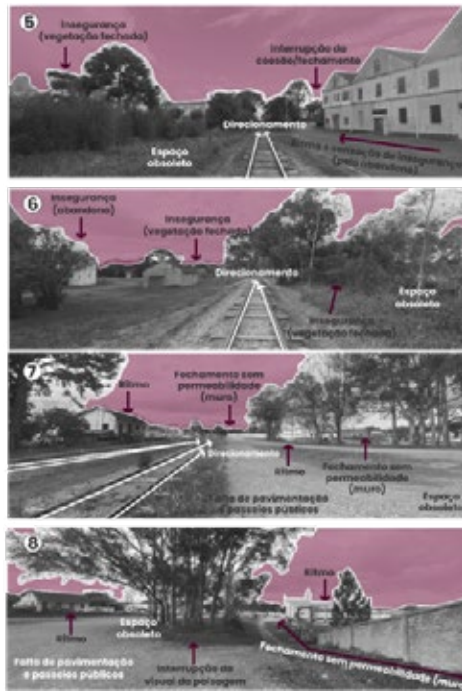


Figura 7 – Interfaces



² BALBINOT, Clemir João. *Pedido de tombamento da Cooperativa Vitivinícola Forqueta*. Caxias do Sul, RS: DIPPAHC, 2011.

Figura 8 – Diretrizes



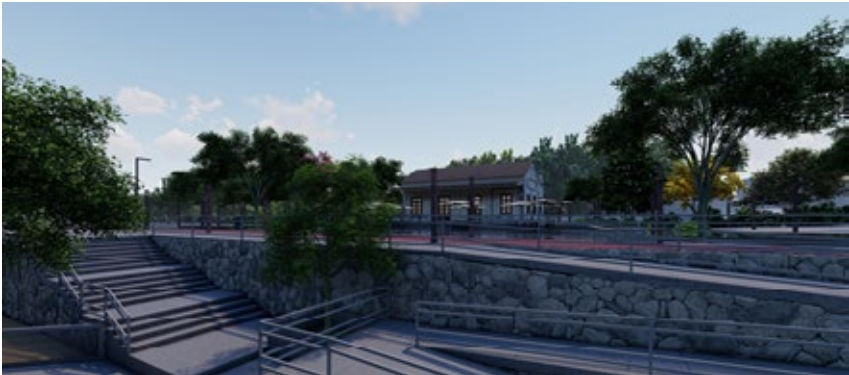
Figura 9 – Diagrama da Estação 1908



isso, algumas remoções. Foram utilizados conceitos de contraste, integração e, principalmente, reversibilidade: todas as intervenções se afastam da edificação e podem ser retiradas, voltando ao original, incluindo o piso translúcido de vidro proposto em cima dos trilhos existentes.

Para a edificação do Moinho Duque de Caxias, foi proposto o programa cultural denominado Moinho Cultural. As maiores modificações acontecem na parte do anexo à edificação original (Figura 9).

Figura 10 – Perspectiva da Estação 1908

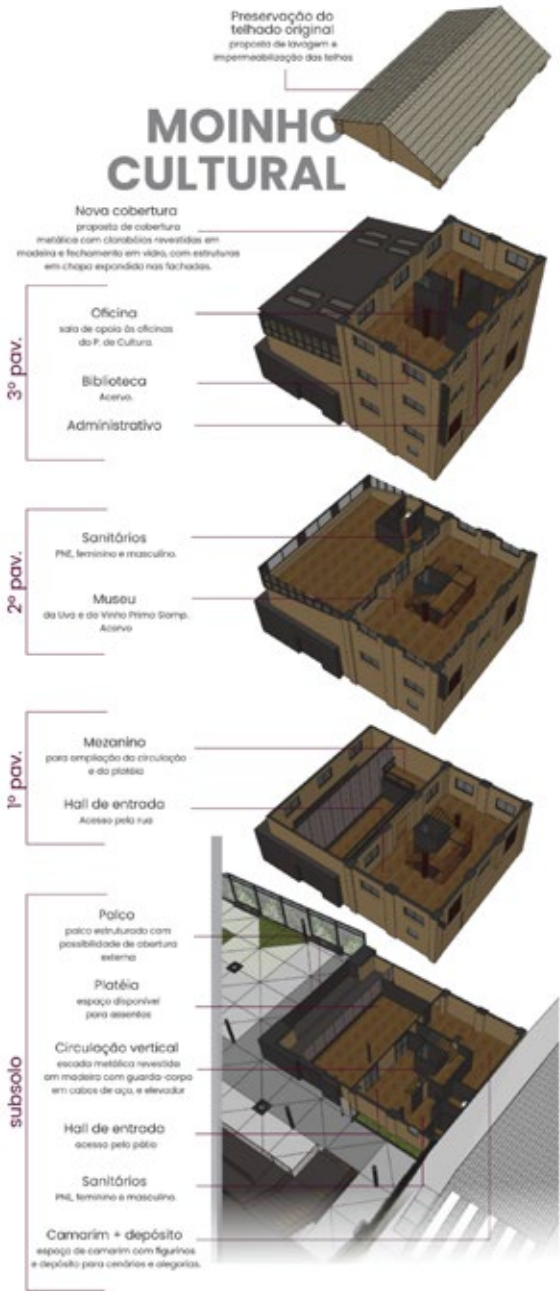


Para a concepção da proposta urbana, foram considerados três aspectos: conforto, segurança e acessibilidade, que são elementos essenciais para garantir um meio urbano inclusivo, acolhedor e funcional para todas as pessoas. Esses aspectos são fundamentais para promover a qualidade de vida, a igualdade e a autonomia dos cidadãos.

Figura 11 – Vista aérea do complexo



Figura 12 – Moinho Cultural



Qualificação de trecho urbano no acesso sul de Farroupilha/RS

AUTORA: *Daniella Tonello*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

O estudo apresenta uma proposta de qualificação urbana para o acesso sul de Farroupilha, entendendo o território como um espaço vivo, marcado por fluxos, encontros e rupturas. A análise de sua evolução e de suas características físicas revela fragilidades na mobilidade, nos espaços públicos e nas interfaces urbanas afetadas pela ERS-122, que fragmenta percursos e reduz a qualidade da experiência cotidiana.

A partir de levantamentos, mapas e diagnósticos em múltiplas escalas, o trabalho estrutura diretrizes que orientam ações integradas voltadas à reconexão da malha urbana. Entre elas, destacam-se a criação de um corredor verde sobre o antigo eixo ferroviário, novos percursos seguros para pedestres e ciclistas, requalificação da rodoviária e implantação de praças e equipamentos capazes de fortalecer a vida urbana. A proposta busca promover vitalidade e identidade ao setor, articulando mobilidade, paisagem e desenho urbano para transformar áreas – hoje, desconectadas – em espaços mais acolhedores e funcionais. O objetivo é melhorar a experiência cotidiana e contribuir para um desenvolvimento urbano mais sensível, contínuo e qualificado para Farroupilha.

Figura 1 – Vista aérea da proposta

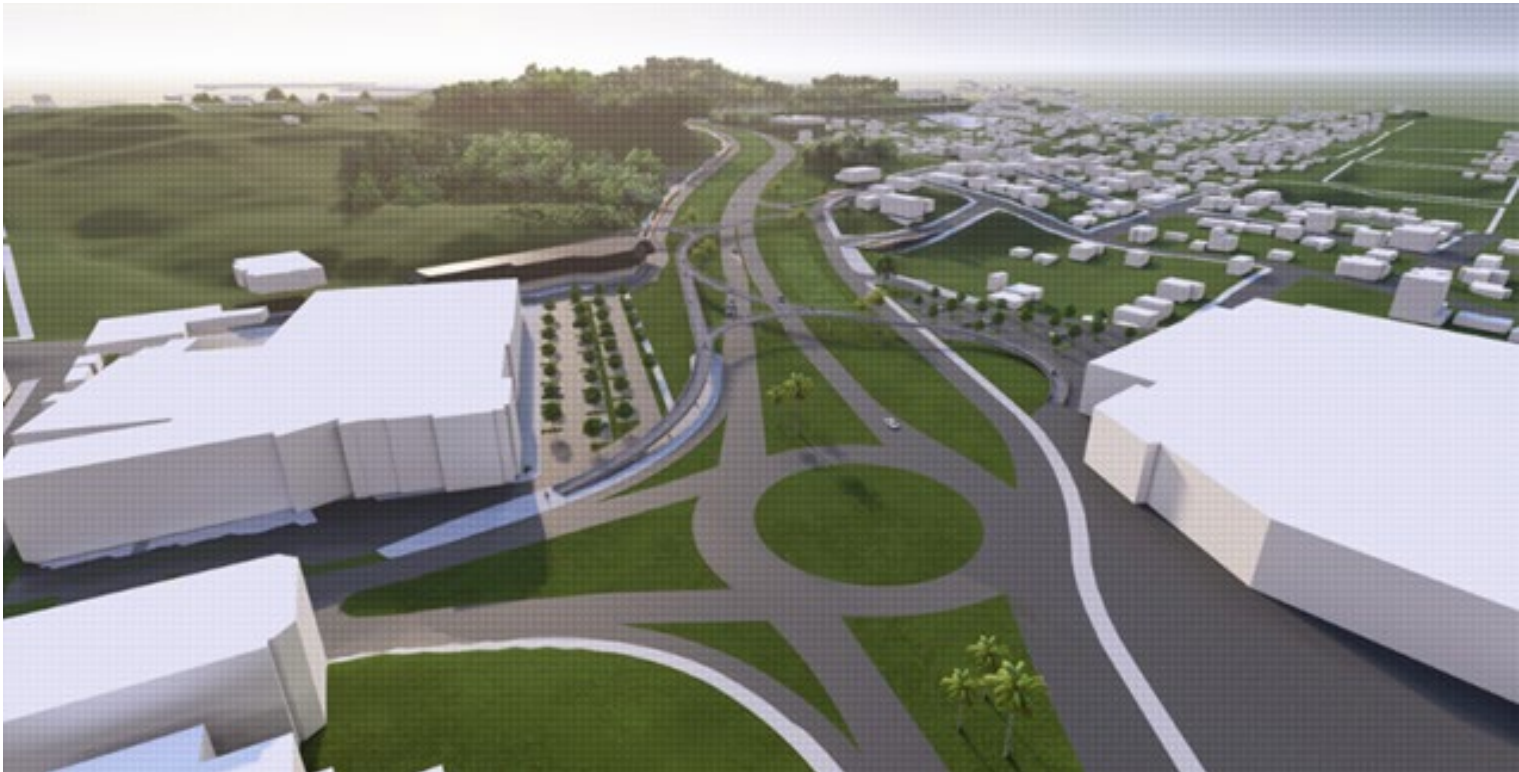


Figura 2 – Vista aérea de trecho inicial



Figura 3 – Planta de implantação



A qualificação do acesso sul de Farroupilha inicia pela leitura de um trecho marcado por fluxos intensos e pela presença dominante da ERS-122, que, ao longo do tempo, passou a separar a cidade mais do que conectá-la, como evidenciado na vista aérea da Figura 2. A proposta reconhece esse ponto como o primeiro gesto de transformação, buscando devolver a ele a condição de porta urbana, capaz de receber as pessoas e costurar o território hoje fragmentado.

A criação de um corredor verde na antiga faixa ferroviária, ilustrada na Figura 3, torna-se elemento estruturador. Ao transformar uma área subutilizada em um percurso contínuo, arborizado e acessível, o projeto amplia a mobilidade ativa, oferece novas possibilidades de deslocamento e cria espaços de permanência que fortalecem a convivência. Esse gesto conecta bairros, reduz barreiras e aproxima atividades cotidianas.

As imagens reforçam essa intenção ao evidenciar como o corredor verde se integra às praças previstas ao longo do percurso (Figura 7), formando um conjunto de espaços abertos que acolhem diferentes ritmos de uso. A presença constante de vegetação amplia o conforto ambiental e cria uma atmosfera mais humana no cotidiano do deslocamento.

A criação de novas conexões, passarelas acessíveis e vias de acesso reorganiza o sistema urbano e responde às fragilidades

históricas da área, especialmente, à ruptura causada pela ERS-122. Ao restituir caminhos seguros a pedestres e ciclistas, como demonstrado nas Figuras 4, 5 e 6, o projeto costura trechos antes desconectados e transforma barreiras em oportunidades de integração. A mobilidade deixa de ser apenas deslocamento e passa a participar da construção de um espaço público mais humano.

Equipamentos esportivos, quadras, pista de *skate*, *playgrounds* e áreas de estar complementam o sistema e ampliam as formas de uso ao longo do dia. Cada trecho oferece um convite diferente, seja para o descanso, para o exercício ou para a convivência simples. A soma dessas operações dá origem a um eixo público ativo, capaz de recompor a experiência de chegar à cidade e de revelar uma Farroupilha mais contínua, sensível e aberta às pessoas.

Figura 4 – Passarela urbana



Figura 5 – Vista aérea da passarela urbana



Figura 6 – Vista aérea da passarela urbana



Figura 7 – Corredor verde



Centro de Atenção Psicossocial III: luz, forma e pertencimento – o espaço como terapia

AUTOR: *Henrique Speguem Muratore*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O Centro de Atenção Psicossocial III consiste em um ambiente voltado ao público adulto em intenso sofrimento psíquico, decorrente de transtornos mentais graves e persistentes, localizado na cidade de Caxias do Sul. Seu propósito central é promover um espaço receptivo, que auxilie na recuperação e reintegração do paciente à sociedade. Para este projeto, são investigados conceitos teóricos da arquitetura social, destacando o potencial transformador de instituições como o Caps III no contexto da saúde mental. O município é analisado, considerando aspectos geográficos e sociais, para identificar o local mais adequado para a implantação do equipamento. Baseado nas diretrizes do Ministério da Saúde e em pesquisas bibliográficas, o projeto busca fomentar uma integração harmoniosa entre o espaço físico do Caps e o contexto local, viabilizando um ambiente inclusivo e adaptável às diversas necessidades dos usuários. Ao projetar um Centro de Atenção Psicossocial III em Caxias do Sul, pretende-se criar um ambiente acolhedor e terapêutico, que atenda às necessidades dos pacientes e contribua para quebrar os estigmas associados à saúde mental. Assim, o projeto visa não apenas desenvolver uma infraestrutura física adequada, mas também promover a conscientização e a integração social, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida da comunidade.

Figura 1 – Visual da esquina principal do Caps III



Figura 2 – Análise e escolha da região

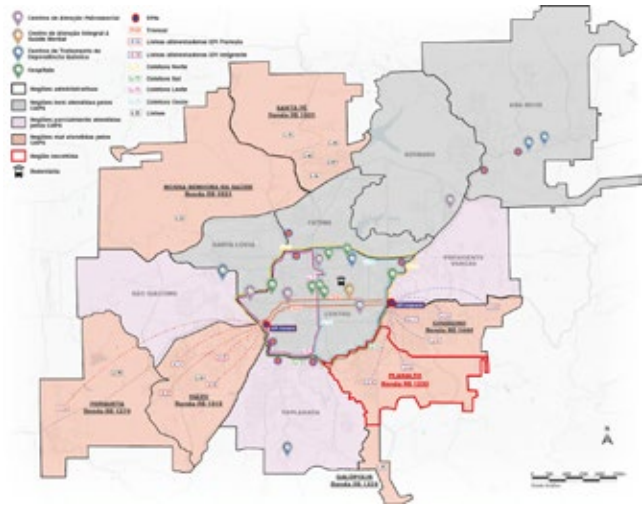
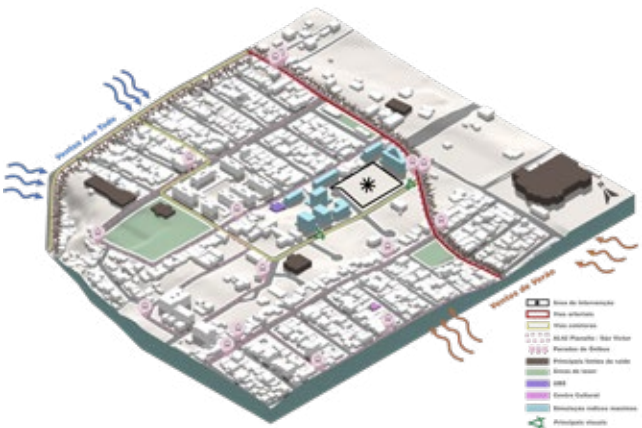


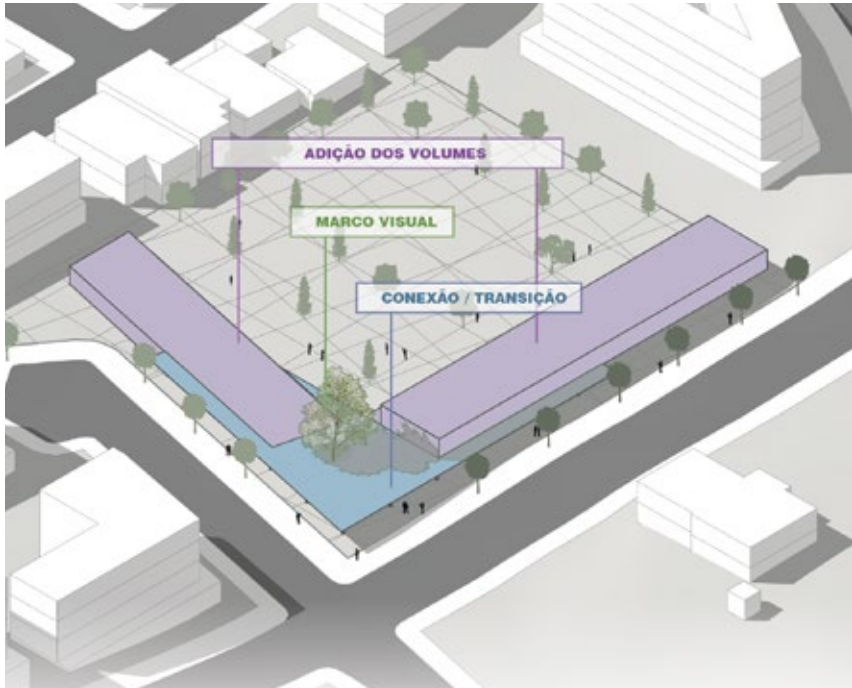
Figura 3 – Mapa síntese do entorno



Segundo análises de demanda de atendimento, constatou-se que o município de Caxias do Sul possui capacidade para abrigar até três Caps de nível III. A região de implantação do projeto situa-se no sudeste da cidade, na região administrativa do Planalto (Figura 2), área que apresenta carência de atendimento pelos Caps existentes. Dentro dessa região, com base em estudos de acessibilidade, mobilidade pública, ruído e usos, foi selecionado o lote de implantação (Figura 3), localizado no bairro São Vitor Cohab. O partido arquitetônico do projeto representou as decisões derivadas das análises realizadas, com ênfase especial no estudo do ambiente circundante. Considerando a legibilidade do edifício, foram desenvolvidas estratégias para orientar o olhar e facilitar a navegação do usuário pelo bairro. As principais incluem a concepção de um plano que conduz o observador ao acesso principal do edifício e a criação de um ponto de referência facilmente identificável (Figura 4).

O zoneamento geral do edifício separa os blocos em áreas públicas e privadas, sendo o bloco oeste destinado aos serviços e à

Figura 4 – Partido decomposto



administração, enquanto o bloco sul abriga os espaços de terapias e os dormitórios. A recepção, localizada no volume solto, é responsável por conectar essas duas barras (Figura 5). Embora possua usos definidos, a estrutura do edifício apresenta grandes vãos e uma organização de pilares em malha (Figura 6), permitindo diferentes *layouts*. As divisórias são leves e removíveis, permitindo a ordem natural da edificação como espaço mutável. O planejamento dos espaços abertos parte do pressuposto de complementar os usos do prédio. Seguindo a linguagem das fachadas e dos espaços, esses ambientes estabelecem uma conexão direta com seu uso análogo no interior do edifício. Assim, os vazios tornam-se respiros da arquitetura, desenhando no chão a continuidade silenciosa de seus gestos internos (Figura 7).

Neste projeto, o foco principal foi experiência do usuário, indo além de um simples espaço de tratamento. É um local acolhedor, inclusivo e aberto. O desenho do edifício não intimida, mas convida de forma transparente e amigável (Figura 8 e 9). Ao entrar, o

Figura 5 – Vista aérea do Caps III



Figura 6 – Estrutura

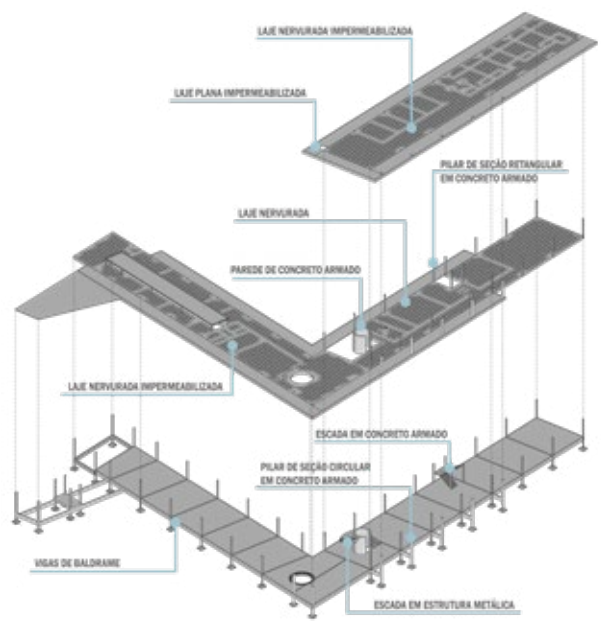


Figura 7 – Visual do pátio interno



Figura 8 – Vistas das laterais do Caps



espaço se abre, oferecendo variadas experiências, com corredores amplos que, além de propiciar circulação, tornam-se áreas de convívio e aprendizado (Figura 11 e 12). Há uma escada helicoidal, que conduz suavemente às salas de terapia, e o pátio interno, dedicado a atividades recreativas, relaxamento e lazer (Figura 13). Todos os ambientes convergem para a área de convivência, o coração do edifício. Em sintonia com a filosofia do Caps, o projeto exala humanidade e respeito. Do calor da madeira e a simplicidade do concreto à transparência do vidro, das cores diversas à vitalidade da natureza presente dentro e fora, é um edifício vivo, conectado ao exterior, mas capaz de oferecer momentos de paz e aconchego, mesmo em meio à rotina agitada.

Figura 9 – Visual da porta de acesso



Figura 10 – Visuais das áreas comuns



Figura 11 – Vista de um dormitório



Figura 12 – Visuais do pátio interno



Requalificação urbana da Avenida Independência, de Garibaldi: passado e presente para um futuro com urbanismo integral

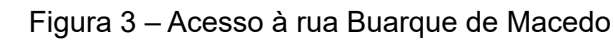
AUTOR: *Alessandro Debiasi*
ORIENTADORA: *Nicole Rosa*

A requalificação urbana da avenida Independência toca na principal via de Garibaldi/RS. A cidade da Serra Gaúcha desenvolveu-se a partir da colonização italiana e pelo cultivo da uva, sendo reconhecida como capital nacional do espumante. Essa realidade é reconhecida ao longo da elaboração do trabalho, fundamental para compreender a vida e o uso atual da via, oferecendo, por meio da proposta, um futuro com urbanismo integral. O conceito de “integral” compreende a leitura da história, da percepção de uso da via e das potencialidades que a cidade oferece. Por meio de um via-parque, a requalificação da avenida Independência propõe espaços de permanência, estimulando o uso ativo e criativo dos espaços. Além de uma via de deslocamento, o projeto propõe um percurso de ligação entre as diferentes áreas existentes da cidade. Unindo equipamentos existentes e propondo novos parques e novas praças, a avenida Independência passa a ser um espaço de lazer e contemplação, tendo a natureza como protagonista.

Figura 1 – Visual da avenida Independência e a nova relação entre os elementos



O desenvolvimento do trabalho iniciou com uma pesquisa sobre a evolução urbana da cidade de Garibaldi. Em uma primeira fase, Garibaldi desenvolveu-se a partir da rua Buarque de Macedo. Sua importância está fundada nas imigrações, principalmente a italiana, em 1875, pois a via ligava as novas colônias a Montenegro. Um segundo momento acontece a partir de 1918, com a chegada do ramal da linha ferroviária, que ligava Caxias do Sul a São Leopoldo. Por fim, o terceiro momento acontece a partir da década de 1970, quando o modal rodoviário ganha força e a BR-470 é construída. A Av. Independência é inaugurada em outubro de 1972 e liga todas as fases de desenvolvimento. A leste, está a BR-470, enquanto, a oeste, está a rua Buarque de Macedo. O diagnóstico contribui para revelar a força simbólica da avenida Independência.



Identificou-se a existência de dois trechos (Figura 2): o primeiro caracteriza-se por uma urbanização mais consolidada e antiga, com atrativos culturais e a relação com a rua Buarque de Macedo (Figura 3) e com o centro histórico; o segundo apresenta uma urbanização mais recente, com grandes áreas industriais e comerciais, além da proximidade ao acesso da cidade pela BR-470 (Figura 4). Os trechos são identificados pela vegetação, sendo

Figura 4 – Acesso à BR-470



As estratégias utilizadas para a qualificação da via baseiam-se na promoção de espaços de qualidade, por meio de áreas sentáveis, de lazer e de contemplação. A diminuição do leito carroçável, utilização de paralelepípedo e cruzamentos elevados, buscam diminuir a velocidade de circulação de automóveis, dando protagonismo para o pedestre (Figura 5). A ciclovía perfaz toda a via, ligando o Parque da Barragem e a rua Buarque de Macedo. O diagnóstico identificou áreas de conflito, como a rodoviária. Como proposta, o projeto transforma o espaço em uma praça – dos Tropeiros – dando novo uso ao edifício e ao espaço de estar e alimentação (Figura 6).

Figura 5 – Cruzamento elevado e ciclovias



Figura 7 – Caminho das Videiras



Figura 8 – Parque 31 de Outubro e arroio Marrecão



Figura 9 – Espaço Container



O Caminho é uma releitura dos parreirais, paisagem tradicional da área rural, onde o percurso conduz ao meio de videiras e espaços de contemplação (Figura 7).

A requalificação busca valorizar o meio ambiente ao propor a requalificação das margens do arroio Marrecão com um parque linear. A avenida liga-se ao parque linear 31 de Outubro por meio de um *deck* sobre o arroio (Figura 8). A mesma estratégia repete-se na interface da Cooperativa Garibaldi.

A área de depósito da Tramontina ganha um novo uso. Identificada como uma área de conflito, a fachada junto à avenida não possui atividade. Assim, o espaço Container transforma a área, com atividades ligadas à criatividade (Figura 9).

A requalificação da Av. Independência valoriza o patrimônio histórico. O antigo moinho da Cooperativa Agrícola Cairú é resgatado como ponto focal na entrada da cidade. Com a praça Heróis de Dois Mundos, cria-se uma nova interface com o acesso a BR-470. Além da estátua de Giuseppe Garibaldi já existente, a praça

Figura 10 – Avenida e praça de acesso



recebe uma de Anita Garibaldi e o *deck* sobre a barragem (Figuras 10 e 11).

O desenvolvimento do projeto contemplou um plano morfológico, valorizando as interfaces e propondo novos edifícios. Elaborou-se três estratégias: o tipo 1 (Figura 12) completa os espaços vazios entre edifícios já consolidados; o tipo 2 (Figura 13), com a disposição em L, abre espaço para praças e maior contato com a via; o tipo 3 (Figura 14), elevado em pilotis, permite uma relação entre a avenida e as áreas paralelas que contêm os novos parques.

A requalificação urbana da avenida Independência busca oferecer para Garibaldi uma via de conexão com a história, com o meio ambiente e com o cotidiano dos habitantes, valorizando a cultura local e levando a um futuro de urbanismo integral, ao dar protagonismo às pessoas.

Figura 11 – Deck sobre a barragem



Figura 12 – Tipo 1 do plano morfológico



Figura 13 – Tipo 2 do plano morfológico



Figura 14 – Tipo 3 do plano morfológico



Amarp – Acervo Municipal de Artes Plásticas

AUTOR: *Arthur Holz*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O Acervo Municipal de Artes Plásticas de Caxias do Sul (Amarp) constitui o principal conjunto público de obras de arte da cidade, reunindo até o ano de 2024, ao todo, 1.355 peças que testemunham a produção artística local, regional e nacional ao longo das últimas décadas. Atualmente instalado no Centro de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, o acervo permanece em um espaço de uso limitado, com visitação restrita a agendamentos, o que reduz sua visibilidade, dificulta o acesso da população e limita seu potencial como instrumento de educação e formação cultural.

Inserido em uma região central marcada por importantes equipamentos culturais, o Amarp encontra-se, contudo, desconectado da dinâmica urbana: seu acesso é pouco intuitivo, suas instalações são discretas e sua falta de presença no cotidiano da cidade compromete sua capacidade de consolidar-se como referência cultural. Ao mesmo tempo, o centro de Caxias do Sul abriga vazios urbanos resultantes da desativação de antigos complexos industriais, áreas hoje subutilizadas que carecem de reocupação qualificada.

Diante desse cenário, surge a oportunidade de propor uma nova sede para o Amarp, reposicionando-o no território de forma estratégica. A implantação do acervo em um terreno central ocioso possibilita revitalizar um fragmento urbano, recuperar sua função social e estimular fluxos de circulação, segurança e convivência. Assim, o Amarp deixa de ser um espaço oculto para assumir o papel de equipamento cultural aberto, pulsante e integrado à vida da cidade, fortalecendo a identidade cultural de Caxias do Sul e ampliando o acesso democrático à arte.

Antes mesmo de imaginar o objeto arquitetônico, existia a necessidade de encontrar um lugar capaz de acolher o Amarp – um ponto no território em que a cidade, suas memórias e seus fluxos

Figura 1 – Visual de acesso pela Praça das Esculturas



Figura 2 – Diagrama do percurso cultural

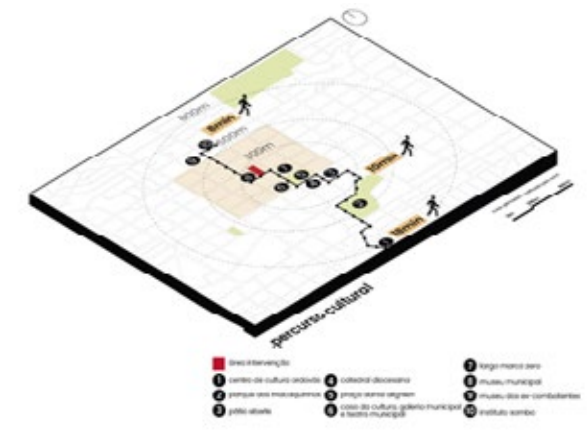
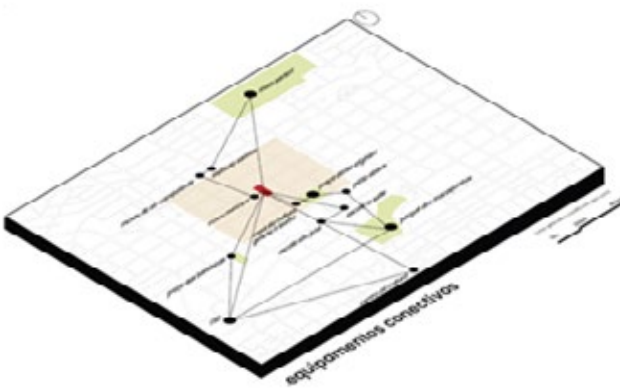


Figura 3 – Diagrama de equipamentos conectivos



pudessem se reconhecer. Buscava-se um lugar que não fosse apenas central no mapa, mas na vida das pessoas: acessível, vivido, reconhecido. Um espaço onde arte, cultura e convivência pudessem brotar de forma espontânea, sem barreiras, convidando diferentes olhares a dividirem o mesmo horizonte. Nesse processo, foi traçado um percurso cultural pela cidade, mapeando museus, centros educativos, áreas verdes e equipamentos urbanos capazes de dialogar com o Amarp. Essa análise revelou conexões existentes e potenciais, reforçando a importância de posicionar o projeto em um ponto que não só recebesse esses fluxos, mas também os amplificasse, tornando-se elo entre diferentes práticas e paisagens culturais de Caxias do Sul (Figuras 2 e 3).

Após definição do local de implantação, foram criadas diretrizes capazes de respeitar o entorno e se adequar aos determinantes existentes (Figura 7). A partir delas, a forma se molda, respondendo à cidade e estabelecendo um vínculo sensível com seus moradores. Para fortalecer essa integração, nasce, no térreo, a

Figura 4 – Visual da Praça das Esculturas



Praça das Esculturas, um espaço de permanência que devolve segurança, vitalidade e cultura ao cotidiano urbano (Figura 5). Em diálogo com a nova passagem pública criada, o edifício se posiciona como um corpo que responde plenamente aos fluxos, aos visuais e às forças presentes no contexto, tornando sua forma resultado direto da cidade que o acolhe (Figura 6). O Amarp nasce como uma continuidade natural da própria Caxias do Sul, uma presença que se ergue sem romper, que acolhe sem impor, que pertence antes mesmo de existir. Consolida-se como território vivo, em que a arte acompanha o ritmo local e cada deslocamento revela novas camadas de percepção.

Pensado como uma extensão do espaço público, o edifício propõe um caminhar que desacelera, um olhar que repousa, um tempo que se expande e ganha novas camadas de significado (Figura 8). Projetado para acolher diferentes ritmos, desde o passo rápido de quem cruza o espaço até o tempo prolongado de quem escolhe permanecer, revelando áreas de pausa, contemplação e escuta, ambientes onde a convivência se desenha

Figura 5 – Visual do acesso pela fachada sul



Figura 6 – Diagrama de diretrizes projetuais

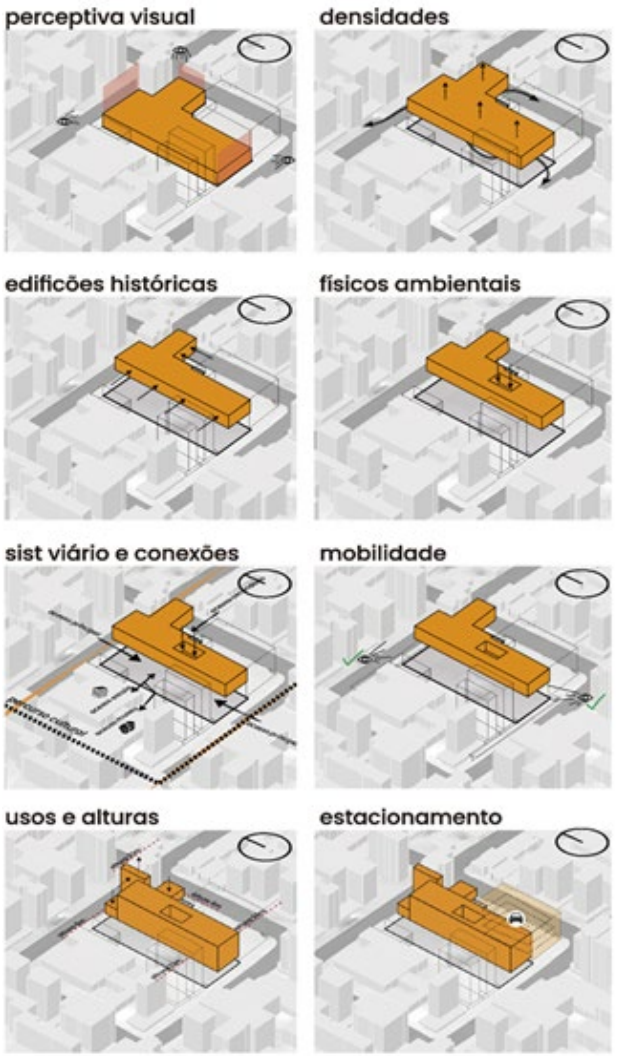


Figura 7 – Visual do acesso pela fachada norte



Figura 8 – Visual do átrio central de acesso



de forma natural e onde a arte se funde, de maneira orgânica e sem fronteiras, ao movimento contínuo da vida urbana. No centro dessa experiência, o grande átrio se revela como um respiro. É o coração pulsante do conjunto: amplo, permeável, inundado por luz natural (Figura 9). Nele, a arquitetura se abre ao céu e deixa que a luz desenhe o espaço, expandindo volumes, suavizando limites e criando uma sensação contínua de amplitude. É nesse clarão vertical que o Amarp encontra sua essência, um lugar onde a luz conduz.

O visitante é guiado, sem pressa, a caminhos e deslocamentos que revelam novas relações entre corpo, espaço e obra. Caminha-se observando e, simultaneamente, sendo observado pela atmosfera que permeia o edifício (Figura 10 e 11). O percurso obtém sua cota máxima no terraço, uma superfície aberta ao céu e ao horizonte, um gesto generoso de devolver a paisagem à comunidade. Nesse plano elevado, a cidade se mostra por inteiro: densa, extensa, viva (Figura 12). Ao articular áreas externas e

Figura 9 – Visual de escadas de circulação



internas de convivência, o Amarp oferece um ambiente inclusivo, fortalecendo os laços entre pessoas e espaço. Sua concepção como corredor cultural conecta passado e presente, ao integrar arte, cultura, áreas de aprendizado e espaços verdes que se entrelaçam ao tecido da cidade. Assim, valoriza a memória local enquanto projeta um futuro sustentável, no qual a arte se torna ponte, refúgio e impulso para novas experiências coletivas (Figura 13).

Figura 10 – Visual da varanda de contemplação

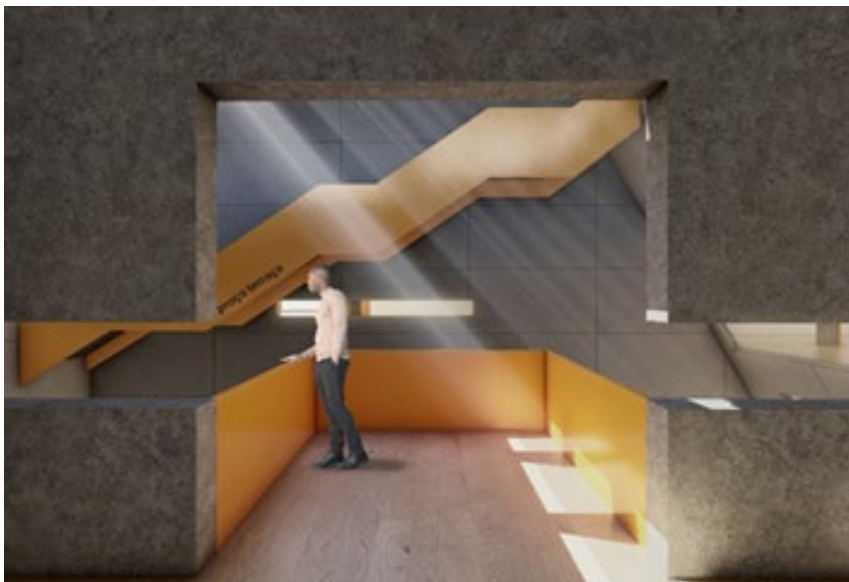


Figura 11 – Visuais do terraço e bar Amarp



Figura 12 – Visual da exposição de obras permanentes



Planejamento territorial da paisagem rural a partir dos caminhos das escolas em São Francisco de Paula/RS

AUTORA: Milena Cardos dos Reis
ORIENTADORA: Teresinha de Oliveira Buchebuan

O presente estudo busca valorizar a paisagem dos caminhos que levam às escolas rurais de São Francisco de Paula/RS, a partir da percepção das crianças e dos modais de transporte usados no cotidiano. Num município de grande extensão e predominância rural, os trajetos escolares são experiências do lugar: atravessam estradas de terra, áreas produtivas, campos de altitude e pontos culturais que moldam o pertencimento das comunidades.

A pesquisa teve duas etapas: primeiro, levantamento bibliográfico e documental sobre história, cultura, aspectos físicos e infraestrutura; depois, trabalho de campo com registro dos percursos e atividades de cartografia afetiva (Figura 2) junto a crianças e jovens da educação básica. Essas atividades revelaram como os estudantes nomeiam, destacam e atribuem valor à paisagem – desde elementos naturais até práticas produtivas e festas locais.

Figura 1 – O voltar do gado (tema contemplado pela P5)



Figura 2 – Objetos trazidos pelos alunos durante atividade de cartografia afetiva



Figura 3 – Mapa da proposta 5: chancela de paisagem



LEGENDA

Área Urbana	UC Federal	Estados e Municípios
Zona de Produção Agrícola e Silvicultura - ZPAAS	Zona de Anoteamento Parque Municipal De Monte	Distritos e comunidades
Zona de Produção Pastoral - ZPP	Zona de Anoteamento Parque Estadual Do Tamariz	SEDE ADMINISTRATIVA
Zona de Interesse Ambiental	Zona de Anoteamento Alfa Rota Do Sul	Estados e Municípios
Zona das Águas	Zona das Águas - ZKA	Estados e Municípios
Zona de Interesse Turístico - ZIT	ZIT - Rota das Tropas	Rodovias vicinais
UC municipal	ZIT - Rota das Tropas	Rodovias parciais
UC a colheita		

As percepções coletadas serviram de base para diretrizes e propostas voltadas à preservação da paisagem cultural e à qualificação dos roteiros escolares e espaços comunitários, priorizando segurança, conforto e identidade local.

- A partir dos levantamentos, estruturou-se 4 diretrizes:
- conservação ambiental;
 - valorização da paisagem cultural;
 - planejamento territorial;
 - incentivo ao turismo.

Com isso, chegou-se a 16 propostas, atendendo a uma ou mais diretrizes. Em função da abrangência do trabalho, apenas nove das 16 propostas foram ampliadas. Partindo da proposta 5 (P5), que apresenta uma chancela de paisagem ligada à preservação ambiental e à valorização da cultura local (Figuras 4, 5 e 7), a partir da ampliação do PAT Sul (Plano de Ação Territorial para Conservação de Espécies Ameaçadas de Extinção do Planalto Sul) para

Figura 4 – O queijo serrado (tema contemplado pela P5)



os campos de altitude do Rio Grande do Sul, contemplando, entre outros, o município de São Francisco de Paula (Figura 3).

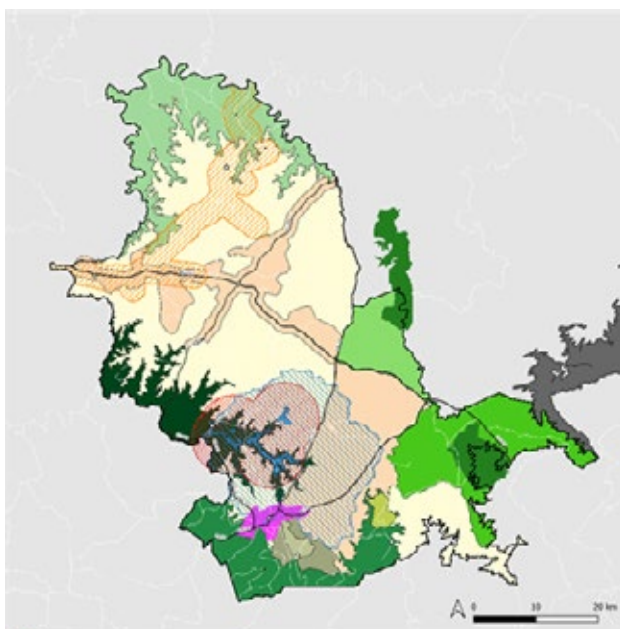
Em seguida, na P8 o projeto olha para o território do município com 3.317,794 km², onde o interior representa 99% do território (3.306,284 km²) e propõe uma revisão do plano diretor atual, que classifica toda a área rural como uma única porção. A partir de um mapa de Potencial de Uso Conservacionista (PUC), elaborado pela autora, identifica-se as regiões suscetíveis à maior exploração e aquelas mais frágeis, propondo um zoneamento que se adeque às características ambientais e econômicas já estabelecidas (Figura 6).

Em seguida, na P9 e P10, o trabalho busca qualificar a estrutura viária municipal e o atendimento ao transporte escolar, visando

Figura 5 – Cavalhadas em Cazuza Ferreira (tema contemplado pela P5)



Figura 6 – Mapa da proposta 6: zoneamento



LEGENDA

Área Urbana	UC Federal	Estados e Municípios
Zona de Produção Agrícola e Silvicultura - ZPAAS	Zona de Anoteamento Parque Municipal De Monte	Distritos e comunidades
Zona de Produção Pastoral - ZPP	Zona de Anoteamento Parque Estadual Do Tamariz	SEDE ADMINISTRATIVA
Zona de Interesse Ambiental	Zona de Anoteamento Alfa Rota Do Sul	Estados e Municípios
Zona das Águas	Zona das Águas - ZKA	Estados e Municípios
Zona de Interesse Turístico - ZIT	ZIT - Rota das Tropas	Rodovias vicinais
UC municipal	ZIT - Rota das Tropas	Rodovias parciais
UC a colheita		

Figura 7 – Festival Ronco do Bugio (tema contemplado pela P5)



Figura 8 – Mapa da proposta 10: pontos de baldeio



Figura 9 – Ponto de baldeio principal



maior qualidade e segurança para os estudantes durante o deslocamento para as suas respectivas escolas (Figura 8).

Propõe que os pontos de baldeio – assim chamados aqueles pontos nos quais os alunos fazem a troca de transporte escolar – disponibilizem estrutura física adequada, com cobertura, estar e banheiros nos pontos de baldeio secundários, além de relacionar o transporte escolar aos roteiros turísticos das propostas seguintes, criando pontos principais com mais estrutura onde há essas intersecções dos trajetos escolares e turísticos (Figuras 9 e 10).

A partir da P12, o trabalho propõe a ampliação e a criação de roteiros turísticos, de forma a aproveitar a crescente demanda por turismo no município e promover a expansão dessa atividade para regiões menos exploradas atualmente, valorizando a paisagem

Figura 10 – Vista do observador no ponto de baldeio principal



do interior, fomentando a inclusão das comunidades do interior no contexto de turismo e viabilizando infraestrutura de qualidade às áreas mais distantes (Figura 13). Essa proposta central é complementada pelos roteiros individuais P13 – roteiro de ecoturismo (Figuras 12 e 13) –, P14 – turismo rural –, P15 – rota das tropas – e P16 – roteiro cultural (Figuras 11 e 13) –, que ampliam a diversidade de atividades oferecidas, promovendo um turismo integrado e sustentável.

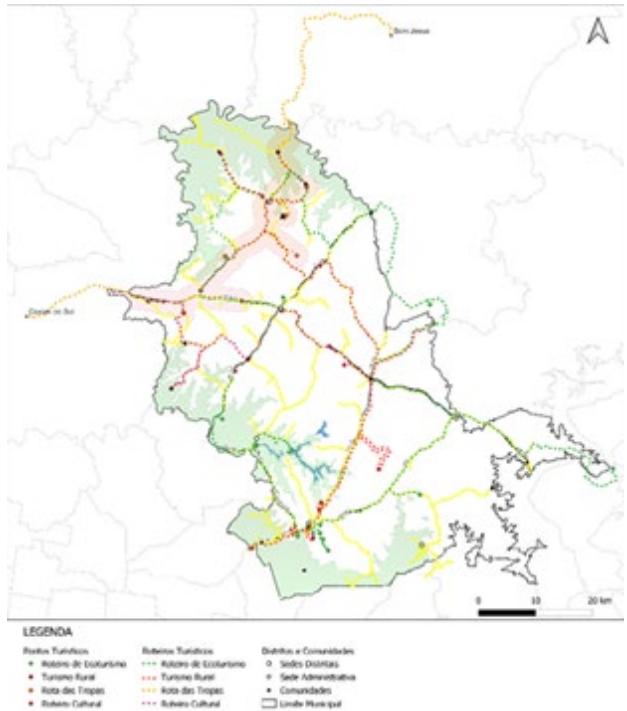
Figura 11 – Projeto da praça das cavalhadas para a P16: roteiro cultural



Figura 12 – Cachoeira da Princesa dos Campos



Figura 13 – Mapa de roteiros turísticos



Trilhos do renascimento – recriando o futuro da cidade através das raízes históricas ferroviárias

AUTORA: *Nathália Townsend Cardoso*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

O projeto “Trilhos do renascimento” propõe a requalificação da área da Estação Férrea de Caxias do Sul, abrangendo a Praça do Trem, a Praça das Feiras e a própria estação, áreas atualmente degradadas. A intervenção busca ressignificar esse conjunto histórico como um novo polo de cultura, lazer e convivência, unindo memória e contemporaneidade. A proposta integra o patrimônio ferroviário ao tecido urbano por meio de espaços abertos, áreas verdes e percursos que promovem vitalidade e pertencimento. O projeto inclui usos culturais e comunitários, como museu da história ferroviária, ateliês de arte e música, mercado público e cafés, aliados a soluções sustentáveis – como jardins de chuva, grelhas ranhuradas e pavimentos em concreto moldado *in loco* – que garantem eficiência ambiental e conforto urbano.

Mais do que revitalizar um espaço físico, o trabalho propõe uma regeneração simbólica, transformando antigos trilhos (estruturas que um dia costuraram a paisagem e, hoje, reaparecem como costuras simbólicas entre tempos e usos) em caminhos de reconexão entre cidade, memória e

Figura 1 – Visual da requalificação da Praça das Feiras



Figura 2 – Visual da requalificação da Estação Férrea de Caxias do Sul – parque linear



Figura 3 – Visual da ciclovia na Praça das Feiras

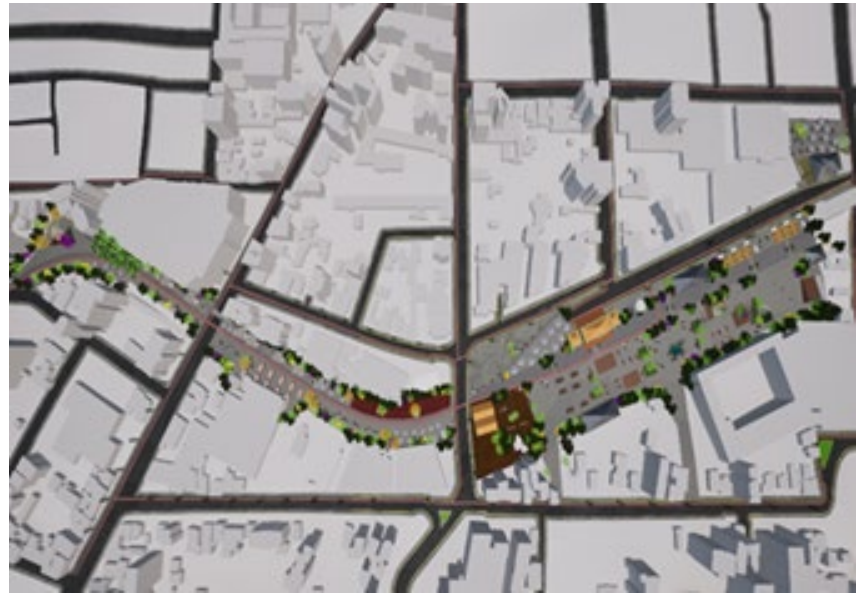


futuro. O território é reinterpretado como um parque linear ativo, um percurso contínuo de vivências, em que a memória industrial se funde à paisagem contemporânea.

A proposta valoriza o patrimônio histórico e a estrutura existente da estação, integrando-a a novas áreas verdes, praças e caminhos para pedestres e ciclistas. A requalificação da Praça do Trem e da Praça das Feiras, junto à estação, cria um conjunto articulado de espaços públicos voltados à convivência, à cultura e à natureza: um verdadeiro sistema de espaços abertos no coração da cidade.

Por meio da mobilidade sustentável e dos corredores verdes, o projeto conecta bairros, equipamentos culturais e áreas comerciais, costurando o tecido urbano antes fragmentado. O uso de vegetação nativa, a criação de ciclovias, de mobiliário urbano e de novas tipologias de iluminação transformam o espaço em um percurso seguro, convidativo e ambientalmente equilibrado. Nos

Figura 4 – Visual aéreo das áreas verdes do estudo



núcleos específicos, o desenho urbano traduz o pertencimento e a identidade local: o recinto da estação torna-se um ambiente de memória viva, onde o patrimônio se adapta a novos usos culturais, como o museu ferroviário, e convive com áreas de lazer, estudo, descanso e contemplação. Espelhos d’água, áreas sombreadas e mobiliários interativos ampliam as experiências sensoriais e o conforto térmico, devolvendo ao lugar a qualidade de permanência e de encontro.

Figura 5 – Desenho urbano dos corredores verdes



Figura 6 – Visual do museu ferroviário – Estação Férrea de Caxias do Sul



Figura 7 – Visual da área sombreada, na Praça das Feiras



Centro cultural comunitário – Palmas/TO

AUTORA: *Camila Nunes Arendt*
ORIENTADOR: *Erinton Aver Moraes*

O presente trabalho, inserido no campo da arquitetura social, propõe o desenvolvimento de um centro cultural comunitário em Palmas, Tocantins, fundamentado em princípios de arquitetura vernacular. A intervenção se insere em uma área marcada pela carência de equipamentos públicos culturais, onde parte da população permanece à margem do planejamento urbano³ Esse contexto evidencia a problemática do acesso limitado à cultura, justificando a proposta como um instrumento de apoio social e fortalecimento da cidadania. O objetivo central consiste na elaboração do partido arquitetônico, orientado a fortalecer a inclusão, promover a capacitação e ampliar o acesso às atividades culturais. Metodologicamente, o estudo compreende levantamento bibliográfico, análise normativa e aplicação de diretrizes projetuais derivadas do diagnóstico do espaço e da etapa de partido e anteprojeto. A estrutura do dossiê organiza-se em contextualização de Palmas, fundamentação programática, diretrizes de implantação e princípios vernaculares – de materialidade e forma – que orientam a proposta final.

³ CORIOLANO, G. Pires; RODRIGUES, W.; OLIVEIRA, A. F. Estatuto da Cidade e seus instrumentos de combate às desigualdades socioterritoriais: o Plano Diretor Participativo de Palmas (TO). *Revista Brasileira De Gestão Urbana*, v. 5, n. 2, p. 131-145, 2017.

Figura 1 – Visual do acesso principal do bloco 1 do centro cultural comunitário



Figura 2 – Vista da fachada sul do teatro/auditório/cinema



Figura 3 – Visuais da fachada leste e sul



Um dos principais desafios do projeto consiste em materializar o caráter público, inclusivo e social do centro cultural comunitário, traduzindo seus objetivos de integração, capacitação e acesso à cultura por meio da arquitetura. A proposta adota uma estratégia de composição baseada na articulação entre espaços abertos e edificados, priorizando a permeabilidade, a legibilidade dos percursos e a apropriação coletiva. O partido arquitetônico fundamenta-se na relação com o contexto urbano e climático de Palmas, utilizando soluções bioclimáticas, tecnologias construtivas adequadas e um sistema estrutural racional, capazes de conferir identidade, conforto ambiental e coerência formal ao conjunto. A organização estabelece hierarquias claras, promovendo equilíbrio entre função, forma e uso social, de modo que o edifício atue como elemento integrador da comunidade e catalisador de atividades culturais e de convivência.

A proposta organiza a praça como um espaço vivo, inclusivo e intergeracional, onde diferentes formas de permanência se

Figura 4 – Vista do bicicletário proposto



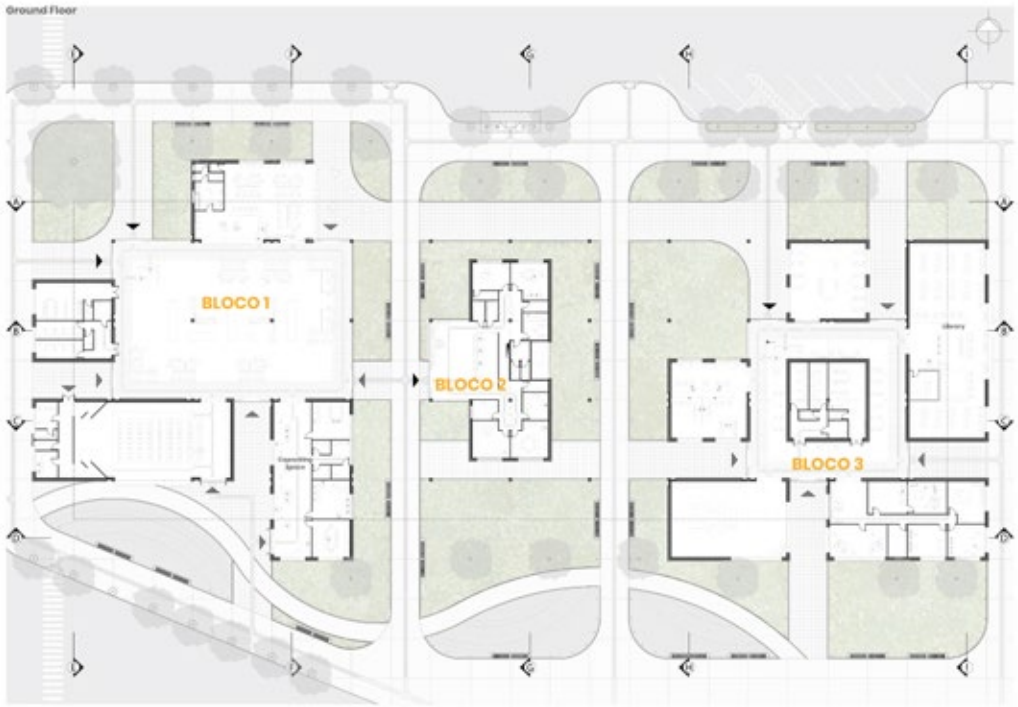
Figura 5 – Implantação com ambientes externos identificados



distribuem de maneira equilibrada por meio de áreas de estar e convivência (Figuras 1, 3 e 8), espaços de contemplação e descanso (Figura 7) e ambientes de uso comunitário (Figura 10), valorizando os fluxos naturais de pedestres e a conexão dinâmica, articulando lazer passivo e ativo. O conjunto também integra áreas de movimento e prática corporal (Figuras 2, 6 e 9), além de espaços de expressão e encontro coletivo (Fi-

guras 4 e 5), compondo uma paisagem funcional e acolhedora. Assim, natureza, mobiliário e usos se combinam para estruturar um ambiente acessível e convidativo, que estimula a permanência e a interação social ao longo de todo o dia. A proposta arquitetônica se estrutura como uma extensão do espaço público, articulando cultura, educação e apoio social em volumes complementares que dialogam entre si e com

Figura 6 – Planta baixa com ambientes identificados



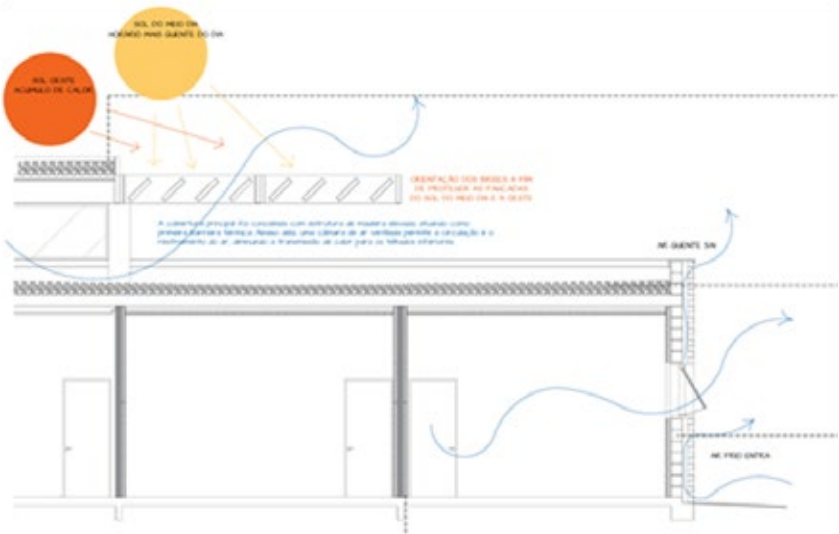
o entorno. O Bloco Artístico (Figuras 1 a 30) concentra os espaços de criação, expressão e encontro cultural, reunindo áreas expositivas, ateliês, salas de música e ambientes de apoio que estimulam a produção coletiva e a permanência.

O Bloco Administrativo e de Assistência Social (Figuras 31 a 47) organiza o acolhimento, a orientação e os atendimentos especializados, funcionando como base de suporte humano e institucional do conjunto. Já o Bloco Educacional (Figuras 48 a 63) abriga salas de formação, espaços para atividades manuais, corporais e

digitais, além de áreas voltadas ao aprendizado infantil e juvenil, consolidando o caráter formativo do projeto. A implantação desses núcleos cria um conjunto integrado, onde arte, cuidado e educação se conectam, reforçando a ideia de um equipamento aberto, acessível e enraizado na cultura local.

A materialidade do projeto nasce do território: a fibra de babaçu, associada ao adobe, conecta cultura local, sustentabilidade e desempenho térmico. O conforto ambiental é potencializado por uma lógica de dupla proteção térmica. Tanto nas paredes quanto na cobertura, uma primeira

Figura 7 – Diagramas de conforto térmico e materialidades



camada bloqueia a incidência direta do sol, enquanto uma câmara de ar ventilada atua como zona de respiro, dissipando o calor antes que ele atinja os ambientes internos. Assim, o edifício funciona como um filtro climático, utilizando sombra, ar e matéria natural para criar conforto de forma passiva ao lugar.

Figura 8 – Imagens finais do complexo



Parque Ibiaçá: a travessia do caminho do rio

AUTORA: *Inês Regina Vicente*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

A proposta do Parque Ibiaçá consiste na implantação de um parque alagável fundamentado no conceito de “cidades-esponja”, como estratégia de adaptação urbana frente às recorrentes enchentes que afetam a cidade de Montenegro/RS. Localizado na região oeste do município, área historicamente vulnerável a inundações e marcada pela carência de espaços públicos qualificados, o projeto parte do reconhecimento das dinâmicas naturais do território como elemento estruturador da forma urbana. Nesse contexto, o nome do parque, “Ibiaçá”, que significa “a travessia do caminho do rio”, remete à denominação atribuída pelos povos indígenas ao território onde hoje se localiza a cidade, reforçando a relação histórica entre paisagem, água e ocupação humana.

O Parque Ibiaçá (Figura 1) propõe a ressignificação das áreas suscetíveis às cheias, compreendendo a água não como obstáculo, mas como componente ativo da paisagem. Por meio da incorporação de infraestrutura verde e azul, o projeto articula funções de drenagem urbana sustentável, lazer e mobilidade ativa, configurando um espaço multifuncional capaz de operar tanto em períodos de estiagem quanto durante eventos de inundação, transformando um problema urbano recorrente em uma oportunidade de qualificação ambiental e social.

Figura 1 – Parque Ibiaçá



Figura 2 – Mapa síntese de diagnóstico – área de interesse



Figura 3 – Sistema de parques



O primeiro desafio do projeto foi a definição da área de implantação do parque. A partir do diagnóstico urbano e ambiental, delimitou-se uma área de interesse (Figura 2) baseada na sobreposição entre zonas de inundação recorrente e regiões com déficit de espaços públicos qualificados. Essa análise evidenciou que a implantação de um único parque não seria suficiente para mitigar, de forma eficaz, os impactos das cheias no território analisado.

Diante desse cenário, optou-se pela criação de um sistema de espaços livres composto por múltiplos parques interligados por corredores verdes (Figura 3). A seleção das áreas considerou usos preexistentes, vegetação existente, cotas de inundação e áreas de preservação permanente (APP), resultando na identificação de quatro áreas aptas à implantação. Os programas foram definidos a partir da articulação entre demandas urbanas e usos consolidados, assegurando o funcionamento do conjunto em períodos de cheia e estiagem, com a implantação de clube de futebol, parque de rodeio (Figura 4), esportes radicais (Figura 5) e áreas de esporte e lazer no Parque Ibiacá.

Como desdobramento dessa estratégia territorial, o projeto estabelece diretrizes urbanas integradas que articulam mobilidade sustentável, drenagem urbana e paisagem. As conexões entre os espaços são estruturadas por uma rede de transporte público, ciclovias, vias verdes e trilhas para pedestres, enquanto as soluções para as inundações incorporam bacias de retenção e

detenção, jardins alagáveis, passarelas elevadas e vegetação nativa adaptada à umidade. De forma complementar, incluem-se a realocação de moradias em áreas de risco, o uso de pavimentos drenantes e estratégias paisagísticas de retenção e filtragem das águas pluviais, ampliando a resiliência ambiental e a qualidade urbana do território. O parque selecionado para o desenvolvimento do anteprojeto foi o Parque Ibiacá, escolhido pela diversidade e complexidade de seus usos, pelo potencial de integração social e pela proximidade com a população mais diretamente impactada pelas inundações.

No desenvolvimento do anteprojeto, o principal desafio foi a organização dos usos diante da complexidade do terreno, marcado por recortes, áreas de preservação, vegetação nativa e diferentes usos no entorno. Para responder a essas condicionantes, o parque foi estruturado em setores de abrangência municipal (Figura 6) e local, articulados a áreas de preservação ambiental, realocação habitacional e edificações institucionais.

O programa (Figura 7) reúne espaços de esporte, lazer, contemplação e convivência, como áreas gramadas, quadras esportivas, pista de skate, *playground* (Figura 8), arvorismo, tirolesa, espaço pet, academia ao ar livre, pomar, espaços sensoriais e equipamentos de apoio ao visitante, incluindo bicicletário e chimar-

Figura 4 – Parque de rodeios



Figura 5 – Parque de esportes radicais



Figura 6 – Parque Ibiacá – abrangência municipal



Figura 7 – Implantação do Parque Ibiacá



ródromo, entre muitos outros. Todo o parque é conectado por uma rede contínua de passarelas, ciclovias e espaços de permanência (Figura 9), incentivando a mobilidade ativa e a integração entre os setores. A combinação entre atividades de alto dinamismo e espaços de menor intensidade resulta em um parque equilibrado, inclusivo e funcional.

Destacam-se as bacias de retenção de água, as quadras alagáveis, que funcionam como áreas de retenção temporária em períodos de chuva intensa (Figura 10), reduzindo os picos de vazão e ampliando a capacidade de armazenamento do parque. Em períodos de estiagem, esses espaços são utilizados para práticas esportivas e

atividades de lazer, contribuindo para o dinamismo urbano (Figura 11).
O projeto final do Parque Ibiacá revela que é possível criar espaços acolhedores e verdadeiramente democráticos em diálogo com a natureza. A água não é nossa inimiga; ela apenas segue seu caminho. Somos nós que, ao ocuparmos territórios sensíveis, deixamos de reconhecer essa dinâmica. Ao integrar os fluxos naturais, o parque propõe uma convivência mais atenta e respeitosa entre cidade e paisagem, onde o espaço público nasce do entendimento, e não da negação, dos processos naturais.

Figura 8 – Playground



Figura 9 – Visual a partir do mirante



Figura 10 – Espaço de permanência



Figura 11 – Quadras alagáveis em período de inundação



Parque do aeroporto: proposta e requalificação na cidade de Vacaria/RS

AUTORA: *Laura Pawelak Duarte*
ORIENTADORA: *Doris Baldissera*

A requalificação da área do antigo aeroporto municipal de Vacaria propõe a transformação de um vazio urbano em parque contemporâneo de caráter público e multifuncional. Inserida em zona de expansão e cercada por bairros residenciais, a área apresenta potencial estratégico para estruturar novas relações entre cidade, paisagem e sociabilidade. Partindo da relevância histórica e territorial do local, bem como da sua apropriação comunitária por meio de eventos e práticas esportivas, a proposta busca qualificar a paisagem urbana e consolidar um equipamento democrático dedicado ao lazer, à cultura, ao esporte e à convivência. O parque é entendido como infraestrutura capaz de organizar fluxos, aproximar territórios e ampliar a oferta de espaços coletivos, atendendo tanto o uso cotidiano quanto grandes eventos. Ao ativar um fragmento urbano pouco utilizado, o projeto amplia oportunidades de encontro, integração social e pertencimento, valorizando as características ambientais e culturais de Vacaria (Figura 1).

Figura 1 – Vista aérea do Parque do Aeroporto

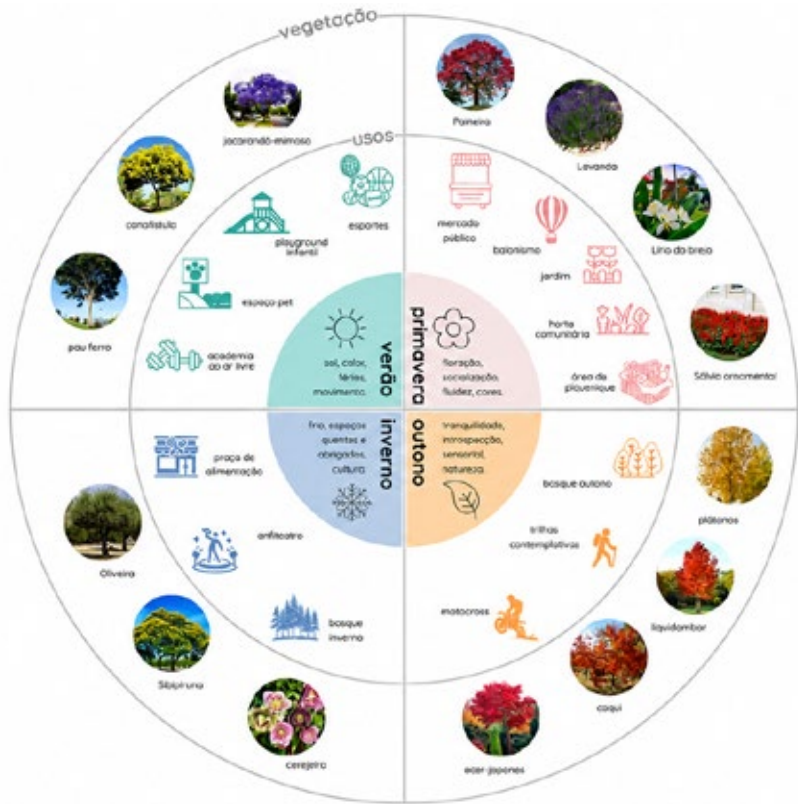


Figura 2 – Visuais, acesso, praça principal e de apoio



A sazonalidade estrutura o projeto desde a origem, introduzindo o tempo como matéria de desenho. Os ciclos das estações orientam tanto a composição vegetal quanto a variação de usos, estabelecendo relações entre paisagem, clima e intensidade de ocupação, associando atividades mais dinâmicas ou esportivas aos períodos de maior vitalidade, enquanto usos contemplativos e culturais se ampliam nas estações de transição. Já nos meses de clima mais rigoroso, a atenção se desloca para programas protegidos, garantindo a continuidade da vida pública mesmo em condições menos convidativas. Essa temporalidade qualifica o cotidiano do parque e amplia sua dimensão pública ao longo dos meses (Figura 3). A vegetação atua como mediadora ambiental e sensorial desse processo, produzindo variações de microclima,

Figura 3 – Círculo sazonal



sombra, cor e textura que se transformam ao longo das estações. A alternância de floradas, folhagens e aromas criam atmosferas distintas que qualificam a permanência e induzem o usuário a descobrir o parque de maneira progressiva. Essa temporalidade induz uma descoberta progressiva do parque e justifica a distribuição de usos e espécies vegetais segundo critérios ecológicos, funcionais e de permanência (Figura 4).

Figura 4 – Tabela de vegetações

Arvore / Forrageira	Evento principal	Meses aproximados	Porte	Tipo de folhagem
Panelleiro-roxo (Celtis speciosa)	Floração rosa intensa, copa sem folhas	Set - Out	Grande (15-25 m)	Decídua
Lavanda (Lavandula angustifolia)	Floração lilás aromática	Set - Nov	Baixo (0,3-0,8 m)	Perene
Lírio-do-brejo (Nepenthes distachyoides)	Flora branca perfumada	Out - Nov	Médio (5-15 m)	Perene
Silva ornamental (Silvia splendens / S. microphylla)	Floração vermelha/roxa	Set - Nov	Baixo (0,4-0,8 m)	Perene
Jacarandá-mimoso (Jacaranda mimosifolia)	Floração lilás	Nov - Dez	Médio/Grande (10-15 m)	Decídua
Conarofolha (Pithecellobium aduncum)	Floração amarela	Dez - Jan	Grande (15-20 m)	Decídua
Pau-ferro (Licania ferezi)	Floração amarela discreta	Dez - Jan	Médio/Grande (8-15 m)	Semidecídua
Pitomba (Pithecia xanthophylla)	Mudança de cor = queda das folhas	Mar - Mai	Grande (20-30 m)	Decídua
Liquidambar (Liquidambar styraciflua)	Folhas vermelhas, laranja e douradas	Abr - Mai	Grande (15-20 m)	Decídua
Cupira (Diospyros kaki)	Frutificação = folhas douradas	Abr - Mai	Médio (8-12 m)	Decídua
Acer rubrum (Acer rubrum)	Folhas vermelhas intensas	Abr - Mai	Médio (8-10 m)	Decídua
Oliveira (Olea europaea)	Permanência de copa verde e estrutura	Jun - Ago	Médio (8-10 m)	Perene
Styphelia (Styphelia plumifera)	Estrutura de copa + presença contínua	Jun - Ago	Grande (15-20 m)	Semidecídua
Halimolobos orientalis (Halimolobos orientalis)	Floração plana no fim	Jul - Ago	Baixo (0,3-0,5 m)	Perene
Oliveira (Olea europaea)	Estrutura permanente, quarda	Ano todo	Médio (8-10 m)	Perene
Styphelia (Styphelia plumifera)	Sombra ampla e constante	Ano todo	Grande (15-20 m)	Semidecídua
Panelleiro (Celtis speciosa)	Muro visual	Ano todo	Grande (15-25 m)	Decídua
Grassia-umbellata (Grassia umbellata)	Cobertura verde	Ano todo	Muito baixo	Perene
Tombro (Thymus serpyllum / vulgare)	Sapota aromática	Ano todo	Muito baixo	Perene
Amorém (Anacardium occidentale)	Produção de pinde	Mai - Ago	Grande (20-30 m)	Perene
Chá-chá (Mikania cubensis)	Frutificação	Out - Jan	Médio (8-12 m)	Perene
Guadalupe (Myrsine guianensis)	Frutificação	Nov - Jan	Médio/pequeno (3-6 m)	Perene
Frangula (Frangula unguis)	Frutificação = frutos	Set - Nov	Médio (8-12 m)	Perene
Escobaria-do-mato (Passiflora vitifera)	Frutificação	Nov - Jan	Médio (4-8 m)	Perene

Figura 5 – Arroio Carazinho (APP)



A área de preservação permanente (APP) localizada no limite oeste do parque, antes percebida como barreira física e visual entre o antigo aeródromo e o bairro, passa a desempenhar papel de conexão ambiental e urbana. O projeto destina esse trecho à recuperação com espécies nativas, qualificando a vegetação existente e reforçando sua função ecológica. Duas passarelas em pontos estratégicos garantem o acesso entre o bairro e o parque, convertendo o eixo antes segregado em espaço de cuidado, contemplação e convívio. Assim, a APP assume nova função dentro do conjunto, atuando como faixa ambiental contínua que integra território e paisagem, ampliando a relação da cidade com seu componente natural (Figura 5).

O zoneamento organiza atividades e vegetações a partir de uma lógica sazonal, articulando programas mais ativos, áreas

Princípio de organização

Conexões com o traçado existente

Conexões macro

Conexões secundárias

Zoneamento com base no conceito sazonal

Primavera
Verão
Outono
Inverno

Zonas de apoio
Áreas abertas não programadas

Ao combinar sazonalidade, racionalidade formal e recuperação ambiental, valorizando a área

de preservação permanente (APP) do arroio Carazinho, o projeto transforma o antigo aeroporto de Vacaria em um espaço urbano ativo e integrado. O Parque do Aeroporto se consolida como eixo estruturante capaz de articular usos ao longo do ano, conciliando a rotina e a demanda diária de atividades da população com eventos esporádicos de caráter cultural, recreativo e social. Dessa maneira, o parque promove aos seus usuários o acesso a um espaço público de qualidade, que fortalece a integração social, valoriza a paisagem natural e contribui para a formação de um parque democrático, multifuncional e ambientalmente responsável.



Apêndice

Egressos do curso de Arquitetura e Urbanismo nos 30 anos de sua trajetória

JULHO DE 2001

Gabriela da Fonseca

DEZEMBRO DE 2001

Ana Paula Stragliotto
Camile Sambaquy Franzoi
Giovana Paola Sartori
Vanessa Baccin Menegon

JULHO DE 2002

Cristina Piccoli
Edineia Marchioro Gasparin
Fernanda Mugnol
Roberta Elisa Vebber
Vera Beatriz Segalla Fabris

DEZEMBRO DE 2002

Adriana Guerra
Adriana Maria Dreher Favero
Ana Paula Kerpen
Andre Stavinski
Angela Caldart
Caroline Michelon
Cristina Mocelin
Daniela Juliana Ceccato
Eliane Casagrande
Gabriele Sebben
Grécie Carolina Corso
Guilherme Basso
Maurien Duarte Velho

Raphael Dalzochio
Roberto Machado

JULHO DE 2003

Deise Smaniotto
Everton Maurilio do Prado
Luci Vanni
Melissa Bulla Baron
Nilvana Andréa Rodrigues Sirtoli
Silvia Cristina dos Santos
Tamara Fochesato
Viviane Lazzari

DEZEMBRO DE 2003

André Alexandre Bóz
Candice Ruwer Vidor
Carla Beatriz de Facci Oliveira
Cátia Canever
Cátia Cristina Ferronato
Daisy Eliete Butzke Costa
Daniel Motter Palavro
Edson Marchioro
Eliane Cristina Diesel
Francisco Biasoli
Guilherme Foppa
Isis Guizzo Rosa
Juliana Stringhi
Leandro Daniel Viccari
Leonardo Wisintainer Balen
Morgana Pizzetti
Priscila Susin
Renata de Lucena

JULHO DE 2004

Alessandra Maria Bazzo Barbisan
Carlos Eduardo Bigarella
Eduardo de Lavra Pinto
Francini Maria Spricigo
Liziane Ferronato
Renata Diligenti
Roberta Alina Boeira Tiburri
Silvano Andretta
Tatiane Fátima Foscarini
Vinicius de Tomasi Ribeiro

DEZEMBRO DE 2004

Ana Carolina Stasi Carraro
Caroline Costa Rebechi
Cristian Guilherme Moz
Francesco Simon Montemaggiore
Gabriela Figueiró Martins
Isabela Rech
Isaias Perini
Jennifer Giacomet Inda
Karina Rugeri
Ramona Romio
Siula Camassola

JULHO DE 2005

Ana Paula Valduga
Ângela Petroli
Daniela Mandelli
Erica Vedana
Érika Bortolini
Jéssica De Carli dos Santos
Letícia Parenti
Luís Fabiano Kuwer
Margarete Rögelin
Marliesi Gisele da Motta Tams

Nestor Eugenio Mussoi
Nicole Brugali Copelli
Rodrigo Posser
Tiago Noronha
Viviane Gaio

DEZEMBRO DE 2005

Alessandra Braun Teixeira
Andréia Benini
Andressa Orlandi Barroso
Andrezza Garcia
Andrigo Demari
Angelisa Costi Favero Benedetti
Carla Fiorin Bianchi
Carlos Alberto Menz
Cassiane Ramos
Cristiane Andreatta Oliveira
Daniel Schüür
Daniela Chiarello Fastofski
Elisângela Silva Selau
Fabiana Maria Cagol
Fabiane Brum
Fernanda Fanti Tissot
Francine Bressan Scopel
Jaqueline Crocoli
Joceliane Dal'Lago
Letícia Reginato de Athayde
Marcelo Garcia Bampi
Marcos Fabiano Schio
Mônica Cristina Nicolao
Oscar Angelo Panozzo
Patrícia Camile Mugnol
Patrícia Felicetti
Patrícia Marin
Rafaela Schmitz Bisol
Roberta Gasparetto
Sabrine Coppini Geimba
Sérgio José Fuhrmann Júnior
Tanéia Roncato

Tatiane Peruffo
Terezinha de Oliveira Buchebuan
Waleska Pinheiro Santos

JULHO DE 2006

Alexandre Augusto Todeschini
Camila Alessandra Giacomelli
Cleber Canton
Cristiane Bernardi
Deise De Conto
Eloise Costamilan
Gilberto Facchin
Ingrid Cristina Teles de Godoi Wingert
Jaciéla Toigo
Maria Geneci Maciel Rückert
Rodrigo Dallegrave
Sílvia Rafaela Scapin Nunes
Simone Andreia Viecceli
Simone Fraga
Solange Rosa Ceccon
Tâmi Cichelero

DEZEMBRO DE 2006

Ana Maria Thomazoni
Ana Paula Souza De Zorzi
Calíntia Argenta Ceron
Cheila Netto Rodrigues
Daniel Carlos Tansini
Edson Vacari
Eduardo Scain
Erní Mansueto Sabedot
Francine Gatelli
Gustavo De Carli
Karine Schvarstzaupt Sitta
Kety Zeni
Liengrid Cagol
Michele Sgarioni
Miguel Luiz Ceccon

Mônica Rossi
Natália Graziela Spindler
Pablo Cesar Uez
Patrícia Mattei Adami
Rafael Vicente Bellei
Tiago Dallegrave Costa
Vanessa de Vargas Lorenzini
Viviane Cristina Rech

JULHO DE 2007

Aline Deboni
Andrea Marcilio Trentin
Andressa Perozzo dos Santos
Caroline Willrich Flesch
Claudiana Cristina Marques
Cléber De Paris
Daniela Giotti
Ednilson da Costa Nery
Eduardo Rodrigues da Fonseca
Elias Carpeggiani
Fábio Alexandre Cescon
Flávia Junges
Florí Campos Verlinde
Geyson Farina Marin
Grasiele Forini
Leonardo Damiani Poletti
Leonardo Spada
Luiz Henrique Martins de Vargas
Marcelo de Carvalho Cearon
Marcelo Rigo
Marciel Deboni
Patrícia Santacatterina de Souza
Paulo Ricardo Mezzomo
Raquel Munaro
Rodrigo Daminato
Rodrigo Poletto Tavares
Roney Daminato
Simone Andrighetto
Simone Parmegiani

DEZEMBRO DE 2007

Alessandra Fioravanco
Alan Callegari
Andréa Arenhardt
Anselmo Guareze
Carina Basso
Caroline Roggia
Charlene Frasson Caús
Cristhie Lenz
Cristiane Pasa
Daiane Cristina Pergher
Daniela Carla Fritzen
Daniela Carleto Fardo
Daniela Longoni
Daniela Monterle
Darbi Prá
Fábio Alexandre Cescon
Fabrício Cavagnoli
Fernanda Cemin
Fernanda Gottardo
Ingrid Heberle
Ivânia Zulmira Capeletti
Jeanine Cassini Petter
Joaquim Domingos Vanelli Neto
Leandro Molardi
Liliam Sebben Toledo
Liliana Brandelli Scopel
Lúcia Maria Finkler Rippel
Luciane de Carli
Luciane Piovesan
Maristela Pozzer
Nadime Saraiva Rissi
Paula Tilton de Carli
Paulo Vasconcelos Hayet
Ricardo Pierini
Sandra Regina Buffon Dalfovo
Simone Parmeggiani
Tobias Salvador
Vivian Schiavenin

JULHO DE 2008

Alexandra Isabel da S.de Carvalho
André Luís Menin
Arthur Capelari Neto
Cristiane Lisot
Daiane Grasiele Velho
Daniela Cattani
Denise Calliari Bedin
Eduardo Taufer
Enio Henrique Stumpf
Fernando Andreis
Joviane Balbinot
Juliane Basso
Leonardo Motter
Luciano Catafesta
Melissa Gabrielli Mello
Mislene Pillonetto
Raquel Carpeggiani Cabral
Silvana Vargas

DEZEMBRO DE 2008

Adriana Zimmer Speggiorin
Amanda Schüler Bertoni
Ana Lia Dal Pont Branchi
Andressa Luise Bianchi
Bruna Chiaradia
Camila Girardi Pocai
Carla Raupp de Lima
Carla Todescato Bernardi
Carolina Wolff
Chalise Zanotto
Daiana Ida Cettolin Rosin
Evandro Mallmann
Gisele Deise Vicenzi
Gissele Battistel
Gustavo Henrique Boff
Júlio César Rapkiewicz
Kátia Bortoli

Letícia Biavati Rizzotto
Logan Oliboni
Magali Puerari
Marcos Vinicius Patel Porto
Michel Scarzi Borges
Michele Maria Venzo
Michele Poloni Ben
Naiane de Lima Barcellos
Nícolas Vanelli Costa
Patrícia Pasini
Raquel Fachini
Roberta Fanton
Roberto Deitos Alquati
Rodolfo Melara Marques
Rodrigo Silva Bornéo
Simone Gauer
Taísa da Silva Baldissera

JULHO DE 2009

Aline Beltrami Bruschi
Aline Callegari
Aline Krauzs Rampazzo
Bianca Polidoro de Oliveira Franco
Carolina Thaís Zdrojewski
Cristiane Zanotto
Cristina Feltes
Cristina Puccinelli Zugno
Daiana Balestro
Daniela de Oliveira
Diego Rodrigo Dambrós
Diogo Soldatelli
Domenico Renosto
Fernanda Dalla Corte
Gelson Jairo Cardoso
Gisele Cristiane Pioner
Gustavo Camargo
Kláudia Ines Vendrame
Márcio Zanella
Marco Robledo Cescon

Maria Eugenia Dolz Romero
Mariana Basso
Marina Pergher
Mônica Debarba Frizon
Paula Lovatel Soso
Ramon Osmainschi
Ricardo Lauriano Camello de Andrade
Rosangela Zuse Fonseca
Sheyla Márcia de Oliveira F. Mussatto

DEZEMBRO DE 2009

Alexandre Adami
Ana Paula Röpke Cavagnoli
Bruna Tonetta
Carolina Nunes Menegotto
César Sehbe Golin
Cláudia Cristina Ferreira
Cristine Mara Brustolin Spinelli
Dangle Júlio Marini
Denise Fiss Wegner
Gabriel Piva
Geniane Vazzatta Tonoli
Gisele Zanchettin Marcante
Glauco Florindo Busanello
Lisanderson Spiandorello
Lucas Bonatto Marcon
Pâmela Boeira Dalzochio
Pedro Cesar Daneluz
Renata Orlandi
Roberta Navarini
Rosane Scopel
Samuel Marangon Rosa
Sérgio Antônio Zago Júnior

JULHO DE 2010

Bruno Meneguzzi
Camile Mazzuco Schiochet

Cesar Augusto de Souza Oliveira
Cristiane Bertoco
Cristiano Tonietto
Daiane Rizzi
Daniela Fabiana Teixeira
Denise da Silva Pessôa
Fernanda Bertolucci Rossi
Guilherme Knob
Jéssica Rodrigues
João Paulo Sebben
Juliane Ferronato
Kenia Azevedo
Letícia Frigeri Sachetto
Mariana Salvador Marchioro
Mariana Sebben
Marlise Ana Spadari
Rafael Comerlato
Verônica Brusa

DEZEMBRO DE 2010

Andréia Neukamp Menegotto
Bruna Rafaela Fiorio
Carolina Tonet Napoli
Caroline Arsego
Caroline Pozzoco dos Santos
Cátia Melissa Palavro
Cristiane Cassol Schvarstzhaupt
Cynthia dos Santos Hentschke
Daniela Endres Copetti
Daniela Vescovi
Eliane Alves Marchett
Eliza Francischini Manfro
Gabriela Maggioni Buseti
Gabriela Peixoto Machado Alcântara da Silva
Giovana Zorzi Crestani
Joel Pegoraro
Luiza Thomas de Vargas
Marcelo de Figueiredo
Marcelo Perini Moojen
Meriélen Goulart de Campos

Miguel Comerlato
Natália Domênica Azambuja
Paula Fontana
Renata Parizotto
Roberta Righes da Rocha

JULHO DE 2011

Adriano da Silva Ribeiro
Arthur Travi Rosalen
Bruno Bettiato
Carla Regina Ories Tedesco
Christiane Guarese
Cíntia Menegotto
Eliseu Gavazzoni
Fabiana Gajardo
Fábio Panone Lopes
Fernanda Maria Silvestri
Fernanda Maria Turra Pieruccini Martinato
Fernanda Poloni
Fernanda Sílvia Tochetto
Gabriela Fogaça Marcon
Giana Kath Schardong
Giuseppe Tomasi
Gustavo Boschetti
Jeferson Rauber
João Marcos Martins Travi
Juliana Dacól Gil
Karen Andriolo Basso
Leandro Daniel Girardi
Luiz Ernandes Boeira da Rosa
Maicon Mazzarotto
Milissa Carissimi
Priscila Regina Gianni
Rafael Augusto Maffei
Raquel Dalmás
Renata Moschen Brustolin
Solange Inês Censi Troes
Vanessa Chiappin Hamsch
Vinícius Strey Correa

DEZEMBRO DE 2011

Aline De Boni Stumpf
Ana Carolina Menegotto de Campos
Ana Paula Graciola
Angélica Stallivieri
Carolina Vitória Rossi
Caroline Bortolini
Caroline Formentini
Cassiano Demoliner Tedesco
Clarissa Fanton Ornaghi
Daniel Cardoso da Silva
Daniela Caon
Deise Teresinha Giotto
Elaine Cristine Bayer
Elen De Biasi
Eliane Bigolin
Fernanda Perozzo Frizzo
Gabriela Andrade
Giancarlo Moresco Brando
João Paulo Tonin Carpeggiani
Juliana Corsetti Suszek
Juliana Gaieski
Karine Furlanetto
Leandro De Grandi
Leomar Adamatti
Leonard Farina Marin
Leonardo Dossin Regianini
Lizia de Moraes De Zorzi
Lucas Julio Andreazza
Luciano Fogaça Cassâneo
Manuela da Rosa
Manuela Treméa Bof
Mariela Romano
Matheus Gomes Chemello
Noéle Brocca
Pauline Fonini Felin
Priscila Marasca Deitos
Rafael Giacomini
Rafaela Holdefer

Raquel Magda Alves Rosa
Ricardo Moraes Ferraro
Roberta Sartori
Susana Dal Magro
Susiane Cristina Montemezzo Basso
Taciana Devens
Thais Bertelli Fiorio
Thiago Antonello Telles

JULHO DE 2012

Abrahamo Nicoletti Carvalho
Alexandre Haas
Bianca Magnani Mattana
Bruna Andreazza
Cintia De Marchi
Cristina Biazus Danieleleski
Daniela de Resende Fabião
Elisiane Santos Moraes
Fernando Pistore
Franciele Bareta
Graziela Maciel Cousseau
Marcelo Fernando Momo
Marina Bueno Manfro
Marina Zamboni
Maristela Sitta
Raquel Marcon
Renata Armiliato
Silvia Alves de Oliveira Kunz
Suelen Miglioranza
Vanessa Maria Telh
Viviane Baron

DEZEMBRO DE 2012

Alecsander de Campos
Alexandre Willian Dalosto
Aline Bonatto
Aline Canossa

Ana Paula Baumgarten
Andreza Rech
Ane Gabriela Liposki
Angélica Piva
Bárbara Klóss Teixeira
Bruna Leal Martins
Carlos Eduardo Simonetto
Carolina Veber Toscan
Caroline Pellenz Barbieri
Chaiane Panazzolo
Dalira Vidor
Daniela Manosso Bampi
Elisa Helena Lorencet
Fernanda Gallina Luzzatto
Gabriela Esteves Lampert
Gabrielle Oss Corrêa
Grasiela Zardin
Íris Moara Schmitt Pinto
Iuri Lanzarin da Silva
Juliano Garibaldi
Laís Mauri
Laura Ourique Sirianni
Letícia Eloisa Bisol
Liana Fontana
Lucas Daniel Castoldi
Márcio de Campos Pereira
Marina Gottardo
Morgana Prigol
Pablo Luís Ferreira
Raquel Flamia
Raquel Mattiello
Sarah Maciel Borges
Suelen Bebbber
Tiago Carletto Tonietto

JULHO DE 2013

Andressa Michelin Stuari
Assis Mateus Pezi Pereira
Camila Sirtori

Cristina Rocha
Deise Bett
Diana Madalena Ferro
Diórdia Jamille Manera
Elisa Giacomoni Zanolla
Flávio Moisés Turcatel
Gabriela Bianchi
Geovana Cristina Secco Garcia
Ivan Trubian da Silva
Joel Lanzarin de Freitas
Laís Soares
Lucas Alencar Pissetti
Marina Miot Santos
Mauro César Pereira
Monique Marini
Nicole Rosa
Patricia Bordin
Rodrigo Alexandre Pierozan
Tábata Tregnago Betiol
Verônica Leonardelli Vailatti

DEZEMBRO DE 2013

Bruna Tronca
Camila Pistorello
Chana Tiele Galante
Elisângela Todescato dos Santos
Fabiane Grandi
Jamile Donazzolo
Marília Gasperin Fontana
Mégui Pezzi Dal Bó
Michele Zorzi Baptista
Morgana Cristina Geraldo
Paula Iezzi Marques de Oliveira
Radames da Silva Nery
Samuel Dal Piaz Jaconi
Sayonara Guaresi
Vanessa Bossardi
Vinícius Bussolotto

JULHO DE 2014

Aline Galiotto
Bárbara Fernandes Dall’ Alba
Bruna Reis
Calinca Renon
Elisângela Bernardi
Fabiane Reis Pereira Cardozo
Fabrício Dalsoglio
Fernanda Romeu
Gabriela Tondin
Gabriele de Oliveira Salvi
Jordana Carraro Borges
Marcela Guadagnin
Morgana Mussatto
Thássia Barbanti Batalha

DEZEMBRO DE 2014

Adriano Tomasi
Carolina Onzi Giovanella
Caroline Bisol
Eduardo Amaral da Trindade
Elisangela Corso Yamaoka
Fabiano Kafer
Felipe Kammler
Fernanda Tiecher Longhi
Jáder Piero da Silva
Jessica de Vargas Colombo
Karoline Turcatti
Laiane Caio
Marcos Geremia
Michele Paula Basso
Morgana Formolo
Patricia Duarte Silva
Rosiane Machado Pradella
Saymon Rech Dall’ Alba
Simone Rodrigues Martini
Vinícius Matana Pereira

JULHO DE 2015

Andréia Belusso Corradi
Bruna Conte
Carolina Carissimi
Caroline Zenato
Crissander Deboni
Felipe Speguem
Geovani Stuari
Ismael Canale Gomes
Laís Stangherlin
Luiza Brugger Issler
Morgana Chedid dos Santos
Priscila dos Santos de Oliveira
Renata Possoli
Samanta Slovinski
Tiago Susella Slaviero
Tiele Frare Fin
Vanessa Jorge

DEZEMBRO DE 2015

Alex Martinotto
Ana Cláudia Silva de Almeida
Ângelo Domingos Lunardi
Bárbara Pereira Schneider
Carina Peruzzo Atayde
Cassius Righez da Silva
Daiara Rossi Marin
Daniel Vergani Pontalti
Deise Webber Molin
Dimitri Susin
Fernanda Longhi Misturini
Fernanda Marin
Gisele Reis de Candido
Graziela Verdi
Guilherme Azambuja Losquiavo
Ismael Luqui
Ludmila Facchi Fachin

Mileise Catarina da Rosa Schumann
Morgana Censi
Ribana de Lucena Moschen
Samia Mariam Chehadi
Sára Caon
Sheila Dambros
Vanusa Bastianel
Vicenza Gelain Veadrigo

JULHO DE 2016

Alissa Polo Triaca
Ana Paula Fontana Machado
Bruna Marina Bianchi
Carla Sordi Gonzatto
Cassiano Bernardi
Cassiano Hahn Broch
Elisa Duda
Eliza Bavaresco Simonetto
Eriellen Cassão Viero
Francieli Brochetto
Gisele Giacobbo
Graziela Commazzetto
Henrique Panizzi
Karina Marques Dick
Letícia Lovison
Márcio Zeni Lucatelli
Marina Dias Dall’Agnol
Matheus Gaglietti de Candido
Mônica Fistarol
Natália Francieli Both
Natasha Oltramari
Patrícia Cassol Pereira
Patrícia Trois Roth
Raquel Lago
Renata Elisa Simon
Rodrigo Tedesco Guidini
Suane de Atayde Moschen
Vanessa Scalco
Vivian Aline Rech Bisi

DEZEMBRO DE 2016

Aline Retore
Bruna de Oliveira
Bruna Menegace Variante
Bruna Paim Pasquali
Cristiano Rodrigo Faganello
Davi Oliboni Piccoli
Elisa Romagna Pereira
Francine Rizzon
Giulia Silva Santanna
Janaína Fracasso da Silva
Leonara Perotti Frizzo
Marines De Nardi Verona
Michele Andresa Evangelista da Silva
Naiana De Marco
Raquel Garbin
Ricardo Tonin
Sandro Zolet Barazzetti
Tuane Tondin de Oliveira
William Marini

JULHO DE 2017

Alessandra Menzomo de O. Crocoli
Aline Dal Soglio
Alini Xavier da Costa
Ana Laura Carvalho Nunes
Ana Paula Viezzer Lunardi
Augusto Teixeira Domingues
Barbara Haas
Caroline Moraes Michelli
Caroline Toigo
Cláudia Gelain Mascarello
Giovana Luísa Zanette
Giovana Tonietto Lima
João Pedro Signor
Juliana Ramos Antunes
Kalyandra Alves da Silva
Kellen Tres

Laurence de Castro Acosta
Luana Marinello
Luciana Viganó
Marco Terres Onsi
Marcos Vinícius Tortelli
Marilusa Taíse do Carmo
Mateus Flores Fontana
Nicole Erlo
Patrícia Fantin
Paula Chinato
Paulo Alberto Guizzo
Rafael Susin Baumann
Sabrina Morais Monaretto
Thaís Zimmermann Suzin

DEZEMBRO DE 2017

Alessandra Onzi Peroni
Alexandre Concari
Amanda Garcia Correa
Angelina Guizzo Ferrari
Barbara Tonella da Silva
Brena Miranda de Oliveira
Carina Albé Randon
Cecile Torquato
Cinthya Orhana Cereja Rossatto
Danielle Macedo Lorenz
Douglas Paiz
Filipe Crocoli
Franchescoli Dionizio Maschio
Franciele Rebelatto
Gelcemara Rizzo Casanova
Gisele Cattani
Guilherme Zanotto Colognese
Gustavo Schumacher Giovanardi
Helena Losekann Marcon
Jaquelen Bortoluz
Jéferson Reginato dos Santos
Joceli Marcante
Julia Di Marco Grechi

Juliana Menegat
Juliane Millani
Larissa Rossetti Gonsalves Cavassola
Lucas Menegon
Matheus Diehl Bresolin
Mohini Gonçalves Cerqueira
Morgana Pizzi Moraes
Morgana Scottá
Natália Molinari Viapiana
Paola Dallarosa
Patrícia Fabro Chinelatto
Priscila Mazziero
Sandra Regina Pilão
Tiago Rech
Verônica Onzi Peroni

JULHO DE 2018

Ana Paula Ramon
Bárbara Feltraco Raymondi
Carla Galvan Bresolin
Carolina de Candido Marchet
Carolina Stangherlin
Caroline Verona
Débora Teresa Wolf
Fernanda Luciano
Gabriela de Almeida Paim
Gredi Luza
Juliana Ortigara
Juliano Zolet
Karen Ely
Lívia Molina Guarda
Luan Matana Rossi
Luana Barbosa da Silva
Luiza Signori
Manuela Retore
Mônica Giazzon Cavalli
Nathalia Bernart Cecconello
Rafael Dan Sokabe
Rosângela Tatiana de Souza

Samanta Forest Sandi
Stefânia Rossato Tonet

DEZEMBRO DE 2018

Adrieli Parente
Alana Lazzari Salvador
Aline Guaresi
Ana Carolina Dal Ponte Favero
Ana Luísa Mello Corrêa
Anna Carolina Mussatto Rigo
Arthur Schneider
Augusto Borghetti Chinelatto
Bárbara Bulla Bolzzoni
Barbara de Souza Gonçalves
Bruna Benini
Carlos Henrique Tomiello
Cristiane Postay
Débora Frata Jussen
Douglas Rossi
Douglas Schultz Paz
Émerson Gonçalves de Sousa
Gabriela Galvan Debarba
Gabriela Luísa Piola
Gabriela Schramm Rossi
Gabrielle Fontanive Ghesla
Giovana Morellato
Guilherme dos Santos Horn
Júlia Lazzari Manica
Katyele Bender
Larissa Guerra
Marceli Costa Marcolim
Mariana Mugnol
Rafael Smiderle Sartori
Rafaela Cristina Schneider
Rafaela Finger
Ramom Felipe Biazus
Stephanie Dornelles Tessari
Suélen dos Santos
Suzanne da Rosa Zamboni
Treicy Biazus Salles Centofante

Victória Pessin Gandolfi
Wendy Graliki

JULHO DE 2019

Amanda Dornelles Crippa
Angélica Ravizzoni Veronese
Brenda Pegorini Wagner
Bruna Boschetti
Bruna Monsani
Camila Casali
Daíse Silveira Palaoro
Daniel Linden
Daniela Bortolotto
Daniela Salvador
Deivid Antunes de Souza
Érica Rodrigues
Fabiane da Rosa Caetano
Flávia da Luz Minuzzo
Gabriela Buffon Vargas
Ismael Lessa
Juliano Mezzomo
Luísa Michelin Cioato
Marina Boschetti
Miriane Camatti
Morgana Boniatti
Naiara Boff Calza
Natália Zenato
Ramadan Elias Paludo
Renata Citolin
Tamís Viero
Thaís Polli
Thiago Forini
Vagner Borelli Coloniezi
William Takeyoshi Beck Tsuhako

DEZEMBRO DE 2019

Alex Anziliano
Aline Duarte

Ana Letícia Zenere Rodrigues
Brunella Cecatto
Cárin Schakowski de Oliveira
Claudio Servelin
Cristian Vezzaro de Oliveira
Daniele Formolo
Francieli Palavro
Isabele Caroline da Silva
Jéssica Fantin
Júlia Barreto Venturella
Júlia Luísa dos Santos
Kétlin Werner
Luana Dalzochio
Lucas Medeiros Citon
Luciana Boff Coelho
Manuellen Cusin Decól Somensi
Marcos Djhúlio Severo
Marina de Mello Boschetti
Nicole Heinen
Patrícia Perozzo Polidoro
Paula do Nascimento Perini
Pauline Seckler Gomes
Rafael Basso de Lima
Rafaela Balz Rodrigheiro
Raiana Simoni
Raquel Bonella Zuglianello
Samoele Magnabosco
Thaís Letícia Olivo
Tiago Alves da Silva
Tiago Bebber
Tuane Sipp

JULHO DE 2020

Andrelise Michelotto Faraon Zilli
Caroline Bortolini Postingher
Caroline Garaffa
Cassiano Pereira Homem
Cláudia Werner Slomp
Cristiane Sangalli

Daiane Soares Dalsoglio
Elis Louise Cuchinir Oleas
Fabrício Visentin
Fernanda Duarte
Flávia Branco da Cunha
Gabriela Corso
Gregory Lorencet
Jéssica Testolin
Júlia Luíse Altmann
Kelen Triches
Laiane Magalhães Avelino de Souza
Laís Colossi Carniel
Lucas Thomás Franceschetti
Manoella Restelatto Sandi
Mariana Sandi Kunz
Nicole Spanholi de Figueiredo
Patrícia Alves da Silva
Roberta Restelatto Anziliero
Shandrine Cavalli da Silva
Tainara Bertuzzi Chiele
Thales Ricardo Rech Curia
Yasmin Beatriz Rasador

DEZEMBRO DE 2020

Alana Bacarin
Ana Paula Hoffmann da Silva
Ana Paula Tormen
Andressa Angela Denardi
Barbara Evani Viezzer
Bibiane Sá Echabe
Bruna Rafaela Zwirtes
Bruno César Eder Giasson
Bruno Gallina
Débora Luísa Corso Brand
Elias Vicente Riva
Eri Júnior dos Reis
Franciele Araujo
Gabriela Forner
Gisele Brollo Zanotto

Giulia Ferronato Magalhães
Guilherme Conte Rodrigues
Guilherme Jaskulski de Oliveira
Henrique Zuchetto
João Vitor Hartmann
Juliana Tomazi Consenso
Kelli Laura Lago
Ludyhane da Silva Amarante Nunes
Maiara Balbinot Tesser
Maiara Eberhardt Brehm
Manoele Pistorello Bertolla
Marco Antônio Rosa Roxo
Marcos Vinícius Longhi
Maria Eduarda Roso Ferrer
Maynara Boeira de Sousa Faveron
Michele Lourdes Segatto
Natalia Razzera Garavaglia
Nathália Coradini Gonzales
Nicolí Kayser De Nardi
Pâmela Christine Cavagnoli Pessoli
Pauline Eberhardt
Rafael Vargas De Boni
Rafaela Gil Cassol
Regina Michelin Faraon
Roberta Borges Sartoretto
Thaise Zattera Marchesini
Valdinei João Alves Garcia Júnior
Vinícios Andrioli Kreuz
Viviane Silva Santos

JULHO DE 2021

Adriel Cardoso de Oliveira
Amanda Miorelli Bonetto
Ângela Candeia Todescatto
Carlos Eduardo Vargas
Caroline Fachini
Caroline Peccin da Silva
Eduardo Colombo Bassotto
Evelyn Visentin Marzarotto

Fernanda Hoffmann Zattera
Gabriela Costa
Gessica Tonin
Jéssica Pereira da Cruz
Jéssica Schultz Strauss
Juliana Dal Pont
Kellin Ribeiro da Luz
Leilana Ferreira dos Santos
Lourenço Muxfeldt de Oliveira
Vitória Maggioni

DEZEMBRO DE 2021

Adriana Fátima da Silva
Airton Moura de Oliveira Junior
Amanda Pioner
Anelyse Simbalista Bertelli
Ariane Almeida Ribeiro
Ariane Vieira de Vargas
Bruno Guilherme Fabro
Carolina Barth
Claudio Schmitt
Débora Crocoli
Eduarda Ruzzarin Menezes
Felipe Dossin
Gabriel Fantinel de Medeiros
Gabriel Gazzi Schiavenin
Giulia Grossi Letti
Isabel Cechin
João Vitor Berté Martini
Júlia Sebem Steinmetz
Luan Cecato
Maria Vitória Guedes
Rafaela Bohmer Talamini
Samanta Mezzalira da Silva

JULHO DE 2022

Amanda Borges Andrade

Bruna Lira Mattana
Daniela Belmonte Minuzzi
Débora Meneguzzo
Evelyn Janke dos Santos
Fábio Varela
Fernanda Menegat
Gabriela Brunetto Urtassum
Guilherme Palagi Bastos
Gustavo Vargas Lunardi
Ingrid Panzenhagen Croda
Júlia Fiorio Zampieri
Júlia Machado da Silveira
Julia Mezzalira
Kahena Anzolin Santos
Laura Franken Dalberto
Marla Ecker da Silva
Mellina Bardini Germani
Pedro Gastaldello Garcia
Rafael Neves da Silva
Thamyres Cassiano
Vagner Dalagno
Victoria Lamb Saboleski
Viktória Veadrigo Boschetti

DEZEMBRO DE 2022

Aline Neiss
Amanda Scaravonatti
Angelica da Silva Santos
Antonio Cesar Motterle
Bruna Morandi
Caroline Zanotti
Dayane da Silva Ocampos
Débora Zanchettin
Dionatha Pruni Miranda
Douglas Rodrigues
Edvânia Tamiris Borges de Oliveira
Evelyn Cardoso de Souza
Felipe Gaspari Souza
Fernanda Diana da Silva Miranda

Fernanda Weege
Gabriel Francisco Reis Zancan
Gabriela Ferreira Conte
Gabriela Volpato Pereira
Gabrielli Sordi
Graciele Caroline Ferreira Ramos
Isadora Mezzalira Scopel
Jucemar Velho Soares
Louise Fagundes Cerbaro
Luany Waltrick
Maicon Amaral de Freitas
Maikon Camilo Pagna
Maize Grandi
Majana Bellini Zatti
Maria Eduarda Biesek Lupattini
Maria Eugênia Horn Bigarella
Marielen Magro Rodrigues
Martina Niederauer Granzotto
Mateus Picoli
Milena de Marco Giacomelli
Natália Soares
Natan Giotti
Nicolly de Castro
Patrícia Caroline da Silva
Patrícia Maria Pinheiro
Patrick de Godoy Cavazzola
Patrick Paim Bondan
Sabrina Ribeiro
Sílvia Rech Visioli

JULHO DE 2023

Alana Surian Vieira
Ana Paula Pimentel da Silva
Angela Marques dos Santos
Bruna Monteiro Schiavo
Carlos Eduardo Rech
Eduarda Alves Oliveira de Almeida
Eduardo Cristóvão Monteiro
Eduardo Scarmin Marzarotto

Giovana Mingot Scottá
Giovani Eberle Marcon
Giulia Milan Luza
Julia Monari
Kamila Tansini
Laís Pedron Ascari
Laura Toldo Dadald
Marina Remus Caregnato
Mateus Riggon
Maurício da Silva de Oliveira
Milena Oliveira Entringe
Naraiana Pereira Moschen
Pedro Henrique Calcagnotto
Priscila Anzanello
Rafaela Mondadori Melo
Rafaela Signor Molon
Rubia Muriel Teixeira Kuch
Sabrina Pieri Siton
Stefani Vizioli

JULHO DE 2024

Álvaro Guilherme Frizzo Zenatto
Amanda Menegat Tenorio Siedschlag
Daniella Tonello
Henrique Speguem Muratore
Isamara Andreis Salles
Leonardo Teles de Souza
Nicole de Britto Maggi
Samuel Monteiro Eulâmpio
Yasmin Biegelmeyer

DEZEMBRO DE 2024

Alessandro Debiasi
Antonio Dambros Pereira
Arthur Henrique Ferreira Santos
Édynna Hairis Reimann
Henrique Magnabosco

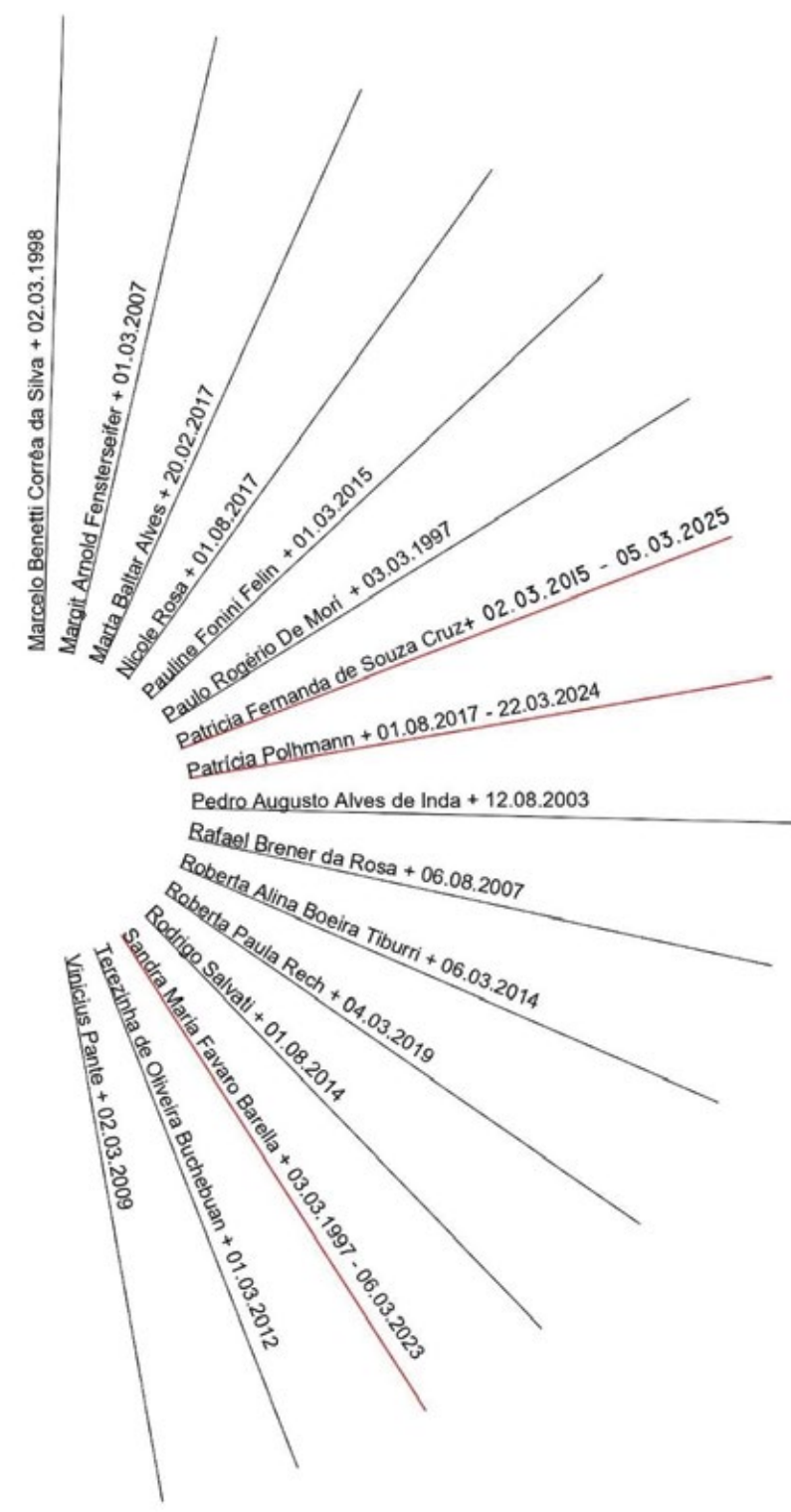
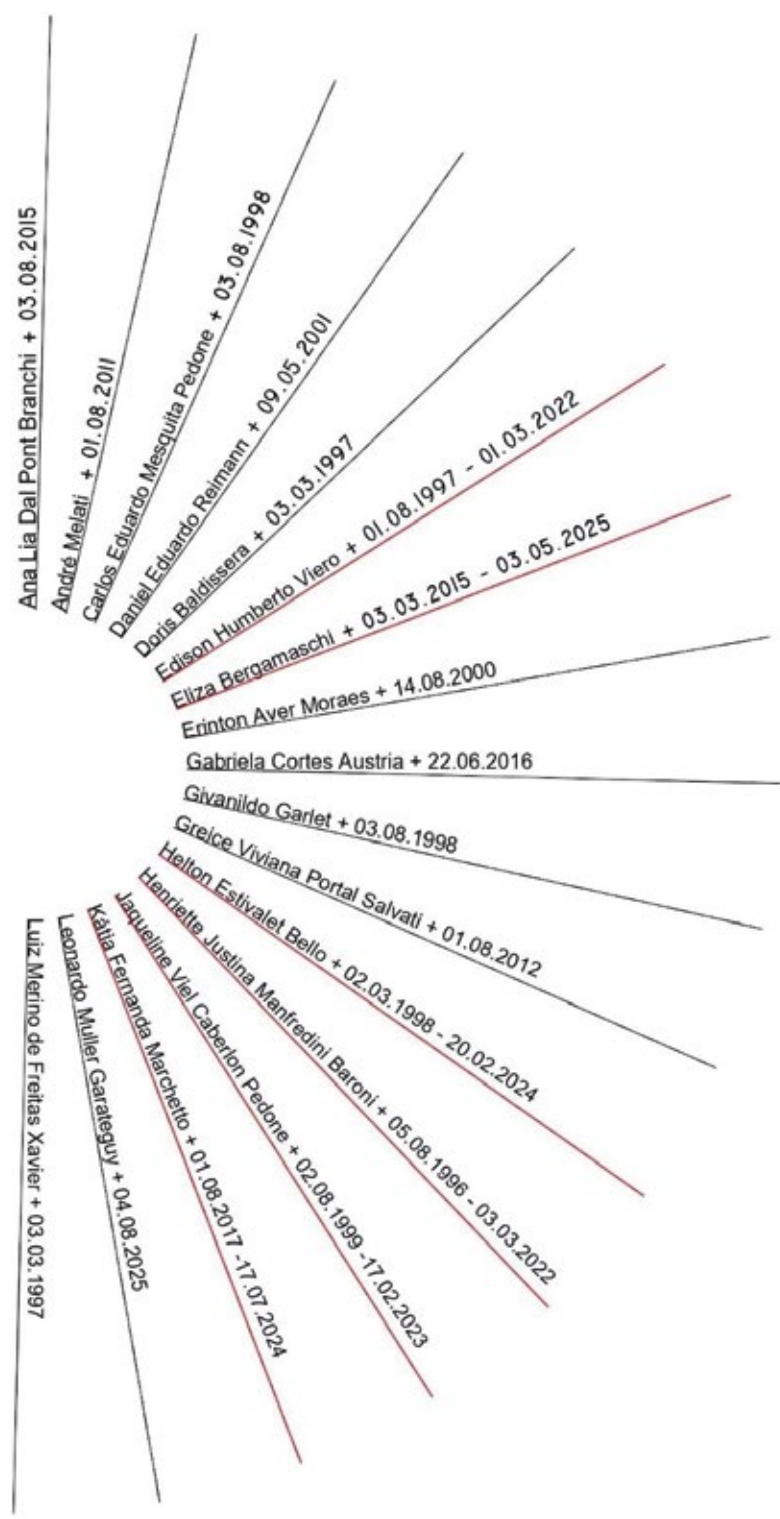
Inaê da Silva Indicatti
Juliana Busatto
Karen Cristina Dai Prá
Keisy Varella Gedoz
Milena Cardoso dos Reis
Morgana Taina de Lima
Nathália Townsend Cardoso
Paulo Alexander Pacheco Bellini
Paulo Otávio Thomas Rodrigues
Rafaela Fabris Arend
Sheila da Costa Rech
Virgínia Baldasso

JULHO DE 2025

Andrei Lovatel Tibolla
Carolina Kramer Finger
Cristian Tonello Bandiera
Diulli Chaves Mussoi
Emenuelle Leal Moraes
Jessica de Nardi
Maurício da Silva de Oliveira
Miqueias Rodrigues Klein
Rodrigo Boz Rossi
Valentina Marcon Kaspary

DEZEMBRO DE 2025

Camila Nunes Arendt
Eloísa Rebelatto
Inês Regina Vicente
Isadora Faraon Goncalves
Karina Dal Sochio
Laura Pawelak Duarte
Matheus Lopes Rissi
Mayra Escobar



Professores do curso de Arquitetura e Urbanismo

Adriano Luis Costa + 06.03.2014 -19.02.2024

Aline Valéria Fagundes da Silva + 20.02.2017

Cícero Zanoni + 01.03.2006

Cesar Augusto Bernardi + 03.08.1992 - 19.02.2024

Fernanda Royer Voigt + 05.08.2024

Gisele Cemim + 01.03.2010

Gustavo Ribeiro da Silva + 01.08.2017

Jane Toss + 02.08.2012

Luciano Zatti + 20.02.2017

Mara Aparecida Magero Galvani + 07.08.2006

Maria Carolina Gullo + 01.03.2001

Marcelo Luis Fardo + 01.08.2013

Marcos Vieira Porto + 02.03.2015 - 19.02.2024

Maurício Almeron + 03.03.2022

Maurício Schafer + 20.02.2017

Muriel Scopel Froener + 03.10.2016 - 01.03.2024

Renata Boone + 03.08.2015

Sinara Boone + 24.02.2003

Silvana Boone + 03.03.1997

Vinício Cecconello + 06.03.2014

Marcos Vinícius Benedete Netto + 05.03.2025

Mateus Zanatta + 01.08.2012 - 19.07.2024

Professores de outros cursos

André de Oliveira + 23.02.2005 - 24.02.2025

Antonio Agadir de Souza + 03.10.2005 T. 03.2025

Cesar Augusto Heckert Barbosa + 26.01.2010 - 06.02.2025

Cleicimara Colvara + 05.05.2008 T.03.2025

Enilda Terezinha Gabana + 03.06.2002

Juliano Chiappin Tegner + 05.03.2008 - 31.08.2022

Luís Antonio Cabral + 24.03.2014 - 06.03.2025

Márcio Farias da Silva + 19.04.2005 T.01.2025

Neida Maristela Schiemer + 01.08.2022 T.12.2024

Silvana Gervasoni + 06.03.2003

Sandra os Reis Varela + 03.07.2023

Colaboradores do curso de Arquitetura e Urbanismo

A Editora

A Editora da Universidade de Caxias do Sul, desde sua fundação em 1976, tem procurado valorizar o trabalho dos professores, as atividades de pesquisa e a produção literária dos autores da região. O nosso acervo tem por volta de 1.600 títulos publicados em formato de livros impressos e 600 títulos publicados em formato digital. Editamos aproximadamente 1.000 páginas por semana, consolidando nossa posição entre as maiores editoras acadêmicas do estado no que se refere ao volume de publicações.

Nossos principais canais de venda são a loja da Educs na Amazon e o nosso site para obras físicas e digitais. Para a difusão do nosso conteúdo, temos a publicação das obras em formato digital pelas plataformas Pearson e eLivro, bem como a distribuição por assinatura no formato streaming pela plataforma internacional Perlego. Além disso, publicamos as revistas científicas da Universidade no portal dos periódicos hospedado em nosso site, contribuindo para a popularização da ciência.

Nossos Selos

-  **EDUCS/Ensino**, relativo aos materiais didático-pedagógicos;
-  **EDUCS/Origens**, para obras com temáticas referentes a memórias das famílias e das instituições regionais;
-  **EDUCS/Pockets**, para obras de menor extensão que possam difundir conhecimentos pontuais, com rapidez e informação assertiva;
-  **EDUCS/Pesquisa**, referente às publicações oriundas de pesquisas de graduação e pós-graduação;
-  **EDUCS/Literário**, para qualificar a produção literária em suas diversas formas e valorizar os autores regionais;
-  **EDUCS/Traduções**, que atendem à publicação de obras diferenciadas cuja tradução e a oferta contribuem para a difusão do conhecimento específico;
-  **EDUCS/Comunidade**, cujo escopo são as publicações que possam reforçar os laços comunitários;
-  **EDUCS/Internacional**, para obras bilíngues ou publicadas em idiomas estrangeiros;
-  **EDUCS/Infantojuvenil**, para a disseminação do saber qualificado a esses públicos;
-  **EDUCS/Teses & Dissertações**, para publicação dos resultados das pesquisas em programas de pós-graduação.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code.





EDUCS
EDITORA

